

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

CARLOS MESSIAS ALVES DE JESUS

**LUGAR DE FÉ E RESISTÊNCIA:
ESTUDO TOPONÍMICO EM LÍNGUAS ORAIS E LIBRAS DOS
TERREIROS DO RECÔNCAVO DA BAHIA**

Feira de Santana
2025

CARLOS MESSIAS ALVES DE JESUS

**LUGAR DE FÉ E RESISTÊNCIA:
ESTUDO TOPONÍMICO EM LÍNGUAS ORAIS E LIBRAS DOS
TERREIROS DO RECÔNCAVO DA BAHIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do Título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros.

Feira de Santana
2025

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Jesus, Carlos Messias Alves de
J56L Lugar de fé e resistência: estudo toponímico em línguas orais e libras dos terreiros do Recôncavo da Bahia/ Carlos Messias Alves de Jesus. - 2025.
378f.: il.

Orientadora: Liliâne Lemos Santana Barreiros

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2025.

1. Toponímia. 2. Línguas orais. 3. Libras. 4. Religiões de matrizes africanas. 5. Recôncavo da Bahia. I. Barreiros, Liliâne Lemos Santana, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801.3

CARLOS MESSIAS ALVES DE JESUS

LUGAR DE FÉ E RESISTÊNCIA: ESTUDO TOPONÍMICO EM LÍNGUAS ORAIS E LIBRAS DOS TERREIROS DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, área de concentração Linguagem e Sociedade, como requisito para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 02/09/2025.

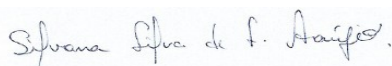
BANCA EXAMINADORA



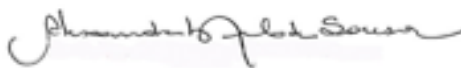
Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros
Universidade Estadual de Feira de Santana
Orientadora



Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinadora Interna



Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinadora Interna



Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa
Universidade Federal de Alagoas
Examinador Externo



Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade
Universidade Federal do Tocantins
Examinadora Externa

Dedico esta tese à minha família: ao meu pai, João Carlos Silva de Jesus (*in memoriam*); à minha mãe, Marlene Alves de Jesus; e ao meu companheiro, Cristiano Pereira Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

Aos Orixás, por toda a força e sabedoria concedidas e por serem o meu amparo diante das dificuldades.

No Candomblé, pedimos *Agô!* em várias situações: ao entrarmos em um dos espaços sagrados do Terreiro; ao passarmos diante de um mais velho de santo que está sentado; ao tomarmos a palavra quando os mais velhos estão falando; para nos aproximarmos dos sacerdotes; quando queremos ingressar em um ritual já iniciado; e ao tratarmos das histórias sagradas das divindades iorubanas. Em todas essas ocasiões, pedimos *Agô!*

Peço *Agô!* neste momento, para tratar de um assunto que, embora acadêmico, versa sobre a experiência cotidiana de doação, espiritualidade, luta por direitos e construção identitária de comunidades que há séculos resistem bravamente ao preconceito, à difamação, à profanação de suas oferendas e aos discursos que constroem a imagem do mal.

Desde os meus primeiros passos como pesquisador dessa temática, tenho me deparado com sentimentos diversos: desde a curiosidade de alguns e a satisfação de outros por eu estar nessa empreitada, até a rejeição de muitos, que acreditam ser este um objeto menor, indigno da ciência, da academia. Contudo, trata-se de uma temática que precisa ser abordada com o mais profundo respeito à religiosidade que se formou nos primórdios da nação brasileira e que ocupa lugar relevante na nossa cultura, como fonte de pesquisa tão legítima quanto qualquer outra.

Aqui, o paradoxo do pesquisador que compõe a comunidade investigada e a tão discutida imparcialidade do olhar do observador não se configuraram como um problema. Ao contrário, favoreceram meu acesso às pessoas e, conseqüentemente, a enunciados que talvez outro pesquisador não conseguisse acessar. E é por ter estado, durante tantos anos, em contato direto com esse povo-de-santo e com todas essas energias divinas, que peço *Agô!*

Aos meus *eledás*, peço *Agô! Agô!* Aos donos do meu *ori*, a Oxóssi *Okê Arô*, meu pai peço *Agô!* À minha mãe Oxum *Ora Iê Iê Ô*, minha mãe *Agô!*

À minha mãe espiritual, a Yalorixá Maria Conceição, do Terreiro de Oxóssi, em Serrinha, Bahia, expresso todo o meu respeito. *Agô!* Aos meus irmãos *Yawôs*, *Ogãs*, *Ekédes* e *Egbômis*, com igual reverência, *Agô!* Reafirmo minha gratidão e devoção, reconhecendo a importância da comunidade e da ancestralidade na caminhada espiritual, cujos ensinamentos fortalecem e guiam cada passo nesta jornada sagrada.

Expresso meus sinceros agradecimentos ao Babalorixá Francisco Carlos Lopes de Lima, do Ilê Àșê Ọmọ Ayrà Milé, em Rio Branco -AC. Seu apoio e dedicação enriquecem não apenas este trabalho, mas também a preservação e valorização das tradições religiosas afro-brasileiras. *Agô!*

À minha orientadora, Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, pela sua dedicação, compreensão, respeito, interesse, empolgação e empatia com a cultura de matriz africana — cujo nome também compõe esta pesquisa —, agradeço pelas ricas lições para minha formação e para a vida. Sou grato por sua sensibilidade diante dos momentos difíceis durante essa jornada acadêmica, por sua disponibilidade em me orientar, por seu acompanhamento atento ao desenvolvimento da escrita, preocupação com a qualidade do trabalho e com o cumprimento dos prazos. *Agô!*

Expresso minha mais profunda gratidão à Professora Doutora Norma Lúcia Fernandes, por aceitar participar da banca e dedicar seu tempo à leitura e análise do meu trabalho. Seu conhecimento e contribuição foram essenciais para o enriquecimento deste estudo. *Agô!*

Expresso minha sincera gratidão à Professora Doutora Silvana Silva de Farias Araújo, a quem nutro profunda admiração, pelo apoio e generosidade com que contribuiu para este trabalho. *Agô!*

Expresso minha sincera gratidão à Professora Doutora Karylleila dos Santos Andrade, por aceitar contribuir com este estudo. Sua dedicação e disposição em compartilhar conhecimento foram fundamentais para o seu desenvolvimento, especialmente por se permitir conhecer um pouco mais sobre as religiões de matrizes africanas. *Agô!*

Ao Professor Doutor Alexandre Melo de Sousa, colaborador, amigo e irmão, expresso minha profunda gratidão pela generosidade e disponibilidade em fazer parte da minha trajetória acadêmica. Sua orientação segura e competente não apenas me transmitiu confiança, mas também revelou a importância do pioneirismo como força motriz na construção do conhecimento. Como referência na área da Toponímia em Libras, sua dedicação e compromisso com a pesquisa e a educação inspiram todos que têm o privilégio de aprender com sua experiência. *Agô!*

Que minha pesquisa seja recebida pela comunidade acadêmica como contribuição aos estudos linguísticos e toponímicos em línguas orais e de sinais. *Agô!*

Que esta tese seja recebida pelos Orixás e guias espirituais como exemplo da minha dedicação; que seja acolhida pela comunidade de santo como demonstração do meu amor e respeito profundo por essa tradição tão imensuravelmente bela e importante. Que ela se torne

fonte para novas pesquisas, problematizações e discussões. *Agô!*

Aos meus pais, João Carlos Silva de Jesus e Aguinaldo Alves da Silva Junior (in memoriam), e à minha mãe, Marlene Alves de Jesus, que sempre buscaram oferecer o melhor para minha formação pessoal e profissional, e me fizeram amar os livros desde a infância: ensinaram-me as lições mais valiosas entre elas, o apego à honestidade, por sempre apoiarem minhas decisões e respeitarem minhas escolhas. Vocês foram e são exemplos de perseverança e retidão. *Agô!*

Ao meu companheiro Cristiano Pereira Rodrigues, por sua honestidade, dignidade, retidão e bondade qualidades incontáveis, por seu amor, parceria, companheirismo e apoio incondicional nos momentos em que mais precisei. Você é peça fundamental nesta construção. *Agô!*

À minha querida amiga e colega de trabalho, Profa. Dra. Midian Marins, pelas valiosas conversas, incentivos e preleções de vida, pelas boas risadas e pelos choros compartilhados em alguns momentos. *Agô!*

Às lideranças surdas, em especial Ivanildo Medeiros Oliveira, Alírio da Paixão Machado e Denilson Cruz Barbosa, peço *Agô!*

Aos sujeitos surdos, filhos e filhas de santo, desejo que sua fé permaneça inabalável. Que as forças do sagrado continuem a guiá-los e abençoá-los com abundante *axé*.

Aos professores do PPGEL/UEFS, em especial ao Prof. Dr. Patrício Barreiros, pelos ensinamentos que contribuíram significativamente para minha formação. *Agô!*

Agradecer é reconhecer no outro sua contribuição e valor em nossas realizações. Por isso, minha gratidão estende-se também aos colegas do PPGEL/UEFS, com quem partilhei preciosas lições e momentos de concentração e aprendizado, e ao grupo de pesquisa Toponímia Bilíngue da Bahia, que gostaria de nomear carinhosamente:

À Caroline Santos, a caçula do grupo parabéns por sua dedicação e esforço em aprender Libras. Sua determinação é admirável. Agradeço por me impulsionar em minha jornada. *Agô!*

À professora e tradutora-intérprete de Libras, minha irmã de alma, Daniela Betânia S. Ferreira, expresso minha profunda gratidão por estar sempre ao meu lado, me amparando em todas as horas que precisei, sem hesitar. Nossa jornada e conexão vão muito além do mundo físico, transcendendo barreiras e fortalecendo laços que carregamos na alma. Seu apoio incondicional e dedicação foram essenciais para meu crescimento. *Agô!*

À professora e amiga Emanuelle Dantas, expresso minha profunda gratidão por ter

tido o privilégio de acompanhar sua trajetória acadêmica em diferentes etapas — como aluna e, agora, como colega. Sua caminhada é inspiradora, marcada pelo compromisso com o conhecimento, pela generosidade em compartilhar ensinamentos e pelo impacto significativo que teve na construção da minha pesquisa. É uma honra fazer parte deste percurso. *Agô!*

À Thaiane Mancabira, colega de profissão, expresso minha gratidão por sua amizade, apoio e contribuição valiosa nesta pesquisa. Ao longo do tempo, aprendi a amar e admirar sua dedicação, inteligência e generosidade. Obrigado pelas boas risadas e pelo companheirismo que tornaram esta jornada mais leve e significativa. Sua colaboração foi fundamental para este trabalho. *Agô!*

Ao Professor Iago Gusmão, expresso minha sincera gratidão por sua alegria contagiante e por seu jeito espontâneo, que sempre trouxe leveza à minha trajetória acadêmica. Sua simpatia, cordialidade e disposição em me atender prontamente sempre que precisei foram marcantes e fundamentais para o meu crescimento. Seu apoio generoso e sua presença acolhedora tornaram essa caminhada mais significativa e inspiradora. Também a você, peço *Agô!*

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa e cujos nomes não foram mencionados, expresso meu mais profundo respeito e gratidão: pelo apoio incondicional, pelos ensinamentos compartilhados com generosidade, pelas trocas de conhecimento e pela presença que, de alguma forma, fortaleceu este trabalho. Cada gesto, palavra e orientação foram essenciais para sua construção. Que todo esse *axé* se multiplique e retorne a vocês em forma de luz, sabedoria e prosperidade! *Agô!*

Axé para quem é de axé!

É um malê, é um maleme, quem tem Santo é quem entende.
Quanto mais para quem tem Ògún, missão e paz. Quanto mais
para quem tem ideais e os Òrìsás”.

Música: Muito Obrigado Axé. Composição: Carlinhos Brown.

RESUMO

Esta tese teve como objetivo selecionar, catalogar e classificar os topônimos que designam os terreiros das religiões de matrizes africanas localizados no Recôncavo da Bahia, com foco na análise das motivações toponímicas em línguas orais e na Língua Brasileira de Sinais (Libras). A investigação adota uma abordagem bilíngue, considerando os nomes dos espaços físicos – os terreiros – como lugares passíveis de análise científica. O corpus da pesquisa foi delimitado a partir de dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI), totalizando 420 terreiros registrados na região, dos quais 150 foram analisados por apresentarem sinal correspondente em Libras. A fundamentação teórico-metodológica está ancorada nos estudos da Lexicologia, da Lexicografia e da Toponímia (Biderman, 1984; 1998; 2001; Dick, 1990; 1992; Seabra, 2004; 2006; Vilela, 1983; Barreiros, 2017), da linguística aplicada à Libras (Felipe, 2006; Ferreira, 1995; Souza Júnior, 2012; Quadros; Karnopp, 2019; Quadros, 2020; Sousa, 2022; Marins, 2024; Sousa et. al., 2025), das religiões de matrizes africanas (Verger, 1996; Melo, 2012; Santos, 2012), entre outros. Esta pesquisa amplia o léxico da Libras no campo dos estudos afro-brasileiros, promovendo visibilidade às religiões de matriz africana e fortalecendo o conhecimento histórico e sociocultural das comunidades surdas e ouvintes. Como contribuição original, foram criadas quatro taxonomias de Natureza Afro-Indígena Brasileira, que reconhecem os vínculos espirituais e territoriais das comunidades tradicionais, a saber: o *Ilêtopônimo* (nome relacionado à casa sagrada), o *Ásétopônimo* (referente à força do ritual as entidades), o *Ibátônimo* (ligado aos objetos sagrados do culto) e o *Ewétônimo* (associado às folhas sagradas). Como produto final, apresenta-se o website *Ilêtopônimo*, disponível em: <https://toponimia.zerosevenfive.com.br>, que sistematiza os dados e reafirma o compromisso com uma abordagem plural, inclusiva e antirracista, valorizando a diversidade cultural brasileira.

Palavras-chave: Toponímia; Línguas orais; Libras; Religiões de matrizes africanas; Recôncavo da Bahia.

ABSTRACT

This thesis aims to select, catalog, and classify the toponyms that designate the terreiros of African-based religions located in the Recôncavo region of Bahia, focusing on the analysis of toponymic motivations in both spoken languages and Brazilian Sign Language (Libras). The research adopts a bilingual approach, treating the names of physical spaces the terreiros os topos (places) subject to scientific analysis. The corpus was defined based on data from the National Institute of Historic and Artistic Heritage (IPHAN) and the Secretariat for the Promotion of Racial Equality (SEPROMI), totaling 420 registered terreiros in the region. Of these, 150 were analyzed for having a corresponding sign in Libras. The theoretical-methodological foundation is anchored in studies of Lexicology, Lexicography and Toponymy (Biderman, 1984; 1998; 2001; Dick, 1990; 1992; Seabra, 2004; 2006; Vilela, 1983; Barreiros, 2017), linguistics applied to Libras (Felipe, 2006; Ferreira, 1995; Souza Júnior, 2012; Quadros; Karnopp, 2019; Quadros, 2020; Sousa, 2022; Marins, 2024; Sousa et. al., 2025), religions of African origin (Verger, 1996; Melo, 2012; Santos, 2012), among others. This research expands the lexicon of Libras in the field of Afro-Brazilian studies, promoting visibility for African-based religions and strengthening historical and sociocultural knowledge among both deaf and hearing communities. As an original contribution, four taxonomies of Brazilian Afro-Indigenous Nature were created, which recognize the spiritual and territorial ties of traditional communities, namely: *ilêtopônimo* (related to the sacred house), *ásêtopônimo* (referring to ritual power), *ibátônimo* (linked to sacred objects), and *ewêtopônimo* (associated with sacred leaves). The final product is the website *Ilêtopônimo*, available at <https://toponimia.zerosevenfive.com.br>, which systematizes the data and reaffirms a plural, inclusive, and anti-racist approach, contributing to the appreciation and preservation of Brazil's cultural heritage in its full diversity.

Keywords: Toponymy; Spoken languages; Libras; African-based religions; Recôncavo da Bahia.

RESUMO EM LIBRAS



LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Sinal de Ogum	32
Figura 2	Sinal de Humpane Ayomo Huntólogi	33
Figura 3	Imagens da Igreja da Barroquinha	38
Figura 4	O Adjá	48
Figura 5	O Agogô ou Gã	48
Figura 6	Os Aguidaví	48
Figura 7	O Atabaque	48
Figura 8	O Assanguê	49
Figura 9	Hierarquias dos cargos dentro do Terreiro de Candomblé	49
Figura 10	Orixá EXU	51
Figura 11	Orixá OGUM	52
Figura 12	Orixá OXÓSSI	53
Figura 13	Orixá OSSAIYN	54
Figura 14	Orixá LOGUM EDÉ	55
Figura 15	Orixá OBALUAYÊ	56
Figura 16	Orixá OXUMARÉ	57
Figura 17	Orixá XANGÔ	58
Figura 18	Orixá IROKO	59
Figura 19	Orixá NANÃ	60
Figura 20	Orixá EWÁ	61
Figura 21	Orixá IYEMANJÁ	62
Figura 22	Orixá OXUM	63
Figura 23	Orixá IANSÃ	64
Figura 24	Orixá OBÁ	65
Figura 25	Orixá IBEJI	66
Figura 26	Orixá OXALÁ	67
Figura 27	Orixá OXAGUIÃ	68
Figura 28	Orixás e seus graus Hierárquicos	69
Figura 29	Panorama das pesquisas Toponímicas em Libras na Bahia	81
Figura 30	Panorama das pesquisas Toponímicas em Libras no Brasil	85
Figura 31	ATEU	87

Figura 32	Parâmetros primários e secundários no sinal “NÃO-SEI”	88
Figura 33	Sinal do Orixá OGUM	89
Figura 34	Sinal do Orixá OXUM	89
Figura 35	Sinal do ORIXÁ IANSÃ	90
Figura 36	Configurações de mão proposta pelo grupo de estudos do INES	91
Figura 37	Espaço de realização dos sinais	92
Figura 38	Sinal do Orixá OMOLUM e MARIUÔ	96
Figura 39	Sinal de ABIAXÉ E NOITE	96
Figura 40	Sinal do Orixá ORUMILA e JOGO de BUZIOS	97
Figura 41	Sinal de ABIAN e ADOXO	48
Figura 42	Incorporação de negação para o sinal NÃO-SEI e NÃO-QUERO	100
Figura 43	O léxico na Língua Brasileira de Sinais	100
Figura 44	Termo genérico e termo específico	101
Figura 45	Sinal de DAR-ELES DAR	107
Figura 46	Sinal do verbo BEBER e COMER	107
Figura 47	Sinal de VERDADE e NÃO SEI	108
Figura 48	Sinal de SOU DO CANDOMBLÉ	109
Figura 49	COR BRANCA E COSTUME	110
Figura 50	COR BRANCA E COSTUME	111
Figura 51	PEIXE e SEXTA-FEIRA SANTA	111
Figura 52	SINAL EM LIBRAS PARA RELIGIÃO	112
Figura 53	SINAL EM LIBRAS PARA PROTESTANTE	113
Figura 54	SINAL EM LIBRAS PARA UMBANDA	113
Figura 55	SINAL EM LIBRAS PARA CANDOMBLÉ	113
Figura 56	Classificação dentro dos Hierotopônimos para os Terreiros	132
Figura 57	Samba de roda do T.I do Recôncavo Baiano	141
Figura 58	Irmãs da Boa Morte na procissão de Nossa Senhora da Glória, dentro dos Festejos da Boa Morte em Cachoeira	142
Figura 59	Igreja de Nossa Senhora d’Ajuda, Cachoeira, BA	142
Figura 60	Xirê nas celebrações do Bembé do Mercado	143
Figura 61	Rua do Centro histórico de Cachoeira, BA	144
Figura 62	Mapa dos Terreiros de Cabaceiras do Paraguaçu-Bahia	147
Figura 63	Mapa dos Terreiros de Cachoeira-Bahia	149

Figura 64	Mapa dos Terreiros de Castro Alves – Bahia	151
Figura 65	Mapa dos Terreiros de Conceição do Almeida – Bahia	153
Figura 66	Mapa dos Terreiros de Cruz das Almas - Bahia	155
Figura 67	Mapa dos Terreiros de Dom Macedo Costa - Bahia	157
Figura 68	Mapa dos Terreiros de Governador Mangabeira Bahia	159
Figura 69	Mapa dos Terreiros de Maragogipe - Bahia	161
Figura 70	Mapa dos Terreiros de Muniz Ferreira – Bahia	163
Figura 71	Mapa dos Terreiros de Muritiba – Bahia.	165
Figura 72	Mapa dos Terreiros de Nazaré – Bahia	168
Figura 73	Mapa dos Terreiros de Santo Amaro – Bahia	170
Figura 74	Mapa dos Terreiros de Santo Antônio de Jesus - Bahia	173
Figura 75	Mapa dos Terreiros de São Felipe - Bahia	175
Figura 76	Mapa dos Terreiros de São Félix - Bahia	177
Figura 77	Mapa dos Terreiros de São Francisco do Conde - Bahia	179
Figura 78	Mapa dos Terreiros de Sapeaçu - Bahia	181
Figura 79	Mapa dos Terreiros de Saubara - Bahia	183
Figura 80	Mapa dos Terreiros de Vazedo - Bahia	185
Figura 81	O Estúdio	188
Figura 82	A logo do website Ilêtopônimo	359
Figura 83	Na página inicial do website ILÊTOPONIMO	359
Figura 84	Lócus da Pesquisa	360
Figura 85	Sinais em Libras dos Terreiros do Recôncavo da Bahia	361
Figura 86	Os sinais dos Orixas em Libras	362

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Número de Terreiros do Território de Identidade do Recôncavo da Bahia	346
Gráfico 2	Lideranças religiosas dos Terreiros do T. I. do Recôncavo por Gênero	348
Gráfico 3	Terreiros do T. I. do Recôncavo da Bahia por Gênero dos Orixás e outras Entidades	349
Gráfico 4	Distribuição Percentual dos Topônimos em Língua Oral nos Terreiros	352
Gráfico 5	Quantitativo de Terreiros que possuem surdos do T.I. do Recôncavo da Bahia	354
Gráfico 6	Quantitativo de surdos por Terreiro	354
Gráfico 7	Percentuais de Topônimos em Libras encontrados por Terreiro	357

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Locações – Localização	93
Quadro 2	Tipos de movimento na Libras	93
Quadro 3	Orientação da palma da mão na realização dos sinais	96
Quadro 4	Exemplo de derivação	98
Quadro 5	Incorporação de numeral para o sinal DIA	99
Quadro 6	Empréstimos descritos por Ferreira (2010 [1995])	103
Quadro 7	Tipos de Empréstimos	104
Quadro 8	Sinal de Berimbau eu querer Berimbau.	105
Quadro 9	Exemplos de sinais de interrogação na Libras	107
Quadro 10	As Taxonomias de Natureza Física.	108
Quadro 11	As Taxonomias de Natureza Antropocultural.	119
Quadro 12	Relação do Território de Identidade do Recôncavo.	136
Quadro 13	Recorte da Área de Estudo Recôncavo da Bahia.	139
Quadro 14	Terreiros pertencentes ao Recôncavo da Bahia cadastrados na SEPROMI.	145
Quadro 15	Relação dos Terreiros de Cabaceiras do Paraguaçu - Bahia.	148
Quadro 16	Relação dos Terreiros de Cachoeira – Bahia	150
Quadro 17	Relação dos Terreiros de Castro Alves-Bahia	152
Quadro 18	Relação dos Terreiros de Conceição do Almeida – Bahia	154
Quadro 19	Relação dos Terreiros de Cruz das Almas – Bahia	156
Quadro 20	Relação dos Terreiros de Dom Macedo Costa - Bahia.	158
Quadro 21	Relação dos Terreiros de Governador Mangabeira Bahia	160
Quadro 22	Relação dos Terreiros de Maragogipe - Bahia	162
Quadro 23	Relação dos Terreiros de Muniz Ferreira – Bahia	164
Quadro 24	Relação dos Terreiros de Muritiba – Bahia	166
Quadro 25	Relação dos Terreiros de Nazaré - Bahia.	169
Quadro 26	Relação dos Terreiros de Santo Amaro – Bahia	171

Quadro 27	Relação dos Terreiros de Santo Antônio de Jesus - Bahia	174
Quadro 28	Relação dos Terreiros de São Felipe – Bahia	176
Quadro 29	Relação dos Terreiros de São Félix – Bahia	178
Quadro 30	Relação dos Terreiros de São Francisco do Conde – Bahia	180
Quadro 31	Relação dos Terreiros de Sapeaçu – Bahia	182
Quadro 32	Relação dos Terreiros de Saubara - Bahia	184
Quadro 33	Relação dos Terreiros de Vazedo - Bahia	186
Quadro 34	Ficha lexicográfico-toponímica	189
Quadro 35	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Obaluiê em Cabaceira do Paraguaçu –Bahia	195
Quadro 36	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Giro/ Umbanda em Cabaceira do Paraguaçu –Bahia	196
Quadro 37	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Mãe de Deus nas Candeias em Cabaceira do Paraguaçu –Bahia	197
Quadro 38	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Oxóssi Mutalambô em Cabaceira do Paraguaçu –Bahia	198
Quadro 39	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogum em Cabaceira do Paraguaçu –Bahia.	199
Quadro 40	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Caboclo Guarani de Oxóssi em Cachoeira –Bahia.	200
Quadro 41	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ylê Ogum Xerokê Ibesen em Cachoeira –Bahia.	201
Quadro 42	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro do Caboclo Boiadeiroem Cachoeira –Bahia.	202
Quadro 43	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Rumpame Zogodô Malê Darô Tabí em Cachoeira –Bahia.	203
Quadro 44	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Lobanekum em Cachoeira –Bahia.	204
Quadro 45	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogum em Cachoeira –Bahia.	205
Quadro 46	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Isin Mimo em Cachoeira –Bahia.	206
Quadro 47	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogodô Dêi em Cachoeira –Bahia.	207

Quadro 48	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de :Ilê Axé Xangô Bucurugi em Cachoeira –Bahia.	208
Quadro 49	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Oxalufã em Cachoeira –Bahia	209
Quadro 50	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Gruta Cachoeira – Bahia.	210
Quadro 51	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Odudua Alaketu dos Orixás em Cachoeira –Bahia.	211
Quadro 52	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda em Cachoeira –Bahia.	212
Quadro 53	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Xapanã Gileoá em Cachoeira –Bahia.	213
Quadro 54	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de :Giro de Caboclo em Cachoeira –Bahia.	214
Quadro 55	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Lobá Necun Neto em Cachoeira –Bahia.	215
Quadro 56	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda São Jorge em Cachoeira –Bahia.	216
Quadro 57	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Logum Edé em Castro Alves –Bahia.	217
Quadro 58	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Caboclo em Castro Alves –Bahia.	218
Quadro 59	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Oxum em Castro Alves –Bahia.	219
Quadro 60	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Obaluaiê em Castro Alves –Bahia.	220
Quadro 61	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Caboclo Tupi em Castro Alves –Bahia	221
Quadro 62	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda em Conceição do Almeida – Bahia.	222
Quadro 63	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Axé Araketu Axé Oxóssi em Conceição do Almeida –Bahia.	223
Quadro 64	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Onzó Mukumbikia Nzambi em Cruz das Almas –Bahia.	224
Quadro 65	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Casa de Iansã em Cruz das Almas –Bahia.	225

Quadro 66	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Agada Olorum em Cruz das Almas –Bahia.	226
Quadro 67	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Casa de Obaluaiê de Tocar em Cruz das Almas –Bahia.	227
Quadro 68	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Oiar Fibomin em Cruz das Almas –Bahia.	228
Quadro 69	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ofademim em Cruz das Almas –Bahia.	229
Quadro 70	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Lambarenganje de Uzamb em Cruz das Almas –Bahia	230
Quadro 71	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda Ogum de Ronda em Cruz das Almas –Bahia	231
Quadro 72	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Zé de Boiadeiro em Cruz das Almas –Bahia	232
Quadro 73	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Oba Omimejê em Cruz das Almas –Bahia	233
Quadro 74	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ibá Ogumem Cruz das Almas –Bahia.	234
Quadro 75	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Sultão das Matas em Cruz das Almas –Bahia.	235
Quadro 76	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Iasobora Iobomi em Cruz das Almas –Bahia.	236
Quadro 77	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Umbanda Oxossi Cavaleirom em Cruz das Almas –Bahia.	237
Quadro 78	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Cavaleiro de São Jorge em Dom Macedo–Bahia	238
Quadro 79	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Pai Edson em Dom Macedo–Bahia.	239
Quadro 80	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Azunsú em Governador Mangabeira –Bahia	240
Quadro 81	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Caboclo Cegos Errantes em Governador Mangabeira –Bahia.	241
Quadro 82	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro Sultão das Matas em Governador Mangabeira –Bahia.	242
Quadro 83	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de :Ilê Axé Ogum de Lê em Governador Mangabeira –Bahia.	243

Quadro 84	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de : Ilê Oio Recê Alaketu Axé Ogum Onirê em Governador Mangabeira –Bahia.	244
Quadro 85	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda Iemanjá em Governador Mangabeira –Bahia.	245
Quadro 86	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro Sultão das Matas em Governador Mangabeira –Bahia.	246
Quadro 87	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Oxum em Governador Mangabeira –Bahia.	247
Quadro 88	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Elejí em Governador Mangabeira –Bahia.	248
Quadro 89	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Komã em Maragogipe –Bahia.	249
Quadro 90	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Oja Omim Ala em Maragogipe –Bahia	250
Quadro 91	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Banda Lecongo em Maragogipe –Bahia	251
Quadro 92	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Duas Alianças e Estrela da Paz em Maragogipe –Bahia	252
Quadro 93	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ode Ifá em Maragogipe –Bahia.	253
Quadro 94	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Casa de Toinha de Boiadeiro em Maragogipe –Bahia.	254
Quadro 95	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Alaxé de Oiã Decí em Maragogipe –Bahia.	255
Quadro 96	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Acorô em Maragogipe –Bahia.	256
Quadro 97	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de :Centro Espírita Deus, Luz e Paz em Maragogipe –Bahia.	257
Quadro 98	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Marcelo de Oxossi em Maragogipe –Bahia.	258
Quadro 99	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Ominjenan de Leuá em Maragogipe –Bahia.	259
Quadro 100	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Lomi em Maragogipe –Bahia.	260
Quadro 101	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê do Caboclo em Muniz Ferreira – Bahia	261

Quadro 102	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Iá Laxé Iá Lemimem Muritiba–Bahia.	262
Quadro 103	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Iofomim em Muritiba–Bahia.	263
Quadro 104	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ogum Nitá em Muritiba–Bahia	264
Quadro 105	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ogum em Muritiba–Bahia.	265
Quadro 106	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda Santo Antônio em Muritiba–Bahia.	266
Quadro 107	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Oiá Funan em Muritiba Bahia.	267
Quadro 108	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Ijexá Orixá Ogum do Cariri e Iansã Deuê Nazaré–Bahia.	268
Quadro 109	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Terreiro Abassá de Oiá Nazaré–Bahia.	269
Quadro 110	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Oiyó Acanoã Nazaré–Bahia.	270
Quadro 111	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Omin Touloudo Nazaré–Bahia.	271
Quadro 112	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ajunsu Zitoiá Nazaré–Bahia	272
Quadro 113	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Ogum e Iansã Nazaré–Bahia.	273
Quadro 114	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Ogum e Iansã Nazaré–Bahia.	274
Quadro 115	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro os Filhos de Ogum Nazaré–Bahia.	275
Quadro 116	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Tumba da Junca Filho Santo Amaro –Bahia	276
Quadro 117	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Caboclo Sultão das Matas Santo Amaro –Bahia.	277
Quadro 118	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Oju Onirê Santo Amaro –Bahia.	278
Quadro 119	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Omorodê	279

Loni Santo Amaro Bahia.

Quadro 120	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Oia Genilê Iabá Fungé Santo Amaro Bahia.	280
Quadro 121	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Merco Mutalambo Santo Amaro Bahia	281
Quadro 122	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Tumbalê Junçara Amago da Cabocla Santo Amaro –Bahia.	282
Quadro 123	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Ogundelê Santo Amaro –Bahia.	283
Quadro 124	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé de Oiã Ibamaió Santo Amaro –Bahia.	284
Quadro 125	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Angolô Santo Amaro –Bahia.	285
Quadro 126	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Iaomã Ilê Axé Ya Omam Santo Amaro Bahia	286
Quadro 127	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Igê Balé Santo Amaro –Bahia	287
Quadro 128	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Ajágum Omi Guiã -Santo AmaroBahia	288
Quadro 129	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Obá Filho da Romea- Santo Amaro –Bahia.	289
Quadro 130	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro :Ilê Axé Omã Filho de Odé Santo Amaro Bahia.	290
Quadro 131	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Oyá Balé Sileji Santo Amaro –Bahia.	291
Quadro 132	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Omini Urucan Santo Amaro –Bahia.	292
Quadro 133	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Iansã Santo Amaro –Bahia.	293
Quadro 134	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Oxum Ya Mifá Santo Amaro –Bahia.	294
Quadro 135	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Boiadeiro Santo Antônio de Jesus -Bahia.	295
Quadro 136	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Yedanda Odé Santo Antônio de Jesus -Bahia.	296
Quadro 137	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Opô	297

Oyasiler Santo Antônio de Jesus -Bahia.

Quadro 138	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Abassá Katumbenzara Santo Antônio de Jesus -Bahia	298
Quadro 139	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Giro do Caboclo Sultão das Matas Santo Antônio de Jesus -Bahia.	299
Quadro 140	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro São Roque Santo Antônio de Jesus -Bahia	300
Quadro 141	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Odé Kassú Deungunzo Santo Antônio de Jesus -Bahia.	301
Quadro 142	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro :Centro de Giro Rogério de Iansã Santo Antônio de Jesus -Bahia.	302
Quadro 143	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Akoró Ibaizou Santo Antônio de Jesus -Bahia	303
Quadro 144	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Umbanda Casa São Jorge São Felipe-Bahia.	304
Quadro 145	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Umbanda Ogum de Ronda São Felipe-Bahia.	305
Quadro 146	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Casa de Oração Canzuar São Felipe-Bahia	306
Quadro 147	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Casa de Umbanda São Felipe-Bahia.	307
Quadro 148	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Sem nome São Felipe-Bahia.	308
Quadro 149	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Umbanda São Felipe-Bahia.	309
Quadro 150	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogum Bomi Felix -Bahia.	310
Quadro 151	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Raiz de Airá Felix -Bahia	311
Quadro 152	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê do Oxum Felix -Bahia.	312
Quadro 153	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Iemanjá Ogunté Felix -Bahia.	313
Quadro 154	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Dó Oxossi Felix - Bahia.	314
Quadro 155	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de São Roque Felix	315

-Bahia.

Quadro 156	Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Oxum Apará Felix -Bahia.	316
Quadro 157	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Umbanda Sultão das Matas Felix -Bahia.	317
Quadro 158	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Xilê Axé Bolomim Xangô Irá Felix -Bahia.	318
Quadro 159	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ogunjá Felix -Bahia	319
Quadro 160	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Obotoqué Felix -Bahia.	320
Quadro 161	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de : Ilê Axé Alaibi Felix -Bahia.	321
Quadro 162	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ogunté Manô São Francisco do Conde -Bahia.	322
Quadro 163	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de :Ilê Axé de Oxum Euí São Francisco do Conde -Bahia.	323
Quadro 164	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Filho da Força São Francisco do Conde -Bahia	324
Quadro 165	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Unzo Bamburucema São Francisco do Conde -Bahia.	325
Quadro 166	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro LP:Ilê Odé Oxé Oba São Francisco do Conde -Bahia	326
Quadro 167	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Azauani Jideun São Francisco do Conde -Bahia.	327
Quadro 168	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Odé São Francisco do Conde -Bahia.	328
Quadro 169	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Sarapocan Francisco do Conde -Bahia	329
Quadro 170	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Caboclo Boiadeiro São Francisco do Conde -Bahia	330
Quadro 171	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Matamba Kutala Congo São Francisco do Conde -Bahia.	331
Quadro 172	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Oxum Madê Gewi São Francisco do Conde -Bahia.	332
Quadro 173	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Boiadeiro	333

	Sapeaçu-Bahia.	
Quadro 174	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Oxossi - Sapeaçu-Bahia.	334
Quadro 175	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de de Boiadeiro Oxé de Obé Sapeaçu-Bahia	335
Quadro 176	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogum de Ronda Sapeaçu-Bahia.	336
Quadro 177	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Oxossi Sapeaçu – Bahia	337
Quadro 178	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda Reis Cariri Sapeaçu-Bahia	338
Quadro 179	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé de Nanã Saubara-Bahia.	339
Quadro 180	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogum da Mata Saubara-Bahia.	340
Quadro 181	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Iemanjá Saubara-Bahia.	341
Quadro 182	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Caboclo Juremeira Saubara-Bahia.	342
Quadro 183	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Iansã Guerreira Saubara-Bahia.	343
Quadro 184	Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Xangô - Vazedo-Bahia	344
Quadro 185	Número de terreiros por nação de pertencimento do T I do Recôncavo.	346
Quadro 186	Quantitativo de terreiros do T.I. do Recôncavo da Bahia que possuem sinal na Libras	353
Quadro 187	Panorama das Pesquisas Toponímicas em Libras na Bahia	361
Quadro 188	Colaboradores do grupo de Pesquisa.	362

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATAOB	Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira
ATB	Atlas Toponímico do Brasil
ATEPAR	Atlas Toponímico do Estado do Pará
ATESP	Atlas Toponímico do Estado de São Paulo
ATEMS	Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul
ATEMIG	Atlas Toponímico do Estado de Minas
ATEMT	Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso
ATITO	Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins
ATOBAB	Atlas Toponímico da Bahia
ATT	Atlas Toponímico do Tocantins
CAHL	Centro de Artes Humanidades e Letras
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
NeiHD	Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais
NUPI	Núcleo de Política de Inclusão
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
SEPROMI	Secretaria de Promoção da Igualdade Racial
T.I	Território de Identidade
UFAC	Universidade Federal do Acre
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	30
1.1	ESTRUTURA DA TESE	35
2	ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS NO BRASIL	37
2.1	GRAUS HIERÁRQUICOS, POSTOS E SUAS FUNÇÕES DENTRO DO CANDOMBLÉ	44
2.2	OS ORIXÁS E SUAS CARACTERÍSTICAS	50
2.3	OS SURDOS E AS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO RECÔNCAVO DA BAHIA	69
3	OS ESTUDOS TOPONÍMICOS EM LIBRAS NO BRASIL	78
3.1	ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DA LIBRAS	86
3.1.1	Aspectos fonológicos	88
3.1.2	Aspectos morfológicos	98
3.1.3	Formação dos sinais toponímicos	101
3.1.4	Empréstimos linguísticos na Toponímia em Libras	102
3.1.5	Aspectos sintáticos	105
3.1.6	Aspectos semânticos e pragmáticos	109
3.2	NOMEAÇÃO, ICONICIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NOS ESTUDOS TOPONÍMICOS	114
3.2.1	Toponímia e religião: taxonomia voltada para as religiões de matrizes africanas	117
4	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	135
4.1	O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO RECÔNCAVO BAIANO E A INFLUÊNCIA DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS NA REGIÃO	135
4.2	O CORPUS DA PESQUISA EM LÍNGUA ORAL	144
4.3	O CORPUS DA PESQUISA EM LIBRAS	187
4.4	A FICHA LEXICOGRÁFICA-TOPONÍMICA ADOTADO NA PESQUISA	188
5	APRESENTAÇÃO DAS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS	191
6	DISCUSSÕES E ANÁLISE DOS DADOS	345
6.1	ANÁLISE DOS DADOS EM LÍNGUA ORAL	345
6.2	ANÁLISE DOS DADOS EM LIBRAS	352
6.3	O <i>WEBSITE</i> ILÊTOPÔNIMO	359

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	365
	REFERÊNCIAS	3
	APÊNDICE A - GOSSÁRIOS DOS TERMOS EM YORUBÁ	381

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de pesquisas sobre a Toponímia em línguas orais e em Libras tem crescido consideravelmente nos últimos anos. A nomeação de espaços geográficos na Língua Brasileira de Sinais (Libras) possui grande relevância sociocultural, sobretudo por se tratar de uma língua essencial para o fortalecimento da cultura e das comunidades surdas. Antes de abordar a Libras em si, é necessário destacar a importância das diversas comunidades surdas e suas formas de constituição. Em diferentes regiões do Brasil, encontram-se grupos formados por pessoas surdas e ouvintes que partilham experiências visuais por meio das línguas de sinais. No cenário global, cada comunidade possui uma língua de sinais específica, com gramática e regras próprias, uma vez que não há uma universalização desses sinais que estabeleça uma forma única de comunicação. Dentre os diversos sistemas linguísticos existentes, destaca-se a Libras — língua reconhecida por lei e utilizada pelas pessoas surdas no Brasil como meio de comunicação efetiva. Sobre a comunidade surda, Strobel (2008) afirma que:

A comunidade surda, na verdade não é só de surdos, já que há sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização que podem ser a associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros (Strobel, 2008, p. 11).

A Libras foi reconhecida em 24 de abril de 2002, por meio da Lei nº 10.436, e regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Dessa forma, entende-se por Libras a forma de comunicação e expressão cujo sistema linguístico é de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituindo um meio de transmissão de ideias e fatos oriundos das comunidades de pessoas surdas no Brasil (Brasil, 2002).

A partir da institucionalização da Libras, as pessoas surdas passaram a ser inseridas na sociedade como sujeitos de direitos, com acesso à informação e à possibilidade de partilha de ideias, desejos e sentimentos. Rompia-se, assim, com uma realidade excludente, que as relegava à suposta incapacidade de aprender e de se socializar com outras pessoas, privando-as de seus direitos mais básicos. Dessa forma, a Libras configura-se como uma língua de suma importância para a inclusão social, pois possibilita a interação entre pessoas surdas, bem como entre estas e a comunidade ouvinte sinalizante.

De acordo com Felipe (1997), é possível afirmar que, por meio da língua de sinais, o indivíduo surdo tem plenas condições de interagir com o mundo. Nas palavras da autora:

Por meio da língua de sinais é possível a expressão de conteúdos sutis, complexos ou abstratos, de modo que os seus usuários podem discutir qualquer área do conhecimento, da filosofia à política, utilizando-se dos seus recursos, como ocorre com qualquer outra língua, para consolidar a comunicação, isto é, para conferir conteúdo significativo aos objetos do mundo e às pessoas que o cercam (Felipe, 1997, p. 37).

Atualmente, os municípios situados no Território de Identidade (T.I.) do Recôncavo da Bahia adotam a política de educação inclusiva. Nesse contexto, os surdos são inseridos em escolas ditas inclusivas, onde há escassez de profissionais qualificados, como intérpretes de Libras e professores bilíngues. As principais dificuldades enfrentadas no processo de escolarização de estudantes surdos estão diretamente relacionadas às questões linguísticas. A Língua Portuguesa é uma língua de modalidade oral-auditiva, ou seja, utiliza os canais oral (aparelho fonoarticulatório) e auditivo para a comunicação. A Libras, por sua vez, possui modalidade viso-espacial, o que significa que seu canal de comunicação é visual, e sua organização espacial permite que o falante sinalize, no espaço, a imagem mental da palavra.

Para a pessoa surda, esse processo ocorre visualmente, e não auditivamente, evidenciando que a associação entre significante e significado não se dá pela relação som/sentido, como na língua oral, mas sim pela relação gesto articulatório/sentido. Quanto aos aspectos gramaticais e estruturais da Libras, Brito (1997, p. 21) alerta que:

A Libras não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral. A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece a regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual espacial da realidade. (Brito, 1997, p. 21).

Dito isso, podemos afirmar que, do ponto de vista linguístico, a Libras é uma língua plenamente desenvolvida; no entanto, os estudos a seu respeito ainda estão em constante construção, especialmente no que se refere ao léxico, que frequentemente incorpora neologismos — como é o caso dos nomes próprios.

A história das comunidades surdas do Recôncavo da Bahia é marcada por retrocessos no que diz respeito à educação de surdos. Apenas uma pequena parcela da população surda é usuária de Libras, e esses usuários estão inseridos em contextos de religiosidade local, nos quais há forte influência das religiões de matrizes africanas.

Observam-se limitações enfrentadas por esses sinalizantes, bem como por intérpretes, professores de surdos e os próprios sujeitos surdos, especialmente no que tange ao léxico específico dos espaços religiosos de matrizes africanas, denominados terreiros. Dentro desses

espaços, a maioria dos registros — como cânticos, músicas e rezas — é (re)produzida em Língua Portuguesa e em língua yorubá, sendo, em alguns casos, também traduzida para a Libras.

De acordo com Verger (1996), o termo "yorubá" aplica-se a um grupo linguístico cujos falantes, além de compartilharem uma língua, estão unidos por uma mesma cultura e tradições de origem comum. A língua yorubá, também conhecida como *nagô*, é falada nos terreiros de Candomblé da nação Ketu. Os terreiros de Candomblé estão organizados por nações. Além da nação Ketu, há outras importantes referências, como as nações Angola, Nagô e Jeje, entre outras.

Como ressalta Melo (2012), os terreiros de Candomblé não devem ser caracterizados apenas como espaços de culto aos Orixás, mas também como lugares de resistência cultural, cuja função é preservar as tradições dos diversos povos africanos trazidos ao Brasil. Ao longo desta tese, trataremos de cada nação, sua importância e sua influência na formação dos terreiros no Brasil, com foco específico na região em que a pesquisa foi realizada.

É por meio da língua que o ser humano utiliza o nome próprio para identificar determinado lugar, com o objetivo de compreender e dinamizar o processo de comunicação. Entretanto, para as pessoas surdas, nem todos os lugares possuem uma designação específica em Libras. Quando esse processo de nomeação existe, ocorre de forma gestual-visual.

Observamos que os surdos, em muitos casos, apresentam dificuldades para identificar os terreiros, recorrendo, frequentemente, à associação entre o nome do Orixá cultuado no espaço e alguma referência visual. Por exemplo, ao se referirem ao Terreiro Ilê Axé Ogunjá, os usuários da Libras realizam o sinal do Orixá “Ogum”, que consiste na configuração das mãos em forma da letra “S”, com as palmas voltadas para fora, movimentando-as levemente para cima, duas vezes, acompanhado de expressão não manual com os lábios cerrados, conforme o exemplo a seguir:

Figura 1 - SINAL DO ORIXÁ OGUM.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Nesse sentido, os usuários de Libras apresentam uma forma particular de nomeação, uma vez que o referente nomeado em uma modalidade oral-auditiva recebe uma nova atribuição em uma modalidade visuoespacial. Assim, um nome próprio pode ser emprestado de uma língua oral para a língua de sinais por meio da transliteração do nome pelo alfabeto manual, também chamado de alfabeto datilológico.

Além disso, os usuários de Libras utilizam empréstimos linguísticos por inicialização. Segundo Ferreira (1995), o empréstimo linguístico por inicialização ocorre quando o sinalizante utiliza uma configuração de mão correspondente à letra inicial da palavra na língua-fonte, representando-a graficamente no espaço.

É o caso do sinal em Libras para o Terreiro *Humpane Ayomo Huntólogi*, no qual os usuários utilizam a configuração da letra “H”, realizada duas vezes consecutivas, para representar esse espaço religioso. Conforme ilustrado na Figura 2:

Figura 2 - SINAL DO TERREIRO HUMPANE AYOMO HUNTÓLOGI.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

O processo de nomeação realizado pela comunidade surda perpassa por aspectos culturais e pelas visões de mundo presentes na língua de sinais. Desse modo, estudamos as motivações dos nomes atribuídos aos espaços das religiões de matrizes africanas no Recôncavo da Bahia, com o objetivo de comparar os sinais utilizados pelas pessoas surdas — quando existentes — e registrar os espaços que ainda não possuem uma terminologia específica em Libras. Assim, consideramos os terreiros como topos (lugares) passíveis de análise científica.

Um dos propósitos da Toponímia é a investigação da origem dos nomes próprios de lugares enquanto produtos culturais que revelam não apenas a realidade material, mas também a espiritualidade e a memória de um povo. É por meio da nomeação de lugares que o ser humano transmite seus valores, seu modo de vida e sua visão de mundo. Andrade (2010) assinala que:

Todo trabalho toponímico constitui um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* e da cosmovisão das comunidades

linguísticas que ocupam ou ocuparam um determinado espaço. Nesse momento, são exteriorizados e evidenciados aspectos sociais, religiosos, antropoculturais, organização política e linguística de um determinado grupo. (Andrade, 2010, p. 209).

A comunidade surda fortalece sua identidade cultural ao apresentar seu valor e marcar sua presença no ato de nomear e analisar os espaços religiosos que compõem uma história compartilhada. Nesse sentido, o estudo toponímico dos espaços das religiões de matrizes africanas em línguas orais e em Libras, no Recôncavo da Bahia, tem como objetivo valorizar a história e a cultura desses locais.

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar as motivações toponímicas dos espaços de religiões de matrizes africanas do Recôncavo da Bahia, considerando tanto as línguas orais quanto a Libras. Seus objetivos específicos são: a) estudar a designação e o significado dos topônimos em línguas orais e em Libras; b) analisar a relação dos topônimos com sua origem; c) contribuir para os estudos linguísticos acerca da Libras; d) garantir maior visibilidade às religiões de matrizes africanas para as comunidades surda e ouvinte.

A análise aqui apresentada está fundamentada nos princípios teórico-metodológicos da Lexicologia e da Lexicografia Moderna (Biderman, 1984, 1998, 2001; Haensch, 1982; Werner, 1982; Vilela, 1983, 1995), dos estudos toponímicos em línguas orais (Dauzat, 1936; Dick, 1980, 1990, 1992; Seabra, 2004, 2006), dos estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (Brito, 1995; Ferreira-Brito, 1995; Strobel, 2008), dos estudos toponímicos em Libras (Ferreira, 2019; Souza Júnior, 2012; Sousa, 2018; Sousa e Quadros, 2019; Jesus, 2019; Sousa et al., 2025; Marins, 2024) e dos estudos sobre religiões de matrizes africanas (Verger, 1996; Melo, 2012; Santos, 2012), entre outros.

O problema central desta pesquisa é: Quais são as motivações toponímicas refletidas nos nomes, em línguas orais e em Libras, dos espaços de religiões de matrizes africanas do Recôncavo da Bahia? O estudo toponímico dos terreiros do Recôncavo justifica-se pela ausência de um registro formal de nomenclatura específica em Libras, o que torna necessária a catalogação, classificação, descrição e análise dos topônimos em ambas as modalidades linguísticas. Assim, destaca-se o caráter inédito do estudo e sua relevância acadêmica, social e cultural.

A viabilidade desta pesquisa decorre do contato e da participação do pesquisador nas comunidades surdas do Recôncavo da Bahia. O pesquisador é Tradutor Intérprete de Libras formado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), lotado no Núcleo de Política de Inclusão (NUPI) em Cruz das Almas-BA, e atua também no Centro de Artes,

Humanidades e Letras (CAHL), localizado em Cachoeira-BA, ambas cidades do Recôncavo. Além disso, reside e participa da comunidade surda de Feira de Santana. Desde 1981, pertence à terceira geração de tradutores-intérpretes de Libras em sua família.

Ao transitar por essas comunidades, reconhecemos a carência de estudos sistematizados acerca da nomeação dos terreiros — espaços de religiões de matrizes africanas. Além da justificativa apresentada, o pesquisador já desenvolve pesquisas na área da Toponímia, sendo Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde defendeu a dissertação intitulada *Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras* (Jesus, 2019).

A pesquisa aqui apresentada dialoga diretamente com o projeto *Estudo bilíngue da Toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras* (UEFS-CONSEPE 044/2018), coordenado pela Professora Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, e integra a agenda do *Atlas Toponímico em Libras do Brasil*, coordenado pelo Professor Dr. Alexandre Melo de Sousa. Este trabalho contribui para a ampliação dos estudos toponímicos em línguas orais e Libras no Brasil.

1.1 ESTRUTURA DA TESE

A Tese está organizada em sete seções, cada uma abordando aspectos fundamentais da pesquisa. Na primeira seção, *Introdução*, apresentamos uma visão geral sobre o tema, contextualizando a relevância do estudo sobre as religiões de matrizes africanas no Brasil e sua relação com os estudos toponímicos em Libras. São expostos os objetivos gerais e específicos da pesquisa, bem como o problema de investigação e a justificativa para sua realização.

Na segunda seção, *Origem e características das religiões de matrizes africanas no Brasil*, discutimos o surgimento e a consolidação dessas religiões no país, com destaque para o Recôncavo da Bahia. Apresentamos as diferentes denominações dos espaços religiosos de matrizes africanas, analisando seu léxico específico, incluindo as distintas designações dos espaços sagrados. Também se explora o conceito de “nação” empregado nesta pesquisa, enfatizando sua importância na formação e estruturação dos Terreiros na Bahia.

Na terceira seção, *Estudos toponímicos em Libras no Brasil*, apresentamos o desenvolvimento dos estudos toponímicos em línguas orais, traçando sua evolução

cronológica e apresentando avanços específicos na Toponímia em Libras. Além disso, são explorados os aspectos linguísticos da Libras, abrangendo sua fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, com ênfase na formação dos sinais toponímicos e nos empréstimos linguísticos dentro desse contexto.

Na quarta seção, *Aspectos metodológicos da pesquisa*, discutimos os critérios metodológicos adotados no estudo. São apresentados detalhes sobre o Território de Identidade do Recôncavo Baiano e a influência das religiões afro-brasileiras na região. A delimitação do *corpus* da pesquisa é definida, seguida pela explicação dos procedimentos metodológicos empregados na coleta de dados em português e em Libras. Por fim, descrevemos o modelo de ficha lexicográfica-toponímica utilizado para sistematizar e analisar os termos coletados.

Na quinta seção, *as fichas lexicográficas-toponímicas dos Terreiros*, são organizadas e apresentadas as fichas lexicográficas-toponímicas preenchidas com os dados obtidos ao longo da pesquisa. Esta seção sistematiza os nomes dos Terreiros estudados, permitindo uma análise detalhada sobre sua origem e relevância linguística.

Na sexta seção, *Discussões e análise dos dados do Recôncavo Baiano*, os dados coletados são examinados a partir de duas perspectivas. Primeiramente, realizamos uma análise dos dados em língua portuguesa, observando padrões toponímicos e variações linguísticas. Em seguida, os dados em Libras são analisados, verificando correspondências entre sinais e nomes toponímicos. Esta seção também apresenta o *website* Ilêopônimos, desenvolvido como um produto da pesquisa, reunindo informações sobre os nomes estudados em língua oral e Libras e promovendo acessibilidade ao conhecimento gerado.

Por fim, na sétima seção, *Considerações finais*, sintetizamos os principais resultados da pesquisa, destacando suas contribuições para os estudos linguísticos e toponímicos. São indicadas possibilidades de aplicação futura dos achados e sugestões para aprofundamentos no tema.

Complementando a tese, são incluídas as Referências, contendo todas as fontes utilizadas ao longo do trabalho, e o Apêndice A - Glossário dos termos em Yorubá, que reúne os principais termos da religião afro-brasileira, facilitando a compreensão do vocabulário empregado na pesquisa.

2 ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS NO BRASIL

O Candomblé é uma religião de matriz africana, caracterizada por um culto enraizado em preceitos e tradições, o que lhe confere uma cultura vasta e rica. Trata-se de uma religião monoteísta, que crê em um único Deus, denominado Olorun (na Nação dos iorubás) e Zambi (na Nação dos bantus). No que se refere ao surgimento dessa religião, Campos (1999) assevera que:

O Candomblé teve origem na cidade de Ifé, na África, e foi trazido para o Brasil pelos negros Yorubás (tribo). No entanto, o continente africano e o Brasil praticam e professam esse culto de modos diferentes. Nem mesmo a denominação Candomblé é usada para o culto praticado no continente africano. O que existe lá é o culto a Orixá (Santo), onde cada país cultua um Orixá diferente e só inicia Elegun (adepto) ou uma pessoa filha (o) daquele Orixá. Portanto, a palavra Candomblé foi uma forma de denominar as reuniões feitas pelos escravos, para cultuar seus deuses, porque também era comum chamar de Candomblé toda festa ou reunião de negros no Brasil. (Campos, 1999, p. 25).

A escravidão no Brasil perdurou por mais de três séculos. Durante esse período, milhares de africanos foram trazidos para diferentes regiões do país. Aqui, foram forçados a exercer trabalho compulsório nos engenhos de açúcar, nas plantações de cacau e nas lavouras de café. Embora todos tenham vindo do mesmo continente, pertenciam a distintas regiões – como mencionado anteriormente – e falavam diversas línguas e dialetos, além de apresentarem hábitos e costumes variados. Cada grupo cultuava suas próprias divindades.

Nas senzalas, foram obrigados a conviver entre si, e, a partir dessa convivência forçada, formou-se uma nova cultura resultante da miscigenação. Os africanos também compartilharam suas práticas religiosas, das quais emergiu uma nova expressão religiosa (que, ao longo do tempo, passou a ser identificada por diferentes nomes). Atualmente, no Brasil, destacam-se três principais vertentes dessas religiões, que serão abordadas mais adiante.

A partir do Terreiro da Barroquinha, em Salvador (BA), iniciou-se o processo de expansão dos terreiros por toda a Bahia, com especial destaque para a região do Recôncavo Baiano. Verger (1981) afirma que:

Várias mulheres enérgicas e voluntárias, originárias de Kêto, antigas escravas libertadas, pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Igreja da Barroquinha, teriam tomado iniciativa de criar um terreiro de Candomblé chamado Ìyá Omi Àṣẹ Àirá Intilè, numa casa situada na ladeira do Berço, hoje Rua Visconde de Itaparica, próxima à igreja da Barroquinha. (Verger, 1981 p. 28.).

A partir dessa organização, o Candomblé na Bahia se consolidou. No entanto, isso não

significa que todos os terreiros do Brasil possuam uma ligação direta com o Terreiro da Barroquinha.

A Igreja da Barroquinha, datada do século XVIII, abrigou duas irmandades negras que realizavam, em seu entorno, cultos de religiões afro-diaspóricas, os quais deram origem ao Candomblé da Bahia. Por motivos de perseguição e disputas políticas, o terreiro teve de ser transferido para outro local. Atualmente, na Igreja da Barroquinha, às quintas-feiras, celebra-se a missa em iorubá, em consonância com a tradição do Candomblé.

Figura 3 – Imagens da Igreja da Barroquinha.



Fonte: SEPROMI (2023).

Esse foi apenas o primeiro espaço de culto a se oficializar, ainda que, inicialmente, tenha funcionado na clandestinidade. Nesse ínterim, outras localidades também mantinham seus ritos, que, gradualmente, passaram a se tornar mais visíveis na sociedade, como foi o caso dos terreiros do Recôncavo Baiano. Coincidentemente, a grande maioria de suas fundadoras integrava a Irmandade da Boa Morte, na cidade de Cachoeira, Bahia.

Sobre a fundação dos primeiros terreiros na Bahia, Silveira (2006) aponta que:

Iyá Adetá como a fundadora, nos últimos anos do século XVIII, do culto doméstico a Odé, e Iyá Akalá como aquela que plantou, entre 1807 e 1812, os fundamentos do culto de Airá no terreno arrendado da Barroquinha. O desempenho de Iyá Nassô teria sido posterior, em meados ou pelo final da década de 1830. (Silveira, 2006, p. 402-403).

Compreendemos que o primeiro terreiro de que se tem registro na Bahia é o Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho. Seu nome original em iorubá é *Ilê Axé Iya Nassô Oká*, ou “Casa de Iya Nassô”. A fundação do *Ilê Axé Omi Iyamassê* – o famoso Terreiro do Gantois – e do *Ilê Axé Opô Afonjá* – conhecido como Terreiro de São Gonçalo – remonta à história da Casa Branca, pertencendo todos à matriz fundadora do Candomblé de rito Ketu, juntamente com o *Ilê Maroiá Láji*, o Terreiro do Alaketo. Este último é apontado por Silveira (2006)

como, possivelmente, o mais antigo dentre eles.

O mais provável é que Iyá Adetá, após sua alforria, tenha se estabelecido na Barroquinha, onde fundou um culto a Oni Popô na própria residência, permanecendo na Bahia quando Otampê Ojarô voltou à África. Quando do retorno de Otampê Ojarô, casada com Babá Láji, grávida e disposta a fundar um Candomblé, várias coisas podem ter acontecido, das quais destaco duas: Adetá pode ter falecido por volta de 1807, precipitando a retirada do Arô para o Matatu Grande para fundar o Ilê Maroiá Láji (o Terreiro do Alaketo); ou pode ter optado por permanecer na Barroquinha, falecendo em 1912 (Silveira, 2006, p. 396).

Desse modo, os Terreiros foram se espalhando pela Bahia. Santos (2001) acrescenta, ainda, que a fundação do Opô Afonjá se deu por mãe Aninha:

O Axé Opô Afonjá foi fundado por Eugência Ana dos Santos, Oba Biyi, a célebre IyalOrixá Aninha, que saiu do Ilê Iyanasô com um grupo de sacerdotisas. Com Bamgbosé Obitiko (Rodolfo Martins de Andrade) e Oba Sanya (Joaquim Vieira da Silva) ela instalou-se no lugar chamado Camaron, para ir, em seguida, para a rua de Curriachito, para a Ladeira da Praça, Para a Ladeira do Pelourinho e, finalmente, em 1919, para uma fazenda situada em São Gonçalo do Retiro, dando prestígio e estímulo extraordinário à nação nagô e ao “terreiro” (...) Por sua morte em 1939, Maria Bibiana do Espírito Santo, Osun Muiwá chamada Mãe Senhora, devia sucedê-la (Santos, 2001, p. 150).

No que se refere à fundação do Terreiro Gantois, Silveira (2006 apud Serra, 2001) destaca que:

Ainda não está estabelecida uma cronologia segura do Gantois, porém creio que o Ebé Oxóssi foi fundado ainda na Barroquinha, saiu de lá com Iyá Nassô, pois em 1855 a família Conceição ainda fazia parte da Casa Branca. De 1868 ao final de 1871, segundo notícias veiculadas pelo Alabama, já o encontramos funcionando em um local denominado o Moinho, situado no início da atual Avenida Vasco da Gama, às margens do Dique, onde hoje encontra-se o posto de abastecimento não por acaso chamado de São Jorge. Só depois desta data o Ebé Oxóssi instalou-se com o Candomblé de Tia Júlia no sítio chamado de Gantois, fazenda de um poderoso comerciante belga, um dos maiores traficantes de escravos da Bahia na primeira metade do século XIX. (Silveira apud Serra 2001: coleção do autor).

Independentemente de conhecermos a data exata do surgimento do Candomblé na Bahia, o fato é que essa religião se disseminou rapidamente, conquistando o respeito e a admiração de pessoas pertencentes a diversas camadas sociais. O Candomblé é uma religião tipicamente brasileira, uma vez que não há registros de sua existência, com as mesmas características, no continente africano. Como mencionado anteriormente, o culto às divindades nos países africanos ocorre de forma bastante autônoma, sendo que cada cidade reverencia seu próprio Orixá de maneira particular. Nascimento (2010) explica que:

Ressaltamos que este culto da forma como aqui é praticado não existe na África, o que existe lá é o que chamamos de culto à orisá, ou seja, cada região africana cultua um orisá, portanto a palavra Candomblé foi uma forma de denominar as

reuniões feitas pelos escravos para cultuar seus deuses, pois também era comum no Brasil chamar as festas ou reuniões de negros de Candomblé, devido seu significado em iorubá (Nascimento, 2010, p. 935).

Além do Candomblé, a segunda religião afro-brasileira que ganhou destaque no Brasil, especialmente a partir da década de 1920, foi a Umbanda. Seu surgimento se deu a partir da união de diversos elementos provenientes de diferentes tradições religiosas. De acordo com Nogueira (2007, p. 491):

Umbanda herdou da macumba suas práticas mágicas e rituais africanizados; do kardecismo, a doutrina dos espíritos; do Candomblé, o panteão dos Orixás; do Xamanismo indígena, suas ervas e curas; além de ter sofrido influências orientais, ciganas, islâmicas e até mesmo das religiões holísticas da chamada Nova Era. (Nogueira, 2007, p. 491)

Nessa linha argumentativa, podemos observar que a Umbanda é uma religião singular, genuinamente brasileira, originada de uma miscelânea de práticas e preceitos religiosos presentes no Brasil. Para além de sua constituição candomblecista ou africanista, a Umbanda estabelece diálogos com o misticismo de forma ampla, incorporando valores ciganos, kardecistas, hinduístas, bem como elementos do espiritismo e do catolicismo.

Nos terreiros onde ocorrem os rituais religiosos da Umbanda, os médiuns recebem Entidades espirituais que podem se manifestar sob a forma de caboclos, indígenas, ciganos e pretos-velhos, entre outros.

Nascimento (2010) nos revela que:

A Umbanda é criada num contexto de valorização do “ser brasileiro”, patrocinou a integração no plano mítico de todas as classes sociais, especialmente as excluídas, apresentando uma nova visão distinta da prevalência dos valores dominantes da classe média (catolicismo e posteriormente Kardecismo), com maior abertura as formas populares afro-brasileiras, depurando-as a favor de uma mediação no plano religioso, que representou a convivência das três raças brasileiras (Nascimento, 2010, p. 937).

São, portanto, religiões que remontam, em suas origens, ao culto às divindades africanas, com ênfase em suas características culturais. Tal panorama denota o dinamismo da religiosidade desse povo e a dificuldade encontrada por seus adeptos em identificar uma religião única, diante da diversidade de crenças e práticas existentes.

Outro tipo de religião de matriz africana que se popularizou é a Quimbanda, também conhecida como Macumba, cuja prática é voltada ao culto de Exus e Pomba-Giras (consideradas manifestações femininas de Exu). Embora muitos pesquisadores insiram a Quimbanda no escopo da Umbanda, ela é comumente praticada como um culto autônomo e

independente. Segundo Gumeli (2003), A Quimbanda surgiu como uma vertente da Umbanda, desenvolvendo-se com características próprias que refletem a diversidade espiritual e cultural de seus praticantes.

As reuniões promovidas pelos escravizados eram dedicadas ao culto de suas divindades, configurando-se como espaços de preservação e resistência das tradições religiosas africanas. Com o tempo, qualquer reunião ou celebração que reunisse pessoas negras no Brasil passou a ser genericamente identificada como Candomblé (Kileury; Oxaguiã, 2014).

Essa diversidade de práticas religiosas evidencia a existência de múltiplas expressões culturais afro-religiosas, que extrapolam os cultos mais conhecidos como aqueles que veneram os Orixás, inquices e voduns. Entre essas tradições, destacam-se o Batuque, amplamente praticado no Rio Grande do Sul; o culto da Jurema (Bairrão, 2003), predominante em Pernambuco; e o Tambor de Mina, consolidado com forte influência nas regiões Norte e Nordeste do país.

É importante destacar que existem outras manifestações religiosas afro-brasileiras; contudo, neste trabalho, mencionam-se apenas algumas das mais tradicionais e amplamente reconhecidas. Tanto o Candomblé, a Umbanda, a Quimbanda, o Batuque, a Jurema Sagrada e o Tambor de Mina, entre outras não citadas aqui, contribuíram de forma significativa para a preservação dessas religiões até os dias atuais (Vidigal; Teixeira, 2014, p. 14). Essas religiões somente conseguiram resistir graças à sua capacidade de organização e adaptação diante das adversidades.

Castro (2001, p. 80) explica que cada uma das religiões afro-brasileiras constitui "um tipo de organização sociorreligiosa baseada em padrões comuns de tradições africanas, com seus sistemas de crenças, jeito próprio de adoração e língua". Isso porque, segundo a autora, os costumes dessas religiões estão associados à Nação que mais influenciou a linguagem e a estrutura ritualística dos Candomblés.

O vocabulário religioso brasileiro foi profundamente influenciado pelas Nações Ewe-Fon (ou Jeje-mina), Banto (ou Congo-Angola) e Iorubá (ou Nagô-Ketu), entre outras. Os bantus, por exemplo, trouxeram seus inquices e bacuraus; a Nação Iorubá trouxe os Orixás e a valorização da ancestralidade; enquanto a Nação Fon introduziu o culto aos voduns.

A terminologia “Nação”, no contexto das religiões de matriz africana em especial o Candomblé possui sentidos etnográficos. Inicialmente utilizada para se referir às tribos indígenas, a expressão passou a denominar os diferentes grupos africanos trazidos ao Brasil

na condição de escravizados. Assim, "Nação" tornou-se uma designação, ainda que arbitrária, da origem étnica e cultural desses povos africanos nas Américas. Nas ponderações de Miranda (2001), é revelado que:

No início do século XIX, as etnias africanas eram separadas por confrarias da Igreja Católica na região de Salvador, Bahia. Dentre os escravos pertencentes ao grupo dos Nagôs estavam os Yorubás. Suas crenças e rituais do Ketú são parecidos com os de outras "nações" do Candomblé em termos gerais, mas diferentes em quase todos os detalhes. (Miranda, 2001, p. 60).

Como observado na citação de Miranda (2001), no contexto do Candomblé, o termo "Nação" refere-se à ancestralidade ou à origem dos Orixás. Podemos compreender o conceito de "Nação" como uma forma de identificar esses agrupamentos religiosos a partir de suas origens étnicas. Com o passar do tempo, passou também a designar vertentes do Candomblé. Arelado a esse conceito estão os grupos étnicos africanos que influenciaram diretamente as práticas e rituais dessas tradições religiosas.

O léxico relacionado às religiões de matrizes africanas é bastante diverso. A fim de evitar leituras equivocadas ou reducionistas sobre esses cultos, adotaremos neste trabalho as terminologias "povo de santo" ou "povo de axé" para nos referirmos aos(as) adeptos(as) dessas religiões. Utilizaremos o termo "religião de matriz africana" para nos referirmos, de forma abrangente, a expressões religiosas como o Candomblé, a Umbanda e a Quimbanda. De modo semelhante, empregaremos o termo genérico "terreiro" para designar os espaços sagrados dessas religiões.

Os terreiros recebem diversas denominações, tais como: Casa das Forças Sagradas; Casa dos Elementos Poderosos da Natureza; Casa de Santo; Axé; Roça; Barração, entre outros. Todavia, todas essas acepções possuem o mesmo significado, variando conforme a Nação à qual o terreiro pertence. Por exemplo: na Nação Iorubá, os terreiros de Candomblé são denominados *Ilê Axé*; na Nação Fon (ou Jeje), utilizam-se os termos *Abassá* ou *Humpame*; na Nação Bantu, os nomes são *Mbazi* ou *Canzuá*. Independentemente da nomenclatura, o ponto central que se deve compreender é como se estrutura o terreiro de Candomblé na Bahia espaço que há séculos se configura como território de resistência e de luta para seus adeptos.

Nesse sentido, os terreiros de Candomblé são espaços físicos e religiosos autônomos. Isso significa que, embora todos estejam vinculados às raízes culturais africanas, cada um possui independência em sua organização, o que se reflete na arquitetura, na configuração do espaço físico, nas práticas rituais e nas normas de conduta adotadas. Desse modo, tanto os

terreiros quanto seus membros seguem os preceitos estabelecidos por cada dirigente espiritual. Não há, portanto, uma regra única a ser seguida, tampouco um livro sagrado como ocorre nas religiões de tradição ocidental, a exemplo da Bíblia ou do Alcorão. Os ensinamentos são transmitidos de forma oral, como será aprofundado mais adiante.

Nas ponderações de Bastide (1978), os terreiros de Candomblé exercem três funções principais: a primeira é a de casa-abrigo, visto que muitos dos(as) adeptos(as) residem nesse ambiente; a segunda é a de templo, pois ali são guardados os objetos litúrgicos e ritualísticos; e, por fim, atuam como uma espécie de convento, já que os iniciados, durante o processo de formação religiosa, permanecem reclusos por períodos distintos, em cumprimento de rituais próprios à sua iniciação.

Entretanto, a fundação de um terreiro de Candomblé não se resume à construção física de um espaço: ela ultrapassa os limites materiais e envolve a sacralização do local, por meio da implantação do *axé*. É apenas a partir desse processo que o terreiro adquire forma e significado para os/as fiéis (Matos, 2019).

No que se refere aos espaços físicos, a tipologia dos Terreiros segue o mesmo padrão arquitetônico: é composto por um barracão, uma cozinha e os quartos-de-Santo. O primeiro espaço é onde ocorrem as celebrações e os iniciados incorporam as divindades para o *xirê*¹, ou a dança ritual, também chamada na Umbanda de gira.

A cozinha, por sua vez, é o espaço considerado ritualístico e sagrado, onde se preparam as comidas dos santos (referindo-se aos Orixás) que servirão como oferendas, popularmente chamadas de obrigações. É fundamental compreender que a expressão “dar comida ao Orixá” não deve ser interpretada de forma literal. As divindades não possuem a mesma concepção de alimento que os seres humanos. O Orixá não se alimenta fisicamente; ele absorve a essência e o perfume do oferecimento. Após a cerimônia, os alimentos são retirados do altar ou assentamento e encaminhados à natureza. Em muitos terreiros, há pequenos espaços arborizados onde os adeptos depositam as oferendas, reforçando a conexão entre a espiritualidade e os elementos naturais.

¹ O Xirê é um ritual de grande importância dentro das religiões afro-brasileiras, especialmente no Candomblé e na Umbanda. Ele envolve dança, música e a invocação de Entidades espirituais, criando um momento de conexão profunda entre os praticantes e os Orixás. Durante a celebração, os participantes se reúnem para homenagear e agradecer às suas divindades, utilizando toques de atabaques e cânticos em línguas africanas, elementos sonoros que não apenas atraem energias espirituais, mas também promovem um estado de transe e euforia.

Por fim, o quarto dos santos é um espaço sagrado destinado ao assentamento dos Orixás. É nesse local que ficam depositadas as principais oferendas e os objetos do culto. Ao entrar no terreiro, todos devem primeiro dirigir-se ao quarto dos santos para saudar os Orixás; em seguida, saúda-se o Babalorixá ou Yalorixá, e, por fim, saúdam-se os mais velhos e os mais jovens.

No Candomblé, tudo é sagrado: o ar que se respira, a comida que se come, o chão que se pisa tudo deve ser respeitado. Diante dessa lógica, os terreiros unem o humano ao sagrado, o espaço físico ao espiritual; as palavras proferidas também são sagradas, de modo que a linguagem no Candomblé é rica e diversificada. Castro (2001) acrescenta que, dentro do Candomblé, existe o uso da língua-de-santo. Essa linguagem religiosa específica consiste em um sistema lexical circunscrito, de base africana, relacionado ao contexto religioso onde ocorrem os rituais. Com o passar do tempo, esse sistema sofreu modificações devido à influência da língua portuguesa do Brasil.

Esse repertório, chamado língua-de-santo na Bahia, compreende sistemas lexicais de antigos falares africanos no Brasil, vindo a constituir uma língua de aspecto sagrado, mas não declaradamente de natureza sobrenatural. [...] Desta maneira, canta-se para vodum em jeje-mina, para o Orixá em nagô - queto, para o inquice em congo-angola. (Castro, 2001, p. 82).

A língua-de-santo, como é popularmente chamada, carrega em si a ancestralidade fundamental para a formação do Candomblé no Brasil. Trata-se de uma religião pautada na tradição oral, como mencionado anteriormente, de modo que os ensinamentos e os dogmas são transmitidos de geração em geração por meio da oralidade. A palavra proferida pela yalorixá (mãe-de-santo) ou pelo babalorixá (pai-de-santo) é considerada portadora de *axé*, ou seja, da força divina que sustenta os terreiros de Candomblé.

Esse lugar de fala é de extrema importância, pois é por meio da palavra que sacerdotes e sacerdotisas se tornam mediadores entre os seres humanos e o divino. Todo esse sistema complexo conta com graus hierárquicos e um conjunto de regras que regem a religião, os quais serão apresentados a seguir.

2.1 OS GRAUS HIERÁRQUICOS, POSTOS E FUNÇÕES DENTRO DO CANDOMBLÉ

Nesta subseção, compete-nos apresentar os níveis hierárquicos existentes no Candomblé. Todos aqueles que aderem a esse culto começam como *abian* e permanecem nessa condição até serem “feitos no santo” (batizados), quando então ascendem ao cargo

hierarquicamente superior, o de *iyawô*. Como mencionado anteriormente, os aspirantes ao Candomblé recebem a designação de *abian*²; esses ainda não fazem parte da hierarquia, pois não foram iniciados. O *abian* aspira a ingressar no corpo dos iniciados, mas ainda não é um deles, pois está prestes a nascer para uma nova vida espiritual e ainda não possui um nome ritualístico.

Entretanto, o *abian* possui papel importante dentro da religião e pode contribuir significativamente com o terreiro, auxiliando em tarefas cotidianas simples, como arrumar, varrer, limpar, entre outros afazeres. Verger (1995, p. 135) explica que:

O Abian, ao demonstrar o desejo de aderir ao Candomblé Ketú, ou caso seja o “escolhido” pelo Orixá para fazer parte da comunidade, recebe do Babalorixá ou da Iyalorixá um fio de contas “lavado” (colar, que, no ritual, simboliza o Orixá do neófito). Ele participa no Ilê, ajudando com tarefas civis, na preparação das festas, na limpeza, arrumação e decoração do barracão, preparo de café e almoço para a casa.

À medida que seu caminho vai sendo construído na lei do Santo³, isso determina se a pessoa será *iyawô*, para manifestar⁴ o Orixá; se será filho de santo que não manifesta Orixá; se será *ogã*⁵, título restrito a alguns homens que não manifestam Orixá; ou *ekede*, nomenclatura dada às mulheres que não manifestam santo, mas que têm a obrigação de cuidar daqueles que estão em transe.

Aqueles que são filhos de santo *adoxados*⁶, ao completarem sete anos de iniciação e cumprirem sua obrigação de sete anos, passam para a categoria de *ebomi*, que significa “meu irmão mais velho”. É entre as *ebomis* mais antigas que se escolhe a mãe-de-santo do terreiro, por meio do jogo de búzios. Esses filhos ainda irão completar sua formação religiosa,

² O termo *Abian* é entendido como “nascer para um novo caminho”. A palavra é composta por *Abi*, que significa “aquele que nasce”, e *ian* ou *an*, contração de *onã*, que significa “caminho”.

³ A expressão é utilizada para designar não apenas as regras de conduta dentro de uma casa de santo, mas, principalmente, o patronato do orixá; ou seja, em última instância, é o orixá quem dirige o culto.

⁴ A manifestação é o fenômeno pelo qual a entidade, o orixá, desce à terra no corpo do filho de santo, que chamamos de “cavalo”, termo que se refere àquele que manifesta o orixá – o “cavalo do santo”, pois o santo “monta” nele. A pessoa que manifesta o orixá também é chamada de “rodante”, em referência ao momento exato em que o orixá se manifesta no indivíduo, que geralmente dá uma volta em torno de si; usa-se também a expressão “bolar no santo”.

⁵ Ogã é um título dentro do Candomblé e da Umbanda conferido a homens que desempenham funções específicas nos terreiros. Eles são responsáveis por tocar os atabaques, entoar cânticos e manter a ordem durante os rituais, sem entrar em transe. No Candomblé, os ogãs são escolhidos pelos Orixás e possuem diferentes funções, como o Alabê (chefe dos tocadores de atabaques) e o Axogum (responsável pelos sacrifícios rituais). Na Umbanda, desempenham também um papel essencial na condução das cerimônias e na conexão espiritual.

⁶ O termo *adoxo* refere-se àquele que é iniciado para receber o orixá pela cabeça e manifestá-lo. O *adoxo* é um preparado que se deposita no *orí* do filho durante o processo iniciático, podendo, posteriormente, tornar-se babalorixá ou ialorixá.

cumprindo as obrigações de 14 e de 21 anos; a partir daí, terão o direito de fundar seu próprio terreiro, com a bênção e autorização do seu Babalorixá ou Ialorixá.

Seguindo a hierarquia, temos os *iyas*, que representam o grau mais baixo dentro da organização e devem manter uma postura de maior obediência aos mais velhos. Sempre que entrarem no espaço sagrado, ao cruzar com um mais velho, devem pedir *agô* — licença para poder transitar no terreiro. Conforme Miranda (2001, p. 75):

Ao Iyawô (iniciado no Candomblé Ketú), lhes são revelados os fundamentos mais secretos ao longo do tempo. Na sua feitura, ele ficará recluso alguns dias (período que varia de sete a vinte e um dias, conforme sua nação) num lugar chamado Roncô ou camarinha, que consiste num quarto fechado, com algumas esteiras. Lá ele fica confinado e sob os cuidados de sua Ojúbonã (Mãe criadeira), que o auxiliará e ensinará alguns comportamentos durante o período da iniciação.

Embora o *iyawô* ocupe o grau mais baixo na hierarquia, é apenas por meio dele que se pode ascender às posições de Babalorixá ou Yalorixá⁷. Já os *ogãs* são considerados “pais”, e o posto de *ekede* possui importância similar dentro da hierarquia, porém nem um nem outro pode tornar-se pai ou mãe de santo.

Entre os graus hierárquicos do Candomblé, o mais elevado é o de Babalorixá e Yalorixá. Abaixo desse cargo encontra-se o *babakekerê*, ou *yakekerê*⁸, que significa “pai” ou “mãe pequena”, seguido pela *iyadagã*, que pode assumir a direção dos rituais na ausência do Babalorixá e Yalorixá. Essa também exerce papel coadjuvante no padé de Exu⁹ (Lima, 1977, p. 83).

Podemos citar outros cargos importantes dentro do terreiro, tais como: *iyamorô*, responsável pela cuia do padé¹⁰; *abajenã*, título dado à *ebome* mais velha da casa; *iyá tenin*, a “mãe da esteira”, responsável pelo cuidado dos iniciados durante seu recolhimento no quarto de santo; *ajimudá*, assistente do padé; *iyabassé*, responsável pela cozinha e pelas comidas oferecidas aos Orixás, que alimentam tanto os Orixás quanto o povo do terreiro, internos e visitantes; *iyatebexê*, puxadora de cânticos (também chamados de pontos); *iyafun* ou *babá*

⁷ A terminologia *babalorixá* e *yaleorixá* refere-se, respectivamente, ao pai e à mãe de santo.

⁸ São os segundos sacerdotes do axé ou da comunidade, responsáveis por auxiliar na condução dos rituais, orientar os iniciados e garantir a preservação das tradições. Esses cargos são fundamentais para a organização do terreiro, pois atuam como conselheiros e apoiam o *babalorixá* ou *yaleorixá* na administração espiritual e cotidiana do espaço sagrado.

⁹ A cerimônia que antecede a festa pública tem como objetivo oferecer Exu, para que ele leve a mensagem dos homens aos Orixás e para que tudo transcorra adequadamente durante a celebração.

¹⁰ A cuia do padé é um elemento essencial nas práticas religiosas de matriz africana, especialmente no Candomblé e em outras tradições afro-brasileiras. Nela são dispostos ingredientes como farinha de mandioca, dendê, mel, cachaça e outros elementos que compõem a oferenda a Exu. Esses elementos são preparados com zelo e posicionados estrategicamente em locais como encruzilhadas, portas de entrada ou pontos específicos dentro do terreiro, reforçando sua importância no contexto ritualístico.

efun, encarregados da pomba, responsáveis pelas pinturas feitas com o pó branco denominado efun (giz) nos iyawôs (iniciantes no culto aos Orixás) durante o ritual do batizado; e, finalmente, o cargo de ialaxé, substituto do Babalorixá ou Yalorixá. Segundo Lima (1977), o ialaxé é geralmente um cargo de transição que ocorre após o falecimento de um pai ou mãe de santo.

Os cargos de iyaefun e ialaxé podem ser ocupados por homens, que então recebem as designações babaefun e babalaxé, respectivamente. Nesse contexto, cabe uma breve explicação sobre as ekedes: elas são escolhidas por um Orixá para dedicarem-se integralmente ao seu serviço. As ekedes possuem seu Orixá assentado, porém não manifestam, isto é, não incorporam. Situam-se numa hierarquia superior às iyawôs, estando no mesmo nível das ebomes. Diferentemente das iyawôs, as ekedes não passam pelo processo dos sete anos para alcançar a maioridade; assim como os ogãs, atingem sua condição com apenas um ano de obrigação.

A terminologia “ogã” é geralmente traduzida como “senhor”. Trata-se de um posto respeitado dentro da hierarquia, cujo titular não manifesta Orixá, sendo chamado de “pai” e exercendo a função de protetor do terreiro, conforme informa Rodrigues (1935):

Os responsáveis e protectores do Candomblé. A perseguição de que eram alvos os Candomblés e a má fama em que são tidos os feiticeiros, tornavam uma necessidade a procura de protectores fortes e poderosos que garantissem a tolerância da polícia. A estes protectores que podem ser iniciados ou não, mas que ou acreditam na feitiçaria, ou têm interesse qualquer nos Candomblés, dão elles em recompensa o título e as honras de ogans (Rodrigues, 1935, p. 70).

Observa-se que as funções e atribuições dos ogãs não se restringem apenas ao papel de protetores, pois eles também são responsáveis pela musicalidade dentro do terreiro. Sua função principal é tocar os atabaques e auxiliar a Babalorixá ou Yalorixá nos fundamentos da casa. No Candomblé, as funções não se resumem a cargos ou títulos formais; o mais importante é aplicar na vida cotidiana os valores ensinados, como amor, respeito ao próximo e caridade. Os cargos podem ser conferidos a qualquer pessoa, seja ogã, ebome, filho de santo rodante (que incorpora) ou não rodante (que não incorpora).

Além dos cargos já citados, destacam-se os três oiês, a saber: pejigã, axogun e alabê. São cargos masculinos de grande importância no terreiro, como observado nas considerações de Lima (1977, p. 93): “o pejigã se dedica ao peji, o quarto de santo onde estão os assentamentos de todos os Orixás; diz-se que o pejigã pode substituir o babalorixá quando necessário.” O axogun é o “homem da faca”, cargo fundamental dentro do Candomblé, pois ele é responsável pelos sacrifícios nos rituais. Deve ser necessariamente um homem e não

pode ser rodante; em geral, é um filho de Ogum. O uso da faca para sacrifícios não é atribuição das mulheres. Já o alabê é responsável pelos instrumentos musicais do Candomblé. Ele precisa saber tocar e entoar todos os toques e cânticos necessários para o bom andamento das festas e rituais. Deve estar atento aos sinais do Babalorixá ou Yalorixá, que podem comandar determinado ponto, puxar outro ou indicar quantos quiserem. Durante as festas, convidados ou pessoas de destaque podem solicitar licença para puxar um ponto, e o alabê deve reconhecer e executar o ritmo correto da música.

Quanto aos instrumentos musicais, estes são sacralizados e consagrados, não podendo ser utilizados para fins alheios aos religiosos; pessoas não autorizadas não podem tocá-los ou manuseá-los. Um exemplo é o adjá, conforme ilustrado na Figura 4. Trata-se de um instrumento de metal formado por uma, duas ou três sinetas com badalos. A destinação do adjá a determinado Orixá é identificada pelo material: os de ferro são consagrados para Exu e Ogum; os dourados, para Oxum e Logunedé; os prateados, para Iemanjá; os de cobre, para Xangô e Iansã, entre outros. Seu uso é restrito a pessoas de alta autoridade, que o utilizam para convocar os Orixás, que imediatamente respondem ao seu som.

Outro instrumento comum no culto é o agogô ou gã, conforme Figura 5, a seguir. É um instrumento de ferro composto por duas campânulas de tamanhos diferentes, produzindo sons variados.

Figura 4 - O Adjá



Figura 5 - O Agogô ou Gã



Fonte: Siqueira (1995).

Temos ainda os aguidavis (Figura 6), que são pequenas varas feitas de madeira de goiabeira ou ipê, utilizadas para tocar os atabaques. Os atabaques, por sua vez, são tambores altos e de formato cilíndrico, recobertos com couro de animal, como pode ser observado na Figura 7:

Figura 6 - Os Aguidaví**Figura 7 - O Atabaque**

Fonte: Siqueira (1995).

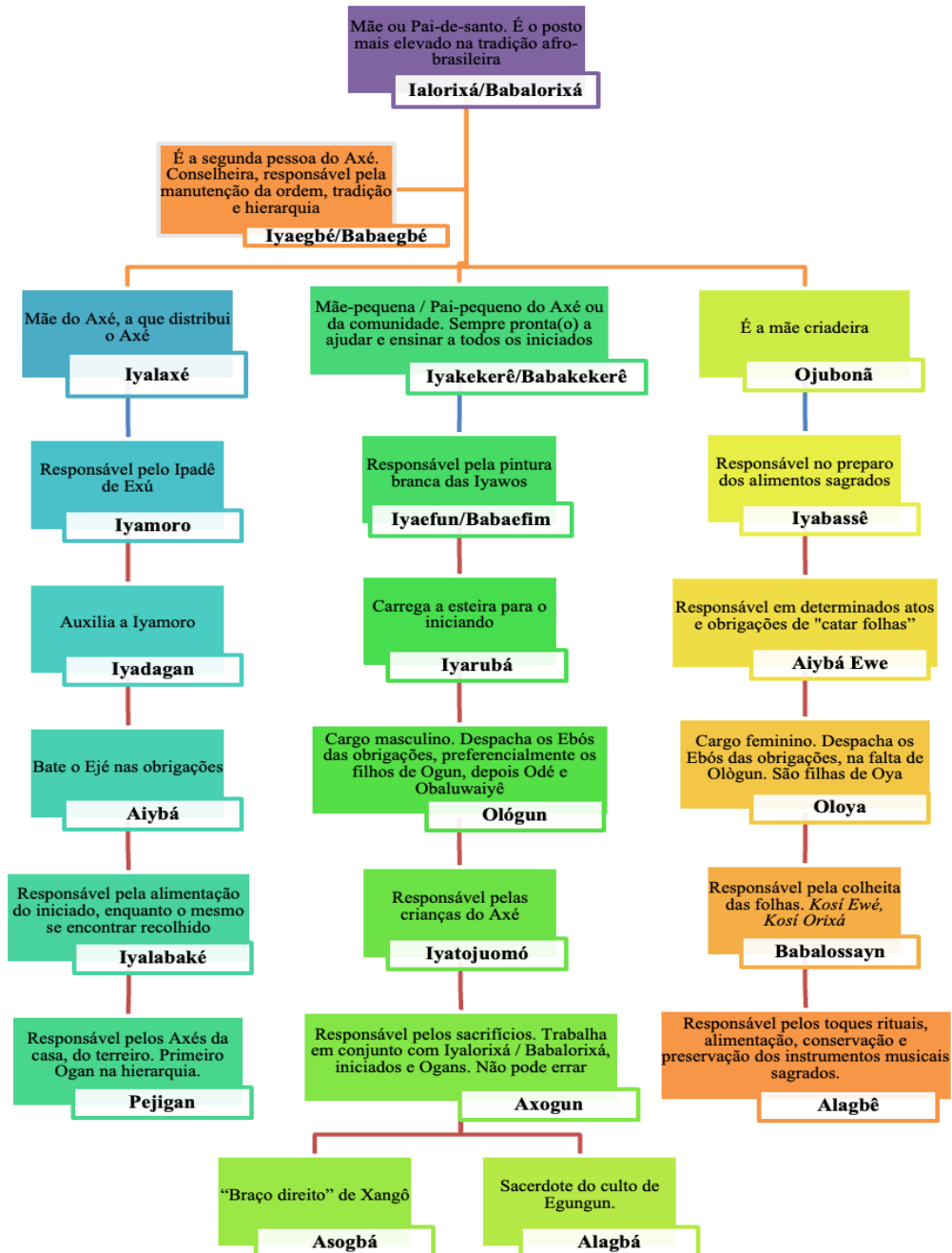
Já o assanguê, conforme ilustrado na Figura 8, é um tipo de chocalho confeccionado a partir da cabaceira. Trata-se de um instrumento utilizado para a marcação do ritmo. Existem muitos outros instrumentos musicais empregados nos rituais, os quais, no entanto, não serão abordados em profundidade neste trabalho.

Figura 8 - O Assanguê

Fonte: Siqueira (1995).

Cada casa de culto possui suas próprias hierarquias, cargos, cantigas, entre outras particularidades. O fundamental é respeitar as normas de cada casa, sem emitir julgamentos sobre o que é certo ou errado. Segundo Beniste (1997, p. 230), é possível esquematizar os cargos e a hierarquia dentro de um Terreiro de Candomblé da seguinte forma, conforme apresentado na Figura 9:

Figura 9 - Hierarquias dos cargos dentro do Terreiro de Candomblé



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Compreender os cargos e funções do Candomblé nos permite visualizar a estrutura que organiza os Terreiros e suas práticas. Agora, para aprofundar o conhecimento sobre essa rica tradição, é essencial conhecer os Orixás e suas características. Na próxima subseção, exploraremos suas personalidades, atributos, elementos de culto e significados dentro da

religião, fortalecendo a compreensão sobre o papel que desempenham na espiritualidade e na vida dos praticantes.

2.2 OS ORIXÁS E SUAS CARACTERÍSTICAS

As divindades, os Orixás cultuados no Candomblé, podem variar conforme a casa ou a tradição religiosa, o que dificulta a definição de um conjunto único e padronizado. De modo geral, podemos citar os 18 Orixás mais reverenciados; contudo, vale destacar que existem outros. Nesta tese, apresentaremos apenas esses dezoito, por uma questão de delimitação do corpus, considerando que, nos terreiros do Recôncavo da Bahia, o culto a esses Orixás é predominante. Ressaltamos que a narrativa a seguir é fruto da minha experiência enquanto pesquisador e praticante da religião.

Todos os Orixás estão sob a autoridade de Olodumarê, ou Olorun, dois dos nomes mais conhecidos do Deus supremo na tradição yorubá. Após a criação do mundo, Olorun delegou aos Orixás a responsabilidade sobre diferentes aspectos da natureza e da vida. Essas divindades, embora apresentem características semelhantes entre si, possuem personalidades, gostos e funções distintas. Cada Orixá tem suas músicas, vestimentas, cores, comidas ritualísticas, dias da semana, números e horários específicos para oferendas, entre outros elementos característicos.

Como exemplo, podemos citar o caruru de sete meninos, oferenda destinada aos Ibeji, que não deve ser servido às 12h. A oferenda deve ocorrer às 11h ou após as 13h, pois o meio-dia é tradicionalmente reservado para Exu. Às sextas-feiras, é costume vestir branco em homenagem ao Orixá Oxalá. Isso evidencia que a religião possui regras de conduta e dogmas a serem seguidos com rigor.

No que se refere aos Orixás, também existe uma hierarquia que determina sua ordem de culto, o que não implica uma valorização desigual entre eles, mas sim uma organização ritual e litúrgica. Todos os Orixás têm sua importância e devem ser igualmente respeitados.

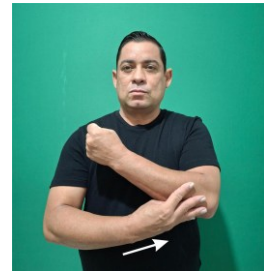
Dentre eles, Exu é o primeiro. Ele é o Orixá das encruzilhadas, o mensageiro que estabelece a comunicação entre o mundo espiritual e o mundo material. Considerado o princípio de todo o movimento, Exu é aquele que vai à frente, abrindo os caminhos. Suas cores são o vermelho e o preto, e sua função é zelar pela entrada das casas e espaços sagrados. É um Orixá “de fora”, cujo assentamento geralmente está posicionado na área externa dos terreiros, assim como os de Oxóssi, Ogum, Omolu, Ossaim e Iroko.

Exu pode ser compreendido como um grande aliado, dada sua proximidade com o ser humano. Para diversos autores, é o Orixá mais próximo da natureza humana, especialmente por representar a sexualidade, a fecundidade e a dualidade. É o senhor da fertilidade e da energia vital, simbolizado pelo ogó (cajado fático). Seu dia da semana é a segunda-feira.

A Figura 10 apresenta uma representação iconográfica do Orixá Exu.

Figura 10 - Orixá EXU

Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o Orixá
EXU



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Na sequência, vem o irmão de Exu: Ogum, também associado aos caminhos. De modo semelhante, é ele quem os abre e desbrava, sendo o pioneiro. Ogum é o Orixá da guerra, da tecnologia, da metalurgia e da força. Seu principal elemento é a espada, forjada com o ferro que ele próprio domina, sendo assim considerado o primeiro ferreiro da história sagrada.

Trata-se de um Orixá guerreiro, que se banha com o sangue de seus inimigos – símbolo de sua bravura e coragem. Ogum é enérgico, intenso, impulsivo, com personalidade firme e irascível. Os filhos e filhas desse Orixá costumam apresentar características físicas marcantes: corpos fortes, magros e rijos, refletindo a resistência e a força que o representam. Sua cor ritual é o azul escuro, e seu dia da semana é a terça-feira.

A Figura 11, a seguir, apresenta uma representação iconográfica do Orixá Ogum.

Figura 11 - Orixá OGUM

Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o Orixá
OGUM



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Logo após vem Oxóssi, o Orixá senhor das matas, reconhecido como o caçador por excelência. Aprendeu a arte da caça com seu irmão Ogum, que, após ensiná-lo, partiu pelo mundo para guerrear – atividade que mais lhe agradava. O nome original de Oxóssi é Odé, que, em yorubá, significa *caçador*. No Brasil, passou a ser conhecido como Oxóssi, nome que o consagrou nos cultos afro-brasileiros.

Oxóssi possui uma ligação especial com Oxum, com quem compartilha atributos de beleza, sabedoria e equilíbrio. É conhecido como o caçador de uma flecha só, pois nunca erra: sua flecha certa é suficiente para abater qualquer inimigo ou alcançar seu objetivo.

É um Orixá elegante, belo, refinado. Seus filhos e filhas costumam apresentar corpos magros, esbeltos e ágeis, características que refletem sua leveza e precisão. Sua cor ritual é o verde, mas também o azul claro. Sua ferramenta simbólica é o Ofã, o arco e flecha. O dia da semana consagrado a Oxóssi é a quinta-feira.

A Figura 12 apresenta uma representação iconográfica do Orixá Oxóssi.

Figura 12 - Orixá OXÓSSI



Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o Orixá
OXÓSSI



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Em seguida, temos o Orixá Ossain (também grafado Ossaiyn), pertencente à nação Jeje, originária da região do Daomé. Trata-se de um Orixá ligado às matas, que aprendeu com Oxóssi a viver nesse ambiente sagrado.

É reconhecido como o médico divino, o detentor de todo o saber medicinal das plantas. No Candomblé, há um ditado que resume sua importância: “*sem folha, não tem Orixá*”, pois é através das folhas (as ewés) que os Orixás manifestam seu poder e sua força. Ossain é o guardião dessas folhas sagradas, e somente ele conhece os segredos de cada uma.

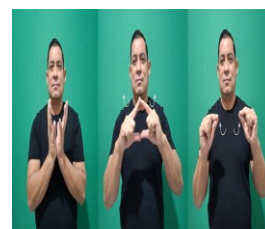
Sua cor ritual é o verde das matas, e o dia da semana consagrado a ele é a quinta-feira. O culto a Ossain reforça a importância de se cultivar, cuidar e respeitar as plantas, pois são utilizadas não apenas na cura de doenças, mas também para abrir caminhos, proteger, fortalecer e equilibrar o corpo e o espírito.

A Figura 13 apresenta uma representação iconográfica do Orixá Ossain.

Figura 13 - Orixá OSSAIYN



Sinal em Libras com
QR CODE do vídeo
para o Orixá
OSSAIYN



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Na sequência, temos o Orixá Logun Edé, tradicionalmente associado à riqueza, à beleza, à juventude e à dualidade de gênero. É filho de Oxum com Oxóssi, e herda dos pais não apenas características físicas e temperamentais, mas também aspectos simbólicos e espirituais. Sua cor principal é o azul claro, herdada de Oxóssi, mas também utiliza o amarelo dourado, característico de Oxum, formando uma paleta de azul-turquesa e amarelo, que o identifica visualmente nos rituais.

Logun Edé carrega o ofá (arco e flecha), como o pai caçador, e também o abebé (leque-espelho), símbolo da mãe, de quem herdou a ligação com as águas doces. Ele é o Orixá da caça e da pesca, transitando entre a floresta e os rios, representando a ambiguidade e a complementaridade dos elementos masculino e feminino.

No Brasil, é muitas vezes considerado uma manifestação híbrida entre Oxóssi e Oxum, dos quais herdou as qualidades, preferências alimentares e o temperamento, características que transmite a seus filhos e filhas espirituais. Seus descendentes podem apresentar traços de delicadeza, vaidade, mas também agilidade e precisão, refletindo essa herança ancestral dupla.

Recebe em oferenda animais sempre em pares, simbolizando o equilíbrio entre os opostos. Entre suas comidas preferidas estão o milho cozido com coco, peixes e frutas frescas. É saudado com a expressão “Lôssi Aro!”, e seu dia da semana é a quinta-feira, assim como o de seus pais.

A Figura 14 apresenta a representação iconográfica do Orixá Logun Edé.

Figura 14 - Orixá LOGUM EDÉ.

Sinal em Libras com QR CODE do vídeo para o Orixá LOGUM EDÉ.



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Outro importante Orixá é Obaluayê, pertencente à nação Jeje, amplamente conhecido como o Orixá da cura. Está ligado diretamente às doenças epidêmicas, especialmente à varíola e a todas as doenças de pele, sendo, portanto, também o senhor das enfermidades e da cura espiritual e física. Seu principal elemento ritual de cura é a pipoca, chamada de flores de Obaluayê, utilizada em rituais de limpeza espiritual. Com a pipoca, limpam-se o corpo e a alma das pessoas, retirando chagas, energias negativas e desequilíbrios espirituais. É, assim como Ossaiyn, considerado um dos grandes curadores do panteão afro-brasileiro.

Quando representado em sua forma mais idosa e sábia, é chamado de Omolu, nome que enfatiza sua conexão com a ancestralidade e o mistério da morte e da regeneração. Sua

vestimenta tradicional é feita de palha da costa (obi), que cobre completamente o corpo e o rosto. Essa cobertura representa tanto o respeito ao mistério do Orixá quanto a ocultação das marcas das doenças que ele carrega e cura. Suas cores são o preto e o branco, simbolizando a dualidade entre vida e morte, doença e cura. Seus filhos e filhas usam um colar característico chamado Ladigibá, feito de contas negras com detalhes em vermelho ou branco, dependendo da nação.

Seu dia da semana é a segunda-feira, mesmo dia dedicado a Exu, reforçando sua importância nas passagens entre mundos e na abertura de caminhos, não apenas espirituais, mas também de recuperação física e emocional.

A Figura 15 apresenta a representação iconográfica do Orixá Obaluaiê.

Figura 15 - Orixá OBALUAYÊ



Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o
Orixá OBALUAYÊ



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Em seguida, temos Oxumaré, um Orixá da nação Jeje, cuja simbologia está

relacionada ao arco-íris. É considerado o protetor do palácio de Xangô e representa a continuidade e a transformação, simbolizando o ciclo da vida. Oxumaré é visto como uma divindade que é homem e mulher simultaneamente, manifestando a dualidade e o equilíbrio entre opostos.

É representado por Dan, a cobra que morde o próprio rabo, conhecida como ouroboros, símbolo da eternidade e do ciclo sem fim. Seu dia da semana é a terça-feira. A Figura 16 apresenta a representação iconográfica do Orixá Oxumaré.

Figura 16 - Orixá OXUMARÉ.

Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o Orixá
OXUMARÉ



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Já Xangô, por sua vez, é o rei dos Orixás. Trata-se de uma divindade forte, robusta e sexualmente poderosa; é o grande conquistador de mulheres e reinos. Diz-se que ele roubou o trono de Ogum e sua esposa Iansã, que se tornou sua mulher preferida. Seus símbolos principais são o pilão e o oxé, um machado de lâmina dupla que representa a justiça. Seus pratos prediletos são preparados com carneiro, galo e quiabo, e seu brado é “Caô Cabiessi”. O trovão, elemento da natureza que lhe corresponde, reforça seu poder. Xangô é conhecido como o atirador de pedras que caem do céu, sendo o senhor da justiça.

Sua cor é vermelha e branca. Quando mortal, foi um rei poderoso. Entre suas esposas estão Obá, Iansã e Oxum. Seus filhos espirituais destacam-se em atividades relacionadas à política, justiça, negócios e burocracia. São bons dirigentes e líderes, conhecidos por serem teimosos, resolutos, glutões e gananciosos. O dia dedicado a Xangô é a quarta-feira.

A Figura 17 apresenta a representação iconográfica do Orixá Xangô.

Figura 17 - Orixá XANGÔ



Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o
Orixá XANGÔ



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Na sequência, temos Iroko, que originalmente era a árvore mais sagrada dos cultos na região da Iorubalândia. Com a transposição para o Brasil, Iroko tornou-se também um Orixá, manifestando-se nos seus filhos e filhas. Veste branco e, em algumas casas, é cultuado como ancestral da família de Xangô.

Ìrókò é o Òrìsà que habita na árvore gameleira branca, sendo dotado de grande generosidade e responsabilidade. Ele utiliza o ókó (lança) e o iko (palha-da-costa), conforme o odù Èjilá Seborà. Sua saudação é: “Ìrókò iná iso èro!” (Acalme-se, fogo!).

A Figura 18 apresenta a representação iconográfica do Orixá Iroko.

Figura 18 - Orixá IROKO



Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o
Orixá IROKO



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Em seguida, temos Nanã, que é a deusa maior da nação Jeje. É a dona da lama que

molda os corpos dos homens quando são criados por Oxalá. Tem uma ligação estreita com a morte, pois acredita-se que, ao morrer, o corpo deve retornar à terra, à lama, para Nanã.

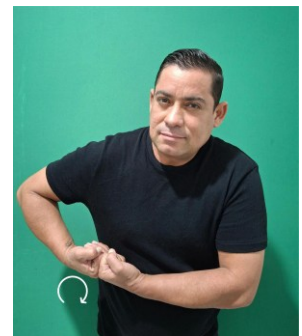
É um Orixá idoso, considerada a primeira esposa de Oxalá, embora tenha permanecido pouco tempo com ele. Seu dia da semana é o sábado.

A Figura 19 apresenta a representação iconográfica do Orixá Nanã.

Figura 19 - Orixá NANÃ.



Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o
Orixá NANÃ



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Depois temos Ewá, que também pertence à nação Jeje. É um Orixá feminino de infinita beleza. Ewá se veste de vermelho e é a dona da vidência e dos cemitérios. Seus filhos geralmente carregam o dom da vidência. É considerada a deusa das fontes e guardiã de segredos mantidos dentro de uma cabaça chamada adô, que é seu símbolo. Também é

representada por uma cobra metálica. É saudada com o cântico Rirró e suas oferendas incluem cabra, feijão-preto com ovos cozidos e banana-da-terra frita no azeite-de-dendê.

Os descendentes espirituais de Ewá, que são raros, costumam ser ótimos pais e mães, mas são pessoas misteriosas e desconfiadas, às vezes consideradas perigosas, que se queixam, com razão, de serem pouco compreendidas. Suas cores são vermelhas, terracota e rosa, e seu dia da semana é o sábado.

A Figura 20 apresenta a representação iconográfica do Orixá Ewá.

Figura 20 - Orixá EWÁ



Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o
Orixá EWÁ



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Na sequência, temos Iyemanjá, a rainha do mar, mãe cujos filhos são peixes, como

indica a tradução do seu nome. É sincretizada com a sereia. Veste azul claro e branco. Seu instrumento de identificação é o abebé, um tipo de leque-espelho. Iyemanjá é a mãe provedora de alimentos. Os filhos e filhas espirituais de Iyemanjá são bons pais e boas mães, sempre superprotetores. Seu maior defeito é falar demais; são incapazes de guardar segredos. Sua saudação é Odoiá. Iyemanjá recebe em oferenda ovelha, pata e peixe, além de arroz e canjica. Usa as cores branco e azul-claro, e seu dia é o sábado.

A Figura 21 apresenta a representação iconográfica do Orixá Iyemanjá.

Figura 21- Orixá IYEMANJÁ



Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o Orixá
IYEMANJÁ



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Dando seguimento, vem Oxum, um Orixá de grande beleza. É dona do ouro, de toda

riqueza, dos rios e cachoeiras, de todas as águas doces. Seus filhos têm o dom de olhar nos búzios, pois Oxum aprendeu com Orunmilá, o Orixá da adivinhação. Sua cor é o amarelo ouro. Ela também usa o abebé. É, entre as mulheres, a maior das feiticeiras. Dona da gestação e do sangue menstrual, Oxum preside, junto com Oxalá, todo o processo iniciático. Também pode ser sincretizada como uma sereia.

Os filhos e filhas de Oxum são pessoas atraentes, sedutoras, manhosas e insinuentes. São orgulhosos de sua beleza, podendo ser vaidosos, atrevidos e arrogantes. Não gostam de pobreza nem de solidão. O símbolo de Oxum é um espelho em forma de leque, o abebé; sua saudação é Ora ieiê ô. Sua comida votiva inclui cabra, galinha e um prato feito com feijão-fradinho, camarão seco, ovo cozido e mel. Seu dia da semana é o sábado.

A Figura 22 apresenta a representação iconográfica do Orixá Oxum.

Figura 22 - Orixá OXUM



Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o Orixá
OXUM



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Em seguida, vem Iansã, a mulher guerreira, esposa de Xangô. Usa espada e sai para guerrear ao lado de Xangô. Teve muitos amantes, de quem aprendeu diversas coisas. Foi esposa de Ogum, que foi roubada por Xangô. É conhecida como Iyá mesan Orun – mãe dos nove espaços do Orun, o céu iorubá. Teve um filho em cada espaço do Orun e, por isso, pode circular livremente por eles.

Seu nono filho foi um egun – espírito de morto – o que faz de Iansã a mãe dos eguns, estando sempre presente para conduzir o espírito dos mortos ao lugar certo.

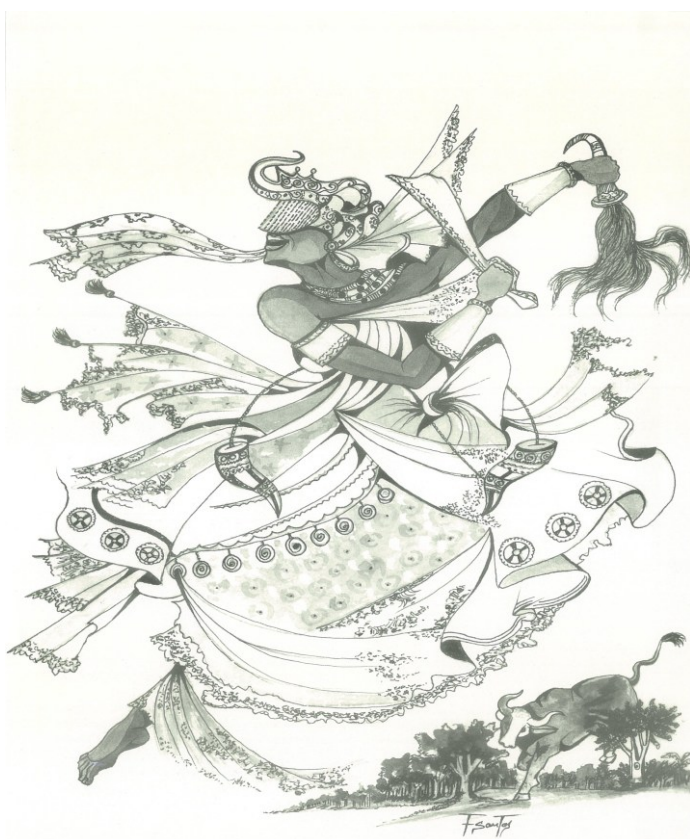
Sua cor é o vermelho, mas quando está ligada aos mortos, na qualidade de Balé, sua cor é o branco. Os filhos de Iansã são brilhantes, espalhafatosos e corajosos.

Iansã é simbolizada por uma espada e pelo eruquerê – um espanta-mosca feito de rabo de cavalo, usado para afastar os espíritos dos mortos.

Gosta de comer cabra e galinha. Seu prato predileto é o acarajé, bolinho feito de feijão-fradinho frito em azeite-de-dendê. É saudada nos Candomblés com o brado Eparrei e suas cores são marrons, vermelho e branco. Seu dia é quarta-feira, junto com seu marido Xangô.

A Figura 23 apresenta a representação iconográfica do Orixá Iansã.

Figura 23 - Orixá IANSÃ



Sinal em Libras com QR CODE do vídeo para o Orixá IANSÃ



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Obá é outra divindade guerreira. Alguns dizem que ela representa uma qualidade mais velha de Iansã. Obá veste vermelho. Conta-se que ela dança com uma mão na orelha – a orelha que ela mesma cortou. Obá queria descobrir o segredo de Oxum, que atraía tanto Xangô. Oxum lhe disse para preparar um prato de amalá com sua própria orelha, dizendo ser esse o segredo da sua sedução. Quando Xangô come o prato e vê a orelha de Obá, expulsa-a.

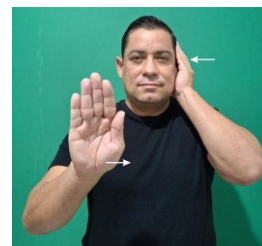
Protetora do lar, Obá transforma-se em guerreira quando necessário, tendo como símbolos a espada e o escudo. Suas filhas espirituais são ótimas cozinheiras e donas de casa, mas dizem que não têm muita sorte no casamento. São pessoas meticolosas, embora às vezes desastradas. Obá recebe oferendas de galinhas e cabras, e gosta muito de omelete e quiabo. Suas cores são vermelhas e amarelas-douradas. Sua saudação no Candomblé é Obaixi. Seu dia é quarta-feira.

A Figura 24 apresenta a representação iconográfica do Orixá Obá.

Figura 24 - Orixá OBÁ



Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o Orixá
OBÁ



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Também temos os Ibeji, que são meninos travessos e brincalhões. Eles podem trazer riqueza se devidamente ofertados. O primeiro menino ou menina nascidos após os gêmeos é

chamado de Idowu. Considerados protetores das crianças, os Ibeji são representados por bonecos e brinquedos. Comem caruru – prato preparado com quiabos cortados e fritos no azeite-de-dendê – além de gostarem de aves, bolos, balas e todo tipo de guloseima.

Sua saudação é Ebé Ibeji oro. Na festa anual dos Ibeji, comida, doces e brinquedos são oferecidos a todas as crianças. Seu dia da semana é o domingo. Os Ibeji são associados a todas as cores alegres.

A Figura 25 apresenta a representação iconográfica do Orixá Ibeji.

Figura 25 - Orixá IBEJI



Sinal em Libras com QR CODE
do vídeo para o Orixá IBEJI



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Oxalá é o mais elevado Deus dos iorubás, símbolo da cor branca e da pureza. Existem mais de 152 qualidades de Oxalá, embora poucas tenham sobrevivido na transposição para o Brasil. Duas dessas qualidades são mais conhecidas: Oxalufã e Oxaguiã.

Oxalufã representa a qualidade do Oxalá velho. Caracteriza-se por andar curvado, apoiado no seu Opaxorô, um cajado ritual que liga o céu e a terra. É um Orixá que caminha lentamente, com obstinação e, às vezes, teimosia. É paciente e pode perdoar repetidas vezes

as falhas dos filhos, mas quando castiga, seu castigo é considerado o mais severo entre os Orixás. Oxalá é corcunda, e seus filhos espirituais tendem a apresentar essa característica física. Ele é pai de todos os albinos e daqueles que nascem com defeitos físicos. Oxalufã veste-se completamente de branco e seu dia é a sexta-feira.

A Figura 26 apresenta a representação iconográfica do Orixá Oxalá.

Figura 26 - Orixá OXALÁ



Sinal em Libras com QR CODE
do vídeo para o Orixá OXALÁ



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Oxaguiã é a manifestação jovem de Oxalá, às vezes representado como menino, sempre guerreiro. Ele carrega uma espada e um pilão. Com a espada, trava suas batalhas; com o pilão, amassa seu inhame, que é sua comida preferida. Conta-se que foi o pilão que possibilitou a Oxaguiã guerrear, pois antes dele o inhame demorava muito para cozinhar. Oxaguiã é considerado o Orixá do progresso.

Sua cor é o branco com toques de azul claro, e seu dia também é a sexta-feira, assim como seu pai Oxalufã.

A Figura 27 apresenta a representação iconográfica do Orixá Oxaguiã.

Figura 27 - Orixá OXAGUIÃ

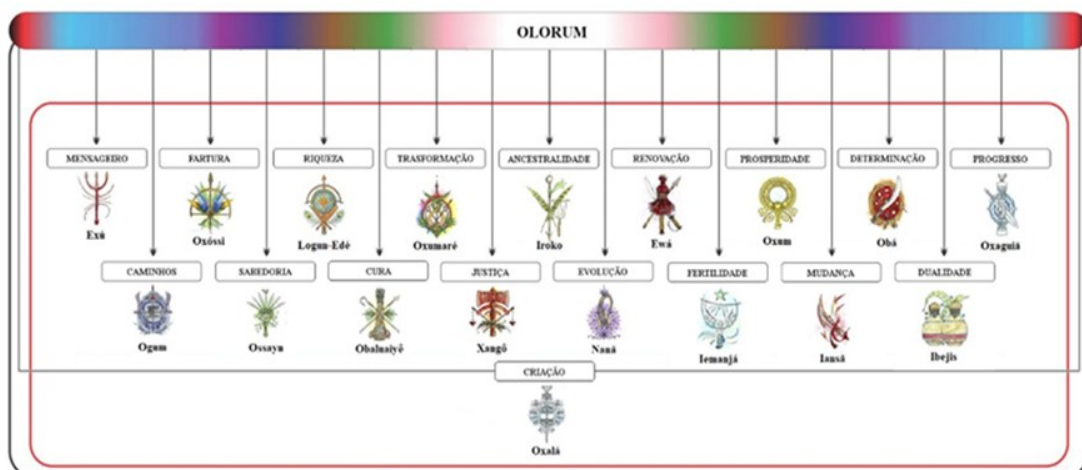
Sinal em Libras com QR
CODE do vídeo para o Orixá
OXAGUIÃ



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

Podemos sistematizar os Orixás e seus graus hierárquicos da seguinte maneira, conforme ilustrado na Figura 28:

Figura 28 - Os Orixás e seus graus Hierárquicos.



Fonte: elaborado pelo pesquisador.

A partir das informações apresentadas, na próxima subseção abordaremos a formação religiosa das pessoas surdas, bem como sua relação com o Candomblé, seus costumes e as características dos Orixás. Também exploraremos como a religião, de modo geral, é percebida pelas comunidades surdas, especialmente pelos surdos que frequentam os Terreiros de Candomblé do Recôncavo Baiano.

2.3 OS SURDOS E AS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS DO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO RECÔNCAVO DA BAHIA

O Brasil, um país de proporções continentais, é internacionalmente reconhecido pela diversidade dos povos que o habitam, sendo essa diversidade especialmente evidente nos aspectos culturais e identitários da nossa população. Diante de tamanha pluralidade humana, não surpreende afirmar que a dinâmica religiosa do nosso povo seja uma das mais amplas e complexas do mundo, abrigando múltiplas expressões que caracterizam o nosso processo de formação nacional. Esse processo é marcado pelo colonialismo europeu escravista, pelas diversas migrações e, sobretudo, pelo fenômeno da miscigenação étnico-cultural — uma questão que se tornou símbolo máximo da distinção cultural brasileira.

Nesse contexto, e considerando as complexidades da nossa formação cultural e religiosa, há muito a ser discutido sobre as diversas formas de expressões identitárias em vigor. Entretanto, em respeito ao recorte temático e metodológico deste trabalho, é necessário enfatizar pontualmente a relação da comunidade surda com o panorama religioso brasileiro. Como ressalta Guedes (2013), a comunidade surda representa um contingente numérico significativo no Brasil, fato que evidencia a urgência de que essa parcela da população receba atenção investigativa singular, visando a compreensão adequada de suas particularidades enquanto sujeitos integrantes da riqueza viva do nosso país.

De acordo com o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas IBGE (2010), o percentual da população brasileira com deficiência constatou que 23,9% da população apresenta pelo menos uma das deficiências, sendo a auditiva representada por 5,1%. Destaca-se que existe, aproximadamente, 9.730.000 pessoas com “deficiência auditiva” no Brasil (Guedes, 2013, p. 17)

Interessa-nos destacar o trabalho de Guedes como uma contribuição importante para os estudos incipientes sobre a vida cultural das pessoas surdas, especialmente no que diz respeito ao aspecto religioso que permeia essa comunidade. Assim, para além das simples

quantificações, o estudo de Guedes (2013) nos auxilia a compreender que a comunidade surda representa um contingente significativo de brasileiras e brasileiros, devendo ser reconhecida como uma parcela substancial e importante da nossa nação.

É fundamental atentar para a distinção sutil, mas relevante, apontada por Guedes (2013) acerca do uso do termo “deficiência auditiva”. Essa expressão reforça uma concepção biomédica da surdez, associando-a à ideia de limitação ou ausência, o que contraria a perspectiva adotada neste trabalho. Compreendemos a Língua Brasileira de Sinais como um componente linguístico legítimo e culturalmente significativo na constituição identitária da população surda. Longe de representar uma deficiência, a Libras configura-se como uma alternativa ao modelo hegemônico de comunicação, expressando uma forma distinta e plena de existência linguística e cultural.

Nesse sentido, entendemos que a população surda é atravessada por uma cultura própria, manifestada de maneira pulsante por meio da Libras. Essa cultura não apenas amplia a diversidade cultural brasileira, mas também ressignifica valores e práticas sociais, inclusive no âmbito religioso – foco central desta investigação.

Inicialmente, faz-se necessário destacar a relação da comunidade surda com as igrejas protestantes, especialmente a Luterana, visto que estas foram as primeiras a estruturar um projeto efetivo de evangelização por meio da Libras. Essa informação é ressaltada no texto de pós-doutoramento “A constituição da Língua Brasileira de Sinais: considerações sobre a missão protestante com surdos”, do pesquisador César Augusto de Assis Silva (2014).

A evangelização de surdos foi redefinida na passagem dos anos 1970 e 1980, processo fundamental para a constituição da surdez como particularidade linguística. Destaca-se a atuação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, em Porto Alegre, sobretudo seu vínculo com a Escola Especial Concórdia – Centro Educacional para Deficientes Auditivos, fundada em 1966. No início dos anos 1980, luteranos publicaram o livro *Linguagem de Sinais do Brasil* (Hoemann, Oates & Hoemann, 1983), que neste artigo tomo por objeto, quando afirmaram, de modo pioneiro, o pleno estatuto de língua da comunicação atribuída aos surdos, a qual, naquele momento, nomeou como *Linguagem de Sinais do Brasil* (Silva, 2014, p.1).

Como apontado nas reflexões de Silva (2014), o processo de letramento dos surdos realizado pela Igreja Luterana baseava-se na lógica do acolhimento por meio da evangelização, convertendo a religião protestante em um veículo para a transmissão do saber institucional da língua de sinais e, conseqüentemente, da formação religiosa desses indivíduos, cuja educação estava diretamente vinculada aos valores daquela instituição.

Observa-se que, nesse processo de letramento da comunidade surda pela instituição protestante, as dimensões educacional, cultural e, sobretudo, religiosa estavam

intrinsecamente relacionadas, pois, naquele contexto, o aprendizado normativo da língua se associava à assimilação dos valores culturais e espirituais dos luteranos, fazendo com que essa parcela da comunidade surda se tornasse, por consequência, luterana.

Ao analisar a relação entre fé religiosa e saber linguístico normativo, torna-se possível afirmar que a dimensão religiosa dessas pessoas surdas estava diretamente vinculada à necessidade, ou mesmo ao desejo, de obter educação formal na língua de sinais, situando a língua e a religião no mesmo plano.

É fundamental reconhecer o papel normatizador desempenhado pelos grupos luteranos na consolidação da Libras como um sistema linguístico efetivamente reconhecido. No entanto, ao revisitar o caráter dogmático da atuação dos jesuítas portugueses junto às populações indígenas do território que viria a ser o Brasil, evidencia-se um processo de repressão às expressões subjetivas dos sujeitos surdos daquele contexto histórico. A aprendizagem da língua de sinais, embora permitida, era condicionada a um direcionamento alinhado aos princípios da fé cristã-protestante, configurando-se como uma forma de alfabetização voltada à doutrinação, e não à emancipação. Sob essa perspectiva, podemos compreender essa prática à luz da crítica de Paulo Freire (1996), segundo a qual ensinar sem libertar é negar a verdadeira função transformadora da educação.

Nessa direção, é inegável a afirmativa de que a vinculação entre o saber institucional e o direcionamento religioso constrói uma zona prisional onde o sujeito – considerando as especificidades de ser surdo – não encontra alternativa para se desvencilhar dessa normatividade religiosa, pois, longe de uma esfera isolada, o religioso está diretamente relacionado ao social, configurando um espelho contundente deste, conforme se observa na citação de Durkheim (1983) que segue:

A religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, elas devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: elas também devem ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo (Durkheim, 1983. p. 21).

Durkheim é categórico ao enfatizar que a expressão religiosa nasce e se desenvolve a partir das práticas sociais. Assim, percebe-se que a associação específica entre o valor religioso e o conhecimento institucionalizado impõe ao sujeito severas dificuldades para afirmar sua subjetividade eletiva, determinando uma única modalidade de fé como a via exclusiva para expressar seu pertencimento à coletividade.

Entretanto, a história da educação seguiu seu curso, e a comunidade surda conquistou um rompimento progressivo entre o ensino da língua de sinais e o contexto religioso institucionalizado. Esse distanciamento possibilitou que pessoas surdas experimentassem a fé de modo mais autêntico, alinhado à sua subjetividade e identidade cultural. Trata-se de um avanço significativo que representa não apenas uma conquista da comunidade surda, mas também uma transformação na forma como as religiões se percebe e se reorganiza, caminhando para práticas mais inclusivas. Tal movimento conduz à reavaliação das estruturas de acolhimento dos fiéis – neste caso, os fiéis surdos – promovendo maior abertura à diversidade linguística e cultural no espaço religioso.

Voltamo-nos agora à presença do sujeito surdo no contexto das religiões não cristãs, com ênfase nas religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé. É fundamental destacar o caráter íntimo, reservado e comunitário desses cultos, que, ao contrário das tradições cristãs, não têm como objetivo principal a conversão de não adeptos. Nessas religiões, o pertencimento religioso se constrói por meio de um processo iniciático que exige sacrifícios, dedicação e vivências pessoais, tornando o sujeito digno de acolhimento no seio da comunidade.

Nesse sentido, considerando que tais religiões não adotam práticas proselitistas, surgem desafios específicos para a acessibilidade do sujeito surdo a esses contextos de fé. Como é amplamente reconhecido, grande parte dos saberes que estruturam os cultos de matriz africana é transmitida oralmente, sem mediação de registros escritos. A transmissão do conhecimento ocorre de forma ancestral entre os membros da comunidade, preservando o caráter sagrado, confidencial e iniciático desse legado. Essa dinâmica dificulta o acesso das pessoas surdas, especialmente na ausência de mediação linguística adequada por meio da Libras, tensionando os limites entre tradição, oralidade e inclusão.

Considerando essa complexa relação dos sujeitos surdos com as religiões de matriz africana, os pesquisadores Sérgio Maurício de Oliveira Junior, Silvio Santiago-Vieira e Jakson dos Santos Ribeiro, no texto *Identidade religiosa do médium surdo no Terreiro de Mina – Jeje Nagô Huevy em Belém – Pará* (2018), caracterizaram aspectos significativos do processo iniciático dos sujeitos surdos na crença de matriz africana, destacando os elementos estéticos, comunicativos e ritualísticos envolvidos na busca pela integração do surdo na localidade onde exerce sua fé. Assim, os pesquisadores afirmam que:

Para estudar esse fenômeno, foi necessário primeiramente, compreender o indivíduo Surdo de acordo com a perspectiva visual, pois essa reflete e molda formas de entendimento acerca dos seus aspectos socioculturais. Nessa perspectiva, esse

elemento se tornou o meio do contato direto com o indivíduo pesquisado e também outros Surdos. Além de servir como ponto de partida para a compreensão sobre o outro, baseada na alteridade, para conhecer as diferenças entre ouvintes e surdos. (Oliveira Jr. et. al, 2018, p 100-101).

Inicialmente, é fundamental reconhecer a estratégia de compreensão integrativa observada pelos pesquisadores para analisar os meios utilizados pelos surdos para se locomoverem no espaço do terreiro, estratégia essa que se apoia na exploração da potência visual – característica que os distingue dos sujeitos ouvintes. Dessa forma, compreendemos que há um gesto de transformação da lógica ritualística do terreiro que, com o objetivo de incluir os surdos, passa a valorizar a dimensão visual dos procedimentos religiosos como algo de maior importância, promovendo um processo de acolhimento fraterno e não hierárquico.

Ainda acerca da dimensão comunicativa no ambiente do terreiro, os pesquisadores sinalizam que:

O médium Surdo utiliza a Língua Brasileira de Sinais, mas também utiliza a leitura labial e a modalidade escrita, com ressalvas, para a tentativa de comunicação com os indivíduos ouvintes do âmbito religioso. Ele está inserido no terreiro de mina desde 2004 e já completou todo o seu processo iniciático, onde em um determinado período realizou a “feitura” dos três Orixás (Ogum, Iemanjá e Xangô) e finalizou esse processo com a feitura da Tobossi (Oliveira Jr. et. al, 2018, p. 102).

Por se tratar de um estudo de caso, a referida pesquisa acompanhou a trajetória de um sujeito surdo durante seu processo de feitura em um terreiro de religião de matriz africana. Tal vivência revelou-se uma conquista coletiva, envolvendo tanto a comunidade surda quanto os membros ouvintes, que, em uma dinâmica dialógica, promoveram um movimento integrativo de natureza ética. Essa ética manifesta-se não apenas no ato de acolher, mas, sobretudo, no reconhecimento da singularidade do sujeito surdo e na construção de condições que viabilizem sua participação plena no processo iniciático, em consonância com os múltiplos aspectos de sua subjetividade e identidade enquanto pessoa humana.

À luz do exposto, compreendemos o processo iniciático do sujeito surdo no ambiente religioso por ele escolhido como uma ação profundamente transformadora, que desafia e desconstrói pensamentos rígidos e estereotipados que historicamente o associam à condição indissociável de “deficiência”. Trata-se, assim, de uma ruptura com o paradigma da subalternização, superando o estigma da incapacidade e afirmando a potência de sua presença como agente de fé, cultura e espiritualidade.

Compreendendo, com base nas célebres contribuições do indiano Homi Bhabha (1994), o estereótipo como um olhar fixo que visa congelar o sujeito em apenas um aspecto de

sua existência, rebaixando-o da condição de pessoa humana por meio do tolhimento de sua complexa potência criativa e subjetiva, torna-se possível afirmar que o processo de feitura do sujeito surdo na religião de sua eleição é um efetivo rompimento com as amarras das estereotipias, deixando claro que ele é plenamente capaz de exercer sua fé nos mais diversos ambientes socioculturais concernentes à nossa sociedade.

O Candomblé, a Umbanda e outras religiões de matriz africana são conhecidas por promoverem a inclusão e a diversidade. Todas as pessoas são bem-vindas nos terreiros, independentemente de sua origem étnica, orientação sexual ou classe social. No Recôncavo da Bahia, os surdos sempre se fizeram presentes nos terreiros, seja pelo fato de terem algum parente ou amigo, por uma necessidade espiritual, ou simplesmente por quererem estudar e conhecer profundamente a religião. Outros recorrem à religião por estarem desesperançados, já tendo passado por outros segmentos religiosos sem encontrar respostas para seus problemas, que podem ser de ordem econômica, psicológica, de saúde, amorosos, de intranquilidade, entre outros.

Ao buscar o Candomblé ou a Umbanda, alguns surdos acabam se identificando com a comunidade e seus hábitos e ali permanecem. Existem também aqueles que frequentam esses espaços apenas como visitantes. Embora o registro formal sobre a inclusão e a acessibilidade nos espaços religiosos de matriz africana seja algo relativamente recente, a inserção do surdo, entretanto, é algo antigo.

Não é possível determinar com precisão quando os terreiros do Recôncavo da Bahia começaram a acolher pessoas surdas em suas práticas religiosas. Contudo, observa-se atualmente a presença significativa de doze surdos atuantes como filhos e filhas-de-santo nesses espaços. À primeira vista, esse número pode parecer modesto; contudo, considerando o histórico de preconceito que ainda recai sobre as religiões de matriz africana tanto por parte da população ouvinte quanto da própria comunidade surda –, trata-se de um dado expressivo. Vale lembrar que, em grande parte, a formação religiosa de pessoas surdas no Brasil tem se dado sob forte influência de tradições cristãs e protestantes, frequentemente mediadas por intérpretes de Libras. O fato de que surdos estejam escolhendo caminhos religiosos distintos, como o Candomblé, revela um movimento relevante de abertura e reconexão espiritual, indicando uma busca por experiências de fé mais alinhadas às suas subjetividades, bem como uma valorização crescente da diversidade religiosa entre pessoas surdas.

Os sujeitos surdos expressam a necessidade de vivenciar sua religiosidade de forma plena, o que envolve, fundamentalmente, o acesso ao sagrado por meio de sua língua natural –

a Libras. No entanto, essa experiência nem sempre é possível. Muitas vezes, os interlocutores nos terreiros desconhecem a Libras ou, mesmo quando há intérpretes presentes, geralmente filhos ou filhas-de-santo que acumulam essa função, observa-se uma limitação no domínio do léxico e das terminologias específicas relacionadas ao universo do Candomblé. Essa dificuldade se deve, em grande parte, à escassez de pesquisas voltadas a essa tradição religiosa, bem como à ausência de materiais impressos que sistematizem esse vocabulário em Libras.

Em alguns terreiros, ainda se faz necessário iniciar o processo de aprendizagem da Libras pelos ouvintes, a fim de oportunizar maior troca de informações, experiências e conhecimentos aos filhos e filhas-de-santo surdos. Portanto, promover a inclusão dos surdos nos terreiros ainda representa um desafio. Para reduzir essa lacuna, durante esta pesquisa foram oferecidos palestras, workshops e eventos online às comunidades de terreiro, visando discutir a importância do uso da Libras nesses espaços. Também foi ofertado um curso básico de Libras voltado para essas comunidades. Além disso, incentivamos líderes religiosos e membros das comunidades de terreiro a aprenderem mais sobre a cultura surda, a fim de promover a inclusão. Para Dias e Vieira (2017), o surdo que participa do Candomblé precisa ter garantias linguísticas:

Por fim, verificamos como o surdo está inserido no rito e buscamos compreender as comunicações que emergem no seio do terreiro para com ele e o sagrado e entre ele e os membros ouvintes. Dessa forma, observamos que as religiões de matrizes africanas podem ser consideradas como uma religião de integração ou até mesmo de inclusão social, mas é preciso dar maiores condições de permanência destes indivíduos nestes espaços sagrados, a partir do uso da comunicação entre os membros em Língua Brasileira de Sinais – Libras com intuito de gerar maior acessibilidade para o Surdo. (Dias; Vieira, 2017, p. 28).

Enquanto religiões como o protestantismo e o catolicismo já dispõem de materiais específicos em Libras, tais como dicionários e glossários terminológicos voltados aos seus dogmas e preceitos, as religiões de matriz africana ainda carecem de recursos semelhantes. Quando existem, esses materiais são incipientes e insuficientes para abarcar a complexidade dos sistemas litúrgicos e doutrinários próprios dessas tradições. Como mencionado anteriormente, a oralidade constitui a base da transmissão de saberes no Candomblé e na Umbanda, sendo o conhecimento passado diretamente entre os membros da comunidade. Partindo dessa premissa, torna-se evidente que a simples presença de um intérprete de Libras ou a reserva de cadeiras nas primeiras fileiras dos rituais não garante, por si só, a inclusão plena da pessoa surda nesses espaços religiosos.

A crescente inserção de sujeitos surdos em terreiros do Recôncavo da Bahia tem levado

lideranças religiosas – Yalorixás, Babalorixás ou Zeladores – a desenvolverem estratégias para minimizar as barreiras comunicativas e ampliar o acesso aos ensinamentos e práticas religiosas. Uma das estratégias mais eficazes tem sido incentivar a participação ativa das pessoas surdas na vida do terreiro, desde as atividades litúrgicas até os afazeres cotidianos. Essa prática permite que os surdos experimentem, em nível sensorial e emocional, a vivência do sagrado, ampliando sua conexão com os Orixás e com a comunidade religiosa.

No Candomblé, a experiência religiosa é profundamente sensorial: os cânticos, os ritmos dos atabaques, os aromas e os perfumes compõem o ambiente sagrado e contribuem para o desenvolvimento espiritual dos médiuns ouvintes. No caso dos surdos, essa vivência também ocorre, embora de forma diferenciada. A vibração dos tambores é percebida principalmente pelos pés, estabelecendo uma conexão corporal com o som. É a partir dessa vibração que muitos médiuns surdos iniciam sua ligação com o Orixá, vivenciando, assim, manifestações espirituais genuínas.

Os elementos visuais também exercem papel central na compreensão e participação dos surdos nos rituais. A disposição espacial durante os cultos é organizada de modo que os surdos possam visualizar todos os participantes, favorecendo a interação, a apreensão dos ensinamentos e o acompanhamento dos rituais. O cotidiano do terreiro, tanto nas práticas litúrgicas quanto nas atividades comunitárias, é mediado pelos surdos por meio da Libras, língua pela qual expressam os conhecimentos adquiridos sobre seus Orixás e o funcionamento simbólico e espiritual do espaço sagrado.

A presença de pessoas surdas nas religiões de matriz africana ainda é pontual, mas tem crescido de forma significativa no Território de Identidade do Recôncavo. Uma das evidências desse crescimento é o fato de que diversos terreiros já contam com sinais específicos em Libras que os identificam. Com a circulação dos surdos nesses espaços, surgem novas necessidades comunicativas, e uma das estratégias para suprir essas demandas tem sido a nomeação dos terreiros, dos rituais e das divindades por meio da Libras. No processo de nomeação, os surdos recorrem, frequentemente, a elementos motivadores ligados ao espaço físico, como a arquitetura ou a localização do terreiro, ou a aspectos simbólicos e espirituais, como os Orixás que ali se manifestam. Dessa forma, estabelecem uma relação semiótica entre o sagrado e o território, construindo sentidos próprios e culturalmente situados.

Assim, evidencia-se que a língua – neste caso, a Libras – funciona como um instrumento de acesso ao conhecimento em diferentes campos, incluindo os estudos toponímicos, que serão abordados na próxima seção.

3. OS ESTUDOS TOPONÍMICOS EM LIBRAS NO BRASIL

Os estudos toponímicos em línguas orais no âmbito das ciências têm sua origem na Europa, mais especificamente na França. Marins (2024) apresenta um compilado do percurso histórico desses estudos, a partir do trabalho de Dick (1987), que destaca a importância dos primeiros trabalhos, como os de Auguste Longnon, em 1878, e Albert Dauzat, em 1922. No mesmo estudo, Dick (1987) também aponta pesquisas toponímicas desenvolvidas nos Estados Unidos, Canadá e em outros países.

Nomes importantes como Levy Cardoso e Theodoro Sampaio são pioneiros nos estudos toponímicos do Brasil (Dick, 1987). No entanto, foram os trabalhos de Carlos Drumond, na Universidade de São Paulo, que serviram de base para a ampliação desses estudos no país, conferindo maior visibilidade à pesquisa sobre nomes próprios de lugares.

Após Drumond, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick sistematizou e expandiu os estudos toponímicos, configurando-se como um divisor de águas nessa área e tornando-se uma das principais referências na temática. Marins (2024) destaca que, desde a década de 1980, Dick tem deixado importantes contribuições teórico-metodológicas, amplamente utilizadas para orientar e desenvolver pesquisas toponímicas em línguas orais no Brasil. Tais pesquisas têm alimentado diversos bancos de dados e Atlas Toponímicos em todo o território nacional. Como marco inicial, destaca-se o Projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB), criado e coordenado por Dick, com o objetivo de abranger todos os estados brasileiros, tendo como variante inicial o Projeto Atlas Toponímico do Estado de São Paulo (ATESP).

Sob a supervisão de Dick, surgiram outros projetos relacionados: o Projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul (ATEMS), vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e coordenado pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquendo; o Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (ATEMIG), vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra; o Projeto Atlas Toponímico do Paraná (ATEPAR), vinculado à Universidade Estadual de Londrina (UEL) e coordenado pela Profa. Dra. Maria Antonieta Carbonari de Almeida até 2004; o Projeto Atlas Toponímico do Tocantins (ATT) e o Projeto Atlas Toponímico de Origem Indígena do Tocantins (ATITO), ambos vinculados à Universidade Federal do Tocantins (UFT) e coordenados pela Profa. Dra. Karylleila dos Santos Andrade; o Projeto Atlas Toponímico do Estado do Maranhão (ATEMA), vinculado à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e coordenado pela Profa. Dra. Maria Célia Dias de Castro; o

Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira (ATAOB), vinculado à Universidade Federal do Acre (UFAC) e coordenado pelo Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa; e o Projeto Atlas Toponímico da Bahia (ATOBAB), vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e coordenado pela Profa. Dra. Celina Márcia de Souza Abbade.

Todos os Atlas citados descrevem a Toponímia a partir da perspectiva das línguas orais, com exceção do ATAOB, que contempla a Toponímia sob a perspectiva das línguas orais língua portuguesa ou indígenas brasileiras e da Libras.

Seguindo a cronologia dos estudos toponímicos bilíngues (Português – Libras), destaca-se que esse campo de investigação no Brasil teve início com os trabalhos de Souza Júnior (2012), pioneiro na abordagem da nomeação de lugares em Língua Brasileira de Sinais, por meio de uma perspectiva de Toponímia visual. Nesse estudo, o autor analisou os sinais atribuídos a nomes de cidades de 16 estados brasileiros. Paralelamente, Aguiar (2012) desenvolveu uma pesquisa voltada para a descrição e análise da classificação dos sinais correspondentes aos nomes de lugares presentes no Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (DeitLibras), de Capovilla e Raphael (2009).

Posteriormente, a pesquisadora surda Bezerra (2015; 2016) aprofundou a análise dos sinais toponímicos relacionados ao estado do Acre, descrevendo estruturalmente os sinais atribuídos às cidades acreanas. Na continuidade desse percurso, Alemão (2017) iniciou o desenvolvimento de uma ficha lexicográfico-toponímica em formato digital, voltada para o registro e organização de dados em Libras, no âmbito do Projeto Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira (ATAOB). A partir dessas contribuições, Sousa (2018) propôs uma metodologia específica para a pesquisa toponímica em Língua Brasileira de Sinais, articulando uma proposta inicial de abordagem teórico-metodológica fundamentada nos estudos clássicos de Dick (1990, 1992) sobre Toponímia e nas descrições linguísticas de Libras desenvolvidas por Quadros e Karnopp (2004).

No ano seguinte, na Bahia, Barreiros (2019) desenvolveu o Estudo toponímico do Patrimônio tombado de Feira de Santana (BA), numa perspectiva bilíngue Português – Libras, em nível de pós-doutorado; Jesus (2019) defendeu a dissertação de mestrado intitulada *Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras*; e Ferreira (2019) defendeu a dissertação de mestrado *Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras*, ambas pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

As pesquisas realizadas por Barreiros (2019), Jesus (2019) e Ferreira (2019) foram pioneiras na Bahia e integram um projeto mais amplo — *Estudo bilíngue da Toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras* (UEFS-CONSEPE 044/2018) — coordenado pela Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, na UEFS. Durante o período de 2020 a 2022, a pandemia da Covid-19 no Brasil impactou significativamente o andamento das atividades previstas na agenda do projeto de pesquisa.

A partir de 2022, ampliou-se a abordagem do projeto inicial, que estava centrado em Feira de Santana, para abranger todo o estado da Bahia. Novas pesquisas foram concluídas, como a tese de doutorado de Marins (2024), *Estudo Toponímico Português-Libras das Unidades de Saúde de Feira de Santana-BA*; a dissertação de Dantas (2024), *Estudo toponímico bilíngue (Português e Libras) das instituições de ensino públicas e privadas de Feira de Santana*; e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Santos (2024), que realizou um *Estudo toponímico em Língua Portuguesa e em Libras das feiras livres de Feira de Santana (BA)*. Além disso, Santos (2022; 2023) desenvolveu, na Iniciação Científica, os planos de trabalho *Estudo toponímico dos distritos de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras* e *Estudo da motivação dos nomes das feiras livres de Feira de Santana-BA em línguas orais e Libras*, ambos vinculados à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

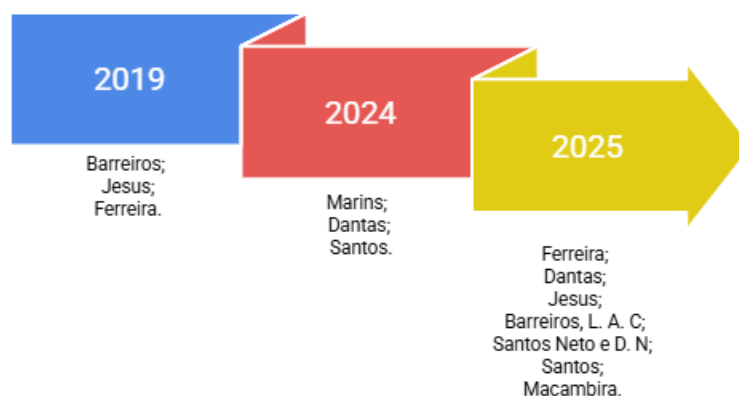
Até o momento, registram-se ainda duas teses em conclusão: Ferreira (2025), que investiga os 417 municípios baianos em Libras; e Jesus (2025), que se dedica ao estudo toponímico dos 420 terreiros do Recôncavo da Bahia. Essas pesquisas estão vinculadas ao Projeto Atlas Toponímico em Libras do Brasil (ATLIB), vinculado à Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e coordenado pelo Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa, em parceria com diversas instituições brasileiras, incluindo a UEFS. Ressalta-se que este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 88887625.1.0000.5013).

Entre as pesquisas em andamento, destacam-se as teses de doutorado de Emanuelle Dantas, que aborda a Toponímia urbana (línguas orais e Libras) de Salvador-BA; de Lidineia Barreiros, que desenvolve um estudo toponímico bilíngue (línguas orais e Libras) das praias da Bahia; e de Daniel Santos Neto, que realiza um estudo semântico-motivacional em línguas orais e Libras da Toponímia urbana da cidade de Itaberaba-BA. No nível de mestrado, encontram-se as pesquisas de Thaianne Macambira, voltada para o estudo toponímico bilíngue (Português-Libras) dos espaços de serviços públicos essenciais de Feira de Santana; e de

Caroline Santos, que investiga a Toponímia bilíngue (Português-Libras) das instituições religiosas de Feira de Santana-BA.

Os estudos sobre Toponímia bilíngue na Bahia têm apresentado um crescimento contínuo ao longo dos anos, como evidencia a Figura 29 a seguir. Esse avanço reflete o interesse crescente na relação entre os nomes de lugares e a diversidade linguística, contribuindo para um mapeamento mais inclusivo e representativo do estado.

Figura 29 - Panorama das pesquisas Toponímicas em Libras na Bahia



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os projetos em andamento na UEFS têm potencial para contribuir significativamente para a comunidade surda baiana, apresentando resultados práticos relacionados à sua língua e aspectos culturais, além de registrar sinais, o que assegura a preservação cultural, amplia o léxico e valida os sinais no meio acadêmico, conferindo-lhes formalidade.

As pesquisas toponímicas em Libras estão distribuídas por todas as regiões do Brasil, como exemplificam os trabalhos de Ferreira e Xavier (2019) sobre topônimos que nomeiam bairros de Curitiba-PR, e o estudo de Urbanski, Xavier e Ferreira (2019), que aborda topônimos em Libras de municípios do Paraná. Destaca-se também a pesquisa de Sousa (2019), que integra a análise dos sinais toponímicos atribuídos às cidades do Acre, propondo caminhos para o estudo da Toponímia em línguas de sinais e desenvolvendo um software educativo para o trabalho com Toponímia junto a surdos no Ensino Básico e Superior.

Nesse contexto, cabe salientar que, em 2019, o Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa realizou pós-doutorado sob orientação da Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros. Juntos, publicaram quatro artigos relevantes sobre o tema: *Toponímia em Libras: Tecnologia e ensino* (Sousa; Quadros, 2019a), *O web software Toponímia em Libras: pesquisa e ensino* (Sousa;

Quadros, 2019b), *Proposta de ficha Lexicográfico-toponímica digital para o estudo da Toponímia em linguagem de sinais* (Sousa; Quadros, 2019c) e *Toponímia em Libras: aspectos formais e motivacionais dos sinais toponímicos dos municípios acreanos* (Sousa; Quadros, 2019d).

Retomando a cronologia dos estudos toponímicos em Libras, a maioria é recente e encontra-se em expansão, como exemplificam Souza e Novodvorski (2020), que analisaram a origem motivacional dos sinais toponímicos do Estado de Goiás, fundamentando-se nas propostas de Dick (1990) e Souza-Júnior (2012). Esses autores examinaram as motivações para a criação dos sinais referentes a cinco cidades goianas: Caldas Novas, Catalão, Morrinhos, Goiânia e Três Ranchos. Ressalta-se ainda o estudo de Sousa e Barreiros (2020), que traçou um panorama histórico dos estudos toponímicos no Brasil, destacando outras pesquisas por meio de levantamento cronológico e utilizando a metodologia de Dick (1990; 1992) na perspectiva das línguas orais e Libras.

No mesmo ano, Santos (2020) apresentou o *Dicionário de sinais dos municípios do estado do Ceará*, em proposta bilíngue (Português e Libras), contendo sinais das 184 cidades cearenses em ordem alfabética. Para algumas cidades, há mais de um sinal, revelando variação lexical e fonológica. Na sequência, Chaibue (2020) desenvolveu um estudo sobre sinais em Libras atribuídos à cidade de Formosa-GO, constituindo seu corpus por pesquisas na internet e observações em interações com a comunidade surda do Distrito Federal e Goiânia. Partindo das pesquisas de Dick (1990) e Souza-Júnior (2012), Chaibue (2020) analisou a variação dos sinais referentes a Formosa.

Miranda (2020) realizou a descrição e análise dos sinais dos municípios do Tocantins, visando compreender o processo de criação dos sinais que nomeiam as cidades tocantinenses e, com base nas propriedades articulatórias e origem dos sinais, propor uma tipologia. A pesquisadora também identificou os fatores motivacionais para a criação dos topônimos em Libras selecionados.

Marcelino (2021) estudou a variação fonológica, morfológica e lexical dos topônimos das cidades acreanas, analisando 22 sinais municipais quanto a essas variações. Carmo (2021), por sua vez, analisou os aspectos formais e motivacionais dos sinais que nomeiam espaços urbanos, utilizando os estudos de Dick (1990, 1992) e Sousa (2018, 2019) para descrever os sinais fonomorfologicamente e classificá-los segundo a motivação taxionômica.

Ainda em 2021, Sousa descreveu e analisou os sinais que nomeiam os bairros de Rio Branco, capital do Acre. Esse estudo integra o Projeto Atlas Toponímico da Amazônia

Ocidental Brasileira (ATAOB), coordenado por ele na Universidade Federal do Acre (UFAC), cujo objetivo é estudar a Toponímia urbana e rural do Acre em línguas orais e de sinais. A pesquisa revelou que a maioria dos itens lexicais tem forte influência do português, sendo que a motivação principal advém dos letreiros dos ônibus que circulam pelos respectivos bairros.

Dando continuidade, Menezes (2021) estudou os antropônimos em Libras, analisando os sinais-nomes atribuídos aos ouvintes do curso de Letras Libras da UFAC. Paiva (2022) descreveu os sinais toponímicos em Libras que nomeiam 20 escolas de Rio Branco, destacando a forte influência do português na formação dos sinais.

Em 2022, Sousa lançou o livro *Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade*, que faz um recorte temporal das pesquisas realizadas entre 2012 e 2022. No mesmo ano, Souza (2022) analisou os sinais-nomes dos jogadores da seleção brasileira masculina, avaliando a estrutura formal e os aspectos semântico-motivacionais, enquadrando-se nos estudos antroponímicos e descrevendo detalhadamente as estruturas fonológicas e semânticas dos sinais selecionados.

Na UFAC, Teixeira (2022) tornou-se a primeira aluna surda a apresentar trabalho de conclusão de curso em vídeo-Libras, abrindo caminho para que outros surdos possam utilizar essa modalidade de apresentação. Teixeira analisou os sinais-nomes dos animais de estimação de surdos de diferentes cidades brasileiras, com enfoque na análise estrutural e nos aspectos semântico-motivacionais desses sinais. Esta pesquisa pioneira comprovou que a nomeação de animais de estimação em Libras constitui um processo onomástico semelhante ao observado para nomes de pessoas e lugares.

Também em 2022, Sousa e Quadros publicaram na revista *Sign Language Studies*, vinculada à Universidade de Gallaudet, nos Estados Unidos, o artigo *Toponymy in Libras (Brazilian Sign Language): formal and semantic motivational analysis of the signs that name the cities of Acre*, retomando os resultados da pesquisa de pós-doutorado de Sousa, realizada sob supervisão de Quadros. Chaibue (2022) apresentou estudo que descreveu e analisou os aspectos estruturais e motivacionais dos sinais onomásticos em Libras pertencentes à cidade de Formosa-GO.

Moreira (2023) apresentou um panorama dos estudos onomásticos em línguas de sinais desenvolvidos na UFAC, realizados por acadêmicos do curso de Letras Libras. Esses estudos abrangeram diversas áreas da Onomástica em línguas de sinais, com o objetivo de identificar e descrever as motivações semânticas e as estruturas dos sinais onomásticos em diferentes domínios, como antroponímia, Toponímia e paronímia. A pesquisa de Moreira

(2023) focou na Teonímia em Libras, por meio do estudo dos nomes de 10 Orixás do Candomblé, revelando a forte iconicidade dos sinais, que se relaciona diretamente com as características dos referentes a partir da forma dos nomes em Libras.

Sousa (2023), em sua tese para Professor Titular, investigou a Zoonímia em Libras, estudando como surdos entre 10 e 20 anos, residentes em Rio Branco (Acre) e Campinas (São Paulo), nomeiam seus animais de estimação. A pesquisa evidenciou que os aspectos físicos dos animais foram os principais motivadores para a criação dos sinais onomásticos. Além disso, o autor propôs categorias taxonômicas baseadas nos fatores motivacionais zoonímicos: zooanatômicos (motivados por características físicas), zooetológicos (motivados por características comportamentais) e zooextrínsecos (motivados por elementos externos aos animais).

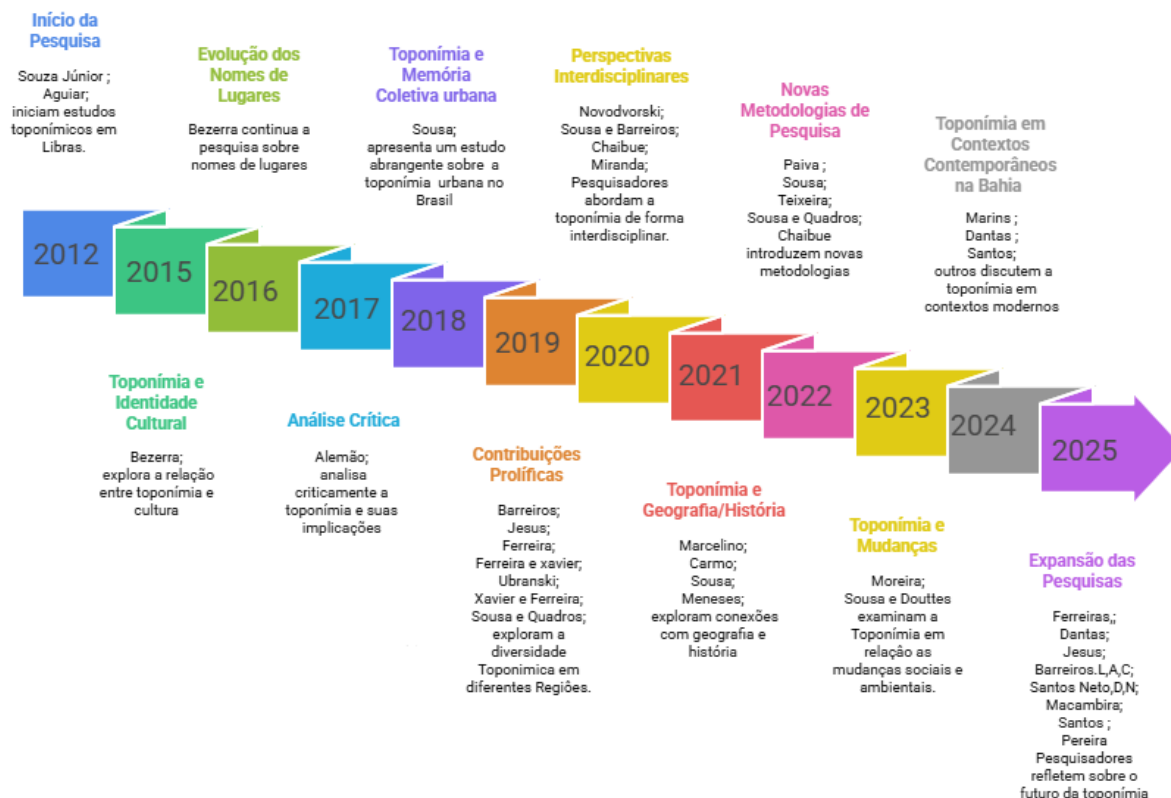
Ainda em 2023, Douttes conduziu uma pesquisa sobre Topônimos Bíblicos em Língua de Sinais, realizando levantamento, catalogação e análise da motivação linguística desses sinais. Souza (2023) desenvolveu uma pesquisa interdisciplinar envolvendo Toponímia, Libras e Linguística de Corpus, cujo objetivo foi investigar a materialização do léxico toponímico do estado de Goiás em Libras, por meio da coleta, descrição, análise e registro dos sinais toponímicos que nomeiam algumas cidades do estado.

Em 2025, Pereira realizou o estudo *Toponímia em Libras de Rondônia: Análise Formal e Semântico-Motivacional dos Nomes dos Municípios*, que teve como principal objetivo descrever as características formais e as motivações semânticas dos topônimos em Libras usados para nomear os municípios de Rondônia.

No mesmo ano, foi publicado o livro *Onomástica em Libras*, organizado pelo Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa, pela Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, pela Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros e pela Profa. Dra. Marianne Stumpf. Essa obra representa um marco nos estudos linguísticos da Libras, reunindo trabalhos de pesquisadores surdos e ouvintes de diferentes regiões do Brasil, abrangendo diversos subdomínios da Onomástica, como Antroponímia, Toponímia, Onionímia, Teonímia e Zoonímia.

É possível perceber o avanço gradual dos estudos sobre Toponímia em Libras ao longo dos anos, conforme apresentado na Figura 30 a seguir.

Figura 30 - Panorama das pesquisas Toponímicas em Libras no Brasil



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os estudos toponímicos em Libras enfrentam desafios específicos decorrentes da modalidade da língua. Um dos principais desafios diz respeito às classificações taxonômicas. Algumas das categorias propostas por Dick (1990), amplamente utilizadas na toponímia em língua portuguesa, nem sempre se ajustam à estrutura e à lógica da Libras, que opera em uma modalidade visuoespacial e apresenta mecanismos próprios de nomeação. Essa inadequação revela a necessidade de uma abordagem teórica que considere as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

Além disso, outro aspecto relevante que será discutido em seções posteriores refere-se à dupla motivação dos topônimos em Libras, que pode envolver tanto elementos visuais icônicos quanto referências culturais ou históricas. Essa complexidade exige uma análise que vá além da simples tradução dos nomes geográficos, contemplando os processos de criação, variação e uso dos sinais toponímicos no contexto da Libras.

No entanto, esses estudos têm impactos significativos para as comunidades surdas, pois, ao pesquisar e divulgar os nomes de lugares, contribuem para o fortalecimento da

identidade cultural e para a dinamização da comunicação. O conhecimento sobre os nomes das localidades também favorece a acessibilidade linguística e a inclusão.

Além disso, a forma como os pesquisadores têm documentado essas investigações desempenha papel fundamental na preservação cultural da comunidade surda. Os estudos toponímicos que envolvem línguas orais e línguas de sinais resultam na produção de materiais como livros, dicionários, glossários e diversos recursos didáticos amplamente utilizados.

Na próxima subseção, exploraremos os aspectos linguísticos da Libras e sua relevância para os estudos toponímicos, essenciais para promover uma comunicação eficaz e fortalecer os laços com a comunidade surda.

3.1 ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA LIBRAS

Durante muitos anos, os linguistas concentraram seus esforços em identificar elementos comuns entre as línguas de sinais e as línguas orais, tomando como referência os parâmetros das línguas orais e os universais linguísticos estabelecidos a partir dessas. No entanto, conforme observa Quadros (2004, p. 84), ao comparar as produções em Língua Portuguesa e em Libras, evidenciam-se diversas diferenças. A principal delas refere-se à modalidade: enquanto a Língua Portuguesa é uma língua oral-auditiva, a Libras caracteriza-se por sua natureza visual-espacial.

Nesse contexto, observa-se que as línguas de sinais emergem das experiências visuais das comunidades surdas, estruturando-se a partir de interações culturais próprias. Em contraste, a Língua Portuguesa fundamenta-se em elementos sonoros. As línguas de sinais apresentam uma sintaxe visual-espacial, que inclui o uso de classificadores, enquanto a Língua Portuguesa se organiza por meio de uma sintaxe linear, recorrendo à descrição verbal para expressar conceitos análogos aos classificadores.

Com base nessa distinção, é importante destacar que as línguas de sinais frequentemente adotam uma estrutura discursiva do tipo tópico-comentário, pouco usual na Língua Portuguesa. Além disso, uma das formas de produtividade na língua de sinais é o uso da repetição sistemática para dar ênfase ou estabelecer foco, recurso pouco explorado no português. Outro traço distintivo está no uso de referências anafóricas visuais: a língua de sinais estabelece pontos no espaço para retomar elementos do discurso, minimizando ambiguidades, ao contrário da Língua Portuguesa, onde a ambiguidade é mais frequente devido à ausência de marcações espaciais claras.

Ademais, a língua de sinais não apresenta marcação de gênero gramatical, o que contrasta com a Língua Portuguesa, onde o gênero é amplamente marcado, muitas vezes de forma redundante. No que se refere às expressões faciais, elas desempenham um papel gramatical essencial na Libras, sendo fundamentais para marcar sentenças, diferenciar significados e expressar intenções comunicativas. Na Língua Portuguesa, esse papel é atribuído à prosódia, que pode substituir ou complementar expressões faciais.

Seguindo essa linha de análise, evidencia-se que as construções gramaticais nas línguas de sinais diferem substancialmente daquelas presentes na Língua Portuguesa. Um exemplo ilustrativo é o termo “ateu”: enquanto, em português, a ideia é expressa por uma única palavra, em Libras o conceito é desdobrado em uma sequência de sinais que traduzem o enunciado “HOMEM-NÃO-ACREDITAR-DEUS”. Isso demonstra a estrutura composicional e visual da Libras, em oposição à linearidade e condensação lexical do português.

Figura 31 – ATEU.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Outro aspecto importante a ser destacado é que a escrita das Línguas de Sinais não segue um sistema alfabético, diferindo da estrutura da Língua Portuguesa. Utiliza-se um sistema próprio de escrita denominado *SignWriting*, conhecido popularmente como “escrita de sinais”. Esse sistema foi desenvolvido para registrar as línguas de sinais, permitindo sua representação visual de forma precisa e acessível. Naturalmente, existem muitos outros aspectos que as distinguem, os quais, devido à limitação de tempo e escopo, não exploramos aqui.

Seguindo essa linha argumentativa, pode-se afirmar que o campo dos estudos sobre as línguas de sinais ganha força e se transforma a partir da década de 1960, especialmente com as contribuições do linguista americano William Stokoe. A partir de seus estudos, os movimentos empreendidos por linguistas passaram a comprovar que as línguas de sinais são, de fato, línguas naturais. Nesse sentido, Quadros (1997, p. 119) afirma que a Libras é

reconhecida como uma língua natural, pois é adquirida espontaneamente por crianças surdas, sem a necessidade de treinamento formal ou ensino sistemático.

As pesquisas têm demonstrado que as línguas de sinais compartilham traços estruturais com as línguas orais, abrangendo domínios como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. O reconhecimento do estatuto linguístico das línguas de sinais é, portanto, inegável. A partir da década de 1990, ocorre uma mudança de perspectiva nos estudos linguísticos: o foco deixa de ser apenas a busca por elementos equivalentes entre línguas orais e sinais, voltando-se também para as especificidades e singularidades das línguas de sinais. Essa reorientação metodológica enriqueceu significativamente as teorias linguísticas.

Se anteriormente a principal questão era “Como a linguística se aplica às línguas de sinais?”, a pergunta passou a ser “Como as línguas de sinais podem contribuir para os estudos linguísticos?”. Essa mudança de paradigma foi fundamental, pois abriu caminho para novas investigações centradas nas línguas de sinais enquanto sistemas visuais-espaciais, valorizando suas características próprias e contribuindo para a ampliação do conhecimento linguístico em uma perspectiva mais inclusiva e plural.

Nesse sentido, Jesus (2019, p. 33–47) descreve alguns aspectos linguísticos da Libras, como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, reforçando assim seu estatuto como língua. Outro aspecto relevante das línguas de sinais diz respeito aos conceitos de arbitrariedade e iconicidade presentes em sua estrutura, além das questões ligadas à nomeação, que serão apresentadas a seguir. Como estamos tratando do campo semântico das religiões de matrizes africanas, utilizaremos exemplos em Libras voltados para esse contexto religioso.

3.1.1 Aspectos Fonológicos das Libras

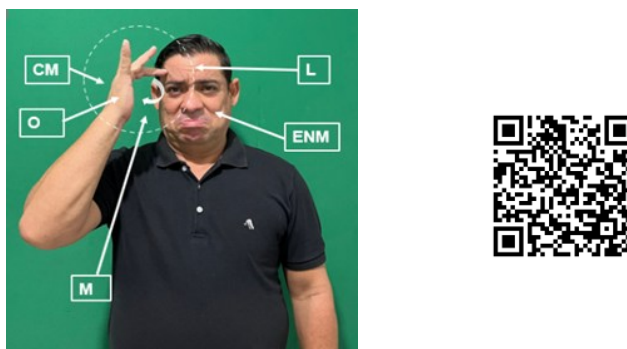
A fonologia pode ser definida como a área da linguística que estuda os sons de um idioma do ponto de vista funcional. Isso significa que ela os classifica em unidades capazes de distinguir significados (Quadros; Karnopp, 2004). A fonética, por outro lado, é descritiva, enquanto a fonologia é explicativa e interpretativa.

Quadros e Karnopp (2004) acrescentam que, na Libras, a fonologia corresponde à descrição das unidades mínimas que formam os sinais, as quais são: Configuração de Mão (CMs), Ponto de Articulação (PA) e Movimento (M). Outros parâmetros foram acrescentados em estudos posteriores, como os de Battison (1978, apud Quadros, 2019), incluindo a

Orientação (Or) e as Expressões Não-Manuais (ENM) — também chamadas de expressões faciais e corporais.

Vejamos, a seguir, a Figura 32, onde são apresentados os parâmetros formacionais da Libras.

Figura 32 - Parâmetros primários e secundários no sinal NÃO-SEI.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Nas reflexões de Quadros (2019), observamos que os princípios organizacionais da Língua de Sinais Americana (ASL) receberam a denominação de “quirema”, termo cunhado por William Stokoe ao estudar as combinações dessa língua. Para designar o estudo dessas unidades mínimas na ASL, Stokoe propôs o termo “quirológia” (do grego *cheir*, ‘mão’), considerando o caráter visual-espacial das línguas de sinais.

No entanto, diversos pesquisadores, como Crasborn (2012), Sandler e Lillo-Martin (2006), Sandler (1989), Battison (1978), entre outros, continuam empregando os termos tradicionais “fonética” e “fonologia”.

Apesar de, à primeira vista, esses termos parecerem inadequados ao contexto das línguas de sinais – por estarem historicamente associados às línguas orais –, este trabalho também os adota. Isso se justifica pelo entendimento de que “[...] ‘fonética’ e ‘fonologia’ referem-se aqui à área de estudos da linguística que se ocupa da identificação e descrição das unidades e traços mínimos de uma língua que não apresentam significado autônomo” (Quadros, 2019, p. 42).

No âmbito da fonologia das línguas de sinais, há duas restrições identificadas na produção dos sinais, conforme apontado por Battison (1978) e retomado por Quadros (2019, p. 42). A primeira é a restrição de simetria: quando um sinal é realizado com as duas mãos, é necessário que haja simetria entre elas – como no caso do sinal da Libras para o Orixá Ogum.

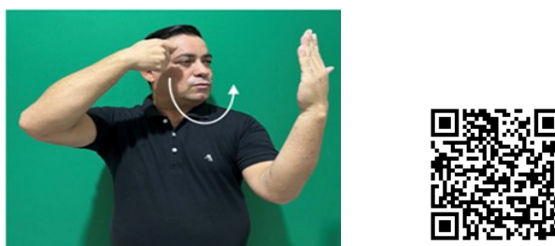
Figura 33 - Sinal do Orixá OGUM.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A segunda restrição refere-se à realização de sinais com uma mão dominante e outra não dominante, como, por exemplo, no sinal para o Orixá Oxum (Figura 34). Para comparar suas diferenças, cabe aos pesquisadores identificarem cada unidade mínima, utilizando os contrastes que evidenciam as variações formais responsáveis por mudanças de significado nos sinais.

Figura 34 - Sinal do Orixá OXUM.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

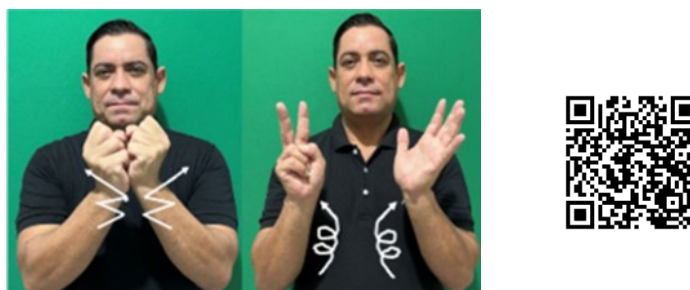
Quadros e Karnopp (2004) explicam que, ao longo das pesquisas linguísticas, prevaleceu o entendimento de que os parâmetros configuração de mão (CM), movimento (M) e locação (L) são “unidades mínimas (fonemas) que constituem morfemas nas línguas de sinais, de forma análoga aos fonemas que constituem os morfemas nas línguas orais” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 49). Ou seja, na Libras, o morfema é formado por fonemas representados pelos parâmetros CM, M e L, os quais, isoladamente, não carregam significado.

Esses parâmetros funcionam como os fonemas da Libras: unidades mínimas que, ao serem combinadas, formam morfemas com sentido. A combinação desses morfemas, por sua vez, configura os signos da Libras. A configuração de mão (CM) refere-se à forma que a mão assume durante a realização de um sinal, conforme apontam Ferreira-Brito (1995), Quadros e Karnopp (2004) e Xavier (2006).

Uma mesma configuração de mão pode ser utilizada em diferentes sinais, já que ela pode permanecer estática ou se modificar durante a articulação. Quando há alteração da CM,

ocorre um movimento interno da mão, essencialmente na posição dos dedos seleccionados. Um exemplo disso é o sinal para o Orixá Iansã.

Figura 35 - Sinal do Orixá IANSÃ.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Podemos observar, nas considerações de Ferreira-Brito (1995), que a Libras apresenta um total de 46 configurações de mão (CMs), compondo um sistema bastante semelhante ao da Língua de Sinais Americana (ASL), embora nem todas as línguas de sinais compartilhem o mesmo inventário de CMs. As configurações de mão da Libras foram descritas com base em dados coletados nas principais capitais brasileiras e organizadas verticalmente, de acordo com a semelhança entre elas. No entanto, ainda não há uma distinção clara entre CMs básicas e variantes.

Dessa forma, o conjunto identificado refere-se às manifestações de superfície – isto é, ao nível fonético – observadas na Libras. Com o avanço das pesquisas em línguas de sinais, novos inventários têm sido propostos. Um exemplo relevante é o trabalho do grupo de pesquisa do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que identificou 79 diferentes CMs, conforme demonstrado na Figura 36 a seguir.

Figura 36 - Configurações de mão proposta pelo grupo de estudos do INES.



Fonte: Quadros (2019, p. 55).

Outro parâmetro importante é o Ponto de Articulação ou Locação (L), definido como o local no qual os sinais são realizados. As principais locações incluem o corpo, a mão, a cabeça, o pescoço e o espaço neutro — este último refere-se à área à frente do sinalizador, onde não há contato direto com o corpo.

Esse parâmetro foi definido por Stokoe como um dos três principais aspectos formacionais da ASL (American Sign Language) e, por extensão, da Libras. Friedman (1977, p. 4) complementa afirmando que o ponto de articulação é a área do corpo — ou o espaço delimitado por ele — próximo à qual o sinal é produzido. Klima e Bellugi (1979, p. 50), por sua vez, retomam a definição de Stokoe ao descrever a locação como “o segundo dos principais parâmetros de sinais lexicais da ASL [...] o locus de movimento do sinal, seu ponto de articulação (PA)”.

Na Libras, assim como em outras línguas de sinais, o espaço de enunciação é uma área tridimensional que abrange todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos, onde os sinais são articulados. Sobre essa temática, Pizzio (2009) acrescenta que:

Na língua de sinais brasileira, assim como verificado na ASL (Siple, 1978), as relações gramaticais são especificadas através da manipulação dos sinais no espaço. As sentenças ocorrem dentro de um espaço definido na frente do corpo, consistindo em uma área limitada pelo topo da cabeça e estendendo-se até os quadris. O final de uma sentença na língua de sinais brasileira é indicado por uma pausa. A figura, abaixo ilustra o espaço de realização dos sinais na língua de sinais brasileira conforme Langevin & Ferreira Brito. (Pizzio, 2009, p.1).

A seguir, apresentamos a Figura 37, com os exemplos de sinais em Libras para os Orixás Iroco e Obaluaê, respectivamente.

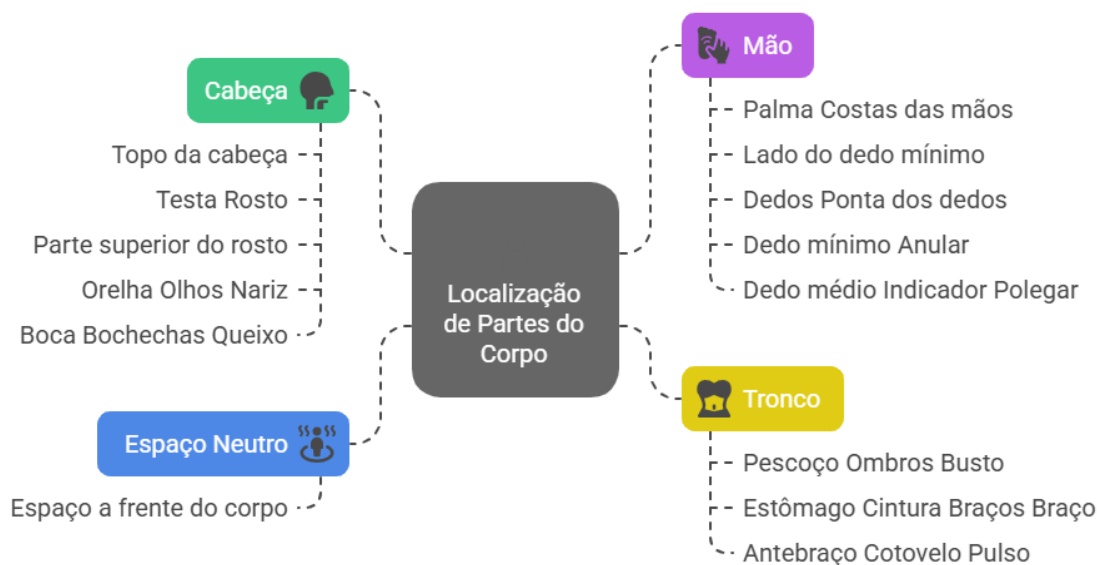
Figura 37 - Espaço de realização dos sinais IROCO e OBALUAÊ.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Desse modo, o espaço de realização dos sinais é considerado finito (Langevin; Ferreira-Brito, 1995). A partir desse espaço de enunciação, pode-se determinar um número também finito de pontos, denominados Locações (L) ou Pontos de Articulação (PA). Esse espaço de enunciação é concebido como ideal, no sentido de que se pressupõe que os interlocutores estejam posicionados face a face.

As locações descritas inicialmente por Friedman (1970) foram posteriormente adaptadas para a Libras por Ferreira-Brito e Langevin (1995). Essas locações estão divididas em quatro regiões principais: cabeça, mão, tronco e espaço neutro, conforme apresentado na Figura 38 a seguir.

Figura 38 - Locações – Localização.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Temos também o parâmetro Movimento (M), que se refere ao deslocamento da mão no espaço durante a realização do sinal. Esse movimento pode ocorrer nas mãos, nos pulsos ou nos antebraços, como aponta Ferreira-Brito (1990).

Os movimentos podem ser classificados de acordo com diferentes critérios:

- Direcionalidade: podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais;
- Maneira: diz respeito à qualidade, tensão e velocidade do movimento;
- Frequência: refere-se ao número de repetições do movimento em um determinado sinal.

Além disso, existem seis categorias principais de movimento, que se relacionam ao contorno ou às formas específicas assumidas pelas mãos durante a sinalização. Essas categorias podem ser observadas nos sinais apresentados no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Tipos de movimento na Libras.

TIPO DE MOVIMENTO	SINAL EM LIBRAS E QR CODE COM VIDEO.		
Retilíneo	ORIXÁ XANGÔ		

Helicoidal	ORIXÁ IANSÃ		
Circular	ORIXÁ OXÓSSI		
Semicircular	ORIXÁ OXUM		
Sinuoso	ORIXÁ IEMANJÁ		
Angular	ORIXÁ ORUMILA		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Em seguida, temos o parâmetro Orientação da Mão (Or). De acordo com Ferreira-Brito (1995, p. 41), "existem seis principais tipos de orientação da palma da mão em Libras: voltada para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda", durante a execução do sinal.

Essas variações de orientação são fundamentais para distinguir sinais e garantir a precisão na comunicação. As diferentes possibilidades de orientação estão ilustradas no Quadro 2, a seguir:

 	 
Palma da mão para cima como no sinal em Libras para GANZÁ ¹¹	Palma da mão para o corpo sinal em Libras para AXE ¹² .
 	 
Palma da mão para baixo como no sinal em Libras para YADAGAN ¹³ .	Palma da mão para frente no sinal em Libras para ALABÊ ¹⁴
 	 
Palma da mão para direita como no sinal em Libras para BERIMBAU ¹⁵	Palma da mão para esquerda como no sinal em Libras para PAIÁ ¹⁶

Por fim, temos os parâmetros secundários, que correspondem às expressões não manuais – faciais e/ou corporais – englobando movimentos da face, dos olhos, da cabeça e do tronco. Muitas vezes, esses elementos podem definir ou diferenciar significados entre sinais ou sentenças interrogativas, negativas, de concordância, topicalizações e referências específicas, além de distinguir itens lexicais. As expressões não manuais também podem funcionar como elementos prosódicos na Libras.

11 Ganzá: espécie de chocalho formado por um cilindro de metal contendo sementes ou seixos;

12 Axé: poder energia ou força presente em cada ser em cada coisa;

13 Yadagan: cargo feminino associado ao ritual do padê;

14 Alabê: cargo masculino destinado ao ogan responsável em entoar os cantos e instrumentos sagrados;

15 Berimbau: instrumento idiofone de origem banta que consiste num arco de madeira retesado por um fio de arame e com uma meia cabaça;

16 Paiá: tornozeleira de guizos usada dos qur partipam da dança do mocambique.

As expressões faciais e corporais são capazes de transmitir emoções como alegria, tristeza, raiva, amor, encantamento, entre outras, enriquecendo o sentido da Libras e, em alguns casos, determinando o significado de um sinal. Um exemplo disso são os sinais para os Orixás Omulu e Mariuô¹ (Felipe, 1988).

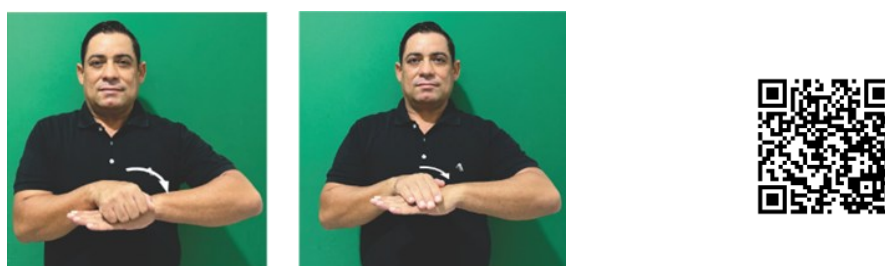
Figura 39 - Sinais em Libras para o Orixá OMOLU e para MARIUÔ.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Segundo Quadros (2019, p. 51-53), “uma das tarefas de um investigador de uma língua de sinais é identificar as configurações de mão, as locações e os movimentos que têm um caráter distintivo, constituindo pares mínimos”. Há sinais que, além de apresentarem expressões faciais diferentes, se opõem apenas em um parâmetro primário. Por exemplo, nos sinais ABIAXÉ² (CM: A) e NOITE (CM: 5 fechadas), a configuração de mão é distinta, porém o movimento (M), que é para frente, e a locação (L), espaços neutros na mão de apoio, são iguais.

Figura 40 - Sinais em Libras para ABIAXÉ e NOITE.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Há outros sinais que se opõem quanto ao movimento, como, por exemplo, os sinais para o Orixá ORUMILÁ (M: movimento angular repetido para frente e para trás) e o jogo de BÚZIOS (M: movimento semicircular para os lados). Ambos apresentam configuração de mão (CM) em “M” e “5”, respectivamente, e são realizados no espaço neutro.

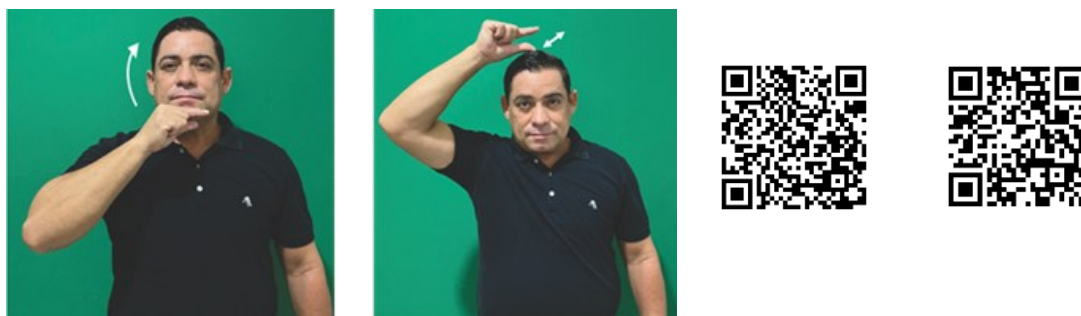
Figura 41 - Sinais em Libras para o Orixá ORUMILÁ e JOGO de BÚZIOS.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Também existem sinais que se opõem quanto à locação, como, por exemplo, ABIAN (L: queixo) e ADOXO (L: cabeça), ambos com movimento (M) retilíneo em direção à locação e configuração de mão (CM) 18. A única diferença entre esses sinais é o local onde são realizados.

Figura 42 - Sinais em Libras para ABIAN e ADOXO.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

As análises fonológicas realizadas sobre a Libras demonstram que seu sistema fonológico é autônomo e não depende da estrutura da Língua Portuguesa, visto que ambos os sistemas são distintos. A fonologia da Libras apresenta características próprias das línguas naturais, como a capacidade de distinguir unidades mínimas de forma (equivalentes aos fonemas), que contrastam entre si para formar diferentes sinais, reafirmando assim seu status enquanto língua natural.

Na subseção seguinte, abordaremos os aspectos morfológicos da Libras.

3.1.2. Aspectos Morfológicos da Libras

A morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras, sejam elas faladas ou sinalizadas, ou seja, o estudo das unidades mínimas com significado (morfemas) e de todos os aspectos relacionados a elas, como sua distribuição, classificação e variantes. Trata-se de um ramo da linguística que objetiva analisar as propriedades e a formação das palavras, especialmente aquelas que podem alterar seu significado e sentido.

Segundo Campello (2008), no que se refere à análise da estrutura interna das palavras ou sinais, vários aspectos devem ser considerados, como as derivações, que envolvem a afixação morfológica à raiz lexical. Esse processo ocorre por meio da gramaticalização do léxico, criando-se novos sinais a partir da adição de afixos a uma raiz. Na língua de sinais, essa complexidade morfológica resulta de processos não concatenativos, pois são acrescentados movimentos e contornos no espaço de sinalização à raiz.

Dessa forma, as derivações configuram-se na criação de um sinal a partir de outro, resultando em mudanças no padrão de movimento. Por exemplo: penso/pensar; cadeira/sentar; vassoura/varrer, entre outros. Nesses casos, o primeiro sinal apresenta um movimento mais curto, enquanto o segundo envolve movimentos mais repetidos, conforme exemplificado no quadro 3 a seguir:

Quadro 3 - Exemplos de Derivação.

Sinais em Libras para PENSO/PENSAR.		
		
Sinais em Libras para CADEIRA SENTAR.		
		
Sinais em Libras para VASSOURA/VARRER.		
		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Outro processo comum na formação de palavras em Libras é a incorporação, que pode ocorrer em dois tipos principais: a incorporação de numeral e a incorporação da negação.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), morfemas presos – unidades mínimas com significado que não ocorrem isoladamente – podem se combinar entre si ou com morfemas livres para criar novos significados em Libras.

Esse fenômeno é observado, por exemplo, no processo de incorporação de numeral, em que a alteração na configuração da mão (de 1 para 2, para 3 ou para 4) em um sinal pode indicar quantidades como número de meses, dias, horas, anos, entre outros advérbios, conforme ilustrado na figura a seguir:

Figura 43 - Incorporação de numeral para o sinal DIA.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.



A incorporação da negação é outro aspecto gramatical importante na Libras, formada a partir da alteração na orientação da palma da mão, acompanhada do acréscimo de marcações não manuais típicas da negação, como o balançar da cabeça. Sinais desse tipo, também presentes em outras línguas de sinais, expressam a oposição que transmite a ideia de negação e são analisados como casos de incorporação da negação. Como exemplos, podemos citar os sinais “NÃO-SEI” e “NÃO-QUERO”, conforme ilustrado na Figura 44:

Figura 44 - Incorporação de negação para os sinais NÃO -SEI e NÃO- QUERO.



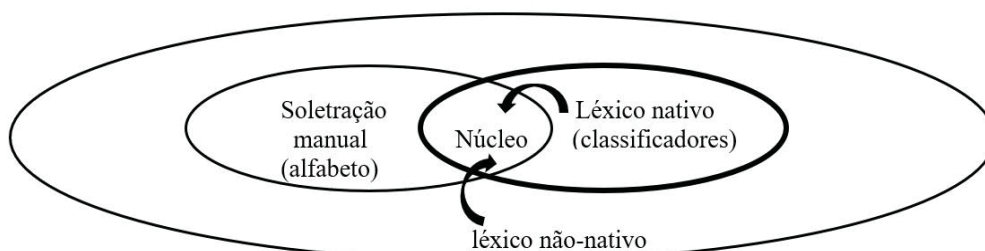
Fonte: Elaborado pelo pesquisador.



A Libras é composta por um conjunto de regras que regem seu acervo lexical. Segundo Basílio (2004, p. 9), “o léxico é uma espécie de banco de dados previamente

classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados”. A Libras possui um acervo linguístico próprio e, assim como em outras línguas, seu léxico é constituído pelo alfabeto, pelo léxico nativo e pelo léxico não nativo, conforme ilustrado na Figura 45:

Figura 45 - O léxico na Língua Brasileira de Sinais.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88).

O alfabeto manual é constituído por sinais que representam as letras do registro escrito da língua oral, sendo utilizado para soletrar nomes e palavras que não possuem representação na língua de sinais. Por sua vez, o léxico nativo é formado pelos sinais próprios da Libras, enquanto o léxico não nativo é composto por palavras da língua oral soletradas em língua de sinais, por meio do alfabeto manual.

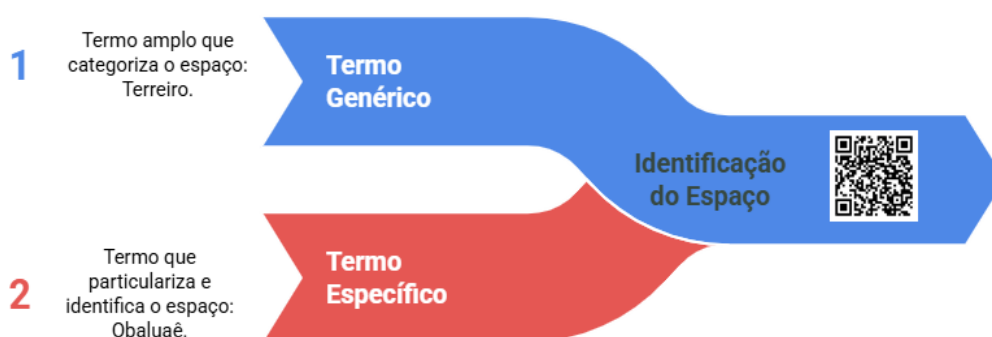
Os classificadores constituem parte fundamental do léxico nativo da Libras, sendo “formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 93). Considera-se que a morfologia das línguas de sinais é “o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 86).

Com base nas ponderações de Ferreira-Brito (1995), destaca-se o aspecto multidimensional da Libras, pois os parâmetros podem ser modificados por meio de modulações aspectuais, incorporação de informações gramaticais e lexicais, quantificação, negação, tempo, entre outros.

3.1.3 Formação dos sinais Toponímicos

Além das estruturas fonético-fonológicas e morfológicas já mencionadas anteriormente em relação aos sinais em Libras, é possível analisar também os sinais toponímicos sob a perspectiva de sua formação toponímica. Sousa (2022, p. 52) afirma que “[...] a mesma estrutura de formação dos sintagmas toponímicos em línguas orais, apresentada por Zinkin (1969) e Dick (1990), pode ser observada nos sinais toponímicos em Libras”. O autor destaca que os topônimos podem ser inicialmente constituídos pelos termos genérico e específico, conforme ilustrado na Figura 46 a seguir:

Figura 46 - Termo Genérico e termo específico Terreiro de Obaluaê.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

O termo genérico possui caráter geral e categórico, enquanto o termo específico é responsável por especificar ou delimitar o topônimo. Por exemplo, no caso de “Terreiro de Obaluaê”, “Terreiro” é o termo genérico, pois existem diversos terreiros, enquanto “Obaluaê” é o termo específico, que particulariza e identifica o espaço. No que se refere ao termo específico, Sousa (2022) aponta que existem quatro diferentes formações:

- a) formação simples, quando há apenas um formativo da língua de sinais nativa;
- b) formação simples híbrida, quando há apenas um formativo com empréstimo da língua oral em sua estrutura;
- c) formação composta, quando há mais de um formante, e todos os elementos são da língua de sinais nativa;
- e d) formação composta híbrida, quando contém mais de um formante: sendo pelo menos um da língua de sinais nativa, e pelo menos outro com empréstimo de língua oral ou outra língua de sinais distinta da nativa). (Sousa, 2022, p. 53).

Desse modo, o pesquisador propõe que a classificação da formação dos topônimos em Libras considere as características morfológicas próprias da construção dos sinais na língua visual-espacial. Embora parta da ideia inicial de Dick (1990, 1992), ele inclui a formação “simples híbrida”, muito comum nos processos morfológicos das línguas de sinais,

especialmente quando se observa a influência do registro escrito da língua oral na incorporação articulatória do sinal. Trata-se de uma contribuição importante para os estudos linguísticos e toponímicos em Libras. Além disso, é relevante destacar que os empréstimos linguísticos na Libras enriquecem a análise toponímica e estão presentes nas fichas, sendo apresentados na seção 5 deste trabalho.

3.1.4 Empréstimos linguísticos na Toponímia em Libras

Na introdução desta tese, apresentamos alguns exemplos de como pessoas surdas utilizam empréstimos linguísticos na Libras para dinamizar o processo de comunicação. Nesta subseção, buscamos aprofundar os tipos de empréstimos linguísticos usados na Libras, uma vez que eles serão utilizados na análise dos dados deste estudo. A primeira sistematização dos empréstimos linguísticos na Libras foi realizada por Ferreira (2010 [1995]), que apresenta cinco tipos distintos de empréstimos, conforme descrito no quadro a seguir:

Quadro 4 - Empréstimos linguísticos descritos por Ferreira (2010 [1995]).

Tipo de Empréstimo	Definição	Exemplos
Empréstimos Lexicais	Originam-se da digitação utilizando a datilologia.	Nome próprio JOÃO
Empréstimos por Inicialização	A configuração de mão corresponde à primeira letra em português.	Configuração de mão de BRASIL em "B"
Empréstimos de Outras Línguas de Sinais	Sinais de línguas de sinais estrangeiras, mesmo significado.	ANO, VERMELHO, LARANJA da ASL/LSF
Empréstimos de Domínios Semânticos	Termos básicos não nativos na Libras.	Termos de cores em Recife
Empréstimos de Ordem Fonética	Expressões de línguas faladas, adaptadas foneticamente.	PÁ BURRO" de "pai dos burros

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os empréstimos linguísticos em Libras ocorrem por meio de diferentes processos de incorporação, podendo ter origem tanto em línguas orais quanto em outras línguas de sinais. Faria-Nascimento (2009) propõe uma tipologia mais ampla para compreender esses empréstimos na Libras. Segundo a autora, a datilologia – correspondente à soletração nas línguas faladas – é um recurso utilizado como forma de transliteração de palavras ou fragmentos lexicais da língua portuguesa. Trata-se de uma representação visual das letras que compõem as palavras orais, conforme ilustrado no quadro a seguir:

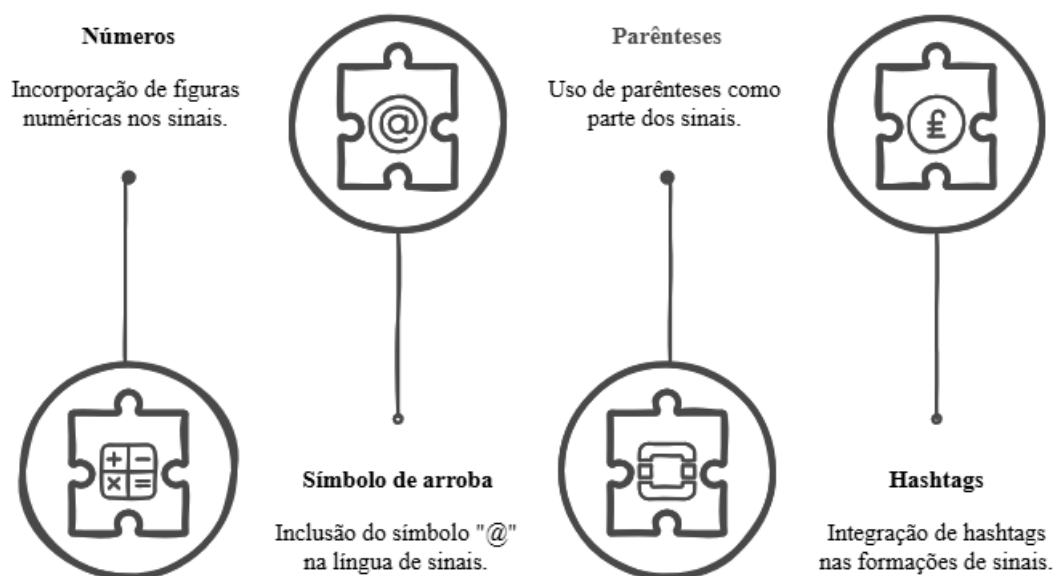
Quadro 5 - Tipos de Empréstimos.

Tipo de Empréstimo	Definição e Exemplo
Transliteração Pragmática	Datilologia provisória quando não existe sinal em Libras alguns Terreiros não têm sinal em Libras, então são utilizadas as soletrações do nome em português.
Transliteração Lexicalizada	A datilologia ganha novos ritmos nas interações em Libras É uma etapa posterior à datilologia Ex. A L= ALA). Ilê Axê Ala.
Transliteração pela Letra Inicial	O uso de uma configuração de mão relacionada à letra inicial da palavra em língua oral (Ex. o sinal Religião é realizado com a configuração da letra "R")
Transliteração Semântica	Funciona como decalque, que ocorre quando a informação vem de uma língua nova tal como o sentido da palavra é (Ex. Sinal Charuto).
Empréstimo Estereotipado	Se consolida por meio de uma forma de objetos ou símbolos gráficos aceitos em vários grupos sociais que utilizam esses termos para representar imagens no espaço neutro (desenho do símbolo no ar). (Ex. Sinal Quartinha).

Fonte: adaptada de Faria-Nascimento (2009).

Em relação aos empréstimos linguísticos na Toponímia em Libras, os estudos de Aguiar (2012) e Sousa (2023b) destacam a influência da língua portuguesa na formação desses sinais. Além disso, Sousa (2023b) contribui significativamente ao apresentar o conceito de empréstimos por *transemiotização*, definido como a incorporação de elementos gráficos, como números, o símbolo de arroba (@), parênteses, hashtags, entre outros.

Quadro 6 - Elementos graficos da Transemiotização.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Nesta pesquisa, os empréstimos linguísticos, principalmente provenientes da língua portuguesa, desempenham um papel fundamental na análise dos sinais dos Terreiros. Outro ponto relevante a ser considerado são os aspectos sintáticos da Libras, que também contribuem para a compreensão desse processo.

3.1.5 Aspectos Sintáticos da Libras

O estudo da sintaxe busca identificar as relações entre os elementos estruturais da frase, bem como as regras que regem as orações. Quadros e Karnopp (2004, p. 127) afirmam que, na análise sintática da Libras, deve-se considerar o espaço de execução do sinal, pois as relações sintáticas utilizam o sistema pronominal e nominal para esse propósito. Os

sinalizantes de Libras utilizam o espaço à sua frente para compor o discurso, estabelecer e retomar referentes, além de criar relações gramaticais específicas entre eles, de acordo com o sistema linguístico visual-espacial. Normalmente, os sinais são produzidos dentro desse espaço, que pode ser mais ou menos abrangente, conforme o contexto discursivo.

Segundo Quadros (2019), a ordem “básica” das palavras, também denominada ordem “canônica” ou “subjacente”, é utilizada para descrever as sentenças em diversas línguas.

O termo ‘básica’ parece estar relacionado à ordem das palavras apresentada na produção da sentença (na superfície). O termo ‘canônica’ indica a ordem mais comum que se apresenta na língua. E, por fim, o termo ‘subjacente’ parece estar mais relacionado aos estudos gerativistas, em que operações sintáticas são aplicadas a uma sentença inicial (a mais básica) para marcar estruturas mais complexas. Em todos os casos, no entanto, a ordem mais básica (canônica, subjacente) é aquela mais simples (sem marcações sintáticas específicas e/ou mais complexas) e mais frequentes. (Quadros, 2019, p. 83).

Há flexibilidade na ordem das frases em Libras, porém, apesar disso, a ordem básica seguida é Sujeito-Verbo-Objeto (SVO). Quadros ressalta que essa flexibilidade está relacionada ao mecanismo gramatical da topicalização, que consiste na marcação não manual por meio da elevação das sobrancelhas. Assim como nas línguas orais, a topicalização em Libras é usada para dar ênfase a um elemento específico no enunciado, podendo alterar a ordem normal da frase ao destacar o tópico.

Por exemplo, na estrutura “BERIMBAU EU QUERER BERIMBAU”, que segue a ordem Objeto-Sujeito-Verbo-Objeto (OSV-O), há ênfase no termo “berimbau” (Figura 47). Em português, a tradução seria “Eu quero o berimbau”, mas a construção sinalizada destaca ainda mais o objeto da frase. Esse fenômeno é semelhante ao que ocorre nas línguas orais, nas quais a entonação e a ordem das palavras podem ser utilizadas para enfatizar um determinado elemento.

Em Libras, a expressividade facial e corporal desempenha papel essencial na comunicação e na construção do significado da mensagem.

Figura 47 - Sinais em Libras para BERIMBAU EU QUERER BERIMBAU.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A ordem tópico-comentário é a mais utilizada pelos sinalizantes de Libras quando não há restrições que impeçam o deslocamento de certos constituintes. Na Libras, existem vários tipos de verbos, dentre eles os verbos com concordância, que exigem o uso da “incorporação” como mecanismo espacial para expressar localização, número e pessoa, além do uso de sinais não manuais, como movimentos corporais e expressões faciais. Por exemplo: “DAR” / “DAR-ELES” (incorporação de concordância com movimento repetitivo):

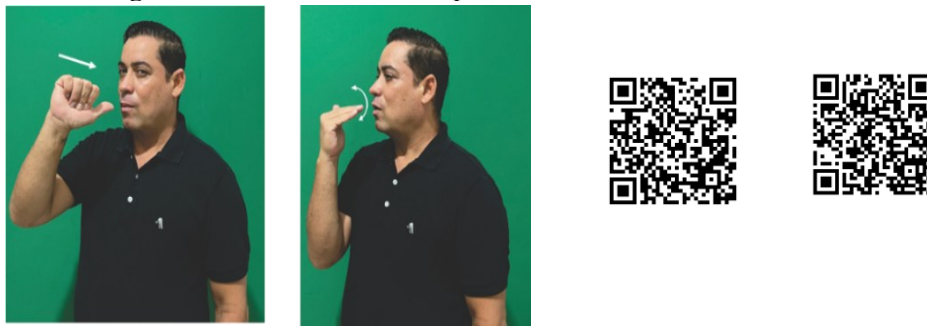
Figura 48 - Sinais em Libras para DAR-DAR-ELES.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os verbos simples não se flexionam em pessoa, número ou aspecto, e não aceitam afixos locativos. Por exemplo, os verbos “COMER” e “BEBER” são verbos ancorados, ou seja, presos ao corpo do emissor. Eles não se flexionam na 1ª, 2ª ou 3ª pessoa. Por exemplo, no sinal para “eu como”, o gesto é realizado próximo ao corpo do emissor; no caso de “você come”, o sinal permanece próximo ao corpo do emissor; da mesma forma, para a 3ª pessoa, “eles comem”, o verbo “comer” continua inalterado e é realizado junto ao corpo do emissor.

Figura 49 - Sinais em Libras para os verbos BEBER e COMER.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

É importante salientar que as expressões faciais desempenham um papel fundamental, estando presentes simultaneamente na organização dos sinais e das sentenças. As expressões faciais podem ser divididas em duas categorias: expressões afetivas – que expressam

sentimentos – e expressões gramaticais, que são específicas tanto no nível morfológico quanto no sintático. No nível sintático, essas marcações não manuais indicam determinados tipos de construção. Nas sentenças negativas, por exemplo, é comum o movimento da cabeça em negação. As expressões faciais são obrigatórias para marcar sentenças negativas, pois estão diretamente relacionadas às estruturas sintáticas. Como exemplo, podem ser observados os sinais para VERDADE e NÃO SEI, ilustrados na Figura 50:

Figura 50 - Sinais em Libras para VERDADE e NÃO SEI.

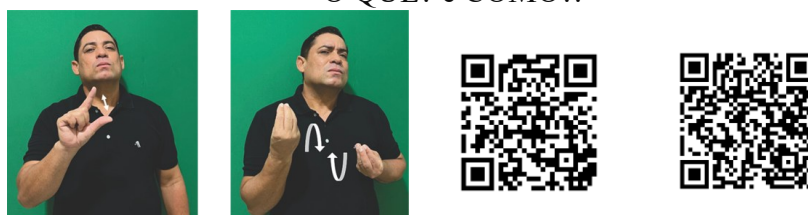


Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Outras formas de marcar a negação na sentença incluem o acréscimo do sinal NÃO; a incorporação de um movimento contrário ao sinal negado; e o aceno de cabeça. Nas formas interrogativas, Jesus (2019, p. 44) destaca uma leve elevação da cabeça, acompanhada do franzir da testa, conforme ilustrado na Figura 51 a seguir:

Figura 51 - Exemplos de sinais de interrogação na Libras.

O QUÊ? e COMO?.



ONDE? e QUEM?.



QUANDO? e QUAL?.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Nas formas afirmativas, usa-se o movimento da cabeça para cima e para baixo, indicando afirmação. Neste caso, a afirmação está relacionada a construções, ou seja, a expressão facial é neutra, conforme o exemplo na Figura 52:

Figura 52 – Sinal para EU SOU DO CANDOMBLÉ.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

É possível notar que os aspectos linguísticos da Libras são variados e abrangentes. Dentre eles, destacam-se os aspectos semânticos e pragmáticos, que desempenham papel crucial na compreensão e no uso da língua, e que serão apresentados a seguir.

3.1.6 Aspectos Semânticos e Pragmáticos da Libras

No que diz respeito aos aspectos semânticos e pragmáticos da Libras, faz-se necessário, em um primeiro momento, distinguir essas duas áreas da Linguística. A Semântica dedica-se ao estudo do significado das palavras e das sentenças, enquanto a Pragmática trata do uso da linguagem em contextos específicos, analisando os princípios de comunicação que envolvem as relações entre linguagem e contexto.

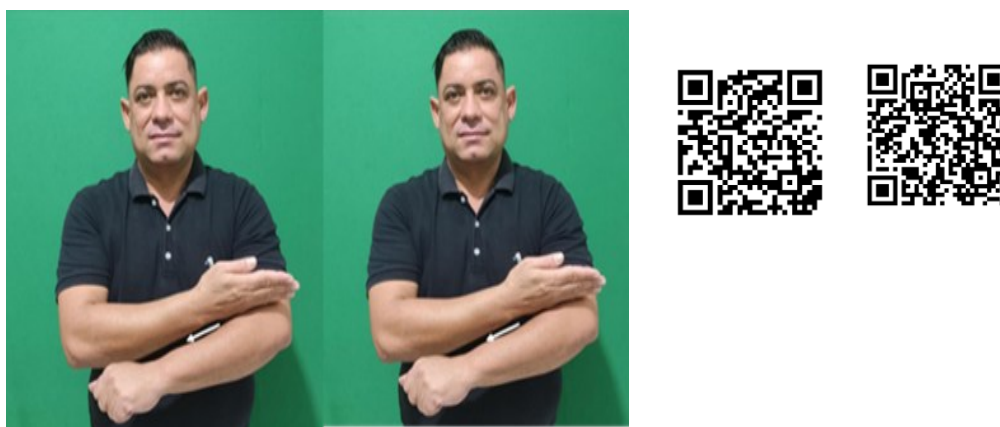
Sendo assim, ao pensarmos em Semântica e Pragmática, compreendemos que a primeira estuda o significado linguístico em si, enquanto a segunda analisa o significado que emerge do uso linguístico, considerando variáveis contextuais.

Além disso, é importante destacar que o sentido atribuído a uma expressão linguística pode ser influenciado diretamente pelo contexto pragmático, entendido como o conjunto de circunstâncias em que a mensagem é produzida e interpretada (Quadros; Karnopp, 2004, p. 21-22).

Essas duas áreas – Semântica e Pragmática – também englobam o estudo de relações como sinonímia, antonímia, polissemia, metáfora e metonímia. A seguir, apresentamos exemplos relacionados ao campo semântico da religião de matriz africana.

No que tange à sinonímia, entende-se como a relação entre dois ou mais sinais que possuem significantes diferentes, mas significados aproximados. Segundo Tamba (2006, p. 89), os sinônimos “são palavras diferentes, pertencentes à mesma categoria gramatical, e de sentido equivalente”. Como exemplo, podemos citar os sinais representados na Figura 53 para COR BRANCA e COSTUME.

Figura 53 - Sinais em Libras para COR BRANCA e COSTUME.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Por outro lado, a antonímia refere-se à relação estabelecida entre dois ou mais sinais que apresentam significados opostos ou contrastantes. Trata-se de uma relação semântica em que os termos se contrapõem, expressando ideias contrárias. Um exemplo dessa relação pode ser observado nos sinais utilizados para representar BOM e MAU, conforme ilustrado na Figura 54:

Figura 54 - Sinais em Libras para BOM e MAU.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

As expressões polissêmicas resultam de processos de extensão de significado que só podem ser plenamente compreendidos dentro de um contexto específico (Almeida, 2009). Nas línguas de sinais, a polissemia manifesta-se por meio da utilização de um mesmo sinal para representar diferentes significados, dependendo do uso contextual. Um exemplo ilustrativo desse fenômeno em Libras pode ser observado no sinal utilizado tanto para “PEIXE” (animal) quanto para representar o dia da semana relacionado à “SEXTA-FEIRA SANTA”, conforme demonstrado na Figura 55 a seguir:

Figura 55 - Sinais em Libras para PEIXE e SEXTA-FEIRA SANTA.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

O sinal mencionado anteriormente pode representar tanto o significado de “peixe” quanto o de “Sexta-Feira Santa” em Libras, uma vez que é o contexto que se encarrega de desfazer a ambiguidade.

Para compreendermos conceitos abstratos, recorremos às metáforas, pois noções de abstração são construídas a partir de conceitos concretos, ou seja, por meio de um domínio fonte/origem. Nesse sentido, podemos exemplificar com o sinal metafórico utilizado para designar a lexia RELIGIÃO. Ao analisarmos esse sinal, observamos que se trata de um sinal simples, realizado por um único formante na língua nativa. Ele é produzido com a

Configuração de Mão em forma da letra “R”, tendo como Ponto de Articulação o peito, com um Movimento que parte do peito em direção ao espaço neutro e com Orientação voltada para frente do corpo, conforme ilustrado na figura a seguir.

Figura 56 – Sinal em Libras para RELIGIÃO.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Podemos considerar as seguintes reflexões: a realização do sinal RELIGIÃO próximo ao peito sugere a ideia de que a religião está vinculada ao coração. Dessa forma, entende-se a religião como um ato de confiar em uma crença por meio dos sentimentos e da fé (coração), em contraposição à razão (cérebro). Assim, a metáfora da religião é associada ao coração, representando um esquema imagético que se desenvolve de dentro para fora. Esse processo metafórico se concretiza como uma crença originada internamente e projetada para o exterior.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, no que se refere à metonímia, estabelece-se uma relação de contiguidade conceitual, na qual, em uma determinada situação, um objeto “A” é substituído por um objeto “B”. Essa substituição é possível devido à proximidade ou associação entre os dois elementos dentro de um mesmo contexto. Desse modo, a metonímia em Libras ocorre quando há a substituição de um referente por outro. Podemos citar como exemplos os sinais PROTESTANTE, UMBANDA e CANDOMBLÉ, conforme ilustrado nas Figuras 57, 58 e 59, que serão apresentadas a seguir.

Figura 57 - Sinal em Libras para PROTESTANTE.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Com base no exposto, o sinal PROTESTANTISMO ocorre por meio de uma alusão à Bíblia, livro considerado sagrado e divinamente inspirado no contexto do cristianismo. Nesse caso, utiliza-se o sinal correspondente a “livro”, estabelecendo-se, assim, uma metonímia em que o elemento BÍBLIA representa o conceito de PROTESTANTISMO.

Figura 58 - Sinal em Libras para UMBANDA.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

De modo semelhante, ao analisarmos o sinal utilizado para se referir à Umbanda, observamos que a sinalização é realizada por meio da referência ao *ojá*, um tipo de torço ou turbante tradicionalmente usado na cabeça pelos praticantes de religiões de matrizes africanas. Nesse contexto, estabelece-se a metonímia em que ojá representa o conceito de Umbanda.

Figura 59 - Sinal em Libras para CANDOMBLÉ.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Nesse mesmo direcionamento, tem-se o sinal CANDOMBLÉ. Esse sinal remete às danças típicas praticadas no contexto ritualístico da religião, especialmente aquelas relacionadas às divindades conhecidas como Orixás. Assim, estabelece-se a metonímia “dança” por “Candomblé”.

Dessa forma, apresentamos de maneira didática os aspectos ligados à Semântica e à Pragmática da Libras. A análise desses processos linguísticos contribui significativamente

para a compreensão da produção dos sinais, evidenciando sua relação com a cultura e favorecendo, assim, o processo de ensino-aprendizagem dessa língua.

Além dos aspectos aqui discutidos, há outros elementos igualmente relevantes que compõem a Libras, os quais serão abordados na próxima subseção, cujo foco será a nomeação e a iconicidade.

3.2 NOMEAÇÃO, ICONICIDADE E SUA IMPORTÂNCIA NOS ESTUDOS TOPONÍMICOS

A Toponímia se apresenta como uma das áreas mais relevantes da Linguística. Sousa e Martins (2017) a conceituam como a ciência cujo objetivo é o estudo das nomenclaturas atribuídas às localidades, sendo uma disciplina de caráter multidisciplinar que se interessa pela multiplicidade de fatores que influenciam o processo de nomeação dos espaços, imprimindo neles a perspectiva humana – compreendida como cultural e, sobretudo, política.

Dessa forma, é possível afirmar que a escolha de um nome para uma localidade, conforme apontam os referidos autores, de modo algum deve ser compreendida como uma ação aleatória. Isso porque, por meio do processo de atribuição de nomes, os sujeitos estabelecem vínculos de pertencimento com o espaço, imprimindo nele a lógica humanizadora de nomear ou designar elementos do mundo.

É fundamental destacar, desde o início, que o ato de nomear segue uma variedade de fatores que precisam ser considerados de forma particular nas abordagens toponímicas, conforme ressaltam Sousa e Martins (2017):

O ato de nomear um espaço geográfico está carregado de intenções, pois não há uma escolha casual; um nome escolhido carrega marcas de seus denominadores, seja pelo desejo de representar as características físicas do ambiente ou por suas subjetividades. Desse modo, o que era arbitrário em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo (Sousa; Martins, 2017, p. 2).

Fica evidenciado, no fragmento supracitado, que o estudo da nomeação dos espaços deve considerar, pontualmente, o conjunto de variáveis que atravessa tal ato, compreendendo-o como fortemente marcado por coeficientes culturais, religiosos, sociais e políticos. Trata-se, portanto, de um importante arcabouço de conhecimentos sobre a expressão identitária de um povo, considerando que a escolha de um nome constitui um ato de espelhamento de si no outro ou no espaço.

Nessa perspectiva, interessa-nos refletir sobre as construções toponímicas realizadas pela comunidade surda, tendo em vista que essa comunidade desenvolve formas singulares de interação com o mundo, distintas daquelas dos ouvintes. Tal constatação impõe a necessidade premente de empreendermos uma investigação acerca dos elementos que são, de modo específico, representativos para que os surdos atribuam nomes aos espaços. Esse ato está diretamente relacionado à compreensão que essa parcela populacional tem de si mesma e do espaço onde ocorrem suas interações socioculturais. Como bem assinala Sousa (2019):

Os sujeitos surdos também utilizam sistemas de nomeação próprios de pessoas e de lugares, visto que fazem parte de uma sociedade e são usuários de uma língua natural. Os nomes e as nomeações são essenciais para os processos de socialização em todas as culturas do mundo, mesmo que cada uma tenha seu próprio sistema de composição estrutural dos nomes próprios e suas próprias regras de uso (Sousa, 2019, p.2)

O estudo toponímico em Libras evidencia um compromisso ético que valoriza a comunidade surda e reconhece cada sujeito surdo em sua singularidade social e cultural. Nesse contexto, emergem elementos de significativa relevância para a compreensão da diversidade cultural e identitária das pessoas surdas, o que contribui decisivamente para o desenvolvimento de estratégias educacionais mais inclusivas, bem como para a formulação de políticas públicas comprometidas com a efetiva inclusão desse grupo, reconhecendo-o como parte essencial da população.

É fundamental, portanto, destacar a contribuição de Sousa (2019d), ao afirmar a importância dos estudos sobre os processos de atribuição de nomes para a compreensão das dinâmicas de socialização. Tais processos revelam aspectos singulares de uma coletividade, além de lançar luz sobre as relações de alteridade estabelecidas entre ela e os demais grupos sociais. A partir dessa perspectiva, compreendemos que, por meio das práticas toponímicas, os sujeitos surdos reconfiguram espaços previamente nomeados pelos ouvintes, inscrevendo neles elementos sensíveis de suas expressões identitárias. Como esclarece Sousa (2019d):

Dessa maneira, fica claro que, ao nomear pessoas e lugares, encontramos uma relação muito estreita entre o componente semântico e o referente nomeado. Há detalhes que se conectam às diferentes fontes motivadoras que agem no ato de nomear. Quando pessoas são nomeadas, por exemplo, pode ser feita uma homenagem a outros familiares, a artistas, a figuras bíblicas. Ao se tratar de lugares, podem ser consideradas as características geográficas peculiares, as personalidades históricas que ali nasceram ou viveram, alguns símbolos da cultura local, nomes de familiares de políticos, entre outras. (Sousa, 2019, p.1)

Como pode ser observado no fragmento em destaque, o ato de nomear evidencia importantes aspectos culturais e identitários de um grupo, revelando características singulares que possibilitam uma compreensão mais aprofundada dessa coletividade. No caso específico da comunidade surda, a análise dos processos toponímicos implica em compreender melhor suas relações com o espaço, com personalidades notáveis, bem como com os diferentes níveis político, econômico, social, geracional e étnico, entre outros. Dessa forma, a escolha de um sinal para nomear um espaço revela diversos aspectos das subjetividades surdas. Sousa (2019d) explica que:

O efeito da iconicidade poderá criar efeitos de modalidade em certos campos da expressão linguística, pois o espaço visual tridimensional em que as línguas de sinais são produzidas, e os articuladores que se movem dentro dele são claramente adequados para a representação de informação espacial, em particular, de forma, de localização, de movimento e de ação. Desse modo, podemos afirmar que a iconicidade é a estrutura, participe de um sistema de linguagem, que guarda correspondências entre uma forma linguística e seu significado. (Sousa, 2019, p.7).

A análise do efeito da iconicidade revela-se de valor inestimável para o estudo das produções toponímicas em Libras, uma vez que, no que se refere ao espaço, a iconicidade corresponde ao aspecto direto do espaço geográfico e suas características físicas, estabelecendo uma ponte conectiva entre o visual e a ação toponímica. Dessa forma, é possível afirmar que o aspecto visual assume papel preponderante nos estudos toponímicos em Libras, reafirmando a relação indissociável entre a cultura surda e a identidade visual, como enfatiza Sousa (2019):

Apesar de coexistirem socialmente, as línguas de sinais e as línguas orais são independentes. As línguas de sinais apresentam toda a complexidade de um sistema linguístico, como qualquer língua natural, sendo capazes de estabelecer comunicação e de serem analisadas em todos os níveis que uma língua oral também pode ser, como o fonético-fonológico, o morfossintático, o semântico-pragmático, o textual-discursivo etc., e são produzidas a partir da modalidade visual-espacial (Sousa, 2019, p. 6).

Nesse sentido, a devida valorização dos aspectos visuais na produção toponímica realizada pela comunidade surda constitui um elemento de valor inestimável para o desenvolvimento de estratégias analíticas que objetivem a melhor compreensão desse procedimento, construindo um fundamento sólido para a realização de tais investigações. Assim, torna-se imprescindível compreender que os estudos toponímicos em língua de sinais demandam um olhar multidisciplinar, conforme apresentado por Sousa (2018):

Com base nas características linguísticas das línguas de modalidade visual-espacial e quanto à cultura surda (de caráter visual), apresenta uma proposta metodológica para o estudo toponímico em línguas de sinais. A metodologia parte da configuração fonomorfológica dos sinais para observar como os traços icônicos são revelados da estrutura morfológica do sinal. Toda a análise se dá a partir da escrita de sinais (SignWriting) ou de vídeos com a produção dos sinais, com a explicação dos referentes motivadores dos itens lexicais. Os dados são coletados com os surdos (criadores dos sinais toponímicos ou pertencentes à comunidade surda local). Dadas as influências da língua oral, a análise semântico-motivacional é considerada a partir da dupla motivação, na maioria dos casos. (Sousa, 2018, p. 2)

Como se evidencia na citação destacada, os estudos sobre a Toponímia em Libras devem valorizar os múltiplos aspectos da língua de sinais, reconhecendo-a como um sistema linguístico tão complexo, rico e dinâmico quanto a língua portuguesa. Assim, considerando a língua de sinais como um sistema linguístico de base cultural, tal como todas as línguas, a pesquisa toponímica em Libras deve ser conduzida por meio de abordagens multidisciplinares, respeitando os diversos aspectos que caracterizam a comunidade surda em análise. É importante lembrar que somente o sujeito surdo é capaz de especificar o processo linguístico que efetivamente originou a elaboração icônica que confere nome ao espaço em questão.

Na próxima subseção, cabe-nos explicar como esse processo de nomeação do espaço está intimamente relacionado à religião de matrizes africanas, bem como às taxonomias que contemplam essas religiões.

3.2.1 Toponímia e religião: as taxonomias voltadas para as religiões de matrizes africanas

A Toponímia dedica-se ao estudo dos nomes próprios de lugares. Como mencionado anteriormente, essa área é importante por diversos motivos, entre os quais destaca-se a facilidade de localização no espaço geográfico. Além disso, essa disciplina nos fornece conhecimentos históricos e culturais acerca de um povo, pois, por meio do estudo dos nomes, é possível identificar fatos linguísticos, ideológicos e, especialmente, relacionados às crenças, tema central deste texto. Portanto, investigar nomes de lugares também implica analisar a cultura e a relação entre as pessoas e seu ambiente de vida.

Nas reflexões de Dick (1990), não há dúvida de que a cultura do grupo determina o comportamento desse saber-fazer responsável pela formação das novas séries de nomes na cadeia lexical. O estudo dos nomes geográficos permite identificar e recuperar fatos linguísticos recorrentes no processo de nomeação. Ademais, esses nomes testemunham parte da história das línguas, pois os contatos linguísticos e culturais entre os povos são

registrados e preservados por meio desses signos linguísticos. Conforme enfatiza Dick (1990a):

Verdadeiros “testemunhos históricos” de fato e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia se situa como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, consequentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (Dick, 1990a, p.22, grifo nosso).

Além da influência da cultura e dos costumes das pessoas, o ambiente também desempenha papel importante no processo de nomeação. Um topônimo pode evidenciar a realidade do ambiente físico de uma determinada região, revelando características da vegetação, hidrografia, fauna, condições do solo, topografia, entre outros aspectos. Trata-se de um signo que permanece no nome do lugar, mesmo quando a motivação original para a escolha desse nome desapareceu.

As práticas religiosas e a Toponímia estão constantemente presentes na vida humana, especialmente no que se refere à nomeação de novas localidades. Nesse sentido, é fundamental destacar as contribuições de Dick para o estabelecimento dos fundamentos teóricos e metodológicos da Toponímia no Brasil, assumindo um papel pioneiro nessa área. Uma das principais ferramentas desenvolvidas por essa autora é o modelo de classificação taxonômica, amplamente utilizado em pesquisas tanto em línguas orais quanto em Libras. O modelo de Dick é composto por 27 taxas, das quais 11 correspondem às taxonomias de natureza física – relacionadas às causas ambientais e 16 referem-se às questões motivacionais, que abrangem aspectos socioculturais e históricos, denominadas taxonomias de natureza antropológica.

Jesus (2019, pp. 53-55) apresenta uma adaptação do modelo taxonômico proposto por Dick (1990), utilizando como exemplos cidades e localidades da Bahia. Essa abordagem está detalhada nos quadros 7 e 8 a seguir:

Quadro 7 - As Taxonomias de Natureza Física.

Classificação Toponímica	Definição	Exemplos
Astrotopônimos	Topônimos relativos aos corpos celestes	Estrela (BA);
Cardinotopônimos	Topônimos que fazem referência às posições geográficas	Entre Rios (BA);
Cromotopônimos	Topônimos relacionados às cores	Una (BA);
Dimensiotopônimos	Topônimos relacionados à grossura, espessura, altura, profundidade, extensão, comprimento,	Riacho Fundo (BA);

	largura.	
Fitotopônimos	Topônimos relacionados à vegetação	Mucuri (BA);
Geomorfotopônimos	Topônimos relacionados às formas topográficas levando em considerações elevações ou depressões	Baixa Grande (BA);
Hidrotopônimos	Topônimos relacionados à água	Cachoeira (BA);
Litotopônimos	Topônimos de origem mineral	Itaberaba (BA);
Meteorotopônimos	Topônimos que remetem a ideia de fenômenos produzidos pela atmosfera terrestre	Brumado (BA);
Morfotopônimos	Relacionados às formas geométricas	Serrinha (BA);
Zootopônimos	Topônimos com a presença do nome de animais	Guanambi (BA).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 8 - Taxonomias de Natureza Antropocultural.

Classificação Toponímica	Definição	Exemplos
Animotopônimos ou Nootopônimos	Topônimos relativos a área psíquica humana	Vitória da Conquista (BA);
Antropotopônimos	Topônimos relativos aos nomes próprios de pessoas, prenomes, apelidos, alcunhas ou pelo conjunto onomástico.	Miguel Calmon (BA);
Axiotopônimos	Topônimos relativos a títulos.	Conde (BA);
Corotopônimos	Topônimos relativos a outras localidades como cidades, estados e países.	Filadelfia (BA);
Cronotopônimos	Topônimos relacionados a nome de localidades que indicam um processo cronológico na passagem do tempo, assim como <i>Novo, Nova, Velho, Velha</i> .	Nova Soure (BA);
Dirrematotopônimos	Topônimos constituídos por expressões populares cristalizadas.	Busca Vida (BA);
Ecotopônimos	Topônimos relativos às habitações em geral.	Casa Nova (BA);
Ergotopônimos	Topônimos relativos a elementos da cultura material humana, em que não há clareza de sua categoria.	Caravelas (BA);
Etnotopônimos	Topônimos referentes a grupos étnicos.	Maracás (BA);
Hierotopônimos	Topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças religiosas. Os hierotopônimos são divididos em: <i>hagiotopônimos</i> - topônimos relativos aos santos e santos da igreja católica romana, e <i>mitotopônimos</i> - topônimos relativos às Entidades mitológicas.	Salvador (BA). Santo Antônio de Jesus (BA); Ex. Coaraci (BA);
Historiotopônimos	Topônimos com a presença de datas relevantes, personagens.	Euclides da Cunha (BA);
Hodotopônimos (ou Odotopônimos)	Topônimos relacionados a caminhos ou às vias de ligação entre a zona rural ou urbana.	. Encruzilhada (BA);
Numerotopônimos	Topônimos relativos a numerais	Três Riachos (BA);
Poliotopônimos	Topônimos relacionados a aglomerados populares como vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.	Arraial D'Ajuda (BA);
Sociotopônimos	Topônimos relacionados às atividades profissionais ou a um ponto de encontro de um grupo como largo, pátio e praça.	Feira de Santana (BA);
Somatotopônimos	Topônimos relativos às partes do corpo do homem ou dos animais em caráter metafórico.	Cabeça da Vaca (BA);

Grafotopônimos	Topônimos visuais que se utilizam do alfabeto manual em Libras. (Jesus, 2019.p.82). 	Sapeaçu (BA);
Mimetopônimos	Topônimo visual utilizado para identificar nomes a partir de processos miméticos.  (Marins, 2024, p. 64).	Hospital da Criança- (BA);
Fidetopônimos	Topônimos relacionados a fé, símbolos locais de culto e datas religiosas que remetem ao sagrado. (Saar, 2016, p.85).	Santa Cruz-(BA).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Seguindo essa linha analítica, é de importância singular reafirmar que as contribuições de Dick (1990) foram fundamentais para os estudos toponímicos no Brasil. A esse respeito, Jesus (2019, p. 57) destaca que a classificação proposta por Dick (1990) vem sendo ampliada, uma vez que os topônimos apresentam motivações diversas. No caso específico das línguas de sinais, que são línguas de modalidade visuoespacial – diferentemente das línguas orais – a classificação dos topônimos torna-se ainda mais complexa, havendo frequentemente a necessidade de criação ou realocação de novas taxonomias.

Proposições para acréscimos ou realocações de categorias têm sido feitas ao longo dos anos, algo já previsto pela própria Dick (1999), que declarou que suas propostas taxonômicas “não são exaustivas em suas ocorrências e, sim, exemplificativas, podendo ser ampliadas em seus catálogos [...] à medida que novas estruturas vocabulares se constituam, respeitando sempre o modelo originário” (Dick, 1999, p. 142).

Dentre as proposições que expandem o modelo original de Dick (1990b), no campo semântico da religião e religiosidade, destaca-se a contribuição de Lima (1997, p. 422), que propõe a subdivisão dos hagiopônimos em duas categorias: autênticos e aparentes. Os hagiopônimos autênticos são aqueles cuja inspiração religiosa se fundamenta em santos ou santas oficialmente reconhecidos pela doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana, como é o caso de Santo Antônio. Já os hagiopônimos aparentes, embora apresentem formações que sugerem religiosidade, têm origem em motivações políticas ou sociais, prestando homenagem a figuras locais de destaque, como no exemplo da Fazenda Santa Eliana (MT), cujo nome remete à antiga proprietária do imóvel rural, e não a uma figura santificada.

Outra importante contribuição é observada nas ponderações de Carvalho (2014, p. 89), que recomenda a relocação da taxa Mitotopônimos como subtaxe do Hierotopônimos. Tal recomendação justifica-se pelo fato de que os Mitotopônimos, por serem elementos de religiões não-cristãs, deveriam ser classificados apenas como Entidades mitológicas, tais como Hércules, Pégaso, Saci, Curupira, Jurupari, entre outros. Carvalho (2014) considera etnocêntrica a categorização de Entidades religiosas não-cristãs como Mitotopônimos, como ocorreu em Dick (1990) no caso do Orixá Exu. Nesse aspecto, concordamos com Carvalho e apresentaremos nossos argumentos mais adiante. Antes, porém, é necessário explicitar a perspectiva sob a qual a Toponímia se apresenta.

A Toponímia concentra-se no estudo dos nomes de lugares sob uma “perspectiva cosmológica”, o que significa que diversos fatores estão envolvidos no processo de nomeação, como aspectos físicos – como localização geográfica, forma topográfica – e aspectos culturais humanos – nomes de pessoas, memoriais, datas, movimentos históricos e nomes sagrados de diferentes religiões. Nesse sentido, Dick (1990) afirma que:

Na análise distintiva dos toponomásticos existentes, a Toponímia de origem religiosa foi referida, genericamente, pelo denominativo de hierotoponímia, na qual se incluíram várias especificações, ou seja, nomes sagrados de diferentes crenças, de associações religiosas e de seus membros, locais de culto, além de datas ou efemérides relativas a tais circunstâncias. Os característicos da categoria justificaram as distinções em hagiotopônimos, ou topônimos referentes aos nomes de santos e santos do hagiológico romano, e mitotopônimos, ou nomes de lugares que recordam Entidades mitológicas. Dick (1990, p. 310-311)

Com base no trabalho de Dick (1990), observa-se que os nomes de lugares sagrados constituem um vasto campo que abrange todas as palavras de natureza cosmológica. Nesse contexto, a autora afirma que esses nomes se referem a locais associados a diferentes religiões – cristã, hebraica e islâmica – e são divididos em dois grupos: Mitotopônimos e Hagiotopônimos. Nosso interesse recai especialmente sobre os Mitotopônimos, que se originam a partir de nomes de mitos, conforme exemplificado na definição apresentada no dicionário online de Filosofia, onde encontramos a seguinte explicação:

Mito. Do grego *mythos* significa discurso, narrativa, boato, lenda, fábula, apólogo. A palavra "mito" possui diversas acepções. Entre nós, é frequentemente utilizada com o sentido pejorativo: uma narração fabulosa e fictícia, contrária à verdade. Nesse sentido, "mito" equivale a engano, falsidade. Essa interpretação corresponde a uma mentalidade racionalista, para qual somente a razão é capaz de expressar a verdade. Hoje, no entanto, essa visão simplista está inteiramente superada, pois sabemos que muitos dos conhecimentos mais profundos e misteriosos são de tipo inconsciente e simbólico. Em sentido mais profundo, entende-se por "mitos" as descrições religiosas antigas, que expressam os modelos, os arquétipos da ação humana através dos atos originários dos "deuses" nos diversos campos. Nesse

sentido, os mitos são narrações sagradas primitivas, dotadas de grande autoridade e normatividade para a vida humana.

Percebe-se que os mitos se referem a crenças em Entidades, bem como a grandes feitos humanos inspirados por deuses ou espíritos, atualmente concebidos com valor lendário. Entretanto, a ideia presente no imaginário popular sobre o “mito” associa-o a algo fictício, irreal ou enganoso. De forma semelhante, Cunha (1982, p. 525) descreve o mito como sendo:

Mito. *sm.* ‘narrativa, geralmente de origem popular, sobre seres que encaram simbolicamente as forças da natureza, aspectos da condição humana’, ‘fábula’, ‘representação idealizada de um estado da humanidade em um passado remoto ou num futuro fictício’, ‘fig. Coisa inacreditável, sem realidade’ | *mythos* ‘palavra expressa, discurso, fábula’.

Dessa forma, não classificaremos os espaços das religiões de matriz africana como Mitotopônimos, pois entendemos que essa categorização pode contribuir para a hierarquização e inferiorização dessas tradições, reforçando estereótipos e preconceitos, além de estigmatizar práticas religiosas que, historicamente, já enfrentam perseguição e descrédito. Portanto, é essencial reconhecer e respeitar a diversidade religiosa no Brasil, incluindo as religiões de matriz africana, sem reduzi-las a meras mitologias.

Vale salientar que, por muito tempo, o Candomblé e a Umbanda sequer foram reconhecidos como práticas religiosas, sendo classificados como “mitos”. Esse posicionamento teve por objetivo dogmatizar e obliterar práticas e crenças negras, incluindo silenciamento, destruição de terreiros e até violência física, que em muitos casos culminou com a morte de praticantes.

Ao reconhecer essas tradições, passamos a compreender sua importância para a formação da sociedade brasileira. O Candomblé, a Umbanda, a Jurema, o Tambor de Mina e outras tradições africanas possuem sistemas complexos dentro de seus rituais. As divindades, práticas e tradições estão profundamente enraizadas na cosmovisão do povo africano, de modo que rotular essas crenças como “mitos” minimiza sua importância histórica, cultural e religiosa.

É importante destacar que o Candomblé ainda é alvo de discriminação e preconceito, conforme aponta Ferretti (2007, p. 15): “as religiões de origem africana continuam sendo objeto de desconfiança por diversos segmentos da população”. Ademais, são frequentemente consideradas inferiores ao catolicismo, protestantismo, judaísmo, budismo e outras religiões.

Cumprе lembrar que o Brasil é um país laico, possuindo legislação específica que protege as religiões de matriz africana, como a Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Em seu artigo 5º, inciso VI, determina ser inviolável a liberdade de consciência e crença, assegurando

o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias.

Entretanto, o momento de fundação de um Terreiro está diretamente relacionado ao enfrentamento de profundo preconceito, manifestado em ataques variados. Cabe lembrar que inúmeros pastores e membros de igrejas, desrespeitando a liberdade religiosa, referem-se pejorativamente aos adeptos do Candomblé como macumbeiros ou feiticeiros, e tratam as divindades, os Orixás, como demônios. Esse discurso de ódio marca o Candomblé com a “pecha do mal”¹⁷, refletindo o racismo institucionalizado por parte de pessoas que desconhecem ou ignoram a história do próprio país.

É fundamental combater esse tipo de discurso preconceituoso, e uma das formas é por meio do diálogo constante e de pesquisas científicas, como esta, que abordem a história das religiões de matriz africana, para que não apenas os candomblecistas, mas todas as religiões, possam manifestar sua cultura e fé isentas de preconceitos.

Nesse contexto, é pertinente esclarecer o significado da terminologia “mitologia”, usada por diversos pesquisadores para se referir às religiões de matriz africana, pois é necessário compreender seu sentido de forma mais ampla. Segundo Eliade (1992), o “mito” deve ser caracterizado como a voz presente nas ações de um povo, legitimando suas vivências, cosmogonia, espiritualidade e representação social e cultural, evidenciando seus símbolos religiosos – pois é por meio desses símbolos que se manifesta a fé no sagrado. Para o povo negro, o mito é uma forma de transmissão oral do conhecimento, passado de geração em geração. Esses saberes abrangem tudo que os cerca, sejam coisas palpáveis ou não, como o universo, o tempo, o ser humano, a vida e a morte. Todos esses conhecimentos estão expressos em um mito.

Oliveira (2003, p. 220) acrescenta que “[...] o universo é pensado como um todo integrado; a concepção de tempo privilegia o tempo passado, o tempo dos ancestrais, e sustenta toda nação histórica da cosmovisão africana”. Sob essa perspectiva, percebemos que o mito traz a interpretação da realidade de um povo, com valor cultural e espiritual significativo.

No que concerne às religiões de matriz africana, entendemos que, embora os Orixás não façam parte do cânone romano, o culto a essas divindades e aos espaços de reunião – os Terreiros – deve ser considerado sagrado, como símbolos da fé religiosa do povo negro, não

¹⁷ A expressão “pecha do mal” se refere a um defeito moral, vício ou má reputação, que está diretamente associado a algo negativo. A palavra “pecha” significa falha, imperfeição ou mancha. Quando unida a “mal”, reforça a ideia de uma característica ou fama ruim.

cabendo representá-los sob a lógica mítica, sobretudo porque tal nomenclatura está fortemente permeada por preconceitos.

Nosso entendimento de sagrado não se fundamenta na concepção ocidental de religião, mas se ancora nas religiões de matriz africana, na perspectiva do povo negro que, ao ser violentamente desterrado, perdeu tudo, inclusive sua terra natal. Para esse povo, o mundo espiritual invisível é tão real, concreto e palpável quanto o mundo material. Suas expressões e representações culturais são desdobramentos de temas centrais da religiosidade africana.

Os negros, conforme observa Prandi (1999, p. 96), apresentam pontos de vista que divergem da religião ocidental, propondo “uma visão do universo que não apenas representa o mundo”, mas o recria espiritualmente. Essa dimensão ultrapassa o domínio das crenças e costumes, constituindo-se como um sistema de conhecimento e sabedoria ancestral.

Com base nessas considerações, cabe as contribuições de Ferretti (2007), que esclarece:

Toda religião fornece uma explicação a respeito das realidades observadas e de realidades não observáveis (em cuja existência o povo crê) e orienta o comportamento de seus membros, definindo o que é certo, o que é errado, a finalidade do homem etc. Algumas religiões mais universalistas são apresentadas como as únicas verdadeiras, e seus sacerdotes costumam exigir dos fieis o abandono de crenças e práticas de outras religiões (como quase sempre ocorre com as religiões cristãs). Outras são mais voltadas para uma determinada população, menos dadas ao proselitismo e não exigem de seus adeptos o afastamento de outras religiões e/ou o abandono de crenças e práticas religiosas vividas fora delas (como ocorre geralmente com as religiões afro-brasileiras) (Ferretti, 2007, p.02).

Sob essa ótica, e no que se refere às religiões de matriz africana, propomos a criação da categoria “Natureza Afro-Indígena Brasileira”, destinada a classificar os espaços sagrados, simbólicos e rituais vinculados às religiões afro-brasileiras e afro-indígenas, como o Candomblé, a Umbanda, o Batuque, a Jurema e o Tambor de Mina, entre outras. Esses territórios transcendem as naturezas física e antropológica propostas por Dick (1990), pois articulam ancestralidade, espiritualidade, resistência e identidade. São lugares vivos, habitados por forças espirituais e ancestrais, que expressam uma cosmologia própria e uma profunda conexão com o território.

A criação dessa nova categoria justifica-se pela ausência, na taxonomia original de Dick, de uma abordagem que contemple o sagrado como dimensão simultaneamente material, simbólica e espiritual. Os lugares afro-indígenas não são apenas espaços culturais ou físicos: constituem-se em territórios de fé, memória e resistência, que expressam uma relação cosmológica com o espaço — entendido como extensão da ancestralidade e da

espiritualidade.

Reconhecer essa categoria é fundamental para valorizar os saberes e práticas afro-brasileiras e afro-indígenas, historicamente marginalizados. Ao nomear os lugares conforme sua função ritual e energética, o modelo afro-indígena rompe com a lógica ocidental de classificação e afirma uma epistemologia própria.

Entre os exemplos que se enquadram nessa categoria estão os terreiros de Candomblé e Umbanda, as fontes, matas e rios consagrados a entidades, bem como as manifestações sagradas de orixás, guias espirituais e encantados cultuados nas diversas tradições afro-indígenas. Esses espaços são marcados por práticas rituais que reafirmam vínculos com a terra, os antepassados e o sagrado.

No âmbito dessa proposta, sugerimos a criação de quatro *taxes* toponímicas: *Ilêtopônimo*, *Ásétopônimo*, *Ibátopônimo* e *Ewétopônimo*, as quais serão detalhadas adiante. Esses conceitos evidenciam como a relação entre espaço, identidade e ancestralidade se manifesta na nomeação dos lugares sagrados e nas comunidades afro-brasileiras. A toponímia, nesse contexto, configura-se como uma ferramenta de preservação da memória e da cultura, contribuindo para a compreensão da complexa interação entre as culturas africanas, indígenas e europeias que moldaram o território brasileiro.

Essas *taxes* oferecem uma perspectiva fecunda sobre a importância dos terreiros, dos rituais, das plantas e da força vital do axé na construção da identidade afro-brasileira. A toponímia afro-indígena revela-se, portanto, essencial para a pesquisa e valorização do patrimônio cultural, permitindo desvendar as camadas de significado inscritas no território e na memória das comunidades. Ao reconhecer e valorizar essa forma de nomear e significar o espaço, contribuimos para a promoção da diversidade cultural e para a construção de uma sociedade mais justa, plural e inclusiva.

Compreendemos essa proposição como uma homenagem a Dick, na medida em que a crítica aqui apresentada não implica ausência de reconhecimento, mas representa um olhar ampliado e amistoso, que busca aprofundar e atualizar algo já considerado valioso.

A criação da taxonomia “Ilêtopônimos” surge, assim, da necessidade de descrever e estudar a influência da cultura africana na nomeação dos espaços religiosos — os terreiros. Essa nova categoria abrange os topônimos que fazem referência aos espaços sagrados do Candomblé e de outras religiões de matriz africana, constituindo-se em uma classificação apropriada para designar locais geográficos associados às divindades, aos orixás e às demais entidades espirituais, intrinsecamente ligados à espiritualidade e à cosmologia dessas

tradições.

Dispor de uma classificação específica, como os *Ilêtopônimos*, permite valorizar a conexão entre os lugares e as divindades espirituais, além de preservar a herança cultural dessas comunidades.

O modelo taxonômico proposto por Dick (1990, p. 142) adota o uso de prefixos greco-latinos que conceituam o termo “topônimo”. Na criação da taxonomia *Ilêtopônimo*, por tratar-se do campo semântico das religiões de matriz africana, optamos pelo uso de um prefixo em *iorubá*, *Ilê*, sem, contudo, perder a referência ao modelo original. Essa taxonomia é formada por três elementos fundamentais:

1. *Ilê*: o Terreiro de Candomblé como um todo, abrangendo não apenas seu significado espiritual e ritualístico, mas também sua estrutura física. A relação metonímica manifesta-se na forma como os elementos arquitetônicos — portas, janelas, sacadas, telhado e toda a construção — são compreendidos como extensões da energia e da função sagrada do espaço;
2. *Tópos* (lugar): reforça a importância dos espaços religiosos como elos entre os praticantes e as forças espirituais. O Terreiro é mais do que um local físico; constitui-se em um território de poder, onde o *axé* se manifesta e perpetua a tradição;
3. *Ónoma* (nome): destaca a relação entre a nomenclatura dos espaços sagrados e sua identidade cultural e espiritual. Os nomes atribuídos aos Terreiros carregam histórias, memórias e significados profundos dentro da cosmologia afro-brasileira.

Além dos *Ilêtopônimos*, identificamos a necessidade de estabelecer novas categorias taxonômicas que abranjam os Orixás e as Entidades espirituais em geral — os *Àsétopônimos* —, os objetos sagrados — denominados *Ibátôpônimos* — e as plantas sagradas — chamadas *Ewêtopônimos*. Essa organização fundamenta-se na cosmovisão dos povos negros, refletindo os princípios e tradições das religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e outras expressões religiosas de matriz africana. Dessa forma, buscamos estruturar um sistema que respeite e valorize os elementos espirituais e culturais que compõem essas práticas, os quais serão apresentados e discutidos a seguir.

Conforme os postulados de Dick (1996, p. 12), os topônimos estão intimamente ligados à história, à religião e à religiosidade, funcionando como veículos de ideologias e refletindo as intenções de quem os nomeia. Assim, os topônimos configuram-se como discursos carregados de significados ideológicos, justificando tanto as mudanças quanto a manutenção dos nomes. A importância dos topônimos de matriz africana revela-se na

descrição precisa de ferramentas, objetos e plantas sagradas, cuja preservação assegura a continuidade do sagrado, da cultura e da religião.

O modelo taxonômico de Dick (1990) é amplamente reconhecido nos estudos toponímicos e utilizado para classificar nomes de lugares com base em aspectos etimológicos, morfológicos e motivacionais. Esse modelo busca organizar os topônimos conforme suas origens linguísticas e culturais, sendo aplicado em diversas pesquisas sobre Toponímia no Brasil.

A relação entre esse modelo e o conceito de *Àsétopônimos* dá-se pela adaptação da metodologia taxonômica ao universo espiritual afro-brasileiro. Enquanto Dick concentra-se na classificação de nomes geográficos, os *Àsétopônimos* categorizam Entidades espirituais — como Orixás, guias e elementos rituais presentes no Candomblé, na Umbanda, na Quimbanda, no Batuque, na Jurema Sagrada, no Tambor de Mina, entre outras tradições —, relacionando-os aos nomes geográficos. Essa abordagem mantém coerência na formação dos nomes, garantindo que reflitam a estrutura e o significado próprios das religiões de matriz africana.

O *Àsétopônimo* é um termo composto pelos seguintes elementos:

1. Àsé: refere-se a todas as Entidades e manifestações espirituais, incluindo os Orixás, guias e ancestrais cultuados no Candomblé, na Umbanda, na Jurema, no Tambor de Mina e em outras tradições de origem africana;
2. Tópos (lugar): diz respeito ao espaço sagrado onde o *àsé* se manifesta e é reverenciado, sendo esse território compreendido como lugar de força espiritual e de preservação cultural;
3. Ónoma (nome): refere-se à nomeação desses espaços dentro da cosmologia e da prática religiosa afro-brasileira, carregando significados que transcendem a mera identificação geográfica.

A legitimidade dos *Àsétopônimos* como categoria taxonômica válida fundamenta-se em princípios linguísticos e espirituais alinhados às tradições afro-brasileiras. Sua base etimológica ancora-se na língua *iorubá*, refletindo os fundamentos culturais e cosmológicos dessas religiões. Assim, a classificação sistemática das Entidades espirituais permite uma compreensão mais profunda dos sistemas religiosos afro-brasileiros e contribui significativamente para a preservação dos saberes ancestrais.

Além disso, a aplicabilidade desse modelo, tanto no campo acadêmico quanto nas práticas religiosas, serve como referência para pesquisas, para a estruturação de ensinamentos nos Terreiros e para o fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira. Dessa forma, os

Àsétopônimos justificam-se como uma taxonomia legítima e pertinente à classificação das Entidades cultuadas no Candomblé e em outras tradições de matriz africana.

Cabe ainda salientar que os objetos ritualísticos desempenham funções que vão além do aspecto utilitário do trabalho humano. Eles estão inseridos no contexto espiritual, identitário e tradicional das religiões afro-brasileiras. Por essa razão, foi necessário propor um novo termo que possibilite uma classificação mais adequada, considerando a singularidade desses objetos dentro desse sistema religioso: os *Ibátopônimos*. Este termo é formado pelos seguintes elementos:

1. **Ibá:** ferramentas, símbolos e objetos sagrados do Candomblé como um todo;
2. **Topos (lugar):** refere-se ao espaço onde esses objetos são utilizados ou armazenados, como os assentamentos dos Orixás e os locais de ritual;
3. **Onoma (nome):** diz respeito à nomeação desses espaços e objetos.

A criação da taxonomia *Ibátopônimos* justifica-se pelo fato de que o conceito de Ergotopônimos, desenvolvido por Dick (1990), não abrange de forma adequada os objetos sagrados das religiões afro-brasileiras, os quais possuem uma carga simbólica e religiosa distinta. Essa nova categoria busca preencher uma lacuna deixada pelo modelo original proposto por Dick, ao reconhecer a importância dos objetos sagrados no contexto das religiões afro-brasileiras e sua relação com a identidade cultural e espiritual de seus praticantes. A necessidade de um termo específico reforça a complexidade da nomeação nesses sistemas religiosos, nos quais os objetos não são apenas ferramentas, mas também Entidades carregadas de significado e poder.

No Candomblé, tudo é consagrado pelo povo de santo: ferramentas, objetos, árvores e a vegetação em geral. Esses itens auxiliam os adeptos na compreensão dos Orixás, sendo confeccionados a partir de materiais como ferro, latão, cobre, barro, tecido, palha, madeira, búzios e contas. Elementos naturais, como pedras, vegetais, água, terra e árvores, também são utilizados em seu estado bruto. Esses objetos integram o sistema cosmológico e dinâmico da religião, conforme afirma Geertz (1989, p. 97): “A espécie de símbolos (ou complexos de símbolos) que os povos vêem como sagrados variam muito amplamente”. Um exemplo disso são os atabaques, elementos fundamentais nos rituais, pois invocam os Orixás por meio de ritmos específicos.

Outros elementos sagrados incluem vestimentas, acessórios rituais e oferendas de alimentos e bebidas, todos cuidadosamente preparados e simbolicamente associados aos

Orixás. Araújo (2011) destaca os *pejis*¹⁸, com as cabaças e pedras (*otá* ou *okutá*), que representam as divindades. A sacralização e a consagração dos instrumentos religiosos justificam a criação de uma taxonomia específica para objetos sagrados. Como observa Santos (1986, p. 37): “Os objetos que reúnem as condições estéticas e materiais requeridas para o culto (...) carecem de fundamento”. Esses objetos tornam-se sagrados após rituais de consagração e são periodicamente revitalizados para manter a energia (*Axé*) nos terreiros.

Nesse sentido, os *Ibátônimos* configuram-se como uma categoria toponímica específica, voltada à nomeação, preservação e atribuição de sentido aos objetos sagrados das religiões afro-brasileiras, com base em sua importância cultural, religiosa e simbólica.

No Candomblé, os objetos sagrados são muito mais do que itens utilitários ou decorativos: eles são símbolos vivos e dinâmicos que concentram o *Axé*, a energia espiritual vital que conecta os praticantes aos Orixás e ao mundo espiritual. A necessidade de criar uma taxonomia específica decorre da relevância de proteger e perpetuar a memória e o valor desses objetos.

Os *Ibátônimos* não apenas nomeiam os objetos sagrados, mas também registram seu contexto de uso e sua sacralidade, assegurando que esses elementos sejam compreendidos e respeitados tanto dentro quanto fora do ambiente religioso. Cada objeto possui uma história e uma função profundamente enraizadas no sistema cosmológico do Candomblé. As ferramentas de Ogum¹⁹, as cabaças²⁰, as guias ou contas²¹ são utilizadas tanto como proteção quanto como expressão de devoção e identidade religiosa (Pandi, 2001).

A consagração de objetos no Candomblé segue uma série de rituais cuidadosamente realizados, que envolvem oferendas, rezas e outros fundamentos religiosos. Após esses rituais, os objetos tornam-se elementos imbuídos de *Axé* e, por isso, devem ser tratados com extremo respeito. Sua utilização é restrita exclusivamente ao contexto religioso, sendo expressamente proibido seu uso para fins profanos ou não litúrgicos (Verger, 2002).

¹⁸ Pequenos santuários localizados nos terreiros, nos quais são depositadas oferendas e objetos sagrados, desempenham um papel central nas práticas religiosas, funcionando como pontos de conexão entre os praticantes e os Orixás

¹⁹ Facas, espadas e outros instrumentos representam o poder e a força do Orixá guerreiro Ogum, sendo símbolos de sua atuação e proteção nos rituais.

²⁰ Recipientes ritualísticos são utilizados para armazenar e transportar oferendas ou líquidos sagrados, frequentemente decorados e consagrados, reforçando sua função simbólica e espiritual.

²¹ Os colares ritualísticos, conhecidos como guias, estão diretamente associados aos Orixás. No Candomblé, as guias são confeccionadas com materiais como miçangas, sementes, pedras e cristais, representando a ligação espiritual do praticante com a divindade correspondente. Cada guia possui uma simbologia própria e passa por rituais de consagração que intensificam seu poder protetor. As cores e os padrões refletem a essência de cada Orixá: as contas brancas de Oxalá simbolizam pureza e paz; os tons vermelhos e amarelos de Iansã remetem ao fogo e ao vento; já o azul e o branco de Iemanjá representam o mar e a maternidade.

A adoção de uma nomenclatura específica, como os *Ibátópônimos*, é essencial para preservar o legado cultural e religioso do Candomblé. Essa classificação permite que os adeptos reconheçam e valorizem os objetos sagrados como parte integrante do sistema espiritual, conectando-os à memória, à ancestralidade e à prática religiosa. Além disso, contribui para estudos interdisciplinares envolvendo áreas como a Linguística, a História, a Antropologia e os Estudos da Religião. Ao nomear e categorizar os objetos sagrados, reafirma-se sua centralidade na cosmologia do Candomblé e fortalece-se a relação simbólica entre os objetos, os praticantes e os Orixás.

De modo semelhante, não adotaremos, nesta tese, a taxonomia dos *Fitotópônimos*, postulada por Dick (1990), por considerarmos que ela não contempla a dimensão espiritual e simbólica das plantas sagradas nas religiões afro-brasileiras. Os *Fitotópônimos*, conforme definidos por Dick, destinam-se à designação de elementos da vegetação de forma geral, com base em características botânicas ou ecológicas. No entanto, no contexto das religiões afro-brasileiras, as plantas desempenham um papel muito mais profundo: são veículos de *axé*, utilizadas em rituais, banhos, oferendas e demais práticas litúrgicas. A simples classificação botânica não é suficiente para capturar essa complexidade.

Por isso, torna-se fundamental a criação de uma taxonomia que assegure uma nomenclatura capaz de preservar a sacralidade e a função simbólica das plantas dentro do culto religioso. Nesse contexto, propomos a taxonomia dos *Ewétópônimos*, formada pelos seguintes elementos:

1. Ewé: designa, de modo geral, as folhas sagradas utilizadas nas práticas religiosas afro-brasileiras, especialmente no Candomblé. As folhas são consideradas portadoras de *àsé* e desempenham papel fundamental nos rituais de cura, iniciação e consagração;
2. Tópos (lugar): refere-se ao espaço sagrado onde as folhas são cultivadas, manipuladas ou utilizadas ritualmente. Esses locais incluem hortas sagradas, terreiros, matas consagradas e pontos de coleta, compreendidos como territórios de força espiritual e saber ancestral;
3. Ónoma (nome): diz respeito à nomeação desses espaços e elementos dentro da cosmologia afro-brasileira, atribuindo-lhes significados que transcendem a mera identificação geográfica, revelando vínculos com Entidades, mitos e práticas específicas.

No Terreiro, a árvore *Iròkò* exemplifica essa conexão: após os rituais de consagração, deixa de ser uma simples planta e transforma-se em morada-templo de divindades. De acordo com Conceição e Tevizan (2016):

A base religiosa das comunidades de terreiros de Candomblé é pautada na fitolatria – culto e adoração às plantas – herança deixada pelos ancestrais africanos. A perspectiva de preservação vai além do ecológico, por ser igualmente essencial à preservação da própria religião: para a tradição das religiões de matriz africana a árvore representa um deus vivo e presente (Conceição; Tevizan, 2016, p. 146).

Nesse contexto, os *Ewétopônimos* constituem uma categoria toponímica essencial no Candomblé, dedicada à nomeação dos elementos sagrados vinculados à vegetação. As plantas, árvores e demais componentes botânicos não são apenas partes da natureza, mas carregam significados espirituais e energéticos específicos. A organização e a sistematização desses nomes e funções dentro da prática religiosa evidenciam a importância da flora na preservação dos ensinamentos, da identidade e da continuidade das tradições afro-brasileiras.

As plantas desempenham um papel crucial na conexão entre os praticantes e os Orixás, sendo utilizadas em diversos contextos. Nos banhos de purificação, determinadas folhas e ervas são empregadas para eliminar energias negativas e harmonizar o espírito. Nas defumações, vegetais e ervas queimados servem para purificar o espaço ritual e criar um ambiente propício à presença dos Orixás.

Nas oferendas e preparações rituais, cada Orixá possui plantas específicas associadas a si, utilizadas como forma de homenagem ou como elementos sacrificiais. Em remédios espirituais, muitas plantas detêm propriedades medicinais associadas a seus usos rituais, promovendo a cura tanto do corpo quanto do espírito. No Candomblé, as plantas são tratadas com profunda reverência: seu cultivo e colheita seguem rituais específicos destinados a garantir a preservação do *àṣẹ*, a energia sagrada que elas carregam.

Entre os exemplos mais significativos está o *Obí*, planta cujo fruto desempenha papel central nos rituais divinatórios e é oferecido a diversos Orixás. O *Ossé* está associado aos banhos de purificação e aos rituais de limpeza espiritual, sendo amplamente utilizado para eliminar energias negativas. Já o *dendenzeiro* é uma árvore cujos frutos dão origem ao azeite de dendê — elemento sagrado essencial nas oferendas e nas preparações rituais. Por fim, as folhas de *Agbó*, consagradas à Orixá Oxum, desempenham função fundamental nos rituais de cura e nos banhos de proteção, fortalecendo o vínculo espiritual entre os praticantes e a divindade.

Barros (2003) destaca o *Ágbo* como a mais significativa das misturas vegetais no culto aos Orixás, pois sua utilização se estende desde os rituais de iniciação até as obrigações finais. Além disso, essa poderosa composição vegetal atua como elo sagrado entre o mundo dos Orixás e o mundo dos homens, assegurando a continuidade da tradição espiritual.

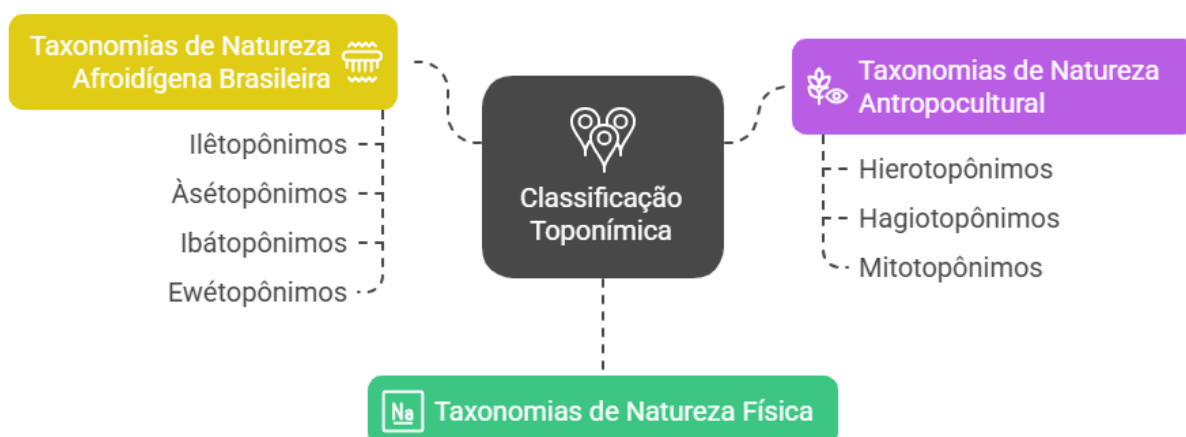
Cada planta carrega um significado que transcende sua denominação botânica, refletindo a integração entre o mundo natural e o sagrado e servindo como elo entre os praticantes e as forças espirituais que regem o universo. A escolha das plantas não é arbitrária: envolve um conhecimento profundo, transmitido oralmente entre as gerações. Assim, os *Ewétopônimos* não apenas nomeiam as plantas, mas também preservam sua história, seu uso ritual e sua importância simbólica.

A taxonomia dos *Ewétopônimos* é fundamental não apenas para a organização e o registro dos elementos vegetais sagrados no Candomblé, mas também para a perpetuação dos conhecimentos ancestrais. Esse sistema favorece o diálogo com outras áreas do saber — como a Botânica, a Antropologia, a Linguística e os Estudos da Religião —, promovendo uma compreensão interdisciplinar sobre o papel das plantas no contexto religioso e cultural afro-brasileiro.

Além disso, ao nomear e classificar as plantas sagradas, reafirma-se a importância da preservação da natureza como parte integrante da religiosidade. Essa prática ressalta a indissociável relação entre o sagrado e o meio ambiente, reiterando que o cuidado e a proteção das plantas são, também, atos de devoção.

Assim, sugerimos a seguinte classificação, apresentada na Figura 60, a seguir:

Figura 60 - Classificação dentro dos Hierotopônimos para abarcar os Terreiros.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Conforme ilustrado na figura 60 e com o objetivo de abarcar as religiões de matriz

africana, a classificação toponímica pode ser organizada em três grandes grupos: em primeiro lugar, encontram-se as Taxonomias de Natureza Física, seguidas pelas Taxonomias de Natureza Antropocultural e, por fim, pelas Taxonomias de Natureza Afroindígena Brasileira.

No âmbito das Taxonomias de Natureza Antropocultural, destacam-se os Hierotopônimos, que englobam topônimos que contemplam nomes sagrados de diferentes crenças, entidades religiosas, associações religiosas e locais de culto. Esses, por sua vez, se subdividem em duas categorias principais:

- Os Hagiotopônimos: subcategoria que abarca topônimos associados a nomes de santos e santas do hagiológico romano, como São José, São João, Santo Antônio e Santa Rita;
- Os Mitotopônimos: categoria destinada a topônimos que remetem exclusivamente a entidades mitológicas e folclóricas, como Hércules, Pégaso, Saci e Curupira.

Já nas Taxonomias de Natureza Afroindígena Brasileira, sobressaem os Ilêtopônimos, os Àsétopônimos, os Ibátotopônimos e os Ewétotopônimos, cada um representando aspectos específicos das tradições e espaços sagrados das religiões de matriz africana no Brasil:

- Os Ilêtopônimos: correspondem a topônimos relacionados a espaços sagrados, os terreiros em sua totalidade;
- Os Àsétopônimos: referem-se a topônimos associados a entidades e manifestações sagradas, como os Orixás, guias espirituais e ancestrais cultuados no Candomblé, na Umbanda, na Jurema, no Tambor de Mina e em outras religiões de origem africana. Exemplos incluem Terreiro Ogum, Terreiro de Boiadeiro e Terreiro Índio Tupi;
- Os Ibátotopônimos: representam topônimos que fazem referência a ferramentas, símbolos, emblemas e objetos sagrados do Candomblé como um todo;
- Os Ewétotopônimos: dizem respeito a topônimos associados à vegetação e às plantas sagradas utilizadas nos cultos e rituais afro-brasileiros. Essa estrutura busca respeitar e valorizar a diversidade das religiões de matriz africana, garantindo uma nomenclatura condizente com suas práticas, símbolos e concepções do sagrado.

A classificação dos topônimos religiosos, como os *Ilêtopônimos*, *Àsétopônimos*, *Ibátotopônimos* e *Ewétotopônimos*, possibilita uma análise detalhada de suas origens culturais e significados simbólicos, enriquecendo a compreensão da relação entre Toponímia, história e cultura. Além de valorizar a identidade local e nacional, essa categorização fortalece o reconhecimento da importância das tradições afro-brasileiras na construção do patrimônio cultural brasileiro.

Assim, a nomeação de lugares a partir de referências religiosas revela-se como um ato

de consagração e proteção espiritual, conectado às divindades e aos Orixás, reforçando não apenas a devoção, mas também a preservação da memória e dos valores ancestrais. Essa abordagem evidencia como os nomes carregam significados que transcendem a geografia, tornando-se expressões vivas da espiritualidade e da história afro-brasileira.

A argumentação desenvolvida até este ponto estabelece uma base sólida para a Seção 4, dedicada à exposição dos aspectos metodológicos da pesquisa. Esta seção assume papel fundamental ao explicitar o percurso investigativo adotado, justificando as escolhas teóricas, a classificação taxonômica proposta e os procedimentos metodológicos empregados na análise das novas categorias toponímicas identificadas.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente seção tem como objetivo apresentar os aspectos metodológicos adotados nesta pesquisa, sendo estruturada em quatro subseções, de modo a garantir uma abordagem clara, sistemática e organizada.

Na primeira subseção, intitulada *O Território de Identidade do Recôncavo Baiano: o locus da pesquisa*, será realizada uma explanação sobre o conceito de Território de Identidade do Recôncavo Baiano, com destaque para os locais nos quais a pesquisa foi desenvolvida. Na segunda subseção, *O corpus*, será apresentada a delimitação do corpus da pesquisa, composto por 420 terreiros, além dos mapas cartográficos que representam a distribuição desses espaços nos municípios do Recôncavo Baiano.

A terceira subseção, *A coleta de dados*, explicará as etapas que compuseram o processo de levantamento e sistematização dos dados. Por fim, a quarta subseção, *O modelo de ficha lexicográfico-toponímica*, abordará a composição e a organização da ficha utilizada para o registro e análise dos dados toponímicos, fornecendo uma descrição detalhada do modelo adotado.

4.1 O TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DO RECÔNCAVO BAIANO E A INFLUÊNCIA DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS NA REGIÃO

Para situar a presente pesquisa em seu contexto geográfico e sociopolítico, é necessário apresentar o conceito de Território de Identidade (T.I.) do Recôncavo Baiano. A partir de 2007, o Governo do Estado da Bahia passou a adotar a abordagem territorial como diretriz de planejamento, com o objetivo de identificar as prioridades da população com base nas especificidades locais. Essa perspectiva visa promover a equidade de direitos e o desenvolvimento sustentável entre as diferentes regiões do estado.

Com isso, a Bahia passou a contar com duas formas de divisão territorial: a primeira, em Regiões Econômicas; a segunda – mais recente e central para esta pesquisa –, em Territórios de Identidade. A presente tese adota essa segunda abordagem, considerando os 27 Territórios de Identidade, que abrangem os 417 municípios baianos.

O Governo da Bahia, em seus documentos oficiais, apresenta um conceito bem definido para a expressão “Território de Identidade”, o qual será discutido a seguir.

O Território de Identidade é uma estratégia de desenvolvimento, que agrupa municípios com afinidades sociais, culturais, históricas, econômicas, geográficas etc., criada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a partir de 2003. Em 2007, a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia adotou essa divisão do território baiano em 26 Territórios de Identidade. Hoje já são reconhecidos 27 Territórios de Identidade na Bahia. O objetivo desta estratégia de gestão e política é estimular a cooperação e a articulação regional com foco no desenvolvimento (Bahia, Conferência Territorial de Cultura, 2013).

O objetivo central dessa divisão foi identificar as necessidades específicas de cada localidade nas esferas social, cultural, histórica e econômica. A seguir, apresenta-se o Quadro 7, contendo a relação dos 27 Territórios de Identidade e seus respectivos municípios.

Quadro 7 - Relação do Território de Identidade do Recôncavo.

TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	MUNICÍPIOS
Irecê	América Dourada, Barra do Mendes, Barro Alto, Cafarnaum, Canarana, Central, Gentio do Ouro, Ibipecta, Ibititá, Ipuçara, Irecê, Itaguaçu da Bahia, João Dourado, Jussara, Lapão, Mulungu do Morro, Presidente Dutra, Uibaí, São Gabriel, Xique-Xique.
Velho Chico	Barra, Bom Jesus da Lapa, Brotas de Macaúbas, Carinhanha, Feira da Mata, Ibotirama, Igaporã, Malhada, Matina, Morpará, Muquém do São Francisco, Oliveira dos Brejinhos, Paratinga, Riacho de Santana, Serra do Ramalho, Sítio do Mato.
Chapada Diamantina	Abaíra, Andaraí, Barra da Estiva, Boninal, Bonito, Ibicoara, Ibitiara, Iramaia, Iraquara, Itaetê, Jussape, Lençóis, Marcionílio Souza, Morro do Chapéu, Mucugê, Nova Redenção, Novo Horizonte, Palmeiras, Piatã, Rio de Contas, Seabra, Souto Soares, Utinga, Wagner.
Sisal	Araci, Barrocas, Biritinga, Candéal, Cansção, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Nordestina, Queimadas, Quijingue, Retirolândia, Santaluz, São Domingos, Serrinha, Teofilândia, Tucano, Valente..
Litoral Sul	Almadina, Arataca, Aurelino Leal, Barro Preto, Buerarema, Camacan, Canavieiras, Coaraci, Floresta Azul, Ibicaraí, Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Itaju do Colônia, Itajuípe, Itapé, Itapitanga, Jussari, Maraú, Mascote, Pau-Brasil, Santa Luzia, São José da Vitória, Ubaitaba, Uma, Uruçuca.
Baixo Sul	Aratuípe, Cairu, Camamu, Gandu, Ibirapitanga, Igrapiúna, Ituberá, Jaguaripe, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia, Valença, Wenceslau Guimarães.
Extremo Sul	Alcobaça, Caravelas, Ibirapóã, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Prado, Teixeira de Freitas, Vereda.
Médio Sudoeste da Bahia	Caatiba, Firmino Alves, Ibicuí, Iguaí, Itambé, Itapetinga, Itarantim, Itororó, Macarani, Maiquinique, Nova Canaã, Potiraguá, Santa Cruz da Vitória.
Vale do Jiquiriçá	Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba, Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafayette Coutinho, Laje, Lajedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas, Ubaíra.
Sertão do São Francisco	Campo Alegre de Lourdes, Canudos, Casa Nova, Curaçá, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé, Sobradinho, Uauá.
Bacia do Rio Grande	Angical, Baianópolis, Barreiras, Buritirama, Catolandia, Cotegipe, Cristópolis, Formosa Do Rio Preto, Luís Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão Das Neves, Santa Rita De Cássia, São Desiderio, Wanderley.

Bacia do Paramirim	Boquira, Botuporã, Caturama, Érico Cardoso, Ibipitanga, Macaúbas, Paramirim, Rio do Pires.
Sertão Produtivo	Brumado, Caculé, Caetité, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiú, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu, Tanque Novo, Urandi.
Piemonte do Paraguaçu	Boa Vista do Tupim, Iaçu, Ibiquera, Itaberaba, Itatim, Lajedinho, Macajuba, Mundo Novo, Piritiba, Rafael Jambeiro, Ruy Barbosa, Santa Terezinha, Tapiramutá.
Bacia do Jacuípe	Baixa Grande, Capela do Alto Alegre, Capim Grosso, Gavião, Ipirá, Mairi, Nova Fátima, Pé de Serra, Pintadas, Quixabeira, Riachão do Jacuípe, São José do Jacuípe, Serra Preta, Várzea da Roça, Várzea do Poço.
Piemonte da Diamantina	Caém, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba, Orolândia, Saúde, Serrolândia, Umburanas, Várzea Nova.
Semiárido Nordeste II	Adustina, Antas, Banzaê, Cícero Dantas, Cipó, Coronel João Sá Euclides da Cunha, Fátima, Heliópolis, Jeremoabo, Nova Soure, Novo Triunfo, Paripiranga, Pedro Alexandre, Ribeira do Amparo, Ribeira do Pombal, Santa Brígida, Sítio do Quinto.
Litoral Norte e Agreste Baiano	Acajutiba, Alagoinhas, Aporá, Araçás, Aramari, Cardeal da Silva, Catu, Conde, Crisópolis, Entre Rios, Esplanada, Inhambupe, Itanagra, Itapicuru, Jandaíra, Olindina, Ouricangas, Pedrão, Rio Real, Sátiro Dias.
Portal do Sertão	Água Fria, Amélia Rodrigues, Anguera, Antônio Cardoso, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Feira de Santana, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santanópolis, Santo Estêvão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho, Teodoro Sampaio, Terra Nova.
Sudoeste Baiano	Anagé, Aracatu, Barra do Choça, Belo Campo, Bom Jesus da Serra, Caetanos, Cândido Sales, Caraíbas, Condeúba, Cordeiros, Encruzilhada, Guajeru, Jacaraci, Licínio de Almeida, Maetinga, Mirante, Mortugaba, Piripá, Planalto, Poções, Presidente Jânio Quadros, Ribeirão do Largo, Tremedal, Vitória da Conquista.
Recôncavo	Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Salinas da Margarida, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, Sapeaçu, Saubara, Varzedo.
Médio Rio de Contas	Aiquara, Apuarema, Barra do Rocha, Boa Nova, Dário Meira, Gongogi Ibirataia, Ipiaú, Itagi, Itagibá, Itamari, Jequié, Jitaúna, Manoel Vitorino, Nova Ibiá, Ubatã.
Bacia do Rio Corrente	Brejolandia, Canápolis, Cocos, Coribe, Correntina, Jaborandi, Santa Maria da Vitória, Santana, São Felix Do Coribe, Serra Dourada, Tabocas do Brejo Velho.
Itaparica	Abaré, Chorrochó, Glória, Macururé, Paulo Afonso, Rodelas.
Piemonte Norte do Itapicuru	Andorinha, Antônio Gonçalves, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Filadélfia, Jaguarari, Pindobaçu, Ponto Novo, Senhor do Bonfim.
Metropolitano de Salvador	Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho, Vera Cruz.
Costa do Descobrimento	Belmonte, Eunápolis, Guaratinga, Itabela, Itagimirim, Itapebi, Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália.

Fonte: SEPROMI (2023).

Dentre esses territórios, destaca-se o Território de Identidade (T.I.) do Recôncavo Baiano, onde estão localizados os municípios que compõem o corpus de estudo desta

pesquisa, ou seja, os terreiros do Recôncavo.

Geograficamente, o Recôncavo situa-se na região leste da Bahia e faz divisa com os territórios de identidade do Portal do Sertão, Piemonte do Paraguaçu, Vale do Jiquiriçá, Baixo Sul, Região Metropolitana de Salvador e Litoral Norte/Agreste Baiano.

Com uma extensão territorial de 5.221,201 km², o Recôncavo abrange 20 municípios e possui uma população total de 576.672 habitantes, conforme o último censo. A seguir, apresenta-se um mapa com o recorte da área de estudo:

Figura 61 - Recorte da Área de Estudo Recôncavo da Bahia.



Fonte: SEPROMI (2023).

Os terreiros inseridos no Território de Identidade (T.I.) do Recôncavo, assim como quaisquer outros, são espaços sagrados dedicados aos Orixás ancestrais, onde os adeptos praticam seus rituais, cultos e celebrações. Cada terreiro possui sua própria tradição, hierarquia e cosmologia, refletindo a diversidade e pluralidade das religiões africanas. A relação entre os adeptos, os Orixás e a natureza é central para a compreensão dessa religião, que valoriza o respeito, a harmonia e o equilíbrio entre os seres humanos e o divino (Batista, 2005).

Historicamente, o Recôncavo Baiano foi, e ainda é, um importante polo de resistência

e preservação das tradições africanas, que perdura desde os períodos colonial e pós-colonial. Os terreiros surgiram como espaços de resistência e preservação da memória cultural, onde os africanos e seus descendentes mantiveram vivas suas crenças, rituais e tradições ancestrais, mesmo diante da opressão e da discriminação.

O T.I. do Recôncavo foi escolhido para este estudo por motivos específicos, destacando-se o fato de os terreiros já serem tombados. Esse tombamento é fundamental, pois a partir dele dispomos de informações relevantes sobre os terreiros, como, por exemplo: o mapeamento, que permite identificar quem são, onde estão e o que fazem; a história do terreiro, relacionada à sua data de fundação, suas lideranças e à nação a que pertence; o levantamento fotográfico; sua importância enquanto patrimônio cultural; entre outros aspectos.

O segundo fator que motivou a escolha do T.I. do Recôncavo para este estudo é a expressiva importância desse território na formação religiosa, política, econômica e cultural do estado da Bahia. Esses elementos constituem parte integrante da história e identidade da região, relacionando-se diretamente com o que os terreiros podem oferecer enquanto patrimônios históricos, garantindo-lhes a proteção federal.

A proteção federal de um patrimônio cultural é fundamental para assegurar a preservação, valorização e promoção desses elementos que integram o processo histórico e identitário de uma região. Além disso, ela pode contribuir para o desenvolvimento sustentável, o turismo cultural e a educação patrimonial, promovendo a conscientização e o respeito pela diversidade cultural e histórica do Recôncavo Baiano. Entretanto, embora necessária e importante, a proteção federal não garante a integridade total dos terreiros.

Esses espaços, apesar de tombados, apresentam muitas carências. Por esse motivo, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em parceria com o Ministério da Cultura, vem, gradualmente, buscando recursos para minimizar essa situação. Contudo, os recursos destinados às religiões de matrizes africanas são insuficientes, resultando, em geral, apenas em investimentos para pequenas intervenções nesses espaços, como a recuperação de fontes, construção de coberturas e muros para os locais tombados.

O T.I. do Recôncavo sempre se destacou dos demais territórios por seu crescimento econômico e pela existência de diversas expressividades culturais e religiosas. Segundo Castro (2003, p. 147):

O Recôncavo Baiano é uma região conhecida internacionalmente pela diversidade de e densidade simbólica das festividades populares criadas e reinventadas pelo dinamismo sociocultural do povo brasileiro, trata-se de festividades ligadas a

elementos sagrados, místicos, profanos, políticos que congergam diferentes vertentes. Existem um miríade de razões para se festejar: o santo de devoção, a padroeira do lugar, o aniversário da cidade, uma vaquejada, um rodeio.

Todas essas características fazem do T.I. do Recôncavo Baiano um espaço especial e de grande relevância para os estudos toponímicos, pois é nesse território que encontramos uma variedade de topônimos de origem religiosa com influências diversas, os quais serão abordados adiante.

No âmbito cultural, os terreiros funcionam como verdadeiros centros de irradiação da cultura africana em diálogo com a cultura local, onde música, dança, arte e culinária se entrelaçam em uma celebração vibrante da diversidade e da espiritualidade. As festas religiosas, os rituais, as cantigas e os cânticos são expressões artísticas e culturais que revelam a profundidade e a riqueza da herança africana na formação cultural do Recôncavo.

A influência africana se faz visivelmente presente no T.I. do Recôncavo, conforme afirma Pedrão (2007), que relata que esse território apresenta manifestações baseadas nos elementos tradicionais dos povos de religião de matriz africana. Uma das principais tradições culturais é o samba de roda, que, em 2005, foi tombado como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade.

Figura 62 - Samba de roda do T.I do Recôncavo Baiano.



Fonte: SEPROMI (2023).

Além do samba de roda, o Recôncavo abriga outras manifestações culturais e religiosas importantes do povo negro, como a Festa da Boa Morte, realizada na cidade de Cachoeira. Essa festa é considerada Patrimônio Imaterial da Bahia desde 2010 e é promovida por uma irmandade composta por 40 mulheres negras, que são as protagonistas do culto afro-católico da Assunção da Virgem Maria na cidade, durante o mês de agosto.

Figura 63 - Irmãs da Boa Morte na procissão de Nossa Senhora da Glória, dentro dos Festejos da Boa Morte em Cachoeira.



Fonte: SEPROMI (2023).

Já a Festa de Nossa Senhora da Ajuda é considerada uma das manifestações populares mais antigas do Estado da Bahia. Desde 2017, o Instituto do Patrimônio Artístico Cultural (IPAC) reconhece a celebração como Patrimônio Imaterial da Bahia.

Figura 64 – Igreja de Nossa Senhora d’Ajuda, Cachoeira, BA.



Fonte: IPHAN (2025).

O Bembé do Mercado é, também, uma manifestação cultural e religiosa que acontece na cidade de Santo Amaro, no Recôncavo.

Figura 65 - Xirê²² nas celebrações do Bembé do Mercado.



Fonte: SEPROMI (2023).

O Bembé do Mercado é uma manifestação religiosa de matriz africana realizada em comemoração à abolição da escravidão, assegurada pela Lei Áurea de 1888. Trata-se do único Candomblé de rua do mundo, com uma tradição que remonta a 136 anos. A celebração ocorre no Largo do Mercado, local que, em dias comuns, abriga a feira livre da cidade e o tradicional Mercado de Farinha. Durante o período festivo, entre os dias 10 e 18 de maio, o espaço urbano assume uma nova configuração simbólica e funcional. Inspirado nos moldes das antigas senzalas, um barracão é erguido no largo, servindo como espaço sagrado para a realização do Xirê, cerimônia de louvor aos Orixás. Antes do início dos cultos, o local é tomado por diversas manifestações culturais representativas das tradições do Recôncavo Baiano.

Com a realização do Bembé, o Largo do Mercado adquire uma nova territorialidade. A feira livre dá lugar a um espaço ritual e festivo, com barracões religiosos, palcos para apresentações musicais e culturais, além de barracas destinadas à comercialização de comidas típicas, artesanato e vestuário religioso. O Bembé do Mercado possui profunda relevância para o povo de santo e para a comunidade do Recôncavo como um todo. Em 2012, foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) como Patrimônio Cultural Imaterial da Bahia e, em 2019, recebeu o reconhecimento nacional como

²² O Xirê é um ritual fundamental no Candomblé, caracterizado por música, dança e cânticos dedicados aos Orixás. A palavra tem origem na língua iorubá e pode ser traduzida como “cantar” ou “dançar”. Durante o Xirê, os participantes entoam cânticos específicos para cada Orixá, criando um ambiente de reverência e celebração. Além disso, o ritual envolve o uso de instrumentos, como os atabaques, e a realização de oferendas, fortalecendo a conexão espiritual entre os praticantes e as divindades.

Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Não é por acaso que esse território concentra o maior número de Terreiros de Candomblé e Umbanda da Bahia. Essa realidade decorre do processo histórico pelo qual essa região foi submetida, além das cidades do Recôncavo serem consideradas pelo IPHAN como Monumento Nacional, em virtude do seu imponente e belo conjunto arquitetônico e paisagístico, tombado pelo mesmo órgão em 1971, conforme ilustrado na figura 66.

Figura 66 - Rua do centro histórico de Cachoeira, BA.



Fonte: SEPROMI (2023).

Podemos perceber, portanto, que o T.I. do Recôncavo é um espaço de expressiva riqueza cultural e religiosa, onde os terreiros se distribuem por todo o território, simbolizando a resistência e a preservação das tradições do povo negro. Essa presença fortalece a identidade comunitária e assegura a continuidade dos saberes ancestrais.

4.2 DELIMITAÇÃO DO *CORPUS* DA PESQUISA E A COLETA DE DADOS EM LINGUA ORAL

Foi delimitado como corpus desta pesquisa os espaços das religiões de matrizes africanas no Recôncavo da Bahia, popularmente conhecidos como Terreiros. Inicialmente, realizou-se um levantamento junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e à Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI) nos 20 municípios que compõem o T.I. do Recôncavo Baiano. Foram identificados 420 terreiros cadastrados, distribuídos em 19 dos 20 municípios analisados. Diante disso, não serão apresentadas

informações referentes ao município de São Sebastião do Passé. O Quadro 8, a seguir, apresenta o quantitativo de terreiros por município.

Quadro 8 - Terreiros pertencentes ao Recôncavo da Bahia cadastrados na SEPROMI.

MUNICÍPIO	Nº DE TERREIROS
Cabaceira do Paraguaçu	8
Cachoeira	48
Castro Alves	26
Conceição do Almeida	2
Cruz das Almas	35
Dom Macedo Costa	2
Governador Mangabeira	24
Maragogipe	27
Muniz Ferreira	1
Muritiba	44
Nazaré	33
Santo Amaro da Purificação	60
Santo Antônio de Jesus	23
São Felipe	6
São Felix	22
São Francisco do Conde	22
São Sebastião do Passé	0
Sapeaçu	17
Saubara	18
Vazedo	2

Fonte: SEPROMI (2023).

Faz-se necessária a realização de um estudo sobre as motivações toponímicas em línguas orais e na Libras no Recôncavo da Bahia, sobretudo em razão de sua relevância para a padronização dos sinais no contexto das religiões de matrizes africanas. Tal estudo contribui significativamente para a ampliação da acessibilidade comunicacional entre os adeptos do Candomblé e, ao mesmo tempo, favorece a interlocução com a comunidade surda, bem como com ouvintes e usuários de Libras. Além disso, a pesquisa reveste-se de importância sociocultural ao fomentar reflexões em torno dos direitos humanos fundamentais aplicados ao segmento religioso, abordando aspectos relacionados à intolerância e ao preconceito que, infelizmente, ainda marcam o cotidiano daqueles que professam sua fé por meio do Candomblé e da Umbanda.

Importa destacar que quaisquer formas de violência simbólica, agressões físicas ou ataques a locais de culto devem ser firmemente rechaçadas, independentemente de ocorrerem de forma velada ou explícita. Tais atos configuram graves violações aos direitos

fundamentais, sendo imprescindível que medidas concretas sejam implementadas para coibi-los. O povo de santo busca apenas o exercício pleno de sua liberdade de culto e de expressão religiosa, reiterando que a liberdade religiosa é um direito constitucionalmente assegurado a todos, cabendo ao Estado garantir a proteção de seus ritos, espaços e liturgias, conforme previsto em lei.

Adicionalmente, esta pesquisa oferece subsídios importantes para os profissionais que atuam na educação de surdos – entre eles, professores bilíngues e tradutores e intérpretes de Libras (TILs) – ao disponibilizar um léxico específico voltado para o universo religioso das matrizes africanas. Tal iniciativa visa preencher uma lacuna linguístico-cultural na formação desses profissionais, contribuindo para a valorização e o respeito à diversidade religiosa.

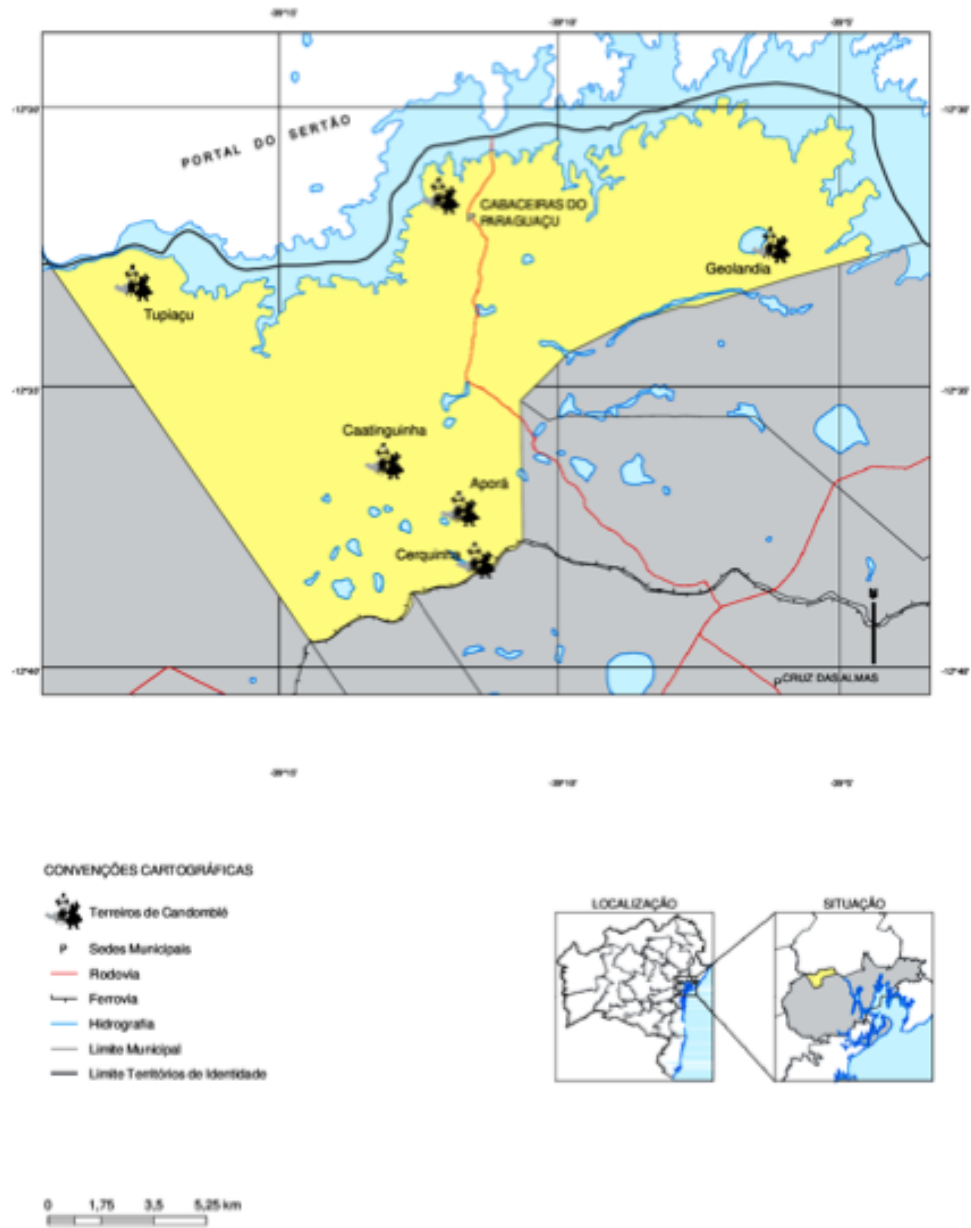
A partir dos dados coletados, foi possível realizar a distribuição dos terreiros em mapas cartográficos, nos quais constam informações sobre as respectivas nações a que pertencem, sua localização geográfica, lideranças religiosas, data de fundação e demais elementos contextuais relevantes. Vale ressaltar que o termo “nação” indica os grupos que cultuam divindades provenientes, de forma geral, de uma mesma etnia africana. Os cultos afro-brasileiros se organizam, tradicionalmente, em três grandes nações, conforme será detalhado a seguir:

- *Nação Angola* que faz referência aos Inquinces provenientes de Angola, Congo e Costa do Marfim, de língua banta e implantado pelos quimbundos e umbundos, que segue o culto Banto;
- *Nação Jêjê do culto Jêjê*, que venera os Voduns, de língua fon (jêjê), proveniente do antigo Daomé, atual República do Benim, praticado por descendentes da família real do Abomey; e
- *Nação Ketu do culto Nagô* que reverencia os Orixás, de língua iorubá, proveniente da Nigéria e disseminado pelos iorubás e seus descendentes. Embora estas Nações possam ter algumas semelhanças, há uma grande diferença de comportamento, dança, vestimenta, alimentação e comunicação, o que torna claro o caráter singular de cada umas das divindades representadas dentro da sua Nação.

O presente estudo adota uma perspectiva bilíngue, contemplando tanto as línguas orais quanto a Libras na organização e análise dos dados. A primeira etapa da pesquisa consistiu na catalogação dos terreiros em línguas orais, com base nos registros disponibilizados pelo IPHAN e pela SEPROMI.

A seguir, são apresentados os 420 terreiros catalogados, com seus respectivos dados linguísticos e geográficos.

Figura 67 - Mapa dos Terreiros de Cabaceiras do Paraguaçu – Bahia.



Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 9 - Relação dos Terreiros de Cabaceiras do Paraguaçu – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Terreiro de Obaluaê	Caboclo	Rural
Ilê Axé Cassulandê	Angola e Keto	Rural
Centro de Giro/ Umbanda	Umbanda	Rural
Mãe de Deus nas Candeias	Umbanda	Rural
Oxossi Mutalambô	Umbanda	Rural
Centro de Giro/ Umbanda	Umbanda com Caboclo	Rural
Terreiro de Ogum	Umbanda	Rural
Terreiro de Iansã	Giro	Rural

Fonte: SEPROMI (2023)

Figura 68 - Mapa dos Terreiros de Cachoeira –Bahia.



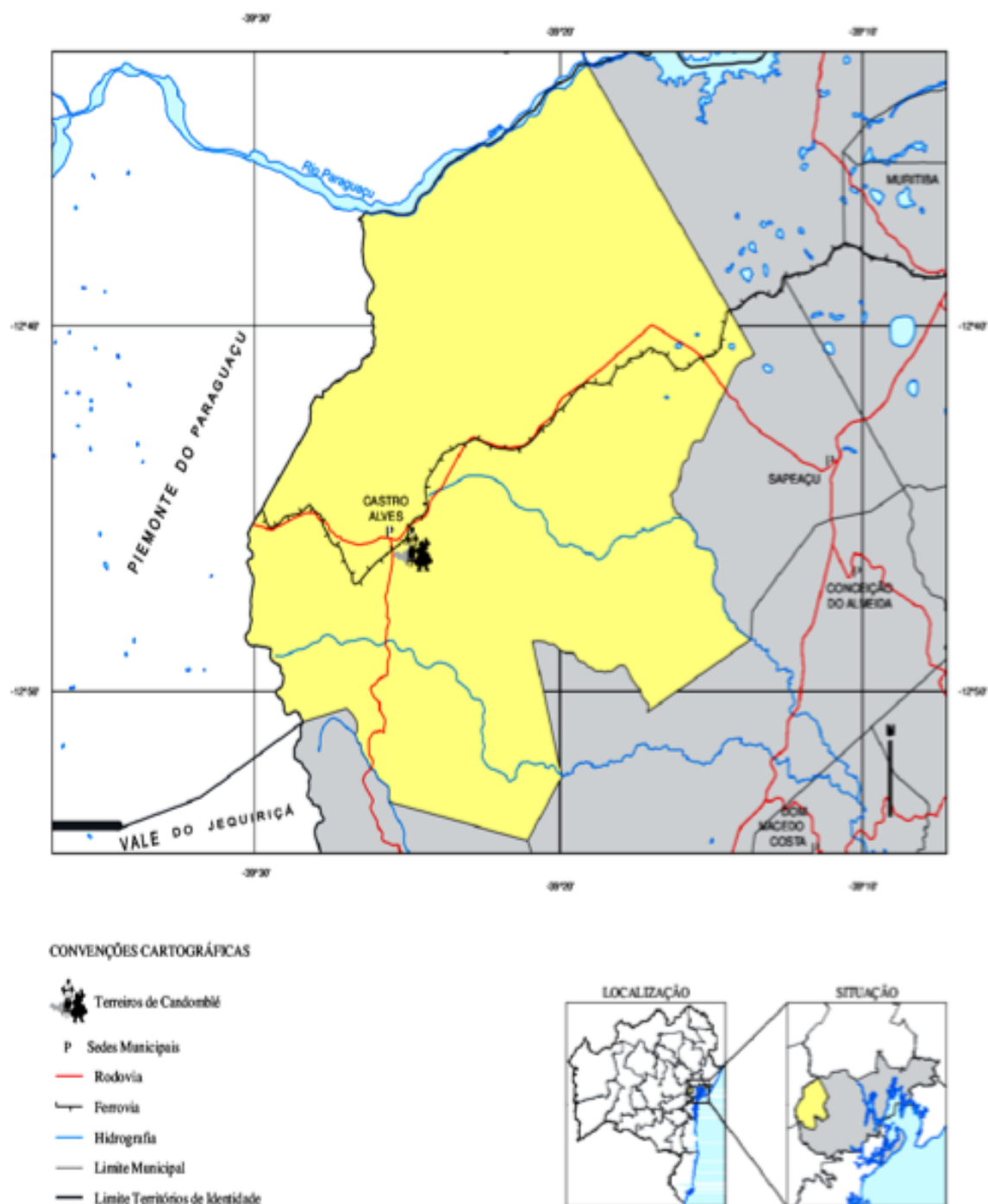
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 10 - Relação dos Terreiros de Cachoeira – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Terreiro do Caboclo Guarani de Oxossi	Angola	Urbano
Rumpayme Ayono Runtologi	Jeje-Mahin	Urbano
Ylê Ogun Xerokê Ibesen	Jurema-Keto-Jêje-Caboclo	Urbano
Terreiro Ogum Meji	Keto	Urbano
Zoogodo Bogum Malê Seja Undé	Jêje Marrin	Urbano
Terreiro Ogum Mejejê Oxosi Guerreiro	Keto	Urbano
Centro do Caboclo Boiadeiro.	Umbanda na Jurema	Rural
Ilê Axé Gã-Nyrê	Ketu, Nagô, Ijexá	Urbano
Axé Ogum Migitan	Jêje Nagô	Urbano
Rumpame Zogodô Malê Darô Tabí	Jêje Marrin	Rural
Ilê Axé - Oxalufan – Dêu	Nagô-Ijexá	Urbano
Centro Umbanda de Ogum Marinho	Umbanda	Urbano
Lobanekum	Nagô Obetedô	Rural
Terreiro de Ogum	Keto	Rural
Ilê Axé Isin Mimo	Nagô-Vodum	Rural
Ilê Àsé Infaêyabale Jakolé	Nagô	Rural
Terreiro Oiá Mucumbi Filho do Kavunji Aungelê	Angola-Keto	Urbano
Ogodô Dei	Nagô e Keto	Urbano
Ilê Axé Xangô Bacurugi	Jêje	Rural
Axé Apó Afoxá Nagosixá	Nagô Ijexá	Rural
Iemanjá Ogunté	Nagô Vodussi	Urbano
Terreiro Silóia	Keto	Urbano
Ilê Axé Nebaneku Bisneto	Nagô	Rural
Eran Opé Olúwa (Viva Deus)	Nagô Vodum	Rural
Ilê Axé Alaketu Oxum Opará	Keto	Urbano
Terreiro Centro de Giro do Preto Velho	Jêje Marrin	Urbano
Ilê Axé Kôdidê	Nagô	Urbano
Terreiro de Oxalufã	Umbanda	Urbano
Lobá Negum Filha	Nagô	Urbano
Nikosi Mucubi Dendezeiro	Angola	Urbano
Ilê Axé Omimjacylê Ogum Ajá	Keto Angola	Rural
Gruta	Angola	Rural
Ilê Axé de Oxum Apará	Nagô Vodum	Rural
Otalomim	Nagô Vodum	Urbano
Ilê Axé Itay Le	Nagô	Urbano
Terreiro de Ogum do Tempo	Angola	Rural
Ilê Odudua Alaketu dos Orixás	Alaketu	Rural
Centro de Umbanda	Abikun	Rural
Terreiro Caboclo Boiadeiro	Umbanda -Linha Branca	Rural
Ilê Axé Xapanã Giléoá	Keto	Rural
Ilê Olorun / Vambê	Nago, Vodum e Ijexá	Rural
Ofa Demi	Keto	Urbano
Terreiro Ilê Axé Ofá Dey	Keto	Urbano
Terreiro de Ogum Megegê	Jêje	Urbano
Giro de Caboclo	Caboclo	Rural
Lobá Necun Neto	Nagô	Rural
Centro de Umbanda São Jorge	Umbanda	Rural
Gitundê	Keto	Rural

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 69 - Mapa dos Terreiros de Castro Alves – Bahia.

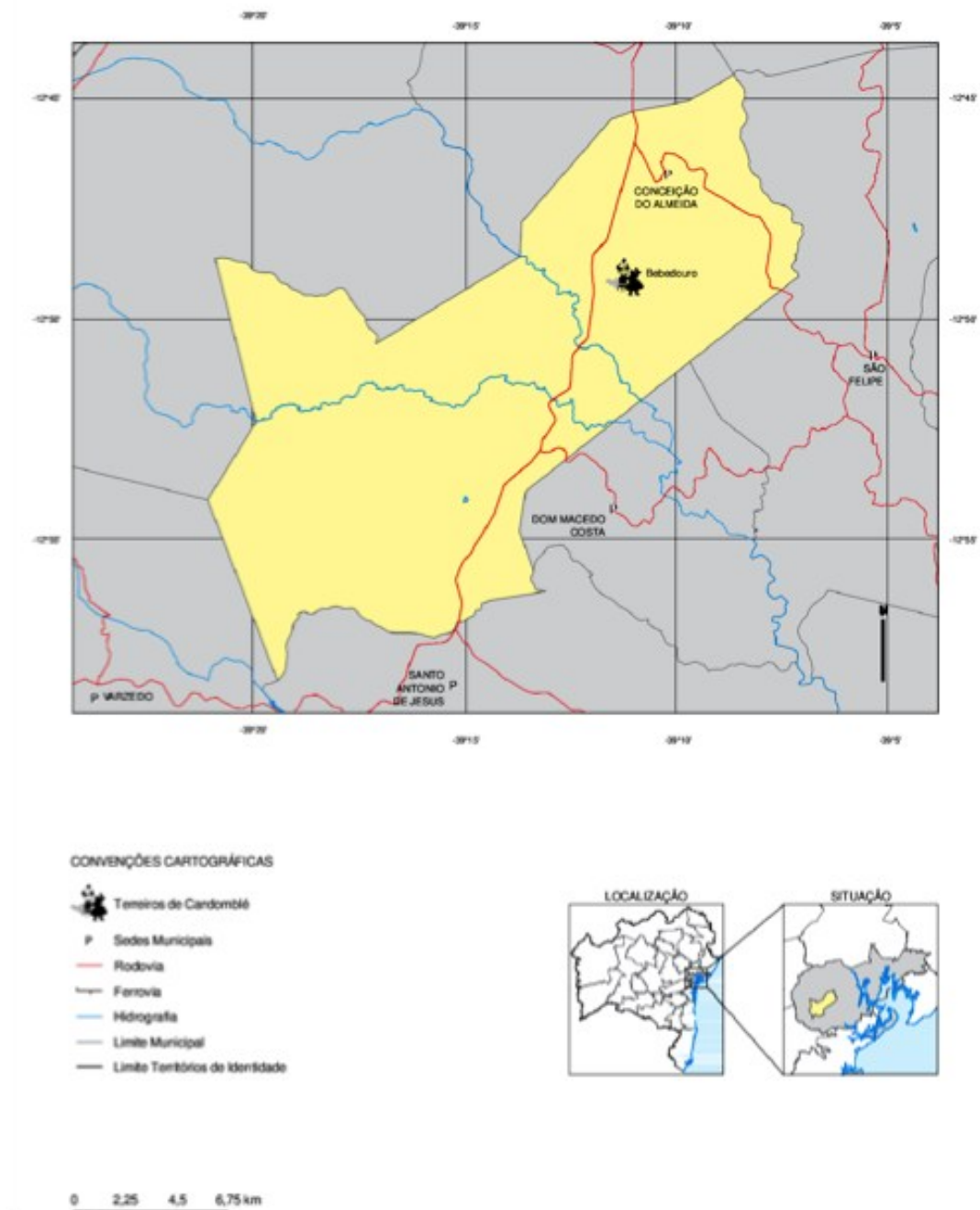


Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 11 - Relação dos Terreiros de Castro Alves-Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Terreiro de Oxalá	Angola	Urbano
Terreiro Caloiá	Keto	Urbano
Terreiro Ilê Axé Logum Edé	Keto	Urbano
Terreiro de Oyá	Keto-Angola	Urbano
Ilê Axé Sindêgi	Keto	Urbano
Terreiro de Caboclo	Caboclo	Urbano
Centro de Umbanda do índio Guarany	Umbanda	Urbano
Terreiro Mabeji de Unzambe	Angola	Urbano
Centro de Oxum	Umbanda	Urbano
Centro de Umbanda São Roque	Umbanda	Urbano
Centro de Ogum	Umbanda	Urbano
Terreiro de Ogum	Angola	Urbano
Ilê Axé de Ogum	Keto	Urbano
Ilê Axé Odé Ile	Keto	Urbano
Centro de Obaluaé	Angola	Urbano
Centro de Iemanjá	Umbanda	Urbano
Ilê Axé Zuwá Denan	Keto	Urbano
Ilê Axé Oyá	Keto - Angola	Urbano
Ilê Axé Omim	Keto	Urbano
Terreiro de Ogum	Umbanda e Quimbanda	Urbano
Oxossi e Oxum de Umbanda	Umbanda	Rural
Centro de Caboclo Tupi	Angola + Keto = Alaketu	Urbano
Terreiro de Ogum de Ronda	Umbanda	Urbano
Terreiro Ilê Axé	Keto	Urbano
Terreiro de Ogum	Umbanda Axé	Urbano
Terreiro de Ogum Marinho	Ijexá	Urbano

Fonte: SEPROMI (2023)

Figura 70 - Mapa dos Terreiros de Conceição do Almeida – Bahia.

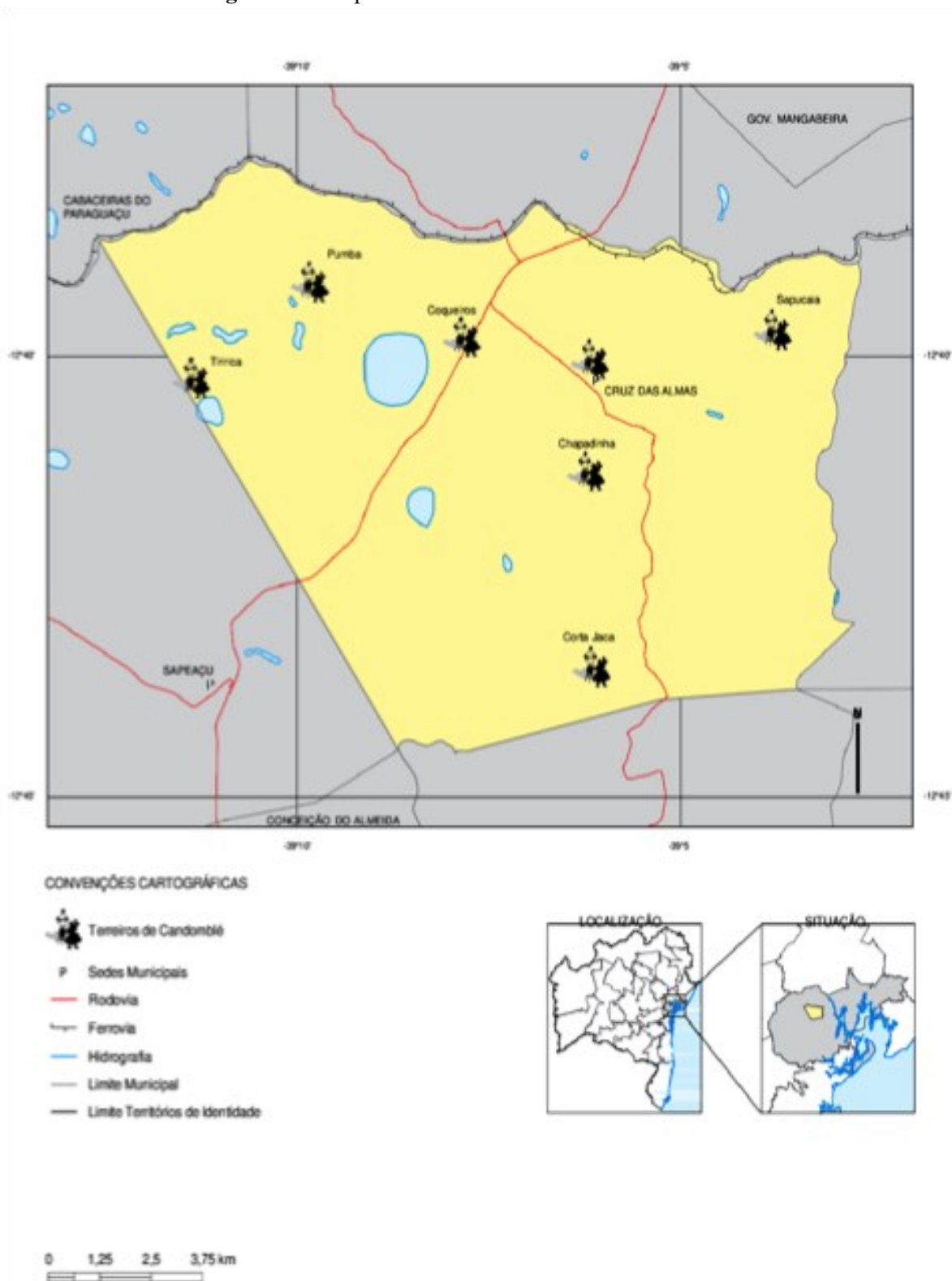
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 12 - Relação dos Terreiros de Conceição do Almeida – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Centro de Umbanda	Umbanda	Rural
Ilê Axé Alaketu Axê Oxossi	Keto com Angola	Rural

Fonte: SEPROMI, 2023.

Figura 71 - Mapa dos Terreiros de Cruz das Almas – Bahia.

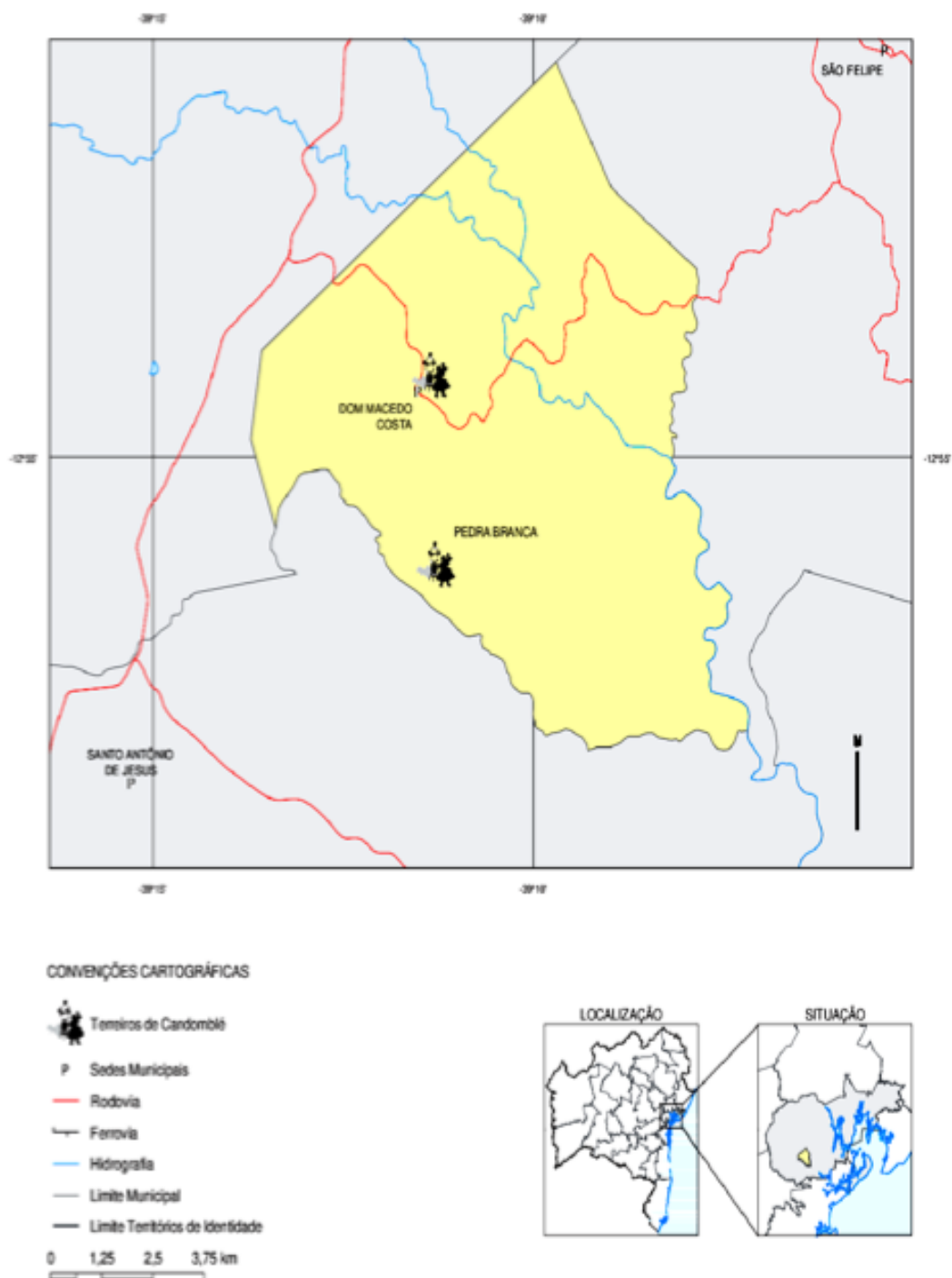


Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 13 - Relação dos Terreiros de Cruz das Almas – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Onzó Mukumbikia Nzambi	Angola	Rural
Ilê Axé - Ogum - Bara Lonan	Keto, Angola	Urbano
Casa de Iansã	Keto	Urbano
Ilê Axé Agada Olorum	Nagô, Keto, Umbanda, Angola	Urbano
Ylê Axé Oya Jalecy	Nagô	Urbano
Giro de Caboclo Boiadeiro	Umbanda	Urbano
Sobodagá	Keto	Urbano
Ilê Axé Oju Oluaé	Keto	Urbano
Centro de Giro de Umbanda - Ogum Ronda	Negra (batiza o santo)	Urbano
Casa de Obaluaíê de Tocar	Keto	Urbano
Ilê Axé Oiar Fibomin	Filho do Keto com Nagô	Urbano
Ilê Axé Ofaomin Jakomosidê	Keto	Urbano
Ilê Axé Iemanjá Oguntê	Keto	Urbano
Ilê Axé Ofademim	Keto	Urbano
Centro de Giro Umbanda Terreiro de Oxum	Umbanda	Rural
Terreiro Lambaranganje de Unzambe	Angola	Urbano
Centro de Umbanda Ogum de Ronda	Umbanda	Urbano
Terreiro Zé de Boaideiro	Angola	Urbano
Terreiro Dacossidê	Nagô	Rural
Centro de Umbanda Aldeia de Costa D'Africa	Umbanda	Urbano
Casa de Candomblé Axé de Omolu	Keto	Urbano
Terreiro Oxaguiã	Nagô	Urbano
Centro de Umbanda Ogum	Umbanda	Rural
Ilê Axé Oba Omimejé	Keto	Urbano
Omu Orum Aye Omim	Keto	Urbano
Ilê Axé Uniré Femin	Keto	Rural
Ilê Axê Oba Aladá	Keto	Urbano
Terreiro de Jurema de Ewá	Keto	Urbano
Ilê Axé Ibá Ogum	Keto	Urbano
Terreiro de Xangô	Umbanda	Rural
Sultão das Matas	Umbanda	Rural
Centro de Umbanda Sultão das Matas	Umbanda	Urbano
Mesa Branca	Umbanda	Rural
Iasobora Iobomi	Keto	Urbano
Terreiro de Umbanda Oxossi Cavaleiro	Angola	Rural

Fonte: SEPRMI (2023).

Figura 72 - Mapa dos Terreiros de Dom Macedo Costa – Bahia.

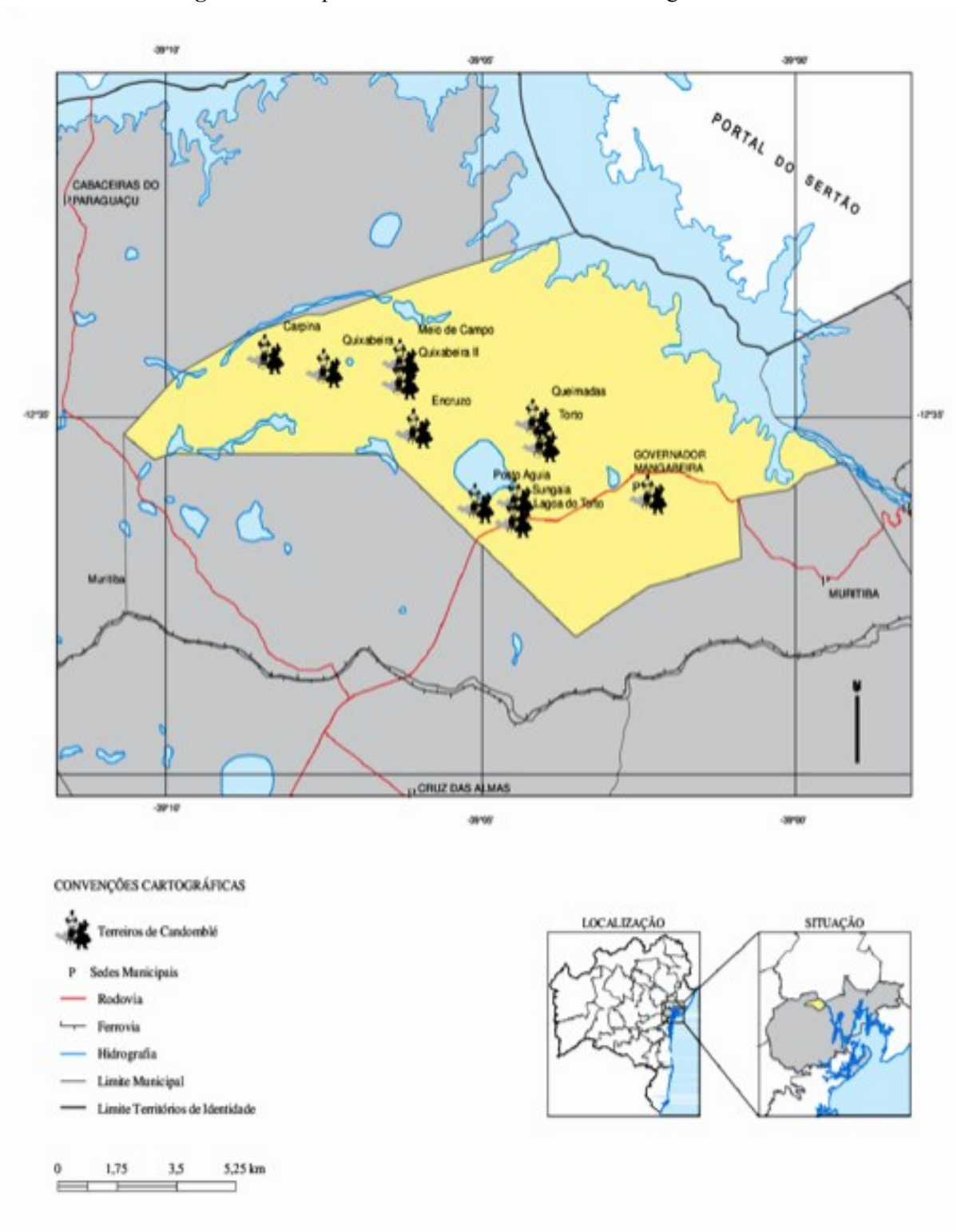
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 14 - Relação dos Terreiros de Dom Macedo Costa – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Cavaleiro São Jorge	Caboclo	Rural
Terreiro de Pai Edson	Angola	Urbano

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 73 - Mapa dos Terreiros de Governador Mangabeira Bahia.



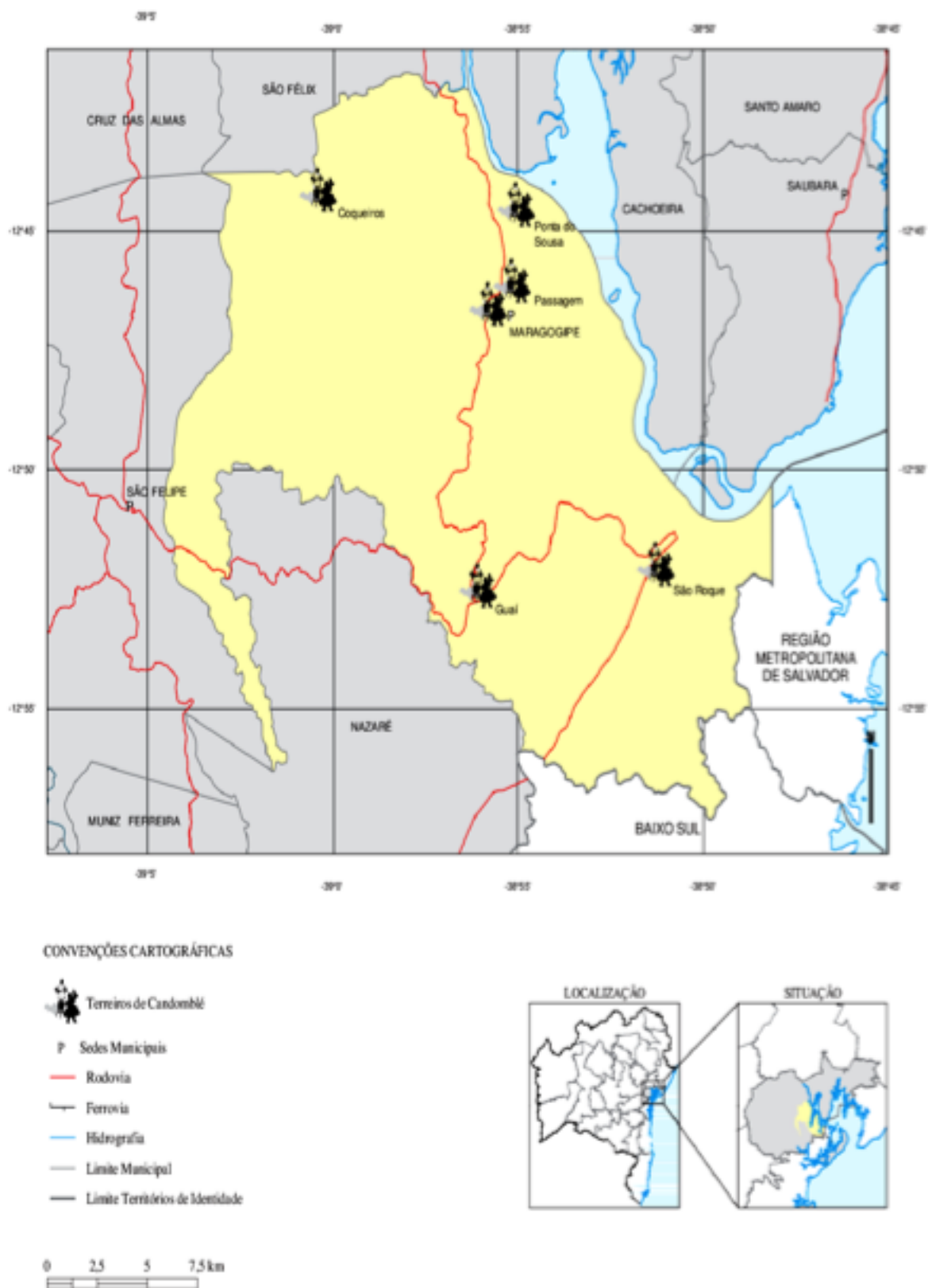
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 15 - Relação dos Terreiros de Governador Mangabeira Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Centro Ogum de Ilê	Umbanda	Rural
Terreiro do Caboclo Crocodilo	Umbanda	Rural
Ilê Axé Tala Meji	Nagô	Rural
Ilê Axé Azunsú	Keto	Rural
Sultão das Matas	Caboclo	Rural
Terreiro Caboclo Cegos Errantes	Caboclo e Umbanda	Rural
Centro Sultão das Matas	Caboclo	Rural
Terreiro Iansã	Angola	Urbano
Terreiro de Mãe Meru	Keto- angola	Urbano
Ilê Ileecê Alactú Axé Ogum Megege	Keto	Urbano
Ilê Axé Ogúm de Lê	Keto	Urbano
Ilê Axé Ogunjá Tolojy	Keto	Urbano
Ilê Oio Recê Alaketu Axé Ogúm Onirê	Keto	Urbano
Centro de Umbanda Yemanjá	Centro de Umbanda	Urbano
Terreiro Jidê Congo Umbêlê	Angola e Keto	Urbano
Terreiro de Ogúm / Boiadeiro	Keto Caboclo	Rural
Centro de Caboclo	Umbanda	Rural
Centro Sutão das Matas (Mesa Branca)	Umbanda	Rural
Nenem	Umbanda com africano	Rural
Centro de Caboclo Sultão das Matas	Umbanda	Rural
Guardião Oxossi Povoador	Angola, Keto	Rural
Terreiro de Umbanda	Umbanda	Rural
Terreiro de Oxum	Angola	Rural
Elejé	Keto, Nagô, Ijexá	Rural

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 74 - Mapa dos Terreiros de Maragogipe – Bahia.



Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 16 - Relação dos Terreiros de Maragogipe – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Ilê Axé Dogum	Keto	Urbano
Ilê Axé Komã	Keto	Urbano
Ilê Axé Oja Omi Ala	Jêje Marrim	Rural
Terreiro de Ademir	Keto	Não informou
Terreiro Banda Lecongo	Angola	Urbano
Duas Alianças e Estrela da Paz	Jêje	Urbano
Ilê Axé Odé Ifá	Alaketú	Urbano
Ilê Abábaxé	Keto	Urbano
Terreiro do Alá	Angola	Urbano
Uso Amadi Kisimbi	Angola	Rural
Casa de Toinha de Boiadeiro	Keto	Rural
Alaxé de Oiá Decí	Keto	Urbano
Ilê Axé Ondocí	Keto	Rural
Ilê Axé Iá Omí	Keto	Urbano
Ronde da Lunda	Angola	Urbano
Casa de Oxum e Sultão das Matas	Umbanda	Urbano
Ilê Axé Acorô	Keto	Urbano
Centro Espírita Deus, Luz e Caridade	Umbanda	Rural
Ilê de Ogum	Keto	Urbano
Centro Espírita Deus, Luz e Paz	Umbanda	Urbano
Ilê Assikó	Keto	Urbano
Terreiro de Marcelo de Oxóssi	Keto	Urbano
Terreiro de Memeu de Iansã	Keto	Urbano
Terreiro de Mãe Benedita	Keto	Urbano
Ilê Ominjenan de Leuá	Keto	Urbano
Ilê Axé Lomi	Keto	Urbano
Ilê Alaxé Odé Loxum	Keto	Rural

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 75 - Mapa dos Terreiros de Muniz Ferreira – Bahia.



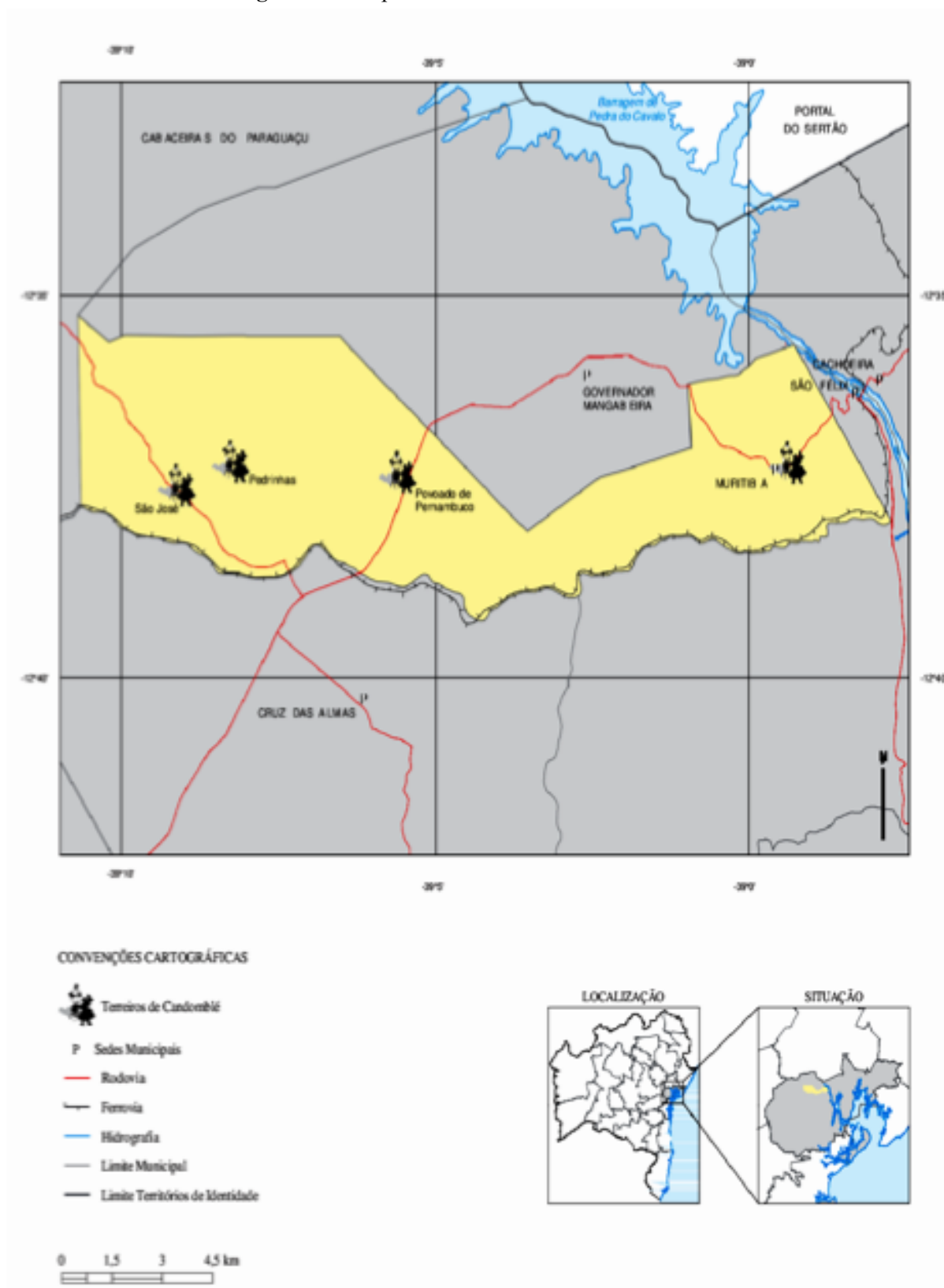
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 17 - Relação dos Terreiros de Muniz Ferreira – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Ilê do Caboclo Sultão das Matas	Umbanda	Rural

Fonte: SEPROMI (2023)

Figura 76 - Mapa dos Terreiros de Muritiba – Bahia.



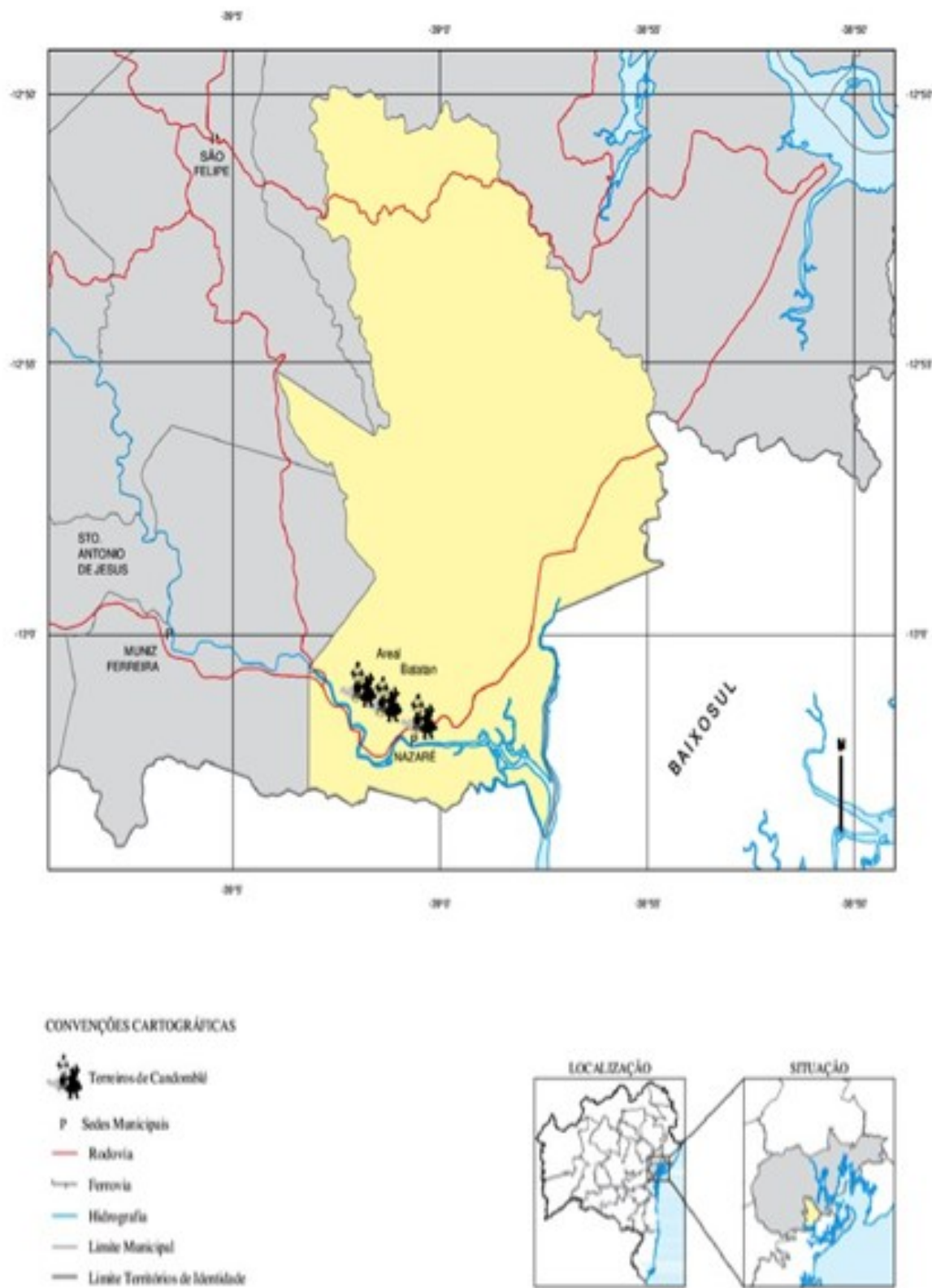
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 18 - Relação dos Terreiros de Muritiba – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Terreiro Iá Laxé Iá Lemim	Keto	Urbano
Ilê Axé Iô Iofomim	Nagô	Urbano
Ilê Axé Ogum Nitá	Keto	Urbano
Ilê Axé Ibecê Alaketu Oulo Midá	Keto	Urbano
Iemanjá Omi Lasi	Nagô	Urbano
Terreiro de Oiá Balê de Ofá	keto	Urbano
Ilê Axé Ogum	Nagô	Urbano
Sessão de D. Cotinha	Angola	Urbano
Terreiro de Obaluaê	keto, jêje	Urbano
Centro de Umbanda Santo Antônio	Umbanda	Urbano
Ilê Axé Oiá Funan	Umbanda	Urbano
Ilê Axé Alaketu Baba Odé (Giro de Caboclo Sultão das Matas)	keto	Urbano
Terreiro de Iemanjá	Jêje, Nagô e Angola	Urbano
Centro de Umbanda Preto Velho José de Luanda	Umbanda	Urbano
Ilê Axé Obalajá	Nagô	Urbano
Iansã Berê da Costa de Leuá	Nagô	Urbano
Centro de Giro de Caboclo	Nagô	Urbano
Ilê Axé Araká Omi Abenijan	Nagô Ijexá	Urbano
Ilê Axé Oiá Ogum Nitá	Nagô	Urbano
Ilê Axé Omifadê	keto Nagô	Urbano
Ilê Axé Orixá Ogum Xorokê	Jêje Marrino	Urbano
Casa de Gildo	Alaketú	Urbano
Terreiro Iêiê Omi Ofá	Nagô	Urbano
Ilê Axé Ofá Omin Dirê	keto	Urbano
Iemanjá Bomi	Nago	Urbano
Ilê Miua Ketú Axé Odé	keto	Rural
Ogum da Ronda	Gege Nagô	Urbano
Jacidê Loia	keto	Urbano
Ilê Axé Obá Nijó Omí	keto	Rural
A Casa do Bom Jesus	“não sabe	Rural
Ilê Axé Ogum Ó-Nirê	keto	Rural
Ilê Axé Airá Omó Odé Taudê	Omó Aláketú	Rural
Ilê Axé Ofundê	Nagô, Alaketu	Urbano
Ilê de Obaluaê	keto	Urbano
Ilê Axé Odé Omí Ofadirê	keto	Urbano
Sessão de D. Zizinha	keto	Urbano
Ilê Axé Alaketu Jabaim Xolá	Umbanda	Urbano
Centro de Xango	keto	Rural
Terreiro de Yemanjá	Umbanda	Rural
Ilê Axé Omilae	Angola	Rural
Centro de Giro	keto	Rural
Ilê Axé Omin Lewá	Gentileiro - Boiadeiro	Rural
Onzó Mucimungango	Angola	Rural
Terreiro Gunzo de Unzambe	Angola	Rural

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 77 - Mapa dos Terreiros de Nazaré – Bahia.



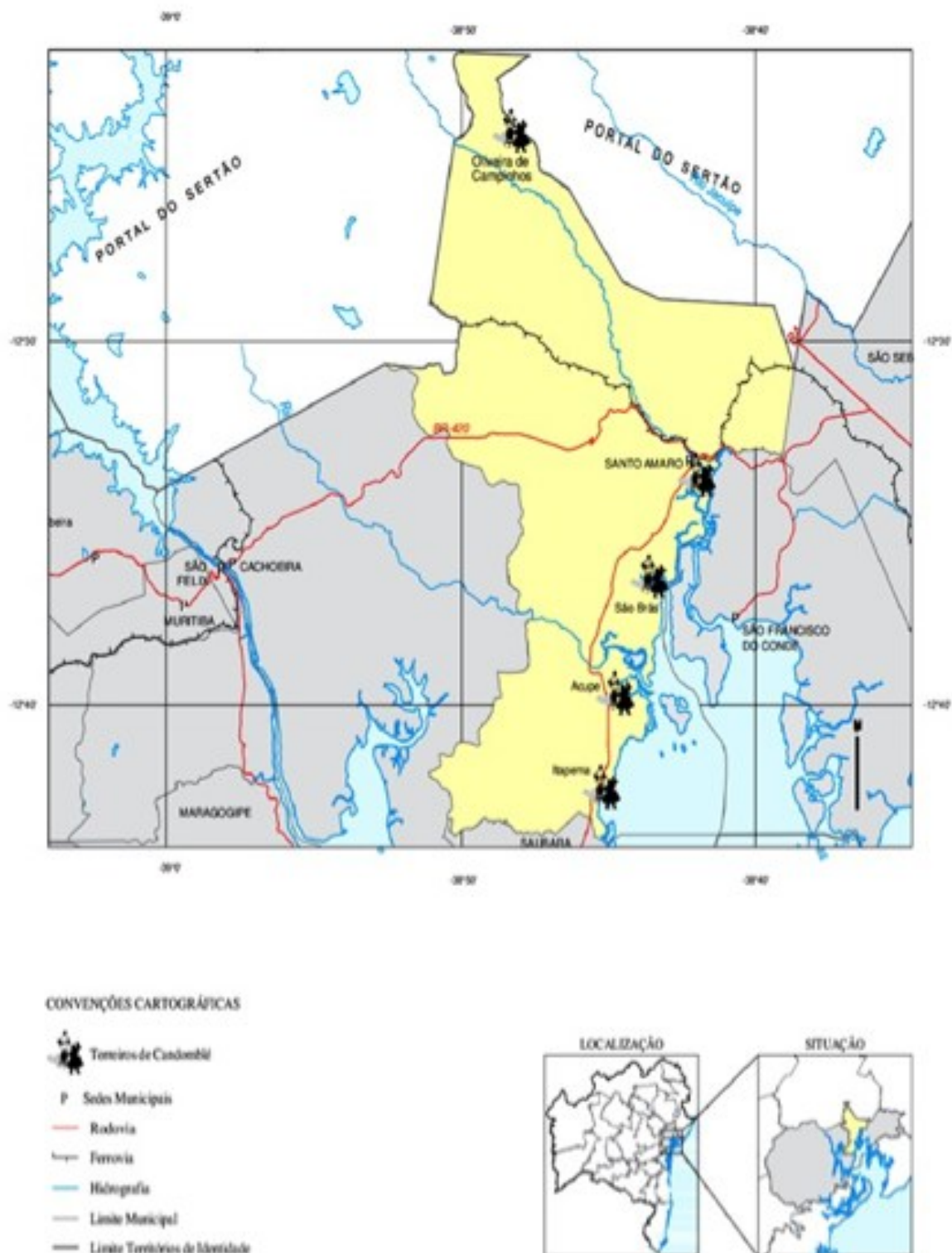
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 19 - Relação dos Terreiros de Nazaré – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Centro Ogum Carir	Keto	Urbano
Ilê Axê Ijexá Orixá Ogum do Cariri e Iansã Deuê	Ijexá	Urbano
Centro do Caboclo Boiadeiro	Angola	Urbano
Terreiro Abassá de Oiá	Ijexá	Urbano
Ilê Axé Giberú	Jêje-nagô	Urbano
Ilê Axé Oiyá Acanoã	Angola	Urbano
Unzó Unge Kafunge Mavilla	Angola	Urbano
Ilê Axé Omin Tolodou	Keto	Urbano
Recanto do Sultão das Matas	Angola e Giro de Caboclo	Urbano
Centro de Giro Iansã	Angola	Urbano
Centro do Caboclo Sultão	Angola	Urbano
Unzo de Inquice Tatê Tucavungo Tombensi Neto	Angola	Urbano
Unzo de Inquice Roxo Minicongo	Angola	Urbano
Centro de Umbanda Luz e Caridade	Angola	Urbano
Ilê Axé Omi Nile Jibandu Nire Banji	Keto	Urbano
Centro de Ogum Caiçara	Umbanda	Urbano
Unzo Gunzo Luanda	Angola	Urbano
Centro Ogum Marinho	Angola	Urbano
Centro de Umbanda Preto Velho Pai Joaquim de Jesus	Umbanda	Urbano
Centro de Caboclo Boiadeiro	Umbanda, Angola	Urbano
Ilê Axé Unzó Orynicaia	Angola	Urbano
Terreiro Ajunsu Zitozan	Keto	Urbano
Unzo Gunzo Lembarenganga	Angola	Urbano
Centro Cosme e Damião	Umbanda	Urbano
Ilê Axé Iemanjá Oguntê	Keto	Urbano
Ilê Axé Baba Ilulu Fan	Keto	Urbano
Centro do Caboclo Juremeira	Angola, Umbanda	Urbano
Centro de Ogum e Iansã	Caboclo, Angola	Rural
Casa Espírita Mãe Iemanjá	Angola	Urbano
Terreiro de Iansã com Ogum	Umbanda	Rural
Terreiro de Ogum da Ronda e Gentil das Matas	Umbanda	Rural
Centro do Caboclo Crocodilo	Keto	Urbano
Terreiro os Filhos de Ogum	Angola	Urbano

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 78 - Mapa dos Terreiros de Santo Amaro – Bahia.



Fonte: SEPROMI (2023).

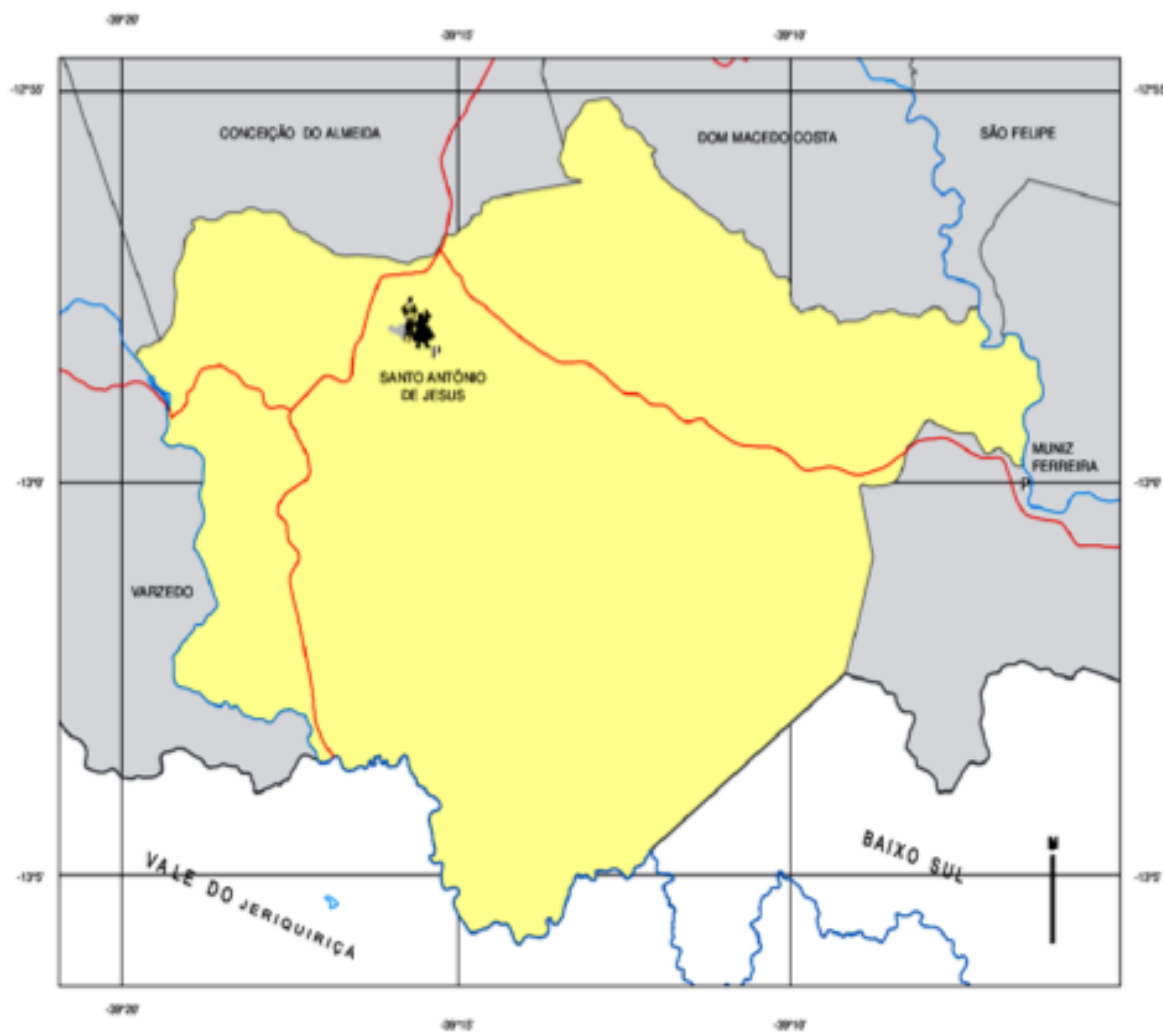
Quadro 20 - Relação dos Terreiros de Santo Amaro – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Tumba da Juça Filho	Angola	Urbano
Centro Cabocla Estrela Guia	Angola	Urbano
Ilê Axé Opô Ofomã	Keto	Urbano
Centro de Caboclo Sultão das Matas	Keto	Urbano
Centro de Caboclo Terra Negra	Angola	Urbano
Terreiro Caboclo Jaguaraci	Umbanda	Urbano
Ilê Axé Oju Omã Oka	Keto	Urbano
Ilê Axé Ojú Ibó Odé	Keto	Urbano
Ilê Axé Omi Orami Oxum	Keto	Rural
Terreiro do Caboclo Mata Virgem	Umbanda	Urbano
Ilê Axé Oju Onirê	Keto	Urbano
Ilê Axé Omorodé Loni Omorade Oluaiê	Keto	Urbano
Ilê Oia Genilê Iabá Fungé	Keto	Urbano
Ilê Oia Erumefá	Keto	Urbano
Ilê Axé Iji Fara Onire	Keto	Urbano
Ile Axé Merco Mutalambo	Angola – Keto	Urbano
Centro de Caboclo Boiadeiro	Keto	Urbano
Caboclo Terreiro da Estrelas	Angola / Umbanda	Urbano
Terreiro Tumbalê Junçara Amago da Cabocla	Angola	Rural
Centro de Ogundelê	Umbanda-Angola	Urbano
Ilê Axé Tona Onirê Ogun	Keto	Rural
Ilê Axé Meji - CDI	Keto	Rural
Ilê Axé de Oiã Ibamió	Keto	Rural
Ilê Axé Jabureci - inã	Keto	Rural
Terreiro de Angolô	Angola	Urbano
Omin J'arum (Viva Deus)	Keto	Urbano
Centro de Caboclo Sultão das Matas	Keto	Urbano
Iaomã Ilê Axé Ya Omam	Jêje	Urbano
Ilê Axé Igê Balé	Keto	Urbano
Centro de Cacoclo Rei de Ondina	Umbanda	Urbano
Jeo Jaosí de Unzambí	Angola	Urbano
Ilê Babamin	Keto	Urbano
Terreiro de Giro de Ogum D'Ilê	Caboclo Angola, Nação da Aridendê	Urbano
Ilê Axé D'Oxum	Keto, Ijexá, Angola	Urbano
Ilê Axé Ajágum Omi Guiã	Jêje	Rural
Ilê Axé Obá Filho da Roméia	Keto	Urbano
Ilê Axé Omã Filho de Odé	Keto	Urbano
Ilê Axé Oxum Jaocy Malê	Angola	Urbano
Ilê Axé Sibalemi	Keto	Urbano
Ilê Axé Ibirinã	Keto	Urbano
Centro de Caboclo Capangueiro	Umbanda	Urbano
Ilê Axé Aladô Dajô	Keto	Urbano
Terreiro de Oyá	Umbanda, Angola	Urbano
Ile Axé Caralousse	Ijexá e Keto	Rural

Terreiro Oiá Mãe Iara	keto-angola	Urbano
Terreiro Oxossi Mutalambô	Angola	Urbano
Terreiro Oyá Bale Sileji	Keto	Rural
Terreiro Gongá Velar Jussara	Angola	Rural
Ilê Axé Omini Urucan	Keto-Ijexá	Rural
Terreiro Deoiá Bomim	Ijexá com Keto	Rural
Ilê Axé Longunji	Keto	Rural
Terreiro Motumbá	Jêje	Rural
Ilê Axé Ajunsum Oyá	Keto	Urbano
Centro de Caboclo	Angola	Rural
Centro de Iansã	Umbanda	Rural
(NÃO TEM NOME	Keto	Rural
Ilê Axé Oxum Ya Mifá	Keto	Urbano
Casa de Maruju	Umbanda	Rural
Terreiro de Umbanda	Umbanda	Urbano

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 79 - Mapa dos Terreiros de Santo Antônio de Jesus – Bahia.



CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS

-  Terreiros de Candomblé
- P Sedes Municipais
- Rodovia
-  Ferrovia
- Hidrografia
- Limite Municipal
- Limite Territórios de Identidade



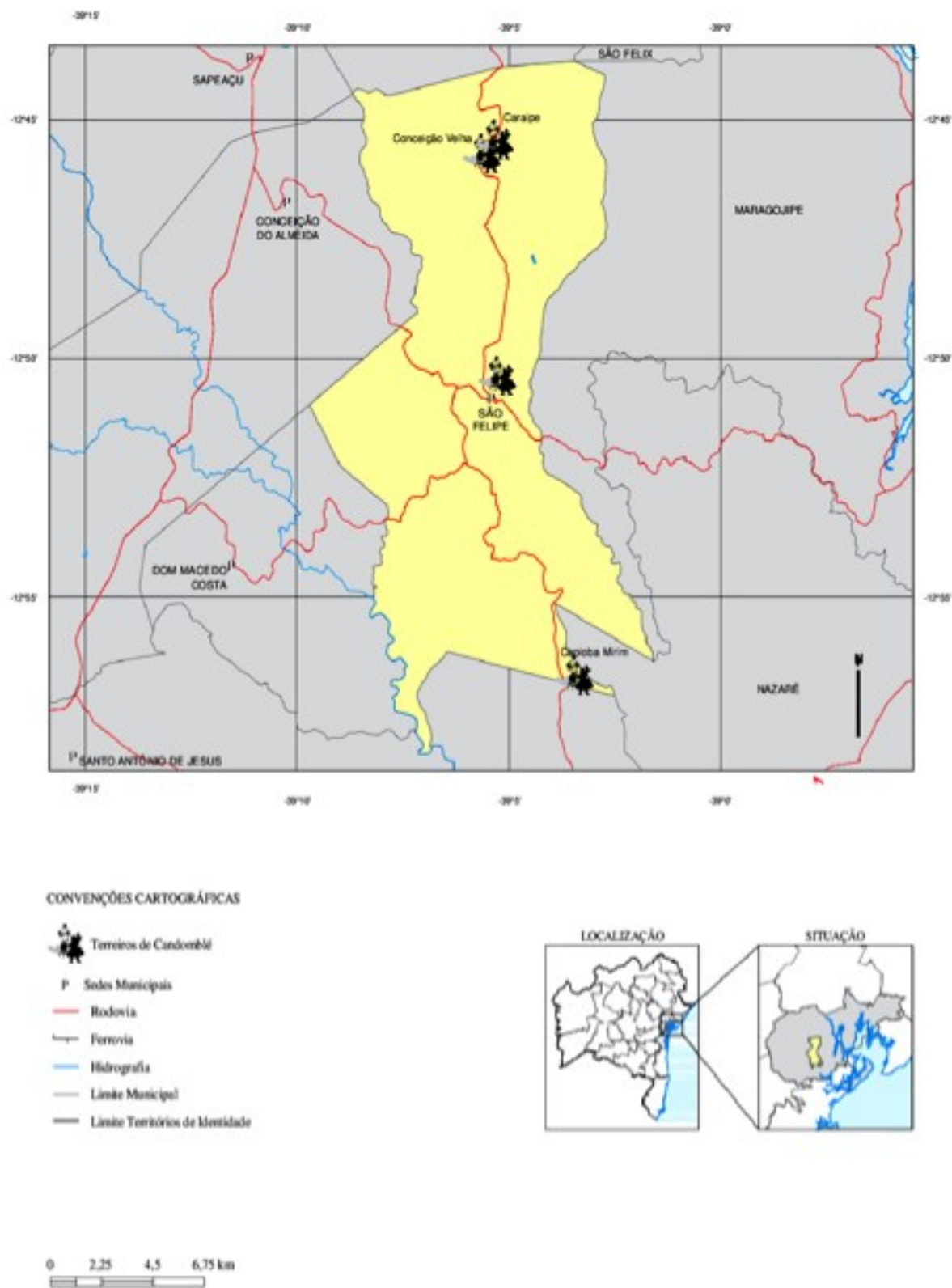
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 21 - Relação dos Terreiros de Santo Antônio de Jesus – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Terreiro de Candomblé D'oiá Leci	Angola	Urbano
Cusó Landalunda Rexe Sambuer	Angola	Urbano
Terreiro Casa de Forças das águas Salgadas / Ilê Axé Omim Yó	Keto	Urbano
Centro de Giro do Caboclo Boaideiro	Keto	Urbano
Terreiro de Boiadeiro	Angola	Urbano
Ilê Axé Yedanda Odé	Keto	Rural
Ilê Axé Alaketu Iansã	Angola	Urbano
Ilê Axé Opô Oyasiler	Keto	Urbano
Terreiro de Abassá Katumbenzara	Angola	Urbano
Terreiro de Boiadeiro	Angola	Urbano
Ilê Axé Iamburuku	Keto	Urbano
Casa de Candomblé Iansa Bamburucema	Angola	Urbano
Centro de Giro Caboclo Sultão das Matas	Keto	Urbano
Terreiro de Ogum	Keto e Angola	Urbano
Centro de Mesa Branca Iansã	“não sabe”	Urbano
Centro São Roque	Angola	Urbano
Terreiro Odé Kassú Deungunzo	Angola	Urbano
Terreiro de Omolu Unzo Gunzo Katu Lem Barasime	Angola	Urbano
Centro de Giro de Rogério de Iansã	Keto	Urbano
Ilê Axé Unzo Gunzo Sineraideodoiá	Keto/ Angola/ Ijexá	Urbano
Ilê Axé de Ogum	Angola	Urbano
Ilê Axé Akoró Ibaizou	Keto	Urbano
Centro de Umbanda	Umbanda	Urbano

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 80 - Mapa dos Terreiros de São Felipe – Bahia.



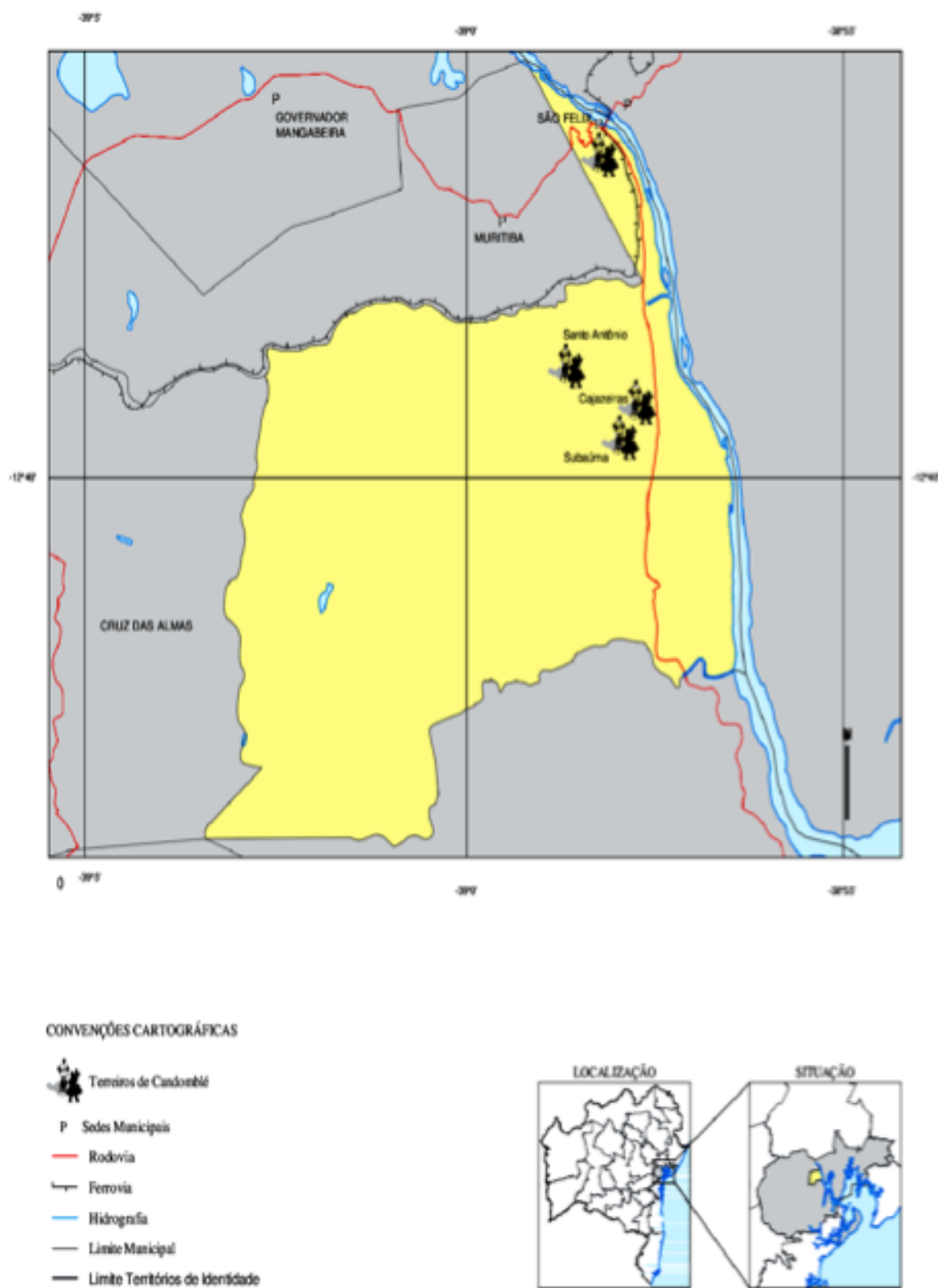
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 22 - Relação dos Terreiros de São Felipe – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Centro de Umbanda Casa São Jorge	Umbanda	Rural
Centro de Umbanda - Ogunde Ronda	Umbanda	Rural
Casa de Oração Canzuar	Mesa Branca (Sessão de Giro)	Urbano
Casa de Umbanda	Nagô	Rural
“sem nome”	Caboclo	Rural
Terreiro de Umbanda	Umbanda	Rural

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 81 - Mapa dos Terreiros de São Félix – Bahia.



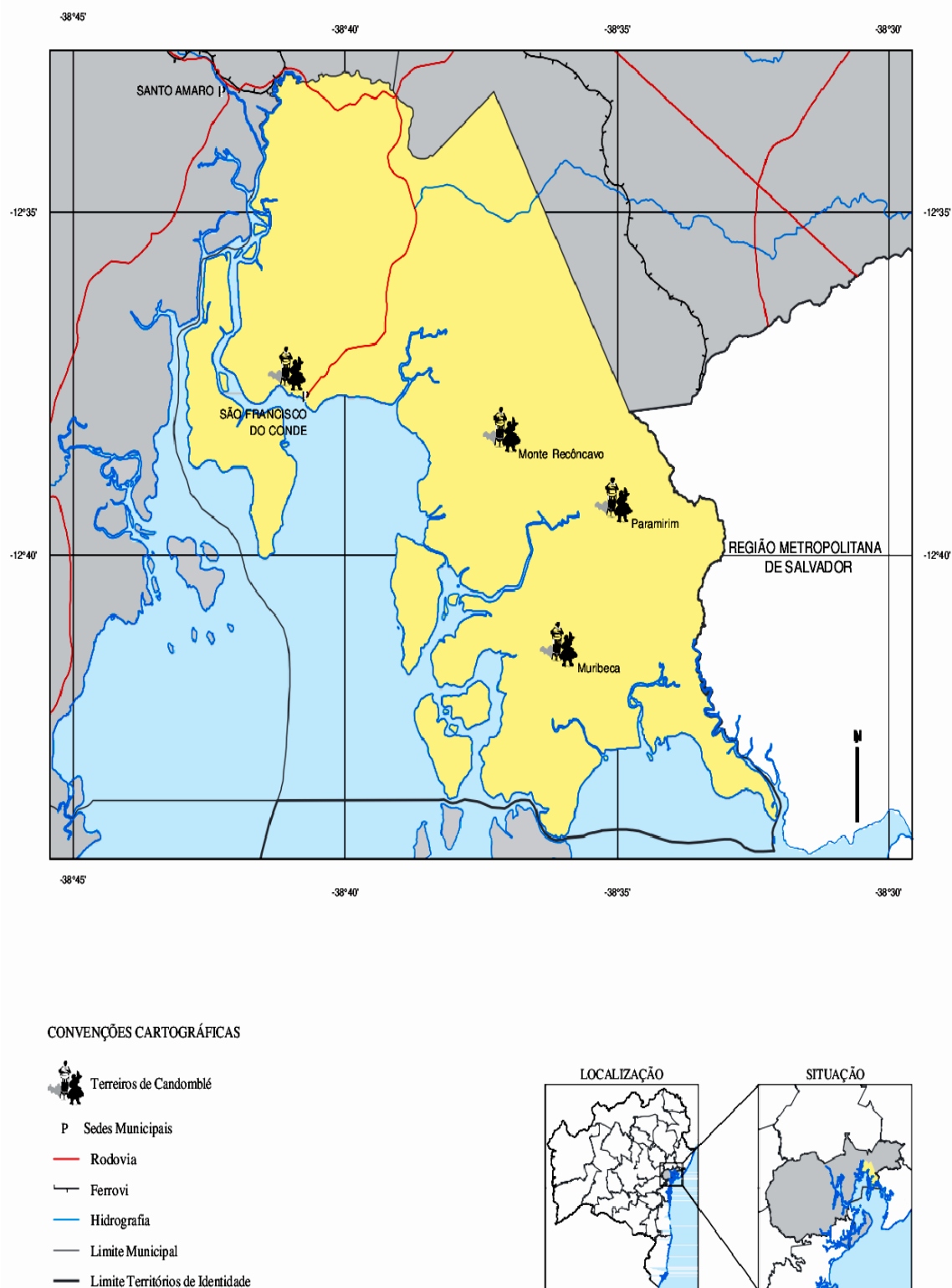
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 23 - Relação dos Terreiros de São Félix – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Ogum Bomi	Jêje Nagô	Rural
Raiz de Airá	Nagô	Urbano
Mãe Maria Nagô	Angola	Urbano
Terreiro Ilê Axé Oyá Egbale	Keto	Urbano
Ilê Axé Omim Ian Nibó	Nagô Vuducí	Urbano
Terreiro Gilômim	Keto	Urbano
Ilê do Oxum	Umbanda com Ketu Nagô	Urbano
Ilê Axé Otalací	Jêje	Urbano
Terreiro Iemanjá Ogunté	Keto	Urbano
Ilê Axé Iorô Mym	Keto	Urbano
Ilê Axé de Oxossí	Nagô, Ijexá	Urbano
Terreiro Dó Oxossí	Keto	Urbano
Terreiro de São Roque	Umbanda	Urbano
Terreiro Ilê Axé Oxum Opará	Keto	Rural
Terreiro de Umbanda Sultão das Matas	Umbanda com Candomblé	Urbano
Ilê Axé Odê Okê	Nagô Ijexá	Urbano
Terreiro Daomea São Lázaro	Jêje	Urbano
Xilê Axé Balomim Xangô Irá	Nagô	Urbano
Ilê Axê Onim	Keto	Rural
Ilê Axé Ogunjá	Keto	Urbano
Terreiro de Obotoqué	Jêje Nagô	Rural
Ilê Axé Alaibi	Nagô Vodum	Urbano

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 82 - Mapa dos Terreiros de São Francisco do Conde – Bahia.



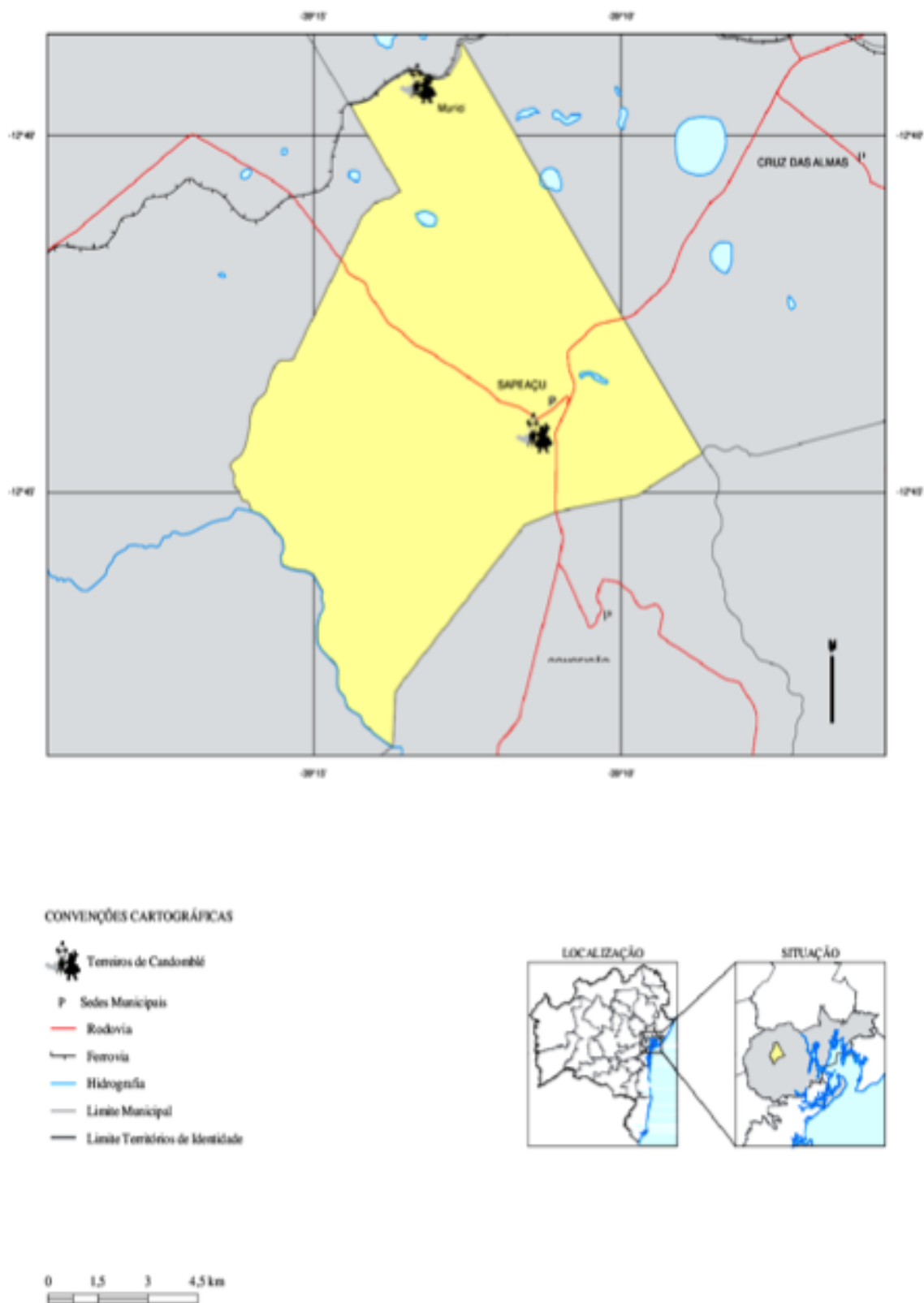
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 24 - Relação dos Terreiros de São Francisco do Conde – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Ilê Axé Ogunté Manô	Keto e Angola	Rural
Zazi Mavu Uke de Uzambi	Angola	Rural
Ilê Axé Baba La de Mim	Keto	Rural
Ilê Axé Ogumarinho	Angola	Urbano
Ilê Axé Ogum Belug	Keto	Rural
Terreiro de Xangô	Jêje	Rural
Terreiro de Oxum	Umbanda com Angola	Urbano
Ilê Axé de Oxum Euí	Keto	Rural
Terreiro Ilê Axé Filho da Força	Keto	Rural
Unzo Bamburucema Dy a Nzambi	Angola	Urbano
Ilê Odé Oxé Oba Omin	Keto	Urbano
Ile Axe Omi Oiá	Alaketu	Urbano
Ilê Odé Oxé Oba Omin / Unzó Mutalé Sicongo	Angola	Rural
Ilê Axé Azauani Jideun	Keto	Rural
Terreiro Angurusena Dya Nzambi	Angola	Urbano
Terreiro Odé Kassimicongo	Keto	Urbano
Ilê Axé Sarapocan	Keto	Urbano
Terreiro Unzo Mutakulombô de Unzambi	Angola	Urbano
Centro de Caboclo Boiadeiro	Angola	Rural
Ilê Axé Matamba Kutala Congo	Keto	Rural
Ilê Axé de Oiá JDS	Keto	Urbano
Oxum Madê Gewi	Keto	Rural

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 83 - Mapa dos Terreiros de Sapeaçu – Bahia.



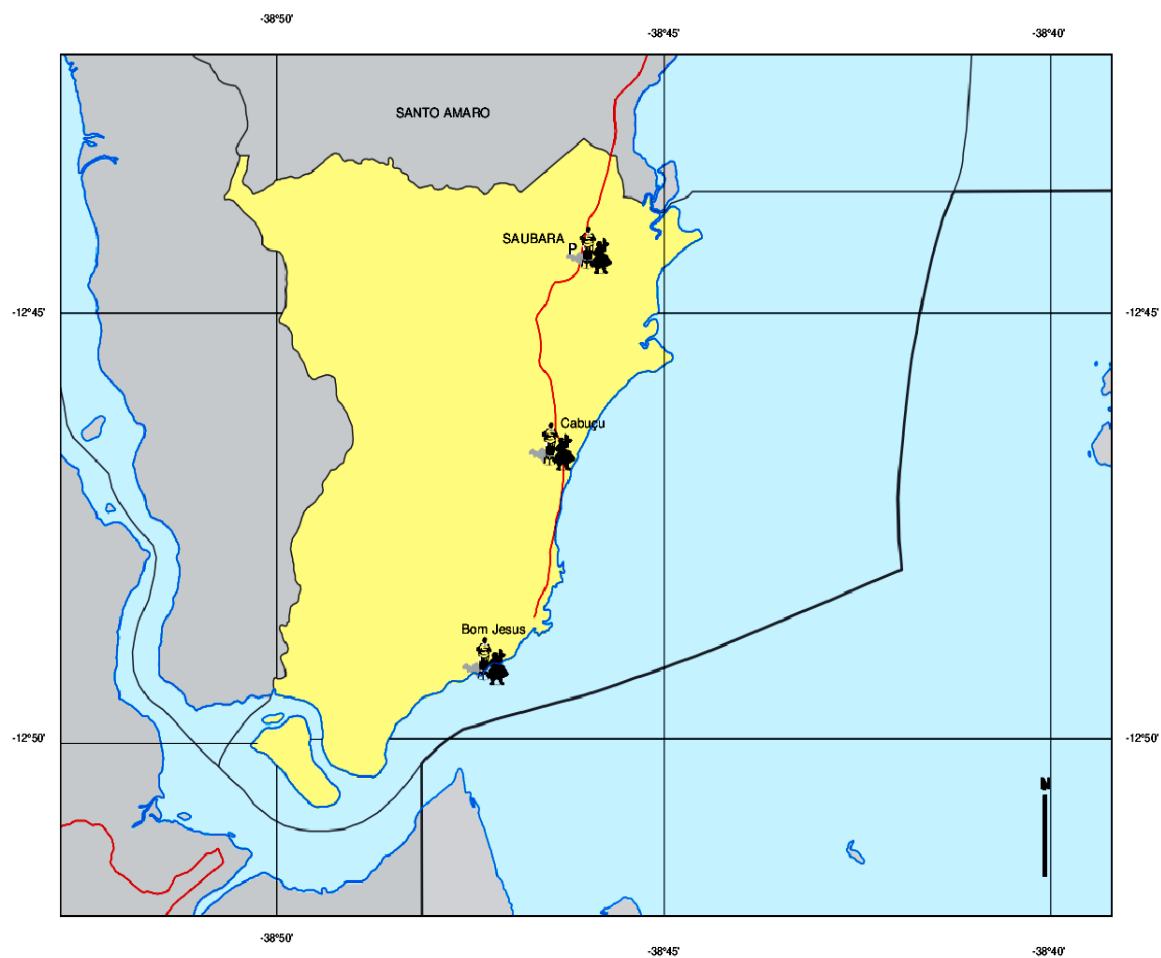
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 25 - Relação dos Terreiros de Sapeaçu – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Terreiro de Oxossi	Umbanda	Rural
Terreiro de Boiadeiro	Umbanda / Kimbanda	Rural
Terreiro de Boiadeiro Oxé de Obé	Umbanda e Angola	Rural
Terreiro de Ogum	Umbanda	Rural
Terreiro Ogum de Ronda	Umbanda	Rural
Terreiro de Obaluaiê	Angola	Rural
Ilê Axé Yá Ogunté	Ketu	Urbano
Terreiro de Oxossi	Angola	Rural
Terreiro de Caboclo Gentil	Umbanda	Rural
Ilê Axé Omim Malá Odé de cariri	Costa d'africa e Angola	Rural
Terreiro de Oxossi	Umbanda	Rural
Terreiro Murianganga Filho de Lembá	Angola	Urbano
Casa de Jaci	Angola	Urbano
Terreiro de Yânsás	Ketu	Urbano
Centro de Ogum da Ronda	Orixá, Umbanda	Urbano
Terreiro de Umbanda Reis Cariri	Costa d'africa e Angola	Rural
Centro de Umbanda Santo Antônio	Umbanda	Rural

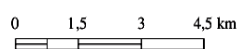
Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 84 - Mapa dos Terreiros de Saubara – Bahia.



CONVENÇÕES CARTOGRÁFICAS

- Terreiros de Candomblé
- P Sedes Municipais
- Rodovia
- Ferrovia
- Hidrografia
- Limite Municipal
- Limite Territórios de Identidade



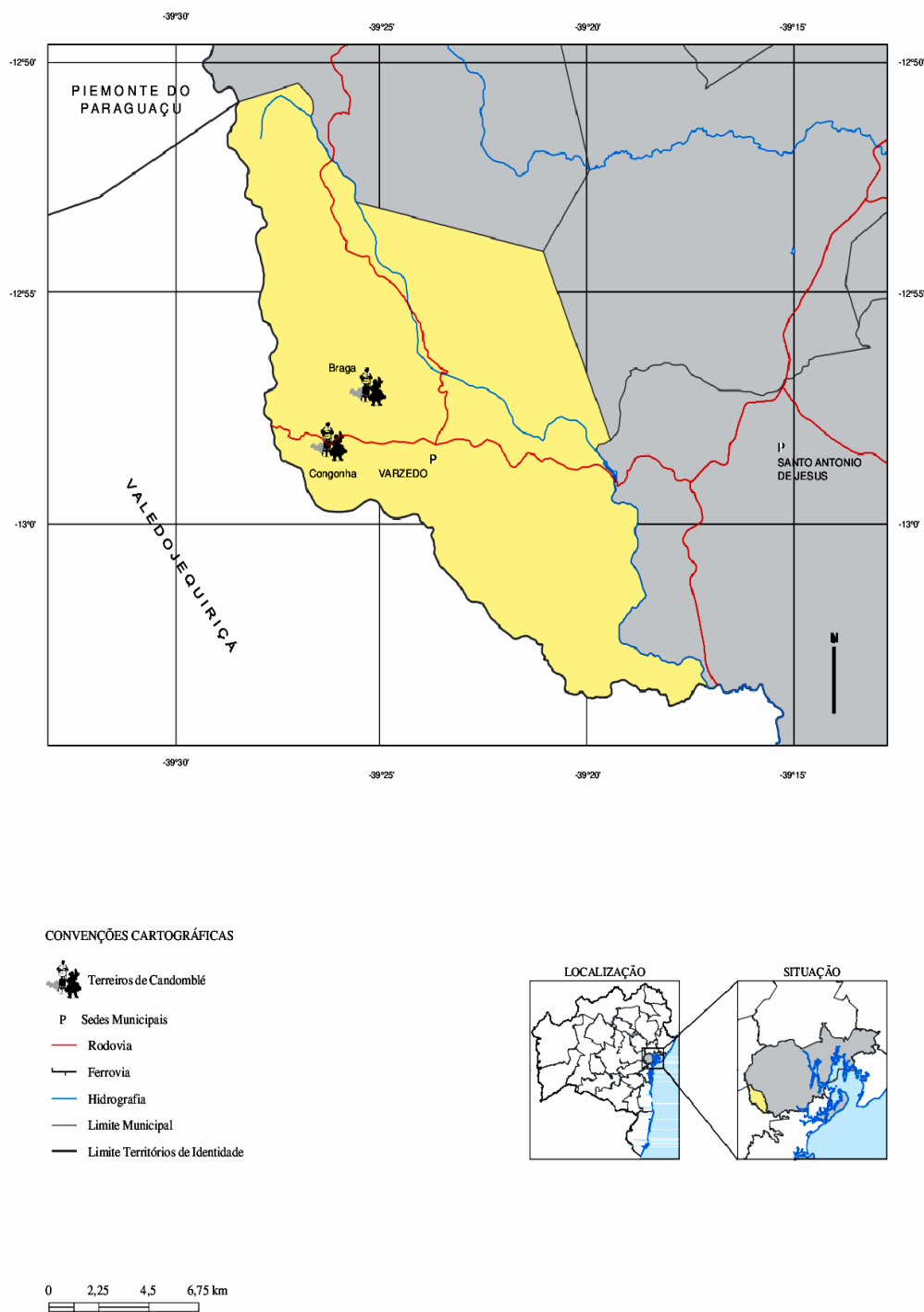
Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 26 - Relação dos Terreiros de Saubara – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Terreiro Ilê Axé de Nanã	Keto	Urbana
Terreiro Ogum Ladê	Keto	Urbana
Terreiro Ogum da Mata	Angola	Urbana
Terreiro de Oxalá	Angola	Urbana
Ilê Axé Ilê - Omi	Keto	Rural
Terreiro Ilê Axé Ode Omisele	Keto	Rural
Terreiro Ilê Axé Unzol Delemba	Keto	Urbana
Terreiro de Yansã	Não identificado	Não identificado
Sem nome – Beija Flor	Não identificado	Não identificado
Ilê Asé Omi Adé Oba	Keto	Rural
Terreiro Ilê Axé Muntala Amim Di Usambi	Angola	Urbana
Terreiro de Iemanjá	Umbanda	Rural
Ilê Axé Baba Okê	Keto	Urbana
Terreiro de Oxossi	Angola	Urbana
Terreiro Ilê Axé de Oxossi	Keto	Urbana
Centro do Caboclo Boiadeiro	Ijexá	Urbana
Terreiro de Caboclo Juremeira	Keto	Urbana
Terreiro Iansã Guerreira	Angola	Urbana
Terreiro de Obaluaê	Angola	Urbana

Fonte: SEPROMI (2023).

Figura 85 - Mapa dos Terreiros de Vazedo – Bahia.



Fonte: SEPROMI (2023).

Quadro 27 - Relação dos Terreiros de Vazedo – Bahia.

NOME DO TERREIRO	NAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Não tem nome	Angola	Rural
Terreiro de Xangô	Umbanda	Rural

Fonte: SEPROMI (2023).

4.3 A COLETA DOS DADOS DE LIBRAS

Após a catalogação e identificação dos topônimos em línguas orais, teve início a segunda etapa da pesquisa, voltada para os registros em Libras. A identificação dos dados sinalizados foi conduzida a partir do conhecimento prévio do pesquisador, que atua como Tradutor e Intérprete de Libras e é membro da comunidade surda vinculada ao Território de Identidade (T.I.) do Recôncavo da Bahia.

Cabe destacar que esta pesquisa de doutoramento teve início em 2020, ano marcado pela crise sanitária provocada pela pandemia de Covid-19. Em virtude das restrições sanitárias e da necessidade de distanciamento social, o processo de coleta de dados precisou ser adaptado, uma vez que os encontros presenciais estavam suspensos e o contato físico era desaconselhado. Diante desse cenário, as comunidades surdas passaram a se reunir por meio da plataforma *Google Meet*, amplamente utilizada para videoconferências.

Durante os encontros virtuais com lideranças surdas e membros da comunidade de cada município pertencente ao T.I. do Recôncavo, foram apresentados slides contendo imagens e informações sobre os terreiros, incluindo seus nomes em português e em iorubá. Esse material possibilitou a realização de rodas de conversa com os participantes. É importante destacar que alguns dos surdos participantes são também filhos-de-santo, o que favoreceu a interlocução e a identificação dos sinais correspondentes aos terreiros em Libras.

Após essa etapa, os sinais foram inicialmente registrados pelo pesquisador por meio de fotografias, com o objetivo de facilitar a descrição e a compreensão das configurações manuais. Em seguida, procedeu-se à gravação em vídeo dos sinais, com a finalidade de documentar visualmente os dados em Libras. Para isso, utilizou-se um estúdio caseiro, montado em um dos cômodos da residência do pesquisador. O equipamento empregado foi um celular Redmi Note 8, fixado em um tripé da marca Benro.

A iluminação do ambiente foi cuidadosamente planejada, combinando luz natural (solar) com iluminação artificial por meio de lâmpadas fluorescentes. O pano de fundo utilizado foi um tecido verde, apropriado para a aplicação da técnica de Chroma Key, o que permite, em etapas posteriores de edição, a inserção de cenários digitais. O sinalizador foi posicionado a uma distância adequada do fundo, de modo a evitar a formação de sombras, e a câmera foi ajustada para garantir o enquadramento ideal do espaço de sinalização. Para isso, foram feitas marcações no solo, assegurando a constância do posicionamento durante as gravações (cf. Figura 86).

Figura 86 - O estúdio.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Além desses cuidados técnicos, também foram considerados aspectos visuais, como o contraste e a legibilidade dos sinais. A escolha da vestimenta – camisa preta – levou em conta o tom de pele e a cor do cabelo do sinalizador, com o objetivo de garantir contraste adequado em relação ao fundo verde, facilitando assim a visualização dos sinais durante as etapas de edição e análise dos registros.

Para o armazenamento dos vídeos, utilizou-se inicialmente a plataforma gratuita do YouTube. Adicionalmente, foram criados QR Codes para facilitar o acesso aos vídeos contendo os sinais correspondentes aos terreiros. Posteriormente, esses materiais serão armazenados no website *Ilêtopônimo*, que estará disponível para consulta pública após a defesa desta tese.

Na terceira etapa, de posse das informações reunidas, iniciou-se a análise preliminar dos dados. No entanto, antes de apresentar os resultados dessa análise, faz-se necessário apresentar o modelo de ficha lexicográfico-toponímica utilizado na pesquisa, bem como os exemplos de fichas já preenchidas.

4.4 O MODELO DE FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA ADOTADO NA PESQUISA

Para a sistematização dos dados, utilizamos a ficha lexicográfico-toponímica adotada pelo *Grupo de Pesquisa Toponímia em Libras* da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Essa ferramenta possibilitou a organização dos dados coletados quanto à origem, formação linguística, intencionalidade, motivação, bem como aos aspectos históricos,

culturais e sociais que influenciaram a criação dos nomes em língua oral e dos sinais em Libras utilizados para identificar os terreiros.

A seguir, apresentamos o modelo da ficha lexicográfico-toponímica adotado nesta pesquisa, ainda sem preenchimento, conforme ilustrado no Quadro 28.

Quadro 28 – Modelo de Ficha lexicográfico-toponímica.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE		NÚMERO:
TERMO GENÉRICO:		TOPÔNIMO EM LP:
TIPO DE ACIDENTE:		LOCALIZAÇÃO:
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:		
ESTRUTURA SEMÂNTICA:		
ORIGEM:		
HISTÓRICO:		
IMAGENS:		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS:		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:	
FONTES:		

Fonte: Projeto de pesquisa “Estudo bilíngue da Toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras (CONSEPE-UEFS 044/2018).

A seguir, descrevemos os elementos que compõem a ficha lexicográfico-toponímica adotada nesta pesquisa:

1. **Termo genérico** – indica o que está sendo nomeado. Ex.: Terreiros;
2. **Topônimo em línguas orais** – registra o nome próprio que designa um lugar ou acidente geográfico, conforme identificado no objeto de estudo;
3. **Tipo de acidente** – especifica se o topônimo se refere a um acidente de origem humana;
4. **Localização** – informa a localização do topônimo no município correspondente;
5. **Taxonomia do topônimo em língua portuguesa** – classifica o topônimo com base nas causas motivacionais de sua nomeação;
6. **Estrutura semântica** – refere-se à maneira como os elementos do topônimo se organizam para expressar seu significado;
7. **Origem** – indica a procedência linguística do topônimo (Portuguesa, Africana, Indígena, Hibridismo, Estrangeirismo ou n/e, para “não encontrada”);

8. **Histórico** – apresenta alterações no topônimo ao longo do tempo, utilizando sinais gráficos: ~ (Toponímia paralela), < (evolução do nome);
9. **Imagens** – provenientes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN);
10. **Informações adicionais** – registros sobre a história e outros aspectos contextuais do topônimo;
11. Descrição e análise do topônimo em libras: imagem do sinal em Libras, acompanhada de QR Code que remete ao vídeo da realização do sinal;
12. **Taxonomia do topônimo em Libras** – classificação do sinal ou *n/c* (não classificado);
13. **Estrutura morfológica do sinal toponímico** – descrição da formação do sinal: simples, simples híbrido, composto ou composto híbrido;
14. **Motivação do sinal toponímico** – explicação sobre os aspectos motivacionais do sinal em Libras;
15. **Fontes** – indicação das referências consultadas para o preenchimento da ficha.

Para o preenchimento das fichas, além das informações obtidas junto ao IPHAN e à SEPROMI, foram utilizadas as seguintes fontes:

- a) CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Novo Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- b) BENISTE, José. *Dicionário Iorubá-Português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- c) BENISTE, José. *Dicionário Português-Iorubá*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- d) Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Disponível em: <https://www.gov.br/iphan>. Acesso em: 17 jun. 2024.
- e) **Glosbe** – Dicionário colaborativo com traduções, exemplos de uso e pronúncia em iorubá e português.
- f) **Webtran** – Tradutor online gratuito entre iorubá e português.

Durante o preenchimento das fichas lexicográfico-toponímicas dos terreiros, observou-se que alguns topônimos apresentavam dupla motivação, ou seja, a nomeação dos terreiros pode ser compreendida a partir de duas perspectivas distintas — históricas, culturais, geográficas, religiosas ou linguísticas.

Esse fenômeno evidencia como os topônimos são resultado de múltiplas influências, permitindo interpretações variadas sobre seu significado e sua função. Um mesmo nome pode

conter duas justificativas legítimas para sua existência, o que enriquece sua carga simbólica e sua relevância como elemento identitário.

Além disso, essa dupla motivação pode surgir de processos de adaptação linguística, nos quais termos africanos interagem com elementos da língua portuguesa. Tal dinâmica reforça o caráter vivo e evolutivo da Toponímia, que acompanha transformações sociais e culturais ao longo do tempo.

O tratamento adequado desses topônimos exige uma abordagem interdisciplinar, integrando os campos da linguística, da história e da antropologia. Como afirma Dauzat (1947), é essencial considerar as diversas camadas de significado presentes nos nomes próprios, evitando leituras reducionistas e valorizando a complexidade de suas origens.

A análise da dupla motivação revela, portanto, um processo de nomeação profundamente vinculado à tradição, à identidade e às mudanças culturais. Os topônimos não são meras designações geográficas: são expressões da memória coletiva, carregadas de simbolismo e abertas a múltiplas leituras que enriquecem a compreensão da relação entre espaço e linguagem.

Nesta pesquisa, adotamos a proposta de Santiago (2021) para o tratamento dos topônimos com dupla motivação. O autor afirma que:

[...] acredita-se que uma classificação taxonômica unida à descrição semântica dos constituintes possa ser uma solução mais simplificada e que implicará na não incorporação de terminologias híbridas além das propostas taxonômicas gerais. (Santiago, 2021, p. 60).

Nos casos de topônimos com dupla motivação, incluiu-se na ficha a descrição da estrutura semântica juntamente com a taxonomia. Utiliza-se a seguinte fórmula simbólica para essa descrição: <T1 + T2 + T3...>, na qual T1 representa o primeiro constituinte semântico do topônimo, T2 o segundo, T3 o terceiro, e assim sucessivamente.

Essa estratégia garante que todas as motivações que compõem o topônimo sejam registradas, o que é relevante do ponto de vista qualitativo da pesquisa. Conforme pondera Aguilera (1999), há uma discussão recorrente entre toponomistas quanto ao critério ideal para a classificação taxonômica: se deve considerar o primeiro elemento, o núcleo do sintagma, ou uma abordagem sociosemiótica. A decisão, nesse sentido, cabe ao pesquisador, que detém acesso aos dados sob múltiplas perspectivas.

Nesta tese, optou-se pela classificação a partir do núcleo do sintagma, que geralmente corresponde ao segundo elemento do topônimo. Essa escolha está exemplificada na Ficha Lexicográfico-Toponímica nº 8, referente ao Terreiro Centro do Caboclo Boiadeiro,

localizado em Cachoeira (BA). No que se refere à motivação em língua oral, identificou-se a seguinte estrutura semântica: <socio + àsé>. A taxonomia atribuída ao topônimo é Àsétopônimo.

A fórmula <socio + àsé> indica que o topônimo apresenta uma motivação de ordem social e espiritual, associada ao termo “Àsé”, que, nas tradições afro-brasileiras, está relacionado à energia vital e à força sagrada. Nesse contexto, “Àsé” é o elemento mais significativo e, por isso, considerado o núcleo do sintagma.

Esse processo de nomeação, observado em contextos religiosos e culturais como o do Terreiro Centro do Caboclo Boiadeiro, transcende os modelos tradicionais de nomeação. Trata-se de um fenômeno em que Entidade e espaço se determinam mutuamente, o que revela uma abordagem simbólica e culturalmente enraizada da linguagem toponímica.

De acordo com o método estruturalista, conforme descrito por Dick (1990), a atribuição dos nomes segue uma lógica linear e sequencial. No entanto, neste caso, observa-se um processo simultâneo de nomeação, em que a identidade espiritual da Entidade (Caboclo Boiadeiro) define o espaço, e o espaço, por sua vez, reforça a identidade da Entidade. O resultado é uma amálgama linguística e simbólica que se afasta dos padrões convencionais da língua portuguesa e desafia os critérios tradicionais da taxonomia toponímica.

A nomeação dos terreiros, frequentemente, expressa uma interação profunda entre cosmologia, ancestralidade e território. A Entidade Caboclo Boiadeiro não apenas representa uma figura espiritual, mas também evoca o espaço sagrado onde os rituais e cultos são realizados. Nesse sentido, o nome do terreiro funciona como um marcador identitário complexo, cujos elementos cumprem funções distintas:

- *Sociotopônimo* (“Centro”) – indica a função organizacional e comunitária do espaço;
- *Àsétopônimo* (“Caboclo Boiadeiro”) – expressa a identidade mística e espiritual da Entidade cultuada, reforçando a ligação com o espaço sagrado e seus significados.

Esse entrelaçamento entre espaço e espiritualidade não é apenas uma convenção linguística, mas uma construção simbólica carregada de sentidos, na qual o nome confere significado e função ao lugar no universo simbólico do Candomblé.

O fenômeno da nomeação simultânea nos terreiros representa um desafio para os modelos linguísticos tradicionais, pois revela um mecanismo de construção identitária simbólica que ultrapassa os limites de uma nomeação geográfica meramente descritiva ou

classificatória. Em vez disso, observa-se a criação de uma designação que articula valores religiosos, culturais e históricos da comunidade que sustenta aquele espaço.

Do ponto de vista etnográfico, essa prática reforça a centralidade do contexto espiritual e cultural na formação dos topônimos, em contraste com os modelos de nomeação mais comuns na língua portuguesa, que tendem a seguir regras estruturais e semânticas rígidas.

O caso do Terreiro Centro do Caboclo Boiadeiro ilustra uma dinâmica única de nomeação, na qual espaço e Entidade se constroem mutuamente. Esse modelo desafia as abordagens taxonômicas convencionais e sugere um sistema de nomeação mais próximo da simultaneidade, revelando aspectos profundos da identidade cultural e religiosa que escapam aos métodos estruturais tradicionais, como já mencionado.

Trata-se, portanto, de um fenômeno singular, que reforça a relação entre nome, identidade e território no interior de um sistema espiritual complexo e integrado.

A aplicação da formação toponímica e a análise dos topônimos com dupla motivação serão exploradas a seguir, por meio da apresentação das fichas lexicográfico-toponímicas preenchidas dos terreiros.

Na próxima seção, serão exibidas as fichas com seus respectivos dados.

5. APRESENTAÇÃO DAS FICHAS LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICAS

Nesta seção, apresentam-se as fichas lexicográfico-toponímicas dos terreiros, já preenchidas com os dados coletados ao longo da pesquisa.

Quadro 29 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Obaluaiê em Cabaceira do Paraguaçu-Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 01
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Obaluaiê.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cabaceira do Paraguaçu-BA. https://maps.app.goo.gl/ivdCWdn8rs7e3gHM8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ilêtopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Obaluaiê.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS:		
O Terreiro de Obaluaiê pertence à Nação Caboclo, tem como liderança Jorge Alves de Souza e está localizado no povoado de Geolândia, s/n, bairro Tauná, CEP 44345-000. O termo <i>Obaluaiê</i> é composto por três partes: <i>Obá</i>, que significa "rei"; <i>Olu</i>, que significa "senhor"; e <i>Aiê</i>, que significa "terra". A junção dessas partes resulta em "o rei que é senhor da terra".		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	Estrutura semântica: <<dimensio +Ilê + àse>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há apenas um formante da língua nativa: Libras.	
	CONTEXTO DO SINAL: O sinal apresenta como aspectos motivacionais a largura do telhado, a estrutura do telhado e a divindade, o Orixá Obaluaiê.	
FONTES: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Quadro 30 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Giro/ Umbanda em Cabaceira do Paraguaçu-Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE		NÚMERO: 02
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Centro de Giro/ Umbanda.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cabaceira do Paraguaçu –Bahia. https://maps.app.goo.gl/PmoTj356pLiWprmN6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Fidetopônimo ²³ .		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: <<socio + fide >>		
ORIGEM: Afro-brasileira		
HISTÓRICO: Terreiro Centro de Giro/ Umbanda.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Giro/Umbanda pertence à tradição da Nação Umbanda e é conduzido por Estelita da Silva. Está localizado no Lote Valdete Machado, Rua 10, bairro Geolândia, CEP 44345-000. O Terreiro se estabelece como um espaço sagrado.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE 	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EMLIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: <<Ilê+ grafo>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal possui formação simples híbrida, pois é constituído por um único formante da língua nativa, com empréstimo linguístico do registro escrito da língua oral em sua estrutura.	
MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: um empréstimo linguístico por transemitotização, incorporando a letra "U" da palavra "Umbanda"; a arquitetura do Terreiro – o formato do telhado.		
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em:20 de maio 2025.		
Fonte: Elaborado pelo pesquisador.		

²³ “Giro da Umbanda” pode ser interpretado como um *fidetopônimo*, pois está diretamente relacionado às práticas espirituais e rituais realizados no Terreiro. O termo “giro” refere-se às sessões de trabalho espiritual nas quais os médiuns incorporam Entidades e realizam atendimentos, fortalecendo a conexão entre os participantes e as forças espirituais.

Quadro 31 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Mãe de Deus nas Candeias em Cabaceira do Paraguaçu – Bahia.

FICHA LEXICOGRAFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE		NÚMERO: 03
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Mãe de Deus nas Candeias	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cabaceira do Paraguaçu – Bahia. https://maps.app.goo.gl/oqpx7eCttwVXMg9k6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Mariotopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro Mãe de Deus nas Candeias (Centro de Umbanda).		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Mãe de Deus nas Candeias pertence à Nação Umbanda e tem como líder Marilene Pereira dos Santos. O espaço está localizado no Povoado Aporá, nº 26, bairro Tupiaçu, CEP 44345-000. Nossa Senhora das Candeias, também conhecida como Nossa Senhora da Candelária, é sincretizada nas religiões afro-brasileiras com a Orixá Oxum.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE 	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA << Ilê+ ewê >>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois é constituído por um único formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal possui dois aspectos motivacionais: a arquitetura, simbolizada pelo telhado; as plantas posicionadas em frente ao Terreiro, que contribuem para a identidade visual e simbólica do espaço.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 32 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Oxóssi Mutalambô em Cabaceira do Paraguaçu – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO–TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 04
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Oxóssi Mutalambô.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cabaceira do Paraguaçu – Bahia. https://maps.app.goo.gl/dBpPoYg9nMzMZEGM8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Afro- brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro Oxóssi Mutalambô.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Oxóssi Mutalambô pertence à Nação Umbanda e tem como liderança Antônio Pereira de Andrade. O espaço está situado em Aporá, s/n, Lagoa do Pedro, bairro Aporá, CEP 44345-000. A palavra <i>Oxóssi</i> tem origem no iorubá, uma língua africana, e significa “caçador popular” ou “guardião popular”.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE 	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo. ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ilê + Animo + Àse >> ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa. MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: a arquitetura do Terreiro, representada pela casa velha; e o Orixá Oxóssi.	
FONTES: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025. Fonte: Elaborado pelo pesquisador.		

Quadro 33 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogum em Cabaceira do Paraguaçu – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO - TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 05
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Ogum.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cabaceira do Paraguaçu Bahia. https://maps.app.goo.gl/rV8oMiSNseVBpGpp8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Ogum.		
IMAGENS: Não registrada. ²⁴		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Ogum pertence à Nação Umbanda, sob a liderança de Maria José da Conceição. Está localizado no povoado Cerquinha, s/n, bairro Cerquinha, CEP 44345-000. Em iorubá, <i>Ogum</i> significa “guerra”. Ele é considerado o senhor da metalurgia, detendo domínio sobre o ferro e o aço, assim como sobre todas as ferramentas feitas desses materiais, como lanças, martelos, facas, ferraduras e enxadas. Ogum é a divindade dos ferros e das batalhas.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsétopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA <<Ilê + Àsé >>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal possui dois aspectos motivacionais: a arquitetura do Terreiro, e o Orixá Ogum.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		
Fonte: Elaborado pelo pesquisador.		

²⁴ Não foi permitido o registro da imagem porque na data da pesquisa o Ilê ainda não estava funcionando na sede própria.

Quadro 34- Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Caboclo Guarani de Oxóssi em Cachoeira – Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO TOPONÍMICA BILÍNGUE		NÚMERO: 06
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro do Caboclo Guarani de Oxóssi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira -Bahia. https://maps.app.goo.gl/PFA45QLizqUKJtsBA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Afro - brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro do Caboclo Guarani de Oxóssi.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro do Caboclo Guarani de Oxóssi pertence à Nação Angola, sob a liderança de Maria Helena Araújo Vale. Está situado na Rua Uguarani, 23, bairro Rosarinho, CEP 44300-000. Na Umbanda, os Caboclos de Oxóssi são entidades espirituais cultuadas e estão entre as mais reverenciadas. Seu culto nasce do sincretismo entre as divindades africanas e a espiritualidade dos indígenas brasileiros. Os Caboclos de Oxóssi são considerados encarnações de índios essenciais em suas tribos.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Fidetopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA<< Ilê+ fide>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há um formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: a arquitetura, representada pelo espaço físico do Terreiro; e o gesto de rezar, que simboliza a conexão espiritual e a devoção dentro das práticas religiosas.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Quadro 35 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ylê Ogum Xerokê Ibesen em Cachoeira – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO- TOPONÍMICA BILINGUE		NÚMERO: 07
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ylê Ogum Xerokê Ibesen.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/eNtyTaSTsHQSFojq6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Ylê Ogum Xerokê Ibesen (Casa de Santo Matriz Africana).		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ylê Ogum Xerokê Ibesen é uma casa de santo de matriz africana, pertencente à Nação Jurema – Keto – Jeje – Caboclo. Está sob a liderança de Roqueline L. dos Santos e situado no Alto do Rosarinho, Rua da Paz, nº 07, bairro Rosarinho, CEP 44300-000. Dentro das tradições religiosas de matriz africana, Ogum Xerokê é uma qualidade específica de Ogum que incorpora traços da energia de Exu.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA <<Ilê+ Ewê>>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois é constituído por um único formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: a arquitetura e as folhas de Mariuô na entrada.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 36 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro do Caboclo Boiadeiro em Cachoeira – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO- TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 08
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP:Terreiro Centro do Caboclo Boiadeiro.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/fq7W8EPpKjj8x9dv5	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << sócio+ àsé>>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro Centro do Caboclo Boiadeiro.		
IMAGENS: Não registrada. ²⁵		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS O Terreiro Centro do Caboclo Boiadeiro pertence à Nação Umbanda na Jurema, sob a liderança de Sandra Lima. O terreiro está situado no Sítio São Jorge, s/n, Bairro Alecrim, CEP 44300-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE 	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsetopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: Àsétopônimo O sinal Boiadeiro se classifica morfológicamente como simples, pois é constituído por um único formante na Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a Entidade Caboclo Boiadeiro	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

²⁵ O registro da imagem não foi permitido, pois, na data da pesquisa, o terreiro e seus adeptos estavam em função (obrigação). Esses ritos, realizados após a iniciação, têm como objetivo fortalecer os laços entre o iniciado e seu orixá. Eles marcam etapas de crescimento espiritual e maturação dentro do terreiro, podendo incluir oferendas, rezas, festas e períodos de recolhimento.

Quadro 37 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Rumpame Zogodô Malê Darô Tabí em Cachoeira – Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 09
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP:Terreiro Rumpame Zogodô Malê Darô Tabí.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/Z2acR8Az2Lr8jRVAA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ilêtopônimo		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Rumpame Zogodô Malê Darô Tabí.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Rumpame Zogodô Malê Darô Tabí pertence à Nação Jêje Mahin, sob a liderança de Marcelino Gomes de Jesus. Está localizado na Rua Maestro Trinco Sacramento, nº 04, bairro Centro, CEP 44300-000. <i>Rumpame</i> está relacionado a um conceito de proteção; <i>Zogodô</i> refere-se ao espaço sagrado; <i>Malê</i> remete à ancestralidade; <i>Darô</i> está associado à noção de caminho; e <i>Tabí</i> indica prosperidade. O Candomblé Jêje é marcado pelo culto aos Voduns, entidades espirituais veneradas por suas forças e atributos. Diferentemente das nações Ketu e Angola, onde se cultuam Orixás e Inkises, respectivamente, os Jêje Mahin seguem uma estrutura religiosa baseada nos ensinamentos do povo Fon, trazendo consigo uma rica cultura espiritual ligada à proteção e à cura.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal se classifica morfológicamente como simples, pois é constituído por um único formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro.	
FONTES: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 38 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Lobanekum em Cachoeira – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 10
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Lobanekum.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/vDSGbRrhpGgGVoBk9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Asétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Lobanekum.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Lobanekum pertence à Nação Nagô Obetedô e está atualmente sob a liderança de Maria Lucio Barreto dos Santos. Localiza-se no povoado de Quebra Bunda, s/n, Bairro Quebra Bunda, CEP 44300-000. O Terreiro Loba’Nekun foi fundado em 1925 pela Ialorixá Amazília Matias da Conceição (1906-1997), conhecida como Mãe Lira (Akoladié). A expressão <i>Lobanekum</i> refere-se ao Orixá Iemanjá Ogunté, divindade para a qual Mãe Lira foi iniciada em 1923, aos 17 anos, por Miguel Pequeno, da Terra Vermelha, no próprio Terreiro Loba’Nekun. Após o falecimento de Dona Lira, a roça passou a ser dirigida por Zuleide da Paixão Lima, mais conhecida como Mãe Ledinha de Oiá.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como do tipo simples, pois apresenta apenas um único formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal tem como aspecto motivacional parte da estrela, e a Letra L na parede em frente ao Terreiro	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 39 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ogum em Cachoeira – Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE		NÚMERO: 11
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Ogum.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/QSfe8SK5z2CG8PDg9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro de Ogum.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Ogum pertence à Nação Ketu e está sob a liderança de Antônio Alves dos Santos. Localizado no Alto do Tanque, Tororó, Chácara Santo Antônio, bairro Tororó, CEP 44300-000, esse terreiro representa um importante espaço de culto e preservação das tradições do Candomblé, especialmente aquelas dedicadas ao Orixá Ogum.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewétopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal se classifica morfológicamente do tipo simples, uma vez que é constituído por um único formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O elemento motivador do sinal são as plantas situadas na entrada do Terreiro.	
	FONTES: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.	

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 40 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Isin Mimo em Cachoeira – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE		NÚMERO: 12
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Isin Mimo.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira – Bahia. https://maps.app.goo.gl/BfZ36ryqBquYJsp6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ilêtopônimo.		
ORIGEM: Africana		
HISTÓRICO: Terreiro Ilê Axé Isin Mimo.		
IMAGENS:		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Isin Mimo pertence à Nação Nagô-Vodum, tem como liderança Antônio dos Santos da Silva e está situado na Rua Terra Vermelha, bairro Terra Vermelha, CEP 44300-000. Esta casa foi fundada por Pai João da Lama, que era Pai de Santo de Dona Judith. O terreiro foi originalmente fundado em São Gonçalo dos Campos e depois transferido para Cachoeira. Pai João plantou a casa e a entregou a Mãe Judith. Em 1940, quando Mãe Judith faleceu, Tio Marcos, sobrinho de Mãe Judith, assumiu a liderança. Com o falecimento de Tio Marcos, Mãe Chica passou a liderar a casa. Em seguida, assumiram Maria Guilhermina e, depois, meu pai, Candola – Antônio Gomes da Silva. Após o falecimento deste, Antônio dos Santos da Silva assumiu a liderança junto com Dezinho e a Ekede Helena. O termo <i>Isin Mimo</i>, em iorubá, pode ser traduzido como “culto sagrado” ou “religião pura”.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Litotopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal é motivado pela terra vermelha que compõe o solo do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 41 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogodô Dêi em Cachoeira –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE		NÚMERO: 13
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ogodô Dêi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira–Bahia. https://maps.app.goo.gl/qVaRwyiuJY7AWi3u9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:Dirrematopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Ogodô Dêi.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ogodô Dêi pertence às Nações Nagô e Keto e tem como liderança Railda Santos de Assis. Está situado na Rua Benjamim Constante, s/n, bairro Ladeira da Cadeia, CEP 44300-000. A expressão <i>Ogodô Dêi</i> significa “maduro aos 3 meses”. Em 1946, o Sr. Justiniano de Souza de Jesus (1913–1989) plantou o Axé de Xangô no Terreiro Ogodô Dêi. O local possui, em seu conjunto, três construções: uma capela católica, construída pelo Sr. Justo, dedicada à Nossa Senhora da Conceição, que abriga os túmulos do próprio Sr. Justo e de sua esposa; uma construção dedicada aos Caboclos; e a casa principal, onde funciona o terreiro de Candomblé.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE 	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafematopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA<< Ilê+ grafo >>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto híbrido, pois há mais de um formante da língua nativa e um empréstimo linguístico por transemitização de língua oral com as letras O e D do português. MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: a arquitetura do terreiro, representada pelo telhado; e os empréstimos linguísticos por transemitização, utilizando as letras "O" e "D" do português.	
FONTES: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Quadro 42 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de: Ilê Axé Xangô Bucurugi em Cachoeira – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 14
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Xangô Bucurugi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira–Bahia. https://maps.app.goo.gl/5PWjdvkK6xqZ2Pi5A	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro de Ilê Axé Xangô Bucurugi.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Xangô Bucurugi tem por Nação: Jêje e liderança: Valter Bispo dos Santos. O espaço está situado no Sítio Três Riachos, s/n Bairro: Capa-Pina, CEP: 44300-00. A palavra Bucurugi se refere a uma qualidade específica de Xangô um título espiritual ligado à tradição Jêje.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsétopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA << Ilê + àsé>>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: a arquitetura do terreiro, representada pelo telhado, que simboliza sua totalidade e a presença da divindade, o Orixá Xangô.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 43 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Oxalufã em Cachoeira – Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 15
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Oxalufã.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/HMrVJGbwfDS5A45q9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Oxalufã.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Oxalufã pertence à Nação: Umbanda e tem como líder Heraque dos Santos. O espaço está situado no endereço: Rua São Cristóvão, 89, Bairro: Curiaxito, CEP: 44300-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE 	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsetopônimo ²⁶ .	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA << ewê +ilê+ àse>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta três aspectos motivacionais: inicialmente, as folhas de mariuô; em seguida, a arquitetura, representada pelo telhado do Terreiro; e, por fim, o Orixá Oxalufã.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

²⁶ Na estrutura semântica << ewê + ilê + àse >>, o Orixá Oxalufã ocupa o papel central como núcleo do sintagma, articulando os elementos que compõem a relação simbólica entre espaço sagrado e força espiritual. Ewê representa as folhas rituais; ilê, o espaço consagrado; e àse, a energia vital que legitima as práticas religiosas. Oxalufã integra esses componentes, conferindo-lhes sentido dentro da cosmologia afro-brasileira. Assim, a estrutura expressa uma lógica espiritual e cultural, na qual o Orixá é o elo entre natureza, território e poder ancestral.

Quadro 44 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Gruta Cachoeira – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 16
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP:Terreiro Gruta.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/wr1dCyGgLDDxmZgS7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Geomorfotopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Gruta.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Gruta pertence à tradição da Nação Angola e está sob a liderança de Aurelina Souza dos Santos. Localização: Santiago do Iguape, Bairro Santiago do Iguape, CEP: 44300-000. A Nação Angola é uma das mais antigas do Candomblé no Brasil e tem suas raízes nos povos Bantu, que chegaram ao país por meio da diáspora africana. Diferentemente das nações Ketu e Jeje, que cultuam Orixás e Voduns, respectivamente, o Candomblé Angola reverencia os Inkises, divindades ligadas aos elementos da natureza e à energia vital que rege o universo.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Dimensiotopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a espessura da escadaria da entrada do terreiro.	
	FONTES: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.	

Quadro 45 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Odudua Alaketu dos Orixás em Cachoeira – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 17
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Odudua Alaketu dos Orixás	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/wNptMWsBZKk4Znbi6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Dirrematopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Ilê Odudua Alaketu dos Orixás, Alaketu está associado a cidade de ketu atual Beni.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Odudua Alaketu dos Orixás pertence à Nação Alaketu e está sob a liderança de Egnaldo Martins Rodrigues. Localizado no povoado Lagoa Encantada, Bairro Lagoa Encantada, CEP 44300-00, O nome "Odudua Alaketu" é uma expressão popular cristalizada que se refere à casa ou templo dedicado a Oduduwa, uma figura central para o povo iorubá.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE 	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsetopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA << àse+ilê>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal se classifica morfológicamente do tipo composto, pois é constituído por mais de um formante na Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: a divindade, o Orixá; e o espaço físico, o Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Quadro 46 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda em Cachoeira – Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE		NÚMERO: 18
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP:Centro de Umbanda.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/hdVCetudGMt8bJCx7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:Sociotopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro Centro de Umbanda.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS : O Terreiro Centro de Umbanda pertence a Nação: Abikun e tem por liderança Liderança: Aurelina Costa. O espaço está situado no Endereço: Alto da Rodagem, s/n, Lagoa Encantada, Bairro: Pitanga de Cima ,CEP: 44300-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Fidetopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA <<Ilê +fide>>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal se classifica como composto, pois há mais de um formate na Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem dois aspectos motivacionais: a arquitetura do Terreiro; o ato ²⁷ de tocar a cabeça, na testa , ao lado da cabeça e atrás.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		
Fonte: Elaborado pelo pesquisador.		

²⁷ O gesto de tocar a cabeça em três lugares diferentes representa a conexão com os Orixás que acompanham a pessoa ao longo da vida. Ao tocar a testa, faz-se referência ao Orixá de Frente, o principal guia espiritual, responsável por reger a personalidade e o caminho do indivíduo. O toque ao lado da cabeça simboliza o Orixá Juntó, que complementa a influência dos outros dois, ajudando a harmonizar forças e características. Já ao tocar a parte de trás da cabeça, a reverência é feita ao Orixá de Trás, que atua como um suporte energético, trazendo equilíbrio e proteção.

Quadro 47 – Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Xapanã Gileoá em Cachoeira – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA		NÚMERO:19
FICHA BILÍNGUE.		
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP:Ilê Axé Xapanã Gileoá.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira–Bahia. https://maps.app.goo.gl/8drwKUwZ2WfVfq8n7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Ilê Axé Xapanã Gileoá.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS :O Terreiro Ilê Axé Xapanã Gileoá pertence à Nação: Keto e tem por Liderança: Geraldo Jesus Martins. O espaço está situado Endereço: Povoado do Alecrim, Bairro: Alecrim ,CEP: 44300-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE 	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewétônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA <<Ibá +ewe>>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal se classifica morfológicamente do tipo composto, pois é constituído por mais de um formante na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: os adornos utilizados pela divindade, que carregam um significado espiritual e cultural; e o símbolo da palha de licuizeiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 48 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de :Giro de Caboclo em Cachoeira –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 20
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Giro de Caboclo.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/BuRmfTaGEdmxGMdX8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro Giro de Caboclo.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS :O Terreiro: Giro de Caboclo pertence à Nação: Caboclo e tem por Liderança: Esmeraldina de Lima Machado. O espaço está situado no Endereço: Povoado da Fazenda Bastos, s/n, Bairro: Giral, CEP: 44300-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE 	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA << ewe +ibá >>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal possui dois aspectos motivacionais: a arquitetura do terreiro, representada pela cerca; e o cocar da divindade, o Caboclo.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 49 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Lobá Necun Neto em Cachoeira –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 21
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Lobá Necun Neto.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/pw3W2E4vYPhTo3vPA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Lobá Necun Neto.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Lobá Necun Neto pertence à Nação: Nagô e tem por Liderança: Reginaldo Batista de Souza. O espaço fica situado no Endereço: Rua Direta, s/n, Bairro: Santiago do Iguape, CEP: 44300-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta duas motivações: as folhas de Mariwo ²⁸ e as plantas dispostas em frente ao terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

²⁸ As folhas de Mariwo, desfiadas do dendezeiro, são utilizadas em portas e janelas dos Terreiros de Candomblé. Consagradas ao Orixá Ogum, desempenham a função de afastar energias negativas e espíritos perturbadores. Além disso, a Orixá Oiá Ibalé (Iansã do Balé), que governa os Eguns, também carrega Mariwo em suas vestes.

Quadro 50 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda São Jorge em Cachoeira –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 22
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Centro de Umbanda São Jorge.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cachoeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/dmacZswwbrJvV3ABA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio + hagio>>.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro Centro de Umbanda São Jorge.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro: Centro de Umbanda São Jorge, pertence à Nação: Umbanda, e tem por Liderança: Reginaldo Silva Miranda. O espaço fica situado no endereço: palma, (próximo ao Campo), Bairro: Palma, CEP: 44300-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE 	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafematopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA <<Ilê+ grafo>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto híbrido, pois há mais de um formante da língua nativa com empréstimo linguístico da língua oral com as letras A e J.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta três aspectos motivacionais: o espaço físico, o centro do Terreiro e o uso de empréstimos linguísticos por transemiotização, que reproduzem as letras A e J.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro51 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Logum Edé em Castro Alves – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 23
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Axé Logum Edé.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Castro Alves –Bahia. https://maps.app.goo.gl/yXySxbMMbbS4HYBx9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Ilê Axé Logum Edé.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Logum Edé pertence à Nação Ketu e é liderado por José Marques. Está localizado na Rua Dr. Denílson Machado, nº 109, Bairro Centro, CEP 44500-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsetônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal se classifica como simples, pois possui um único formante na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal possui o aspecto motivacional relacionado à divindade: Orixá Logum Edé.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 52 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Caboclo em Castro Alves –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 24
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP:Terreiro de Caboclo.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano,	LOCALIZAÇÃO: Castro Alves –Bahia. https://maps.app.goo.gl/gVNv8b5dQcVBwSs19	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Caboclo.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Caboclo pertence à Nação Caboclo e é liderado por Rita Maria Dias de Jesus. Está localizado no Conjunto Habitacional Padre Pizza, Rua A, Bairro Barro, CEP 44500-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal pode ser classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: o cocar e a faixa de cabeça da Entidade o caboclo.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Ficha 53 - Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Oxum em Castro Alves –Bahia.**FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA
BILÍNGUE.****NÚMERO: 25****TERMO GENÉRICO:** Terreiro.**TOPÔNIMO EM LP:** Centro de Oxum.**TIPO DE ACIDENTE:** Humano.**LOCALIZAÇÃO:** Castro Alves –Bahia.
<https://maps.app.goo.gl/YuidhFGB4ssCW5zr6>**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:** Àsetopônimo.**ESTRUTURA SEMÂNTICA:** << socio + àse>>.**ORIGEM:** Africana.**HISTÓRICO:** Terreiro Centro de Oxum.**IMAGENS:**

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Oxum e pertence à Nação Umbanda e tem a liderança de Maria das Graças Bacelar de Oliveira. O espaço fica situado no Endereço: Rua Uilson Lapa Barreto, Bairro: Centro, CEP: 44500-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**QR-CODE****TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:** Àsetopônimo.**ESTRUTURA SEMÂNTICA** <<socio +àse>>**ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:**

O sinal se classifica do tipo simples, pois é constituído por um único formante na língua nativa: Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal possui dois aspectos motivacionais: o centro e a Orixá Oxum.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 54 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Obaluaîê em Castro Alves – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 26
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Obaluaê.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Castro Alves –Bahia. https://maps.app.goo.gl/j18pKbWxtX4zEG9x5	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio + àsé>>.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Centro de Obaluaê.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS O Terreiro Centro de Obaluaê pertence à Nação: Angola e tem por liderança Mário Marques. O espaço fica localizado na rua da Cerquinha, 26, Centro, CEP: 44500-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsétopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois é constituído por um único formante na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal possui um aspecto motivacional que remete diretamente à divindade Orixá Obaluaîê.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisado.

Quadro 55 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Caboclo Tupi em Castro Alves – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 27
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Centro de Caboclo Tupi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Castro Alves –Bahia. https://maps.app.goo.gl/AWmfFm8kJECpUAzw7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio + àsé>>.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Caboclo Tupi.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS :O Terreiro Centro de Caboclo Tupi pertence à Nação Angola + Keto = Alaketu, e tem por liderança Cláudio Costa. O espaço fica localizado na rua do Paramirim, 157, bairro Rural, CEP: 44500-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ewê + Ilê >>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal se classifica do tipo simples pois é constituído por um único formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: as árvores e a arquitetura representado pelo telhado do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisado.

Quadro 56 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda em Conceição do Almeida –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 28
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Umbanda.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Conceição do Almeida – Bahia. https://maps.app.goo.gl/LPSaELyLUKBZtk1F9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Sociotopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Umbanda.		
IMAGENS: ²⁹		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS : O Terreiro Centro de Umbanda pertence à Nação Umbanda e tem por liderança Roque Francisco dos Santos. O espaço fica localizado no endereço: Fazenda Bebedouro, s/n, bairro: Bebedouro, CEP: 44540-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafematopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples híbrido, pois é constituído por empréstimos linguísticos por transemiotização do registro escrito da língua oral.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta como aspecto motivacional o registro escrito da língua oral.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

²⁹ Não foi possível o registro da imagem porque na data da pesquisa o Terreiro estava passando por reformas.

Quadro 57 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Axé Alaketu Axé Oxossi em Conceição do Almeida– Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO- TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 29
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Axé Alaketu Axé Oxossi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Conceição do Almeida–Bahia. https://maps.app.goo.gl/mHQLJscY5r1fNAwa9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Axé Alaketu Axé Oxossi.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Alaketu Axé Oxossi pertence à Nação Keto com Angola, e tem por liderança Gertrudes Rodrigues Santos. O espaço fica localizado na Fazenda Mirante, s/n, bairro do Mirante, CEP: 44540-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura representado pelas janelas e portas do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 58 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Onzó Mukumbikia Nzambi em Cruz das Almas –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 30
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Onzó Mukumbikia Nzambi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas – Bahia. https://maps.app.goo.gl/yPMCZnN6TjBmHsc96	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Onzó Mukumbikia Nzambi.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Onzó Mukumbikia Nzambi pertence à Nação Angola, e tem por Liderança: Paulo Sérgio dos Santos. O espaço fica situado na Comunidade da Linha, bairro UFRB, CEP: 44380-000. Nzambici (ou Nzambi) é considerada a Deusa da Essência, representando a energia vital e a força criadora.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ilê +ewe >>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois é constituído por um único formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: a arquitetura, representada pelo telhado do terreiro; e as árvores.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 59 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Casa de Iansã em Cruz das Almas – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILINILGUE.		NÚMERO: 31
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Casa de Iansã.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas –Bahia. https://maps.app.goo.gl/R9sbDkh7b7ALMq2Z7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ilê+ àse>>.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Casa de Iansã.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Casa de Iansã pertence à Nação Keto, e tem por liderança Adailton Silva Conceição. O espaço fica situado na rua Rio Branco, 457, Centro, CEP: 44380-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsetopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ilê+ àse>>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: o Terreiro e a divindade Orixá Iansã.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 60 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Agada Olorum em Cruz das Almas –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 32
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Agada Olorum.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas – Bahia. https://maps.app.goo.gl/hELqKFGFLRnSuWrq9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana		
HISTÓRICO: Ilê Axé Agada Olorum.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Agada Olorum pertence às Nações Nagô, Keto, e Umbanda, e tem por liderança Maria de Lourdes da Conceição Novais. O espaço fica situado na rua I 11, 77, bairro Miradouro / Suzana, CEP: 44380-000. Na tradição iorubá e nas religiões afro-brasileiras, Olorum é considerado o Deus supremo, o criador do universo e de todas as coisas. Ele é visto como uma Entidade que representa a luz, a sabedoria e o poder criador. No Candomblé e na Umbanda, Agada é uma qualidade de Olorum.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional o conjunto de plantas sagradas que se situam em frente ao Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 61 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Casa de Obaluaiê em Cruz das Almas – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 33
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Casa de Obaluaiê	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas –Bahia. https://maps.app.goo.gl/MvMGHYrdKucuCaH97	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: <<socio+ásé>>.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Centro giro de Umbanda ogum de ronda.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro centro giro de Umbanda Ogum de Ronda 2 pertence à Nação Keto, e tem por liderança Raimunda dos Santos. O espaço fica situado na rua Santo Antônio, 337, bairro Santo Antônio, CEP: 44380-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsétopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ilê +àsé >>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: o Terreiro e a divindade Orixá Obaluaiê.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 62 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Oiar Fibomin em Cruz das Almas –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 34
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Oiar Fibomin.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas–Bahia. https://maps.app.goo.gl/NsiZkvotusvqScQV8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Oiar Fibomin.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Oiar Fibomin pertence à Nação Filho do Keto com Nagô e tem por liderança Ubirajara da Conceição dos Santos. O espaço fica situado na rua Deocreciaono do Carmo, 252, bairro Dona Rosa, CEP: 44380-000. Oiar Fibomin está fortemente ligado à Orixá Iansã, que representa os ventos, as tempestades e a transformação.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O aspecto motivacional do sinal é a árvore sagrada plantada em frente do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 63 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ofademim em Cruz das Almas – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 35
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Ofademim.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas – Bahia. https://maps.app.goo.gl/zZQ3Dtsmy4PzEW2u6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: n/e. ³⁰		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Ofademim.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Ofademim pertence à Nação Keto e tem por liderança Antônio Jorge Vieira. O espaço fica situado na rua Santo Antônio, bairro Santo Antônio, CEP: 44380-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Corotopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ilê+ coro>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da Libras.	
	CONTEXTO DO SINAL: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: a arquitetura do Terreiro, representada por suas portas; e janelas verdes	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

³⁰ A abreviatura "n/e", significa "não encontrado", indicando que a palavra ou expressão não foi documentada ou dicionarizada. Isso ocorre frequentemente em culturas com forte tradição oral, como as afro-brasileiras. Muitos termos religiosos, nomes de rituais e expressões são transmitidos de geração para geração sem registros formais em dicionários ou textos acadêmicos.

Quadro 64 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Lambarenganje de Uzamb em Cruz das Almas –Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 36
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Lambarenganje de Uzamb.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas –Bahia. https://maps.app.goo.gl/Yk6mPYbPGwWZLGS27	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: n/e.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Lambarenganje de Uzamb.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS :O Terreiro Lambarenganje de Uzambe pertence à Nação Angola e tem por liderança Silvério Carvalho de Jesus. O espaço fica situado no Loteamento Vilarejo, bairro Vilarejo, CEP: 44380-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ilê +ewê >>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: o coqueiro sagrado e o telhado do terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 65 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda Ogum de Ronda em Cruz das Almas –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 37
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Umbanda Ogum de Ronda.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas –Bahia. https://maps.app.goo.gl/Tp7rdrVnRwKgehW8A	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsêlêtopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio+ àsê>>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Umbanda Ogum de Ronda.		
IMAGENS:		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Umbanda Ogum de Ronda pertence à Nação Umbanda e tem por liderança Edvaldo Magalhães Borges. O espaço fica situado na rua São Benedito, 20, no bairro Centro, CEP: 44380-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há um único formante na língua nativa, Libras. MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: o muro e a bandeira ³¹ do Terreiro.	
FONTES: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

³¹ A bandeira branca, como objeto sagrado, simboliza paz, proteção espiritual e conexão com os Orixás. Ela representa a presença de Oxalá, o grande Orixá da criação e da serenidade. O elemento sagrado traz equilíbrio e harmonia ao espaço de Axé. Além disso, indica um território consagrado, onde as energias negativas são afastadas e os rituais são realizados com respeito e devoção. Em alguns Terreiros, também pode ser utilizada para marcar momentos de celebração ou renovação espiritual.

Quadro 66 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Zé de Boiadeiro em Cruz das Almas – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 38
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Zé de Boiadeiro.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas –Bahia. https://maps.app.goo.gl/1qWJkLkHpST4n6RX7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro Zé de Boiadeiro		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS :O Terreiro Zé de Boiadeiro pertence à Nação Angola e tem por liderança: José dos Santos. O espaço fica situado no Loteamento Vilarejo, bairro Matadouro, CEP: 44380-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ásétopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: A composição do sinal é simples, pois há um único formante na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspectos motivacional o ato de montar a cavalo faz alusão à Entidade Boiadeiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 67 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Oba Omimejé em Cruz das Almas –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 39
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Oba Omimejé.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas –Bahia. https://maps.app.goo.gl/uskvgbgS6vqd3VQ6A	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Oba Omimejé.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Oba Omimejé pertence à Nação Keto e tem por liderança René Pereira de Jesus Sales. O espaço fica situado no Loteamento Santo Antônio, Rua L, 95, CEP: 44380-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ilê+ ibá>>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: A composição do sinal é composta, pois há mais de um formante da Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: o telhado do Terreiro e a quartinha (vaso de barro) posicionada sobre o telhado.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 68 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ibá Ogumem Cruz das Almas – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE		NÚMERO: 40
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Ibá Ogum.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas –Bahia. https://maps.app.goo.gl/4Hv3jL34th6TY4EAA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA : << ibá +àse >>		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO : Ilê Axé Ibá Ogum.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Ibá Ogum pertence à Nação: Queto e tem por liderança Nilza de Braga Fernandes. O espaço fica situado na rua Santo Antônio, 312, bairro Santo Antônio, CEP: 44380-000. A palavra ibá significa casa em yorubá. Refere-se ao assentamento sagrado dos Orixás, no Candomblé. Cada ibá é uma representação pessoal e material que simboliza a captação da energia proveniente da natureza ligada aos Orixás. Esses ibas são colocados nos terreiros e contêm seus apetrechos inerentes a cada Orixá		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsetopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA : << ilê +àse >>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é composto, pois há mais de um formante na língua nativa: Libras.	
	CONTEXTO DO SINAL: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: o espaço físico do Terreiro e o Orixá Ogum.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 69 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Sultão das Matas em Cruz das Almas – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 41
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Sultão das Matas.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas – Bahia. https://maps.app.goo.gl/wvrJbQdMpUNyqAVX7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
Estrutura semântica: << ásé +ewê >>		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO : Sultão das Matas.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Sultão das Matas pertence à Nação Umbanda e tem por liderança Geraldo da Conceição Neves. O espaço está situado no endereço: Fazenda Corta Jaca, CEP: 44380-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: Os dois aspectos motivacionais do sinal são o muro ao redor do Terreiro e o telhado	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 70 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Iasobora Iobomi em Cruz das Almas – Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 42
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Iasobora Iobomi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas –Bahia. https://maps.app.goo.gl/2Tr8uiahKg4sEp4B7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: N/e.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO : Iasobora Iobomi.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro: Iasobora Iobomi pertence à Nação Keto e tem por liderança Irene Santos Lopes. O espaço está situado no endereço: Quadra B4, s/n, bairro Edla Costa, CEP: 44380-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA :<< ibá+ ewê>>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é composto, pois há mais de um formante na língua nativa	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: a quartinha (vaso azul), em frente ao terreiro; e as folhas de mariuô.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 71 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Umbanda Oxossi Cavaleiro em Cruz das Almas –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 43
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Umbanda Oxossi Cavaleiro	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Cruz das Almas –Bahia. https://maps.app.goo.gl/rHsieXUB73Ca3GYKA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA << hiero+ àse>>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Umbanda Oxossi Cavaleiro.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS :O Terreiro de Umbanda Oxossi Cavaleiro pertence à Nação Angola e tem por liderança Marilda de Jesus Silva. O espaço fica situado no Sítio Caqueiro, s/n, bairro: Alto Coqueiro, CEP: 44380-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsetopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA << Ilê+ àse>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é composto, pois há mais de um formante na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal possui dois aspectos motivacionais: as portas do Terreiro e a divindade Orixá Oxóssi.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 72 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Cavaleiro de São Jorge em Dom Macedo–Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 44
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Cavaleiro de São Jorge.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Dom Macedo–Bahia. https://maps.app.goo.gl/kzRAuFprZeyucV1a9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Cavaleiro de São Jorge.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Cavaleiro de São Jorge pertence à Nação Caboclo e tem por liderança Antônio Marlene Lemos. O espaço fica localizado na Fazenda Estrela do Norte, Pedra Branca, s/n, bairro 3 Bocas, CEP: 44560-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Numerotopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ilê+número >	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é composto, pois há mais de um formante na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta como aspecto motivacional a arquitetura do terreiro e o numeral 4.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		
Fonte: Elaborado pelo pesquisador.		

Quadro 73 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Pai Edson em Dom Macedo –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE .		NÚMERO: 45
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Pai Edson	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Dom Macedo –Bahia. https://maps.app.goo.gl/NeUs4Sk4GfKPepUk6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Pai Edson.		
IMAGENS: ³²		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Pai Edson pertence à Nação Angola e tem por liderança Edson Souza dos Santos. O espaço fica localizado na rua Jovino Barreto, 332, Centro, CEP: 44560-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafematopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples híbrido, pois há um empréstimo linguístico por transemitização da língua oral.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O aspecto motivacional do sinal é o nome do dirigente do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

³² Não foi permitido o registro da imagem porque na data da pesquisa o Terreiro estava em mudança de sede.

Quadro 74 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Azunsú em Governador Mangabeira –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 46
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Axé Azunsú.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Governador Mangabeira – Bahia. https://maps.app.goo.gl/2JN5p9EKKLhtEkNc8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Azunsú.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Azunsú pertence à Nação Keto e é liderado por Orlando da Conceição. Está localizado na rua Quixabeira, bairro Quixabeira, CEP 44350-000. Azunsú está relacionado ao vodum Sakpatá, uma divindade da tradição do povo Fon e do Candomblé Jeje. Sakpatá, também chamado de Azunsú, é conhecido como o rei da varíola e senhor das doenças contagiosas.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois é constituído por um único formante da Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O aspecto motivacional do sinal é a árvore sagrada do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 75 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Caboclo Cegos Errantes em Governador Mangabeira –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 47
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Caboclo Cegos Errantes	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Governador Mangabeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/i3LKYyvBbFAmD5dC7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Dirrematotopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro Caboclo Cegos Errantes		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS : O Terreiro Caboclo Cegos Errantes pertence à Nação Caboclo e à Umbanda, e tem como liderança Maria de Oliveira dos Santos. Está situado na comunidade de Quixabeira 2, s/n, bairro Quixabeira 2, CEP 44350-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ilê+ ewê>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é composto, pois tem mais de um formante na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: Os aspectos motivacionais do sinal são a arquitetura do Terreiro e as folhas sagradas de fumo.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 76 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro Sultão das Matas em Governador Mangabeira –Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 48
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Centro Sultão das Matas	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Governador Mangabeira – Bahia. https://maps.app.goo.gl/tYUvfonNfZhJNKzaA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio+àse>>.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro Sultão das Matas.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro Sultão das Matas pertence à Nação Caboclo e tem como liderança Alderico Santos Oliveira. Está situado no Sítio Queimadas, CEP 44350-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Igneotopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << polio+ igne>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal possui duas motivações: a zona rural e o fogo.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 77 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de :Ilê Axé Ogum de Lê em Governador Mangabeira –Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 49
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Ogum de Lê	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Governador Mangabeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/G5ggEaV18CHj2zuc7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Ogum de Lê.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Ogum de Lê pertence à Nação Keto e tem como liderança Joselita Rodrigues dos Reis. Está localizado na Praça da Bandeira, nº 167, bairro Os Pontos, Centro, CEP 44350-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-COD	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é simples, pois há um único formante na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do terreiro, representada por sua fachada.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 78 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de: Ilê Oio Recê Alaketu Axé Ogum Onirê em Governador Mangabeira –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 50
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Oio Recê Alaketu Axé Ogum Onirê	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Governador Mangabeira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/uZQcKycr84QXB6xn6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: :<< dirrema + ase>>.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Oio Recê Alaketu Axé Ogum Onirê.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Oio Recê Alaketu Axé Ogum Onirê pertence à Nação Keto e tem como liderança Leomar Silvério da Rocha. Está localizado na Rua José Fonseca, nº 443, bairro Portão, CEP 44350-000. A expressão <i>Oio Recê</i> é uma variação do termo <i>Oio Rere</i> , que significa "olhos abertos" ou "vigilância espiritual". É um chamado para estar atento às energias, à consciência espiritual e aos ensinamentos..		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como motivação a arquitetura do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 79 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda Iemanjá em Governador Mangabeira –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO- TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 51
TERMO GENÉRICO: Terreiro .	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Umbanda Iemanjá.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Governador Mangabeira – Bahia. https://maps.app.goo.gl/qEAduZH7XFx5BX1u9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
Estrutura semântica: << socio+ ase>>.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Umbanda Iemanjá.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Umbanda Iemanjá pertence à Nação Centro de Umbanda e tem como líder Eunice Brasil Santos. Está localizado na Rua Firmino Gonçalves, nº 366, bairro Pontos, CEP 44350-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsetopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ewê+ àse>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal possui duas motivações: a árvore sagrada em frente ao Terreiro e a divindade Orixá Iemanjá.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 80 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro Sultão das Matas em Governador Mangabeira –Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 52
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Centro Sultão das Matas.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Governador Mangabeira – Bahia. https://maps.app.goo.gl/T9v3P4q92GCGtzRd8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
Estrutura semântica: << socio+ àse>>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro Sultão das Matas.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro Sultão das Matas pertence à Nação Umbanda e tem como liderança Noêmia Nascimento da Silva. Está localizado em Tocos 1, s/n (Casa Verde), bairro Quixabeira, CEP 44350-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ilê+ coro>>. ³³	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro, representada pelo formato do seu muro e pela cor verde.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

³³ Neste caso, o aspecto arquitetônico é mais importante que a cor.

Quadro 81 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Oxum em Governador Mangabeira –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 53
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Oxum.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Governador Mangabeira – Bahia. https://maps.app.goo.gl/LVpKBPG1Tcv8f5dj6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro de Oxum.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Oxum pertence à Nação Angola e tem como liderança Márcia do Amor Divino Santana dos Santos. Está localizado no Tabuleiro da Baiana, s/n, Mangabeira, bairro Tabuleiro da Baiana, CEP 44350-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsétopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a sereia que representa Iemanjá.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 82 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Elejé em Governador Mangabeira – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 54
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Elejí	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Governador Mangabeira – Bahia https://maps.app.goo.gl/TbWTdbiQFHqEbVts9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:N/e ³⁴		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Elejí.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Elejí pertence às Nações Keto, Nagô e Ijexá, e tem como liderança Angelina Barbosa. Está situado em frente ao Posto Águia, bairro Sungaia, CEP 44350-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ilê+ ewê>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal possui duas motivações: a arquitetura do Terreiro e a árvore sagrada situada em frente a ele.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626. Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

³⁴ Não foi encontrada uma tradução literal para algumas expressões do Candomblé. Isso ocorre porque muitos nomes e termos não estão registrados em dicionários nem amplamente documentados, devido à forte tradição oral dessa religião. Os conhecimentos, rituais e palavras são transmitidos verbalmente de geração em geração, preservando sua autenticidade e significado dentro dos terreiros e das comunidades.

Quadro 83 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Komã em Maragogipe –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 55
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Komã.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Maragogipe –Bahia. https://maps.app.goo.gl/DjyT9iiGKRGtPUKp7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: N/e. ³⁵		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Komã.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Komã pertence à Nação Keto e tem como liderança Bárbara Valda dos Santos. Está situado na rua Manoel Pereira Rebouças, 18B, bairro Baixinha, CEP 44420-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátônimo. ³⁶	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ibá+ grafema>>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa com empréstimo linguístico por transemitização da língua oral.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: Os fatores que motivam o sinal são a estrela desenhada em frente ao Terreiro e o empréstimo linguístico da letra K.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

³⁵ Não foi encontrada uma tradução literal para algumas expressões do Candomblé. Isso ocorre porque muitos nomes e termos não estão registrados em dicionários nem amplamente documentados.

³⁶ Nesse caso específico, o primeiro termo foi o núcleo do sintagma; a estrela é mais importante que a grafia.

Quadro 84 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Oja Omim Ala em Maragogipe – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 56
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Oja Omim Ala.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Maragogipe –Bahia. https://maps.app.goo.gl/bDSLJSkEjMNYpbWF8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: N/e.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Oja Omim Ala.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Oja Omim Ala pertence à Nação Jêje Mahin e tem como liderança Ananeri Bernardo Santana. Está situado na rua das Palmeiras, s/n, bairro Coqueiros, CEP 44420-000. Ojá é um pano sagrado usado na cabeça ou no corpo em rituais do Candomblé e da Umbanda. Ele representa proteção espiritual e conexão com os Orixás. Omim pode estar relacionado à palavra iorubá para "água", que tem um significado espiritual profundo nas religiões afro-brasileiras. Ala pode ter diferentes interpretações, dependendo do contexto, podendo estar ligado a um título ou a um conceito dentro da tradição.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafematopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como composto híbrido, pois apresenta mais de uma forma na língua nativa, com empréstimo da língua oral por meio da transemotização.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem um aspecto motivacional baseado na palavra “Ala”.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 85 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Banda Leongo em Maragogipe – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 57
TERMO GENÉRICO: Terreiro .	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Banda Leongo.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Maragogipe – Bahia. https://maps.app.goo.gl/1VujKRGLcT3aFLdH9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: N/e.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Banda Leongo.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Banda Leongo pertence à Nação de Angola e tem como liderança Isabel da Conceição. Está localizado na travessa Nossa Senhora das Graças, bairro Boiada, CEP 44420-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Acronimotopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA<< Ilê+acronimo>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois apresenta mais de um formate na língua nativa, Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: Trata-se de um empréstimo linguístico por transemiotização da língua oral, envolvendo as letras B e L e o Terreiro como um todo.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 86 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Duas Alianças e Estrela da Paz em Maragogipe – Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 58
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Duas Alianças e Estrela da Paz.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Maragogipe – Bahia. https://maps.app.goo.gl/bEePk3aAZJuUZNZy5	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ilêtopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Duas Alianças e Estrela da Paz.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Duas Alianças e Estrela da Paz pertence à Nação Jêje e tem como liderança Eliane de Souza Dias. Está localizado na rua Nossa Senhora das Graças, s/n, bairro Boiada, CEP 44420-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA<< Ilê +ibá.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: A composição do sinal é simples, pois há um único formante na língua nativa, Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional o Terreiro e o sinal de duas alianças.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 87 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ode Ifá em Maragogipe – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 59
TERMO GENÉRICO: Terreiro.		TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Ode Ifá.
TIPO DE ACIDENTE: Humano.		LOCALIZAÇÃO: Maragogipe –Bahia. https://maps.app.goo.gl/gL2KV5KE9ZvwJvnx6
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Ode Ifá.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Ode Ifá pertence à Nação Alaketu e tem como liderança Luiz Pereira de Souza. Está situado na Travessa Nossa Senhora das Graças, lote 15, bairro Boiada, CEP 44420-000. A palavra <i>Ode Ifá</i> está associada ao Orixá da adivinhação, Orumilá.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: dimensiotopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ilê+ dimensio>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O aspecto motivacional do sinal é o espaço arquitetônico do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 88 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Casa de Toinha de Boiadeiro em Maragogipe –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 60
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Casa de Toinha de Boiadeiro.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Maragogipe –Bahia. https://maps.app.goo.gl/MCis8qRiQGJx3UmeA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << eco +antro>>.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Casa de Toinha de Boiadeiro.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Casa de Toinha de Boiadeiro pertence à Nação Keto e tem como liderança Antônia Santos de Jesus. Está situado na Ladeira da Imbaíba, s/n, bairro Passagem, CEP 44420-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << grafo +ilê>>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa por meio do empréstimo linguístico por transemitização.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a sigla T B (Toinha de Boiadeiro), que representa o sinal de casa.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 89 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Alaxé de Oiá Decí em Maragogipe – Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 61
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Alaxé de Oiá Decí.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Maragogipe –Bahia. https://maps.app.goo.gl/uRGnN8QJrsTSu8dy9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Alaxé de Oiá Decí.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Alaxé de Oiá Decí pertence à Nação Keto e tem como liderança Maria de Lurdes dos Anjos Silva. Está localizado no Alto do Japão, s/n, bairro Jarão, CEP 44420-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa utilizando empréstimo linguístico da língua oral por transemitotização.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro, especificamente o telhado.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 90 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Acorô em Maragogipe –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 62
TERMO GENÉRICO: Terreiro	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Acorô.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Maragogipe – Bahia. https://maps.app.goo.gl/BShzi6yWMyLentjA6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: n/e.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Acorô.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Acorô pertence à Nação Keto e tem como liderança Arivaldo Silva. Está situado na Rua Plácido Rocha, 43, bairro Palmeiras, CEP 44420-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a árvore sagrada situada em frente ao Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 91 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de :Centro Espírita Deus, Luz e Paz em Maragogipe –Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 63
TERMO GENÉRICO: Terreiro	TOPÔNIMO EM LP: Centro Espírita Deus, Luz e Paz	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Maragogipe –Bahia. https://maps.app.goo.gl/TKFYiq2jyLYWbtN8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Animotopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio+ fide+animo>>.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro Espírita Deus, Luz e Paz		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Centro Espírita Deus, Luz e Paz pertence à Nação Umbanda e tem como liderança Maria José Pereira Muniz. Está situado em Capanema, bairro Guaí, CEP 44420-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS : Ilêtopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples pois há um único formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspectos motivacional a arquitetura do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 92 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Marcelo de Oxossi em Maragogipe – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 64
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Marcelo de Oxossi	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Maragogipe –Bahia. https://maps.app.goo.gl/v6CNMcm6RqCF3Q1d9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << antro+ ásé>>.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Marcelo de Oxossi.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Marcelo de Oxóssi pertence à Nação Keto e tem como liderança Marcelo Souza. Está situado na Primeira Travessa Nossa Senhora das Graças, bairro Boiada, CEP 44420-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há um único formate na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 93 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Ominjenan de Leuá em Maragogipe – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 65
TERMO GENÉRICO: Terreiro	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Ominjenan de Leuá.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Maragogipe –Bahia. https://maps.app.goo.gl/nYWsx4zrPJAvbeJo8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: n/e.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Ominjenan de Leuá.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Ominjenan de Leuá pertence à Nação Keto e tem como liderança Jazon Alves da Silva. Está situado na Praça Getúlio Vargas, 11, bairro Saboeiro, CEP 44420-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro e as duas janelas	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 94 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Lomi em Maragogipe –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILINGUE.		NÚMERO: 66
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Lomi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Maragogipe –Bahia. https://maps.app.goo.gl/SwyUcFr2B11p5u2M8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:N/e		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Lomi.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÃO ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Lomi pertence à Nação Keto e tem como liderança Antônia Rita da Silva. Está situado na rua Manoel Pereira Rebouças, 59, bairro Baixinha, CEP 44420-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há um único formate na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura: portas e janelas do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 95 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê do Caboclo em Muniz Ferreira – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 67
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê do Caboclo Sultão das Matas.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Muniz Ferreira –Bahia. https://maps.app.goo.gl/ge1DJyikwpJq98dX6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê do Caboclo.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê do Caboclo Sultão das Matas pertence à Nação Umbanda e tem como liderança Lindalphina Borges. Está situado na rua da Senzala, s/n, bairro Onha, CEP 44575-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois, há um único formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a porta do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 96 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Iá Laxé Iá Lemimem Muritiba–Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 68
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Iá Laxé Iá Lemim	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Muritiba–Bahia. https://maps.app.goo.gl/KydhWDMvrBEenn676	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: N/e.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Iá Laxé Iá Lemim.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Iá Laxé Iá Lemim pertence à Nação Keto e tem como liderança Balbina Nunes de Souza. Está situado na avenida São José, 225, bairro Nova Brasília, CEP 44340-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa, Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO O sinal tem como aspecto motivacional a porta do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 97 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Iofomim em Muritiba–Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 69
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Iofomim.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Muritiba–Bahia. https://maps.app.goo.gl/f7eNhXBgQhNhKtKW7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: n/e.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Iofomim.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Iofomim pertence à Nação Nagô e tem como liderança Roque de Assis. Está localizado na rua Francisco Paraguai, 694, bairro Francisco Paraguai, CEP 44340-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsetopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspecto motivacional o Orixá Obaluaiê.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 98 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ogum Nitá em Muritiba–Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 70
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Ogum Nitá	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Muritiba–Bahia. https://maps.app.goo.gl/SgFcqTNurjQPpyK46	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Ogum Nitá.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Ogum Nitá pertence à Nação Keto e tem como liderança Vera Lúcia Almeida Santos. Está situado na Avenida São José, 150, bairro Nova Brasília, CEP 44340-000. <i>Nitá</i> é um termo empregado nas tradições religiosas e está associado a uma das qualidades desse Orixá.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal apresenta como aspecto motivacional a arquitetura, representada pela escada situada em frente ao Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 99 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ogum em Muritiba–Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 71
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Ogum.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Muritiba–Bahia. https://maps.app.goo.gl/zSbbpQXBEDrWRuMa9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Ogum.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Ogum pertence à Nação Nagô, uma das tradições do Candomblé que preserva os ritos e fundamentos de origem iorubá. A liderança do terreiro está sob a responsabilidade de Maria José Rocha Santos, que conduz as práticas religiosas e mantém a tradição viva dentro da comunidade.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a faixada com seu portão.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro100 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda Santo Antônio em Muritiba–Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 72
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Umbanda Santo Antônio.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Muritiba–Bahia. https://maps.app.goo.gl/PRxGWaJUzENTcVSHA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio+ hagio>> .		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Umbanda Santo Antônio.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Umbanda Santo Antônio pertence à Nação Umbanda e tem como liderança Simião do Rosário Costa. Está localizado na Rua Júlio Borges dos Santos, s/n, Bairro Centro, CEP 44340-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois há um único formante na Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspecto motivacional o formato da faixa do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 101 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Oiá Funan em Muritiba Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 73
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Oiá Funan.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Muritiba–Bahia. https://maps.app.goo.gl/3jZpn9TzoehY32xHA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Asétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Oiá Funan.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Oiá Funan pertence à Nação Ketu e tem como liderança Honório Gomes de Cerqueira. Está localizado na Vila Residencial, Quadra X, Casa XV, bairro Centro, CEP 44340-000. Esse terreiro está ligado ao culto de Oiá (Iansã), Orixá associada ao vento, à tempestade e à transformação.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa, Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal possui como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro, destacando-se o formato do telhado.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro102 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Ijexá Orixá Ogum do Cariri e Iansã Deuê Nazaré-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 74
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Ijexá Orixá Ogum do Cariri e Iansã Deuê.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Nazaré–Bahia. https://maps.app.goo.gl/mKTTWjZJBrYkvozY8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Ijexá Orixá Ogum do Cariri e Iansã Deuê.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Ijexá Orixá Ogum do Cariri e Iansã Deuê pertence à Nação Ijexá e tem como liderança Zilda Elen Santos Dias. Está localizado na rua da Fonte, nº 32, bairro Apaga Fogo, CEP 44400-000. A palavra <i>Ijexá</i> tem origem no vocábulo <i>Ijèsá</i> , uma subdivisão da etnia iorubá e também o nome da cidade nigeriana considerada o berço desse grupo. Nessa cidade, Oxum e Logunedé são cultuados, e o ijexá designa o ritmo das danças principais desses Orixás.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional as plantas sagradas em frente ao Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 103 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Abassá de Oiá Nazaré–Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 75
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Abassá de Oiá.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Nazaré–Bahia. https://maps.app.goo.gl/hju1WSSTCKfWKkTR7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreira Abassá de Oiá.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Abassá de Oiá pertence à Nação Ijexá, uma das tradições do Candomblé que preserva os fundamentos e rituais de origem africana. A liderança do terreiro está sob a responsabilidade de Dijeane dos Santos Sacramento. A palavra "Abassá" tem um significado especial dentro das religiões afro-brasileiras. "Abassá" significa dança, o que pode estar relacionado ao contexto específico do terreiro. A Nação Ijexá tem uma forte ligação com os ritos e cantos ancestrais, sendo conhecida por sua musicalidade e pela importância dos toques de tambor nos cultos.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ewê+ ilê>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional o conjunto de plantas e a parede do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 104 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Oiyó Acanoã Nazaré – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 76
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Oiyó Acanoã.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Nazaré–Bahia. https://maps.app.goo.gl/sjCe4dBYrDjevSTA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásétopoônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Oiyó Acanoã.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Oiyó Acanoã pertence à Nação Angola e tem como liderança Railda dos Santos. Está localizado na rua do Cajueiro, nº 42, bairro Muritiba, CEP 44400-000. O termo <i>Oiyó</i> está relacionado ao antigo reino de Oyó, uma das cidades mais importantes do povo iorubá, na Nigéria. Esse reino teve grande influência na formação das tradições religiosas afro-brasileiras. <i>Acanoã</i> é um termo específico dentro da liturgia da Nação Angola, que cultua os Inkices — divindades equivalentes aos Orixás das tradições iorubás.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 105 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Omin Touloudo Nazaré–Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO:77
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Axé Omin Touloudo.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Nazaré–Bahia. https://maps.app.goo.gl/khHZTR8u1yEPZRaw8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Ilê Axé Omin Touloudo.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Omin Touloudo pertence à Nação Ketu e tem como liderança Elza Barbosa. Está localizado no Loteamento Santa Rita, rua A, nº 43, bairro Muritiba, CEP 44400-000. No Candomblé Ketu, diversos termos estão diretamente ligados aos rituais, aos Orixás e às práticas religiosas. <i>Omin</i> significa “água” em iorubá e está associado a elementos sagrados utilizados nas cerimônias. <i>Touloudo</i> é um termo específico da liturgia dessa tradição.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: <<Ilê+ewê>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa, Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal possui como aspecto motivacional a arquitetura do terreiro: o portão de entrada e as plantas.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro106 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ajunsu Zitoiá Nazaré–Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 78
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ajunsu Zitoiá.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Nazaré–Bahia. https://maps.app.goo.gl/KUbidxVRFogcBg6X6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Ajunsu Zitoiá.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ajunsu Zitoiá pertence à Nação Ketu e tem como liderança Maria Nilza Lima da Silva. Está localizado na rua Juerana de Cima, nº 90, bairro Muritiba, CEP 44400-000. As palavras <i>Ajunsu Zitoiá</i> representam o Orixá Omolu.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois há um único formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspectos motivacionais: a arquitetura do Terreiro, as janelas e a porta.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 107 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Ogum e Iansã Nazaré–Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 79
TERMO GENÉRICO: Terreiro .		TOPÔNIMO EM LP: Centro de Ogum e Iansã.
TIPO DE ACIDENTE: Humano.		LOCALIZAÇÃO: Nazaré-Bahia. https://maps.app.goo.gl/N1imCFmn1d11YiHS7
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio+ásé >>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Ogum e Iansã.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Ogum e Iansã pertence às Nações Caboclo e Angola, e tem como liderança Joana Santana Quadros. Está localizado na Rua da Linha, nº 25, Km 4, Bairro Areal, CEP 44400-000. A Nação Caboclo tem forte influência indígena e cultua entidades espirituais conhecidas como Caboclos, que representam guerreiros, caçadores e protetores da natureza. Já a Nação Angola é marcada pelo culto aos Inkices, divindades com características semelhantes às dos Orixás da tradição iorubá. Dentro desse terreiro, Ogum e Iansã são reverenciados como forças de proteção e transformação. Ogum, o guerreiro, é associado ao ferro, à luta e à abertura de caminhos. Iansã, por sua vez, é a senhora dos ventos e das tempestades, trazendo movimento e mudanças.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRA: Ewêtopônim.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ilê+ ewê>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspectos motivacionais o Terreiro e as árvores ao redor do local.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 108 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Ogum e Iansã Nazaré–Bahia.**FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA**
BILÍNGUE.**NÚMERO:** 80**TERMO GENÉRICO:** Terreiro.**TOPÔNIMO EM LP:** Casa Espírita Mãe Iemanjá.**TIPO DE ACIDENTE:** Humano.**LOCALIZAÇÃO:** Nazaré–Bahia.<https://maps.app.goo.gl/VcMDMuNPUjmxhAj7>**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:** Ásêtopônimo.**ESTRUTURA SEMÂNTICA:** << +Ilê+ àsé>>**ORIGEM:** Afro-brasileira.**HISTÓRICO:** Casa Espírita Mãe Iemanjá.**IMAGENS:**

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Casa Espírita Mãe Iemanjá pertence à Nação Angola e tem como liderança Nelson Prazeres Santos. Está localizado na Rua Gerson Sena, nº 80, Bairro Cisqueiro, CEP 44400-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**QR-CODE****TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:** Ewêtopônimo.**ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:**

O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa: Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: a grama e as árvores sagradas posicionadas em frente ao Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 109 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogum Nazaré-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 81
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Ogum.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Nazaré-Bahia. https://maps.app.goo.gl/Yg6PjEx4c1GTgpJg9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro os Filhos de Ogum.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Os Filhos de Ogum pertence à Nação Angola e tem como liderança Jandira Santos do Rosário. Está localizado na rua do Tombo, nº 47, Caquende, bairro Batatan, CEP 44400-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal possui como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro, destacando-se pelas pilastras de sustentação.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 110 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Tumba da Junca Filho Santo Amaro – Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 82
TERMO GENÉRICO: Terreiro		TOPÔNIMO EM LP: Tumba da Junca Filho.
TIPO DE ACIDENTE: Humano.		LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia. https://maps.app.goo.gl/kfHbZDFcdtrAjJj7
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo.		
ORIGEM: Africana..		
HISTÓRICO: Tumba da Junca Filho.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Tumba da Junça Filho pertence à Nação Angola e tem como liderança Celino da P. Silva. Está localizado na Rua 02 de Julho, nº 09, Bairro Rosário, CEP 44220-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional o desenho do cálice e da estrela na frente do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 111 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Caboclo Sultão das Matas Santo Amaro –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 83
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Caboclo Sultão das Matas.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro – Bahia.	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimos.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << sócio + ásé>>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Caboclo Sultão das Matas.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Caboclo Sultão das Matas pertence à Nação Ketu e tem como liderança Antônio Roque Oliveira dos Santos. Está localizado na 2ª Travessa da Caixa D'Água, nº 201, bairro Bonfim, CEP 44200-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura representada pelo portal de entrada do terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 112 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Oju Onirê Santo Amaro –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO:84
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Oju Onirê.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro – Bahia. https://maps.app.goo.gl/FgUV9KUMdzcvdUaY7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Oju Onirê.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Oju Onirê pertence à Nação Ketu e tem como liderança José Raimundo Lima Chaves. Está localizado na Av. Garcia, nº 38, Derba, Bairro Rosário, CEP 44220-000. No contexto do Candomblé Ketu, <i>Oju</i> é um termo de origem iorubá que significa “olho” ou “visão”, podendo estar associado a aspectos espirituais como percepção, clarividência e a maneira como os Orixás observam e interagem com o mundo. <i>Onirê</i> , por sua vez, pode referir-se a um título ou qualidade dentro da tradição religiosa, estando possivelmente ligado à liderança, espiritualidade ou a funções específicas no culto aos Orixás.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a entrada do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 113 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Omorodê Loni Santo Amaro Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 85
TERMO GENÉRICO: Terreiro	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Omorodê Loni	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia. https://maps.app.goo.gl/Ay6iT6rZ5We99Wzi8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Omorodê Loni		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Omorodê Loni pertence à Nação Ketu e tem como liderança Gilson da Cruz. Está localizado na Av. Garcia, nº 72, Fundo, Bairro Derba, CEP 44220-000. O termo <i>Omorodê</i> tem origem na língua iorubá e significa “infância”. Está associado à valorização das tradições afro-brasileiras e à preservação da cultura ancestral. Na tradição do Candomblé, diversas palavras possuem significados espirituais e litúrgicos, sendo frequentemente empregadas em cânticos, saudações e referências aos Orixás. A expressão <i>Omorodê Loni</i> refere-se às cantigas dedicadas ao Orixá Oxóssi.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
 QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimos.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA<< Ilê+ewê>>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: A composição do sinal simples, pois há um único formante na língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional o conjunto de as plantas no telhado do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 114 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Oia Genilê Iabá Fungé Santo Amaro Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 86
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Oia Genilê Iabá Fungé.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia. https://maps.app.goo.gl/vLxyrdE66D2WG8SK6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Oia Genilê Iabá Fungé.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Oiá Genilê Iabá Fungé pertence à Nação Ketu e tem como liderança Maria José de Jesus Silva. Está localizado na Av. Garcia, nº 108, Derba, Bairro Simbau, CEP 44220-000. Oyá, também conhecida como Iansã, é a Orixá dos ventos, tempestades e transformação. Representa força, movimento e mudanças.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a árvore sagrada em frente do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 115 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Merco Mutalambo Santo Amaro Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 87
TERMO GENÉRICO: Terreiro	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Merco Mutalambo	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia https://maps.app.goo.gl/faaxw1jauELMt32R6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásétopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Merco, Mutalambo		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Merco Mutalambo pertence às Nações Angola e Ketu, e tem como liderança Renato Santos Nascimento. Está localizado na Rua da Mata, Bairro Condolândia, CEP 44200-000. O nome *Mutalambo* está associado a um Nkisi (divindade) do Candomblé de nação Angola. Ele é um espírito caçador, ligado à fartura e à abundância, e é cultuado como protetor da natureza e dos animais. *Mutalambo* também tem conexões com os caboclos brasileiros, sendo reverenciado em rituais que envolvem caça e sobrevivência.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal apresenta como aspecto motivacional as quartinhas³⁷ (vasos de barro) dispostas na entrada do Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

³⁷ O termo “Quartinha” designa um recipiente de barro, utilizado para armazenar líquidos, com capacidade que varia entre 250 ml e meio litro. Este objeto é considerado essencial nos cultos afro-brasileiros, sendo amplamente empregado na maioria dos assentamentos e na obtenção dos Axés.

Quadro 116 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro da Cabocla Santo Amaro –Bahia.**FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA
BILÍNGUE.****NÚMERO: 88****TERMO GENÉRICO:** Terreiro.**TOPÔNIMO EM LP:** Terreiro da Cabocla.**TIPO DE ACIDENTE:** Humano.**LOCALIZAÇÃO:** Santo Amaro –Bahia.
<https://maps.app.goo.gl/ZU7vbT43FvkDdSGD6>**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:** Ásétopônimo**ORIGEM:** Africana.**HISTÓRICO:** Terreiro da Cabocla.**IMAGENS:**

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro da Cabocla pertence à Nação Angola e tem como liderança Paulo Henrique da Cruz. Está localizado na Rua Edval Barreto, nº 122, Bairro Acupe, CEP 44218-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**QR-CODE****TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:** Grafematopônimo.**ESTRUTURA SEMÂNTICA:** << Ilê+grafo>>.**ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:**

O sinal é composto, pois apresenta duas formas da língua nativa combinadas a um empréstimo linguístico por transemiotização.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional o espaço físico do terreiro, com empréstimo linguístico por transemiotização da língua oral, representado pela letra "F".**FONTES:**CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 117 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Ogundelê Santo Amaro –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 89
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Ogundelê.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia. https://maps.app.goo.gl/YawGx5TS4Zsp5JCd6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio+ àsé>>.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Centro de Ogundelê.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Ogundelê pertence às Nações Umbanda e Angola e tem como liderança Maria Antônia Carvalho Fernandes. Está localizado no Alto do Riachuelo, s/n, Fundo, Bairro Nova Santo Amaro, CEP 44200-000. <i>Ogundelê</i> é um termo utilizado em religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, para referir-se a Ogum, um dos Orixás mais venerados. Ogum é conhecido como o Orixá guerreiro, associado ao ferro, ao fogo, às batalhas e à proteção. A palavra <i>Ogundelê</i> tem origem no iorubá: “Ogun” significa “guerra” e “delê” é uma expressão de saudação — podendo ser traduzida como “saudações a Ogum” ou “guerreiro saudável”.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há um único componente da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a bandeira em frente ao Terreiro.	
FONTES: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. BENISTE, José. Dicionário português-iorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 118 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé de Oiã Ibamaíó Santo Amaro – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 90
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé de Oiã Ibamaíó.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia. https://maps.app.goo.gl/p9xZbaxtXwAJoeDS7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé de Oiã Ibamaíó.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé de Oiã Ibamaíó pertence à Nação Ketu e tem como liderança Jandira Gedes Souza. Está localizado na Rua 2 de Fevereiro, nº 27, Bairro Acupe, CEP 44200-000. A expressão <i>Oiã Ibamaíó</i> está relacionada a Oiã, também conhecida como Iansã, uma poderosa Orixá dos ventos e das tempestades nas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda. Iansã é uma divindade guerreira, associada à força, à coragem e à transformação, além de ser a senhora dos espíritos dos mortos. O termo <i>Ibamaíó</i> é uma saudação ligada a Oiã/Iansã.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa, Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional as plantas sagradas em frente ao Terreiro	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 119 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Angolô Santo Amaro –Bahia.**FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA
BILÍNGUE.****NÚMERO: 91****TERMO GENÉRICO:** Terreiro.**TOPÔNIMO EM LP:** Terreiro de Angolô.**TIPO DE ACIDENTE:** Humano.**LOCALIZAÇÃO:** Santo Amaro –Bahia.<https://maps.app.goo.gl/rNYKzxbpctwvADas6>**TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:** Ásetopônimo.**ORIGEM:** Africana.**HISTÓRICO:** Terreiro de Angolô.**IMAGENS:**

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Angolô pertence à Nação Angola e tem como líder Maria de Lourdes do Carmo. Está localizado na Rua Barão de Vila Viçosa, nº 88, Bairro Sinimbu, CEP 44200-000. O termo Angolô parece estar relacionado ao Candomblé de Angola, uma das tradições afro-brasileiras que cultuam os inkises, divindades que representam forças da natureza e aspectos da vida humana. Dentro dessa tradição, há um inkise chamado Angolô, associado ao arco-íris e às águas doces, com características semelhantes às de Oxumarê, no Candomblé Ketu.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**QR-CODE****TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:** Ilêtopônimo.**ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:**

O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro e o formato de sua grade.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 120 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Iaomã Ilê Axé Ya Omam Santo Amaro Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 92
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Iaomã Ilê Axé Ya Omam. LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia. https://maps.app.goo.gl/kJgPG4WmqRk2joaD9	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.		
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: n/e.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Iaomã Ilê Axé Ya Omam.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Iaomã Ilê Axé Ya Omam pertence à Nação Jeje e tem como liderança Lídia Queiroz dos Santos. Está situado na Avenida Ruy Barbosa, nº 577, Bairro Bonfim, CEP 44000-200.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa: Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 121 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Igê Balé Santo Amaro –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 93
TERMO GENÉRICO: Terreiro .		TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Axé Igê Balé.
TIPO DE ACIDENTE: Humano.		LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia. https://maps.app.goo.gl/n4tQsVW6H2sd8Jsm9
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICOO: Ilê Axé Igê Balé.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Igê Balé pertence à Nação Ketu e tem como líder Ideraldo Luis da Cruz Azevedo. Está localizado na 4ª Travessa da Caixa D'água, no bairro Caixa D'água, CEP 44000-200. O termo "Balé" está associado a uma qualidade específica de Iansã, a Orixá dos ventos e tempestades. Conhecida como Iansã de Balé, ela possui uma forte ligação com os Eguns (espíritos ancestrais) e desempenha um papel fundamental na condução desses espíritos nos rituais do Candomblé. A relação entre Iansã Balé e o nome do terreiro, Igê Balé, está no significado simbólico de “Balé”, que remete ao domínio sobre os mortos - um poder concedido a Iansã por Omulú-Obaluaiê. Segundo a tradição, Iansã ajudou Omulú durante uma festa de Xangô, quando ele enfrentava rejeição por causa de sua aparência. Com seus ventos, Iansã ergueu a palha que cobria Omulú, revelando suas feridas, que se transformaram em pipocas brancas, símbolo de sua cura. Como forma de gratidão, Omulú concedeu a Iansã o poder de comandar os espíritos dos mortos, tornando-se assim Iansã Balé.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do terreiro:	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626. Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 122 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Ajágum Omi Guiã - Santo AmaroBahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 94
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Ajágum Omi Guiã.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia. https://maps.app.goo.gl/Tb9J8xWBNMnLbBVXA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Ajágum Omi Guiã.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Ajágum Omi Guiã pertence à Nação Jeje e tem como liderança Izaury de Carvalho Goecking. Está situado na Estrada de Acupe, Itapema, Km 58, Bairro Itapema, CEP 44220-000. O termo Ajágum, no Candomblé, está relacionado a forças espirituais que representam desafios e batalhas enfrentados pelos indivíduos ao longo da vida. Em algumas tradições, Ajágum é compreendido como um espírito ou energia que influencia conflitos e superações, exigindo que a pessoa busque equilíbrio e proteção espiritual. Omi significa “água” em iorubá e carrega um significado profundo no Candomblé, simbolizando vida, fecundidade e purificação. Guiã pode estar relacionado a um nome específico dentro do terreiro ou a uma saudação ritualística, cujo sentido varia conforme o contexto religioso e a tradição seguida.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional o mastro da bandeira.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 123 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Obá Filho da Romea- Santo Amaro –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 95
TERMO GENÉRICO: Terreiro .		TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Obá Filho da Romea.
TIPO DE ACIDENTE: Humano.		LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia.
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << àsé + anto>>.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Obá Filho da Romea.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Obá Filho da Romea pertence à Nação Ketu e tem como liderança Nilzete Menezes Silva. Está localizado na Rua João Mello, Bairro Condolândia, CEP 44200-000. Obá é um poderoso Orixá das águas doces e revoltas, associado à justiça, ao conhecimento e à força guerreira. Os filhos de Obá são conhecidos por sua determinação, lealdade e intensidade emocional. Tendem a ser apaixonados, dedicados e, por vezes, ciumentos, mas estão sempre em busca da verdade e da justiça.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Geomorfotopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa, Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal possui como aspecto motivacional o terreno arenoso do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 124 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro :Ilê Axé Omã Filho de Odé Santo Amaro Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 96
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Omã Filho de Odé.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia .	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásétopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << antro+ àsé>>		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Omã Filho de Odé.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: Pertence à Nação Ketu e tem como liderança Denivaldo Sacramento. Está localizado na Invasão Botafogo, 2ª Travessa João Mello, Bairro Sacramento, CEP 44200-000. Omã Filho de Odé refere-se a um iniciado ou devoto de Odé, um dos nomes de Oxóssi, Orixá da caça, da fartura e do conhecimento. Oxóssi é conhecido por sua ligação com a natureza, a sabedoria e a busca constante pelo saber e pela abundância.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS.		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Acronimotopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado composto, pois há mais de um formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta como aspecto motivacional um empréstimo por transemitização da língua oral, utilizando as letras O e F.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 125 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Oyá Balé Sileji Santo Amaro –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 97
TERMO GENÉRICO: Terreiro .	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Oyá Balé Sileji.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia. https://maps.app.goo.gl/VTcnax9ZGGo1Y2qJ7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Oyá Balé Sileji.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Oyá Balé Sileji pertence à Nação Ketu e tem como liderança Antônio Frias Nascimento. Está localizado no Alto do Cruzeiro, nº 02, Bairro Acupe, CEP 44200-000. Oyá Balé é uma qualidade de Iansã, a Orixá dos ventos, das tempestades e dos espíritos ancestrais. Essa manifestação específica de Iansã está fortemente ligada ao culto dos Eguns (espíritos dos mortos), sendo responsável por conduzi-los e protegê-los nos rituais do Candomblé.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS.

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante da língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal apresenta como aspecto motivacional a estrutura arquitetônica do Terreiro: as estacas que sustentam o telhado.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 126 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Omini Urucan Santo Amaro – Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 98
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Omini Urucan.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia. https://maps.app.goo.gl/Xg3Z3cXmnRcmbrZX	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:Ásétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Omini Urucan.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Omini Urucan pertence à Nação Ketu-Ijexá e tem como liderança Rosimeire Oliveira. Está localizado na Rua da Rodagem, s/n, Bairro Acupe, CEP 44200-000. Os termos Omini Urucan e Ketu-Ijexá estão ligados às tradições do Candomblé, religião afro-brasileira que preserva os cultos aos Orixás e à ancestralidade. “Omini” possivelmente deriva de "omi", que significa água em yorubá, elemento fundamental para a vida e para os rituais religiosos. “Urucan” pode ser uma variação fonética ou um termo específico dentro da tradição, possivelmente de natureza ritualística, ligado a um Orixá ou a um conceito espiritual particular do terreiro.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS.		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátponimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa, Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional o objeto sagrado: bandeira.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 127 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Iansã Santo Amaro –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 99
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Iansã.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia.	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA:<<socio+ àsé >>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Iansã.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Iansã pertence à Nação Umbanda e tem como liderança Dorilza Maria Mota Ferreira. Está localizado na Rua São Joaquim, Bairro Nova Conquista, CEP 44200-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa: Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional as estacas do cercado do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 128 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Oxum Ya Mifá Santo Amaro –Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 100
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Oxum Ya Mifá.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Amaro –Bahia. https://maps.app.goo.gl/VzrQ8gc8nf3RTkz36	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Oxum Ya Mifá.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Oxum Ya Mifá pertence à Nação Ketu e tem como liderança Zenilda de Araújo Campos. Está situado no Alto do São Francisco, nº 164, Bairro Centro, CEP 44200-000. Oxum Ya Mifá está relacionado ao culto de Oxum, a Orixá das águas doces, da fertilidade e do amor no Candomblé. Oxum é reverenciada por sua conexão com a maternidade, a prosperidade e a espiritualidade. O termo "Ya Mifá" possui um significado específico dentro do terreiro e está ligado a um título ou qualidade de Oxum, revelando aspectos particulares do culto e da ancestralidade que ali se preserva.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ibá+ ewê>>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado composto, pois há mais de um formante da língua nativa – Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta como aspecto motivacional o vaso com plantas sagradas situado em frente ao Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 129 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Boiadeiro Santo Antônio de Jesus -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 101
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Boiadeiro.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Antônio de Jesus - Bahia. https://maps.app.goo.gl/b6N4gRdZ2DPh9kGq5	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Boiadeiro.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Boiadeiro pertence à Nação Angola e tem como liderança Agnaldo Silva dos Santos. Está localizado na Rua Nova do Mutum, nº 725-A, Bairro Irmã Dulce, CEP 44570-000. Dentro dessa vertente, os Boiadeiros são entidades espirituais que representam a força dos vaqueiros, dos trabalhadores do campo e dos espíritos ligados à terra. São conhecidos por sua energia de proteção, coragem e sabedoria, sendo cultuados em rituais que envolvem oferendas e cantos específicos.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
 QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal apresenta como aspecto motivacional as folhas de mariuô ³⁸ dispostas na entrada do Terreiro.	
FONTES: CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020. BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

³⁸ Mariuô são as folhas do dendezeiro usadas em rituais religiosos. São consagradas ao Orixá Ogum e servem para afastar energias negativas.

Quadro 130 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Yedanda Odé Santo Antônio de Jesus -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 102
TERMO GENÉRICO: Terreiro .	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Yedanda Odé.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Antônio de Jesus -Bahia. https://maps.app.goo.gl/wJ6qEqtc11DMB7Hz7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Yedanda Odé.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Yedanda Odé pertence à Nação Ketu e tem como liderança Nilza Nascimento Ferreira. Está localizado na Baixa do Morro, s/n, Bairro Santo Antônio de Jesus, CEP 44571-970. Odé está relacionado a Oxóssi, o Orixá da caça, da fartura e da sabedoria no Candomblé. Ele é um grande protetor e guia espiritual, associado à natureza, ao conhecimento e à abundância. Yedanda é um título ou qualidade específica do Orixá Oxóssi, representando aspectos particulares de sua força e atuação no culto.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante da língua nativa – Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como elemento motivacional a arquitetura: a extensão do muro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 131 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Opô Oyasiler Santo Antônio de Jesus -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 103
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Opô Oyasiler.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Antônio de Jesus -Bahia. https://maps.app.goo.gl/Y57sEXswLzMahi8f9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO : Ilê Axé Opô Oyasiler.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Opô Oyasiler pertence à Nação Ketu e tem como liderança Iolanda Bonfim Freitas Ramos. Está situado na Nova Invasão do Bairro São Paulo, Loteamento Vale Verde, nº 01, Bairro São Paulo, CEP 44570-000. A expressão "Opô" está relacionada a um termo ritualístico do Candomblé, ligado ao espaço sagrado e a elementos centrais do culto, como os assentamentos dos Orixás. Oyasiler é um título ou uma qualidade específica de Oyá (Iansã), a Orixá dos ventos, das tempestades e da ligação com os espíritos ancestrais.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

A composição do sinal é simples ,pois há um único formate na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro: o formato do telhado.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 132 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Abassá Katumbenzara Santo Antônio de Jesus -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 104
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Abassá Katumbenzara.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Antônio de Jesus -Bahia. https://maps.app.goo.gl/b4gvWBaA67JVL6FN6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ilêtopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro de Abassá Katumbenzara.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Abassá Katumbenzara pertence à Nação Angola e tem como liderança Janice Maria dos Santos. Está situado no Mutum de Baixo, nº 169, Bairro Irmã Dulce, CEP 44570-000. O termo “Abassá” tem origem na língua iorubá e significa terreiro, templo ou barracão dentro das tradições afro-brasileiras, especialmente no Candomblé. Trata-se de um espaço sagrado, onde ocorrem os cultos aos Orixás e diversas práticas religiosas ligadas à ancestralidade e à espiritualidade.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo simples, pois há um único formate na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal apresenta um aspecto motivacional na arquitetura: as pilastras de sustentação.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 133 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Giro do Caboclo Sultão das Matas Santo Antônio de Jesus -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 105
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Giro do Caboclo Sultão das Matas.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Antônio de Jesus -Bahia	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio+ àsé >>.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Giro do Caboclo Sultão das Matas.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Giro do Caboclo Sultão das Matas pertence à Nação Ketu e tem como liderança Jacson de Jesus Santos. Está situado na rua Nova do Mutum, nº 213, bairro Irmã Dulce, CEP 44570-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é do tipo simples, pois há um único formante na língua nativa – Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro: os pilares de sustentação.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 134 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro São Roque Santo Antônio de Jesus -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 106
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro São Roque.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Antônio de Jesus -Bahia.	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio+hagio >>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro São Roque.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro São Roque pertence à Nação Angola e tem como liderança Francisco da Silva Pinto. Está situado na Avenida Providência, nº 355, bairro Nossa Senhora das Graças, CEP 44570-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é classificado como simples, pois há um único formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do espaço religioso.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 135 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Odé Kassú Deungunzo Santo Antônio de Jesus - Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 107
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Odé Kassú Deungunzo.	LOCALIZAÇÃO: Santo Antônio de Jesus -Bahia. https://maps.app.goo.gl/QCcpQYaWuNPQjenF6
TIPO DE ACIDENTE: Humano.		
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Odé Kassú Deungunzo.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Odé Kassú Deungunzo pertence à Nação Angola e tem como liderança Tereza Santana. Está situado na Rua D, nº 100, Bairro São Paulo, CEP 44570-000. Odé está relacionado a Oxóssi, o Orixá da caça, da fartura e da sabedoria no Candomblé. Ele é um grande protetor e guia espiritual, associado à natureza e ao conhecimento. Kassú Deungunzo pode ser um título, uma qualidade específica ou um termo ritualístico dentro do terreiro.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante na língua nativa – Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro: a fachada.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 136 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Giro Rogério de Iansã Santo Antônio de Jesus - Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE		NÚMERO: 108
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Giro Rogério de Iansã.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Antônio de Jesus -Bahia. https://maps.app.goo.gl/Wym1eg2CNv1xTTmr5	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA:<<socio+antropo+àsé>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Giro Rogério de Iansã.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Giro Rogério de Iansã pertence à Nação Ketu e tem como liderança Rogério Oliveira Reis. Está localizado no Loteamento Cajueiro 1, nº 120, Bairro Cajueiro, CEP 44570-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro: o telhado.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 137 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Akoró Ibaizou Santo Antônio de Jesus - Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 109
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Akoró Ibaizou.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Santo Antônio de Jesus - Bahia.	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Akoró Ibaizou.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Akoró Ibaizou pertence à Nação Ketu e tem como liderança Antônio Amparo da Silva. Está situado na Rua Cosme e Damião, nº 208, Bairro Andaiá, CEP 44570-000. O termo Akoró está associado a Ogum, o Orixá da guerra, da tecnologia e do ferro no Candomblé. Àkòró é uma das denominações de Ogum, sendo reverenciado por sua força e determinação. Ibaizou pode ser um título ou uma qualidade específica de Ogum.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátônimo	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal se classifica como composto, pois há mais de um formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspectos motivacionais as quartinhas ³⁹ sagradas sobre o telhado	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

³⁹ As quartinhas sagradas são pequenos vasos de barro utilizados em práticas religiosas afro-brasileiras, especialmente no Candomblé e na Umbanda. Elas representam a força espiritual e estão associadas aos Orixás, sendo colocadas em locais sagrados, como altares ou telhados dos terreiros.

Quadro 139 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Umbanda Ogum de Ronda São Felipe-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 111
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Centro de Umbanda Ogum de Ronda.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felipe-Bahia.	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: <<socio+àsé>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Casa de Oração Canzuar.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Umbanda Ogum de Ronda pertence à Nação Mesa Branca (Sessão de Giro) e tem como liderança Maria Feliciano de Oliveira. Está situado na Rua Luiz Cerqueira, nº 650, Bairro Centro, CEP 44550-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa – Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-iorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 140 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Casa de Oração Canzuar São Felipe-Bahia.**FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA
BILÍNGUE.**

NÚMERO: 112

TERMO GENÉRICO: Terreiro.

TOPÔNIMO EM LP: Centro de Umbanda Casa São Jorge.

TIPO DE ACIDENTE: Humano.

LOCALIZAÇÃO: São Felipe-Bahia.

<https://maps.app.goo.gl/eg2cWmLH891dB4eG6>

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiopônimo.

ESTRUTURA SEMÂNTICA: <<socio +hagio>>

ORIGEM: Afro-brasileira.

HISTÓRICO: Centro de Umbanda Casa São Jorge.

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Centro de Umbanda Casa São Jorge pertence à Nação Umbanda e tem como liderança Egberto Moreira de Souza. Está situado na Vila Caraípe, s/n, Bairro Caraípe, CEP 44550-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo simples, pois há um único formante na língua nativa – Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspectos motivacionais a estrutura arquitetônica e as madeiras de sustentação do Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-iorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 141 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Casa de Umbanda São Felipe-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 113
TERMO GENÉRICO: Terreiro .	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Umbanda Ogum de Ronda.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felipe-Bahia.	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio+àsé >>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Umbanda Ogum de Ronda.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Centro de Umbanda Ogum de Ronda pertence à Nação Umbanda e tem como liderança Maria Nascimento Rodrigues. Está localizado na Fazenda Barro Branco, s/n, Bairro Capioba Mirim, CEP 44550-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa .

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional o formato arquitetônico do telhado do Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 142 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Umbanda São Felipe-Bahia**FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA**
BILINGUE.**NÚMERO:** 114

TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Umbanda.
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felipe-Bahia. https://maps.app.goo.gl/hpugQ5WWjRSJKpZ36
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Sociotopônimo.	
ORIGEM: Afro-brasileira.	
HISTÓRICO :Terreiro de Umbanda.	

IMAGENS:

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Umbanda pertence à Nação Umbanda e tem como liderança Antônio de Jesus. Está localizado na Fazenda Tabua, Bairro Conceição Velha, CEP 44350-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**QR-CODE****TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:** Ilêtopônimo.**ESTRUTURA SEMÂNTICA:** <<dimencio+ilê >>.**ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:**

O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formate na língua nativa – Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro: a largura do telhado e os pilares de sustentação.**FONTES:**CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 143 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Umbanda São Felipe-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 115
TERMO GENÉRICO: Terreiro	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Umbanda.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felipe-Bahia. https://maps.app.goo.gl/UfAYZWQSp1HQc6B6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Sociotopônimo		
ORIGEM: Afro-brasileira		
HISTÓRICO: Casa de Umbanda.		
IMAGENS: ⁴¹		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Casa de Umbanda pertence à Nação Nagô e tem como liderança Antônio Paulo Santos Oliveira. Está localizado na Fazenda Sobradinho, s/n, bairro F. Sobradinho, CEP 44550-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafematopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal se classifica como simples híbrido por apresentar empréstimo linguístico por transemitização em sua composição.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional o próprio nome em Português.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

⁴¹ Não foi permitido o registro da imagem porque na data da pesquisa o Terreiro estava em reforma.

Quadro 144 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogum Bomi Felix -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILINGUE.		NÚMERO: 116
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ogum Bomi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/hBa54kpNsPjq4QDh8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ogum Bomi.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ogum Bomi pertence à Nação Jêje Nagô e tem por liderança Fernando Manoel Barreto Soares. Está localizado no Sítio Masongona, Bairro Cajazeira, CEP 44360-000. Ogum Bomi está relacionado ao culto de Ogum, o Orixá guerreiro do ferro, da tecnologia e da abertura de caminhos no Candomblé. Ogum é reverenciado por sua força, determinação e proteção aos seus seguidores. O termo Bomi está ligado a uma qualidade específica do Orixá Ogum.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátponimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois há um único formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O aspecto motivacional do sinal são as lâmpadas e a intensidade das luzes do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 145 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Raiz de Airá Felix -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 117
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Raiz de Airá.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/6FMw1qzj7GQZcuvX9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Raiz de Airá.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Raiz de Ayrá foi fundado em 1917 por João Balbino dos Santos, que na época tinha apenas 15 anos de idade, em São Félix, no km 310, onde hoje está localizada a hidrelétrica Pedra do Cavalo. Atualmente, o Raiz de Ayrá é conduzido por Mariá Ferreira dos Santos, mais conhecida como Mariá Kecy. Airá é um Orixá cultuado no Candomblé, pertencente à família do raio e fortemente associado ao vento e aos redemoinhos. Muitas vezes confundido com Xangô, Airá possui um culto próprio e independente, e sua missão principal é estabelecer a paz, seguindo a vontade de Oxalufã. A expressão "Raiz de Airá" pode estar relacionada à origem e aos fundamentos desse Orixá, cuja história é ancestral: migrou de Savé para Oyó e, posteriormente, para Ketu. Airá é considerado um Orixá velho, veste-se de branco e utiliza contas brancas intercaladas com marrom. Seu símbolo principal é uma chave, e ele carrega uma lança como sinal de respeito.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafematomônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << grafema+Ilê>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples híbrido, pois há um empréstimo por transemiotização da língua oral com a letra R.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O aspecto motivacional do sinal está na arquitetura do terreiro, assim como no empréstimo por transemiotização da língua oral, evidenciado pelo uso da letra "R" do alfabeto português.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 146 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê do Oxum Felix -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 118
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê do Oxum.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/6QA2QMRKHV7pAiBfA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê do Oxum.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Ilê do Oxum pertence à Nação Umbanda com Keto Nagô e tem como liderança Antônia de Araújo Lima. Está situado na Rua Manoel Vitorino, 20, Bairro Centro, CEP 44360-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura, com ênfase especial na fachada do Terreiro .

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 147 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Iemanjá Ogunté Felix - Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 119
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Iemanjá Ogunté.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/s6bsSJKWYsXTytdh7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO:Terreiro de Iemanjá Ogunté.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Iemanjá Ogunté pertence à Nação Ketu e tem como liderança Maria Paula de Jesus. Está situado na Rua Quintino Bocaiuva, nº 18, Bairro Hospital, CEP 44360-000. Iemanjá Ogunté é uma qualidade de Iemanjá, a Orixá das águas e da maternidade no Candomblé. Essa manifestação é conhecida por sua força guerreira e por sua ligação com Ogum, o Orixá do ferro e da tecnologia. Diferente de outras qualidades de Iemanjá, Ogunté carrega traços de determinação e coragem, sendo associada à proteção e à justiça. Ela é representada como uma mulher majestosa, vestida de branco e azul, e, por vezes, ligada também à cor vermelha, que simboliza poder e autoridade. Seu culto envolve oferendas às águas e rituais que reforçam sua conexão com a natureza e com os caminhos abertos por Ogum.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura: a grade do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro148 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Dó Oxossi Felix - Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 120
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Dó Oxossi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/yNMRTVPCZZTfNCv59	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Dó Oxossi.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Dó Oxóssi pertence à Nação Ketu e tem como liderança Moisés Lopes Ferreira. Está situado na Rua Manoel Vitorino, nº 32, Bairro Centro, CEP 44360-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

A composição do sinal é do tipo simples, pois há um único formate na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a placa em frente ao Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro149 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de São Roque Felix -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 121
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de São Roque.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/3hQBmqV9YTtAAVTd7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Hagiotopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de São Roque.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de São Roque pertence à Nação Umbanda e tem como liderança Rosa Francisca Soares. Está situado na Fazenda Subauna, s/n, Bairro Subauna, CEP 44360-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo simples, pois há um único formante na língua nativa: Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura: o telhado do Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro150 - Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Oxum Apará Felix - Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 122
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Axé Oxum Apará.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/3p8nESdBY8ZEA2kW8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: À sétupônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Oxum Apará.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Oxum Apará pertence à Nação Ketu e tem como liderança Jaciara Rodrigues Cardoso. Está situado na Rua Salva Vidas, s/n, Bairro Centro, CEP 44360-000. Oxum Apará (ou Opará) é uma qualidade de Oxum, a Orixá das águas doces, do amor e da fertilidade no Candomblé. Diferente da Oxum tradicionalmente conhecida por sua doçura e delicadeza, Oxum Apará revela um lado guerreiro e determinado, sendo muitas vezes associada a Oyá (Iansã) e até mesmo a Ogum. Ela carrega um espelho e uma espada curta (alfanje), simbolizando sua dualidade entre suavidade e força. Sua energia é intensa, representada pelas quedas d'água e pela pororoca, onde as águas se chocam e se misturam.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Numerotopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA<< Ilê+número>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois há um único formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura e o número 7 posicionado em frente ao Terreiro	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 151 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Umbanda Sultão das Matas Felix - Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 123
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Umbanda Sultão das Matas.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/RCYeDjcBXe1uYa4B9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ESTRUTURA SEMÂNTICA: << socio+àsé>>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Umbanda Sultão das Matas.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Umbanda Sultão das Matas pertence à Nação Umbanda com influência do Candomblé e tem como liderança Anagilda dos Santos Cerqueira. Está situado na Rua Luiz Gonzaga Dias, nº 45, Bairro Centro, CEP 44360-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:	
	O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa - Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura: a grade do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 152 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Xilê Axé Bolomim Xangô Irá Felix - Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO:124
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Xilê Axé Bolomim Xangô Irá.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/qc6rUXcp5iPSDa6dA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Xilê Axé Bolomim Xangô Irá.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Xilê Axé Bolomim Xangô Irá pertence à Nação Nagô e tem como liderança Rodrigo Almeida de Jesus. Está localizado na Rua Geral Danemann, Bairro Centro, CEP 44360-000. O termo "Xilê" tem origem africana e está vinculado a atributos como resiliência, determinação e adaptabilidade, refletindo força e superação. Já "Bolomim" está relacionado a cânticos tradicionais dedicados a Xangô, destacando sua conexão com a justiça, o fogo e os trovões.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois há um único formate na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 153 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ogunjá Felix -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 125
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Axé Ogunjá.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/SURgFbjika4DZ2yVA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Ogunjá.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Ogunjá pertence à Nação Ketu e tem como liderança Idelson da Conceição Sales. Está localizado na Avenida Jonival Lucas, s/n, Bairro Km 135, CEP 44360-000, em São Félix. O Ilê Axé Ogunjá está situado à Avenida Jonival Lucas, nº 230, no bairro Cento e Trinta e Cinco, às margens da via que contorna o Rio Paraguaçu. O terreiro é dedicado ao Orixá Ogum, Senhor da guerra, dono do ferro e dos metais.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtoponimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante na língua nativa – Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal tem como aspecto motivacional as plantas sagradas posicionadas em frente ao Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 154 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Obotoqué Felix -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 126
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Obotoqué.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/qVaRwyiuJY7AWi3u9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO:Terreiro de Obotoqué.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Obotoqué pertence à Nação Jeje-Nagô e tem como liderança Laurentina Olavo dos Santos. Está situado na Fazenda Vidal de Cima, CEP 44360-000. A expressão "Obotoqué" é um termo específico dentro dessa tradição e pode estar relacionada a um ritual ou a uma saudação ao Orixá Xangô, destacando sua força, justiça e autoridade.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Geomorfotopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é classificado como simples, pois há um único formante na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a topografia do terreno, refletindo sua influência na estrutura e identidade do Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 155 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro: Ilê Axé Alaibi Felix -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO:127
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Axé Alaibi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Felix -Bahia. https://maps.app.goo.gl/Em9xe6SspForcZJw9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: n/e.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Alaibi.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Alaibi pertence à Nação Nagô-Vodum e tem como liderança Antônio de Jesus Mariete. Está situado na Avenida Negreiro Falcão, nº 8, Bairro Km 135, CEP 44360-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Hagiotopônimo.

ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ilê+hagio>>.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a parede do Terreiro e o desenho que apresenta a imagem de um santo do hagiológico católico.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 156 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Ogunté Manô São Francisco do Conde - Bahia.

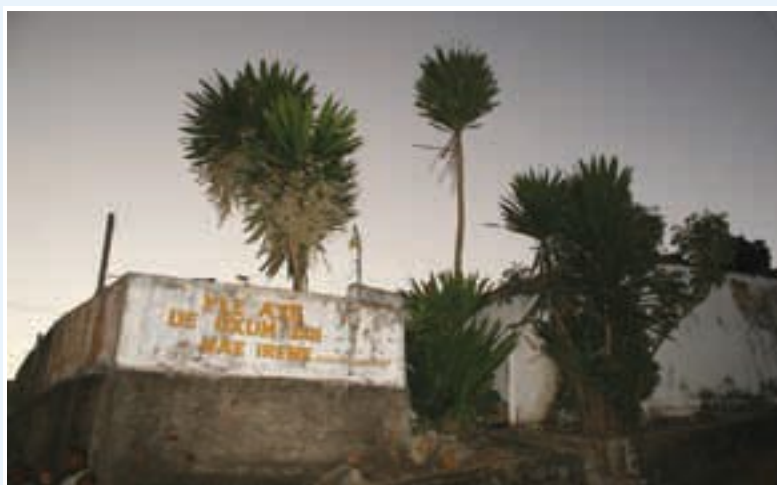
FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO:128
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Axé Ogunté Manô.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Francisco do Conde -Bahia. https://maps.app.goo.gl/sWja6j3j9fyEkXV6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Ogunté Manô.		
IMAGENS:		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Ogunté Manô pertence às Nações Keto e Angola e tem como liderança Sônia Oliveira Sena. Está situado na Rua Nova Daniel, s/n, Bairro Monte Recôncavo, CEP 43900-000. Ogunté é uma qualidade de Iemanjá, reverenciada especialmente nas tradições afro-brasileiras. Ela é conhecida como uma Iemanjá guerreira, associada à força e à proteção, frequentemente ligada a Ogum, o Orixá da guerra e da tecnologia. Em algumas tradições, Ogunté é considerada mãe ou esposa de Ogum, e sua energia se caracteriza pela coragem e determinação. Diferentemente de outras manifestações de Iemanjá, Ogunté possui uma postura combativa e estratégica, sendo representada, em algumas danças rituais, com uma espada.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Geomorfotônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ewê+geomorfo >>	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo composto, pois apresenta mais de um formante na língua nativa – Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspectos motivacionais as plantas sagradas e as formas topográficas.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 157 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de: Ilê Axé de Oxum Euí São Francisco do Conde -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 129
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé de Oxum Euí	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Francisco do Conde -Bahia. https://maps.app.goo.gl/LDzJPtiqj2mMvkus7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé de Oxum Euí.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé de Oxum Euí pertence à Nação Keto, com liderança de Regina Dantas Santos. Está situado na Rua Porto Ferrolho, 38, Bairro Miribeca, CEP 43900-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.

ESTRUTURA SEMÂNTICA: << ewê+Ilê >>.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois apresenta mais de um formante na língua nativa: Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspectos motivacionais as palmeiras e o muro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 158 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ilê Axé Filho da Força São Francisco do Conde -Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 130
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Axé Filho da Força.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Francisco do Conde - Bahia. https://maps.app.goo.gl/GFjz7QqqHS5r4GiY9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Antropotopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Filho da Força.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Filho da Força pertence à Nação Keto, com liderança de Daniel de Jesus. Está localizado no endereço Loteamento São Jorge, Rua Pernambuco, Bairro Jabequara, CEP 43900-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ilê+ibá >>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a forma arquitetônica da fachada e as quartinhas no telhado do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 159 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Unzo Bamburucema São Francisco do Conde -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 131
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Unzo Bamburucema.	LOCALIZAÇÃO: São Francisco do Conde - Bahia. https://maps.app.goo.gl/WKXpuFeJizfhDpd77
TIPO DE ACIDENTE: Humano.		
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Unzo Bamburucema.		
		IMAGENS:
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Unzo Bamburucema pertence à Nação Angola, tendo como liderança Antônio Francisco dos Santos. Está localizado no endereço Av. Santa Rita, 465, Bairro São Bento, CEP 43900-000. Unzo Bamburucema está relacionado ao Candomblé Angola, uma das tradições afro-brasileiras que cultuam os Inkisis, divindades dessa vertente religiosa. O termo "Unzo" refere-se ao terreiro, ou seja, um espaço sagrado onde são realizados os rituais e cultos. Já Bamburucema está ligado a um Inkisi específico ou a uma referência espiritual dentro dessa tradição.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois há um único formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura: o telhado do Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 160 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro LP: Ilê Odé Oxé Obá São Francisco do Conde -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO:132
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Odé Oxé Oba.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Francisco do Conde - Bahia. https://maps.app.goo.gl/SorMKP4hLmMwktam6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àaétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Odé Oxé Oba.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Odé Oxé Obá Omim pertence à Nação Keto, com liderança de Everaldo Cardoso Bispo. Está situado no endereço Av. Santa Rita, 59, Bairro São Bento, CEP 43900-000. Odé Oxé Obá está relacionado às tradições afro-brasileiras, envolvendo Oxóssi, o Orixá da caça e da fartura, e Obá, uma guerreira poderosa ligada às águas revoltas. No Candomblé, Oxóssi é um grande caçador e protetor daqueles que buscam conhecimento e sustento, enquanto Obá representa força, resistência e luta.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ibátônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo composto, pois apresenta mais de um formante na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a cruz⁴² posicionada em frente ao Terreiro,

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

⁴² A cruz, como objeto sagrado, representa a conexão entre o mundo material e espiritual, simbolizando a interação entre diferentes planos da existência. Além disso, é um ponto de equilíbrio entre forças opostas, funcionando como um elemento de harmonização e estabilidade espiritual.

Quadro161 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Azauani Jideun São Francisco do Conde -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 133
TERMO GENÉRICO: Terreiro .	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Azauani Jideun.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Francisco do Conde - Bahia. https://maps.app.goo.gl/idKf4SP9Lmq1L5oU7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Azauani Jideun.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Azauani Jideun pertence à Nação Keto, com liderança de Augusto Aleluia. Fica situado no endereço Alto do Coroadó, 83, Bairro Paramirim, CEP 43900-000. O termo Azauani está associado ao culto de Omolu dentro da tradição Ketu no Candomblé. Ele caminha com Oyá, Esu Maré e Xangô, e seu nome significa “homem da luz”, refletindo uma energia ligada ao sol e à força de Xangô.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Grafematopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples híbrido, caracterizando-se pela presença de um único formante na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional o empréstimo linguístico por transemitização da língua oral, incorporando as letras A e J do português.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 162 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Odé São Francisco do Conde -Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 134
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Odé.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Francisco do Conde -Bahia. https://maps.app.goo.gl/vmFx5gZNRgAVSTmA6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Odé.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Odé Kassimicongo pertence à Nação Keto, com liderança de Maria Edelzuita Bulcão. Fica situado no endereço Rua Manoel do Amaral, 7490, Bairro Pitangueira, CEP 43900-000. Odé é um termo ligado ao Orixá Oxóssi, conhecido como o grande caçador e protetor das matas. No Candomblé e na Umbanda, Oxóssi representa a fartura, a sabedoria e a conexão com a natureza. Ele é reverenciado por aqueles que buscam prosperidade e conhecimento, sendo associado ao arco e flecha, símbolos de sua habilidade e precisão. Odé também pode ser uma saudação ou referência direta a Oxóssi nos rituais e cânticos religiosos. Em algumas tradições, é considerado filho de Iemanjá e tem forte ligação com os caboclos, entidades espirituais que representam a força indígena e a harmonia com a floresta.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Hagiotopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a imagem de São Jorge desenhada em frente ao Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 163 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Sarapocan Francisco do Conde – Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 135
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Ilê Axé Sarapocan.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Francisco do Conde -Bahia. https://maps.app.goo.gl/58AKqnFkP5yM2Eyv8	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: n/e.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Sarapocan.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Sarapocan pertence à Nação Ketu e tem como liderança Anailson dos Anjos. Fica situado no endereço Rua Estrada de Campinas, 16, Bairro Gurujé, CEP 43900-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.

ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ilê+ewê >>.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo simples, pois há um único formante na língua nativa – Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal apresenta dois aspectos motivacionais: a arquitetura, representada pelo formato do portão de entrada; e as árvores sagradas.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 164 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Centro de Caboclo Boiadeiro São Francisco do Conde -Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 136
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Caboclo Boiadeiro	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Francisco do Conde -Bahia. https://maps.app.goo.gl/bR9KSitnmYEhaqSn9	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
Estrutura semântica <<socio+ásé >>		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Caboclo Boiadeiro.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Caboclo Boiadeiro pertence à Nação Angola, com liderança de Maria de Lourdes Oliveira. Está situado no Bairro Santo Estevão, CEP 43900-000. O Caboclo Boiadeiro é uma entidade espiritual cultuada na Umbanda, representando a força, coragem e determinação do homem do campo. Ele está ligado à vida dos vaqueiros e boiadeiros, trazendo consigo a energia da natureza e dos animais. Os Boiadeiros são conhecidos por sua postura firme e protetora, atuando na limpeza espiritual.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal apresenta formação simples, pois há um único formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal apresenta um aspecto motivacional representado pelas plantas sagradas em frente ao Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 165 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé Matamba Kutala Congo São Francisco do Conde - Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 137
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Axé Matamba Kutala Congo.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Francisco do Conde -Bahia. https://maps.app.goo.gl/wiBbHDy6oAftQRb26	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Ilê Axé Matamba Kutala Congo.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé Matamba Kutala Congo pertence à Nação Ketu e tem como liderança Josué Marques dos Santos. Está localizado na Estrada de Santo Estêvão, Bairro Caeto de Cima, CEP 43900-000, em São Francisco do Conde, Bahia. Matamba Kutala Congo está relacionado à tradição e à história dos povos Bantu, especialmente ao antigo Reino da Matamba, localizado na atual Angola. Além disso, Matamba é um nome associado a um Inquice (divindade) no Candomblé Bantu, equivalente à Orixá Iansã, representando os ventos, raios e tempestades. Kutala Congo está ligado a essa tradição, referir-se a aspectos espirituais.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA << Ilê +ewê>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa – Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal tem dois aspectos motivacionais: a arquitetura, representada pelo muro; e os coqueiros na entrada,	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 166 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Oxum Madê Gewi São Francisco do Conde - Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO:138
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Oxum Madê Gewi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: São Francisco do Conde - Bahia. https://maps.app.goo.gl/grmqskn5W9y4AUeFA	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Oxum Madê Gewi.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Oxum Madê Gewi pertence à Nação Keto, com liderança de Onório Machado. Está situado na Rua Três de Outubro, Bairro Muribeca, CEP 43900-000. Madê Gewi é um título ou uma variação dentro das tradições afro-brasileiras.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:Ewêtopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: A composição do sinal é do tipo simples pois , há um único formante na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional as plantas sagradas em frente ao Terreiro.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 167 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Boiadeiro Sapeçu-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 139
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Boiadeiro.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Sapeçu-Bahia. https://maps.app.goo.gl/swhQB97i83MNxQDY6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Boiadeiro.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Boiadeiro pertence às Nações Umbanda/Kimbanda, tendo como liderança Jorge da Silva Conceição. Está localizado na Lagoa Redonda, CEP: 44530-000. No Candomblé, os Boiadeiros são entidades espirituais que representam a força, a coragem e a conexão com a natureza. Embora sejam mais conhecidos na Umbanda, também aparecem em algumas tradições do Candomblé, especialmente em cultos que incorporam influências indígenas e sertanejas.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ewê + Ilê >>.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo composto, caracterizando-se pela presença de mais de um formante na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspectos motivacionais as plantas sagradas e a arquitetura representada pelo muro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-iorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 168 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Oxossi -Sapeaçu-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 140
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Oxossi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Sapeaçu-Bahia. https://maps.app.goo.gl/WXWNpqgk7KttyTW99	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro de Oxossi.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Oxóssi pertence à Nação Umbanda, tendo como liderança Carlos da Conceição Santana. Está localizado no bairro Lagoinha, CEP: 44530-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo simples, pois há um único formante na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro: o formato do telhado

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 169 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Boiadeiro Oxé de Obé Sapeçu-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO- TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 141
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Boiadeiro Oxé de Obé	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Sapeçu-Bahia. https://maps.app.goo.gl/84c3nih4aRSaSEyu6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Boiadeiro Oxé de Obé.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Boiadeiro Oxé de Obé pertence às Nações Umbanda e Angola, com liderança de Maria Eunice Aragão dos Santos. Fica localizado no Sítio Ouro Verde, Bairro Riamba, CEP: 44530-000. O Terreiro de Boiadeiro está ligado à tradição da Umbanda, onde os Boiadeiros são entidades espirituais que representam a força, a coragem e a conexão com a natureza. Eles são conhecidos por sua energia vibrante e por auxiliarem os fiéis em questões de proteção e caminhos espirituais. Os Boiadeiros costumam ser invocados em giras e rituais, trazendo ensinamentos sobre determinação e superação. Já o nome Oxé de Obé está relacionado a Obá, uma Orixá guerreira associada à força e à resistência.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Cromotopônimo.

ESTRUTURA SEMÂNTICA: << polio+ lito= cro >>.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa: Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal possui três aspectos motivacionais: a roça (Terreiro), o ouro mineral e a cor verde.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 170 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogum de Ronda Sapeaçu-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 142
TERMO GENÉRICO: Terreiro.		TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ogum de Ronda.
TIPO DE ACIDENTE: Humano.		LOCALIZAÇÃO: Sapeaçu-Bahia. https://maps.app.goo.gl/wRVC4FSZDC6M2xZn9
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: À sétotônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira..		
HISTÓRICO: Terreiro Ogum de Ronda.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ogum de Ronda pertence à Nação Umbanda e tem como liderança Paulino Passos. Está situado no Povoado Murici, Bairro Murici, CEP: 44530-000, Sapeaçu, Bahia. O nome Ogum de Ronda está associado ao Orixá Ogum, conhecido por sua força, coragem e proteção espiritual. Na Umbanda, Ogum de Ronda representa uma manifestação específica de Ogum, ligada à vigilância, defesa e abertura de caminhos. Ele é visto como um guardião que protege contra energias negativas, garantindo segurança e firmeza para aqueles que buscam sua orientação. Ogum é cultuado com oferendas de ferro, ferramentas e velas vermelhas ou azuis, símbolos de sua energia guerreira e sua conexão com os elementos da terra e do fogo. Sua presença em rituais e giras fortalece aqueles que necessitam de determinação e proteção em suas jornadas.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa .

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal apresenta como aspecto motivacional a presença de árvores sagradas em frente ao Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 171 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Oxossi Sapeçu-Bahia

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 143
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Oxossi.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Sapeçu-Bahia. https://maps.app.goo.gl/T8PVCe33Z1eYmcTA6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Oxossi Nação: Umbanda		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Oxossi pertence à Nação Umbanda e tem como líder Justiniano Oliveira de Freitas. Está localizado na Lagoa cumprida, CEP: 44530-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo simples, pois há um único formante na língua nativa.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO: O sinal tem como aspecto motivacional a arquitetura do Terreiro: os pilares de sustentação.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 172 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Centro de Umbanda Reis Cariri Sapeçu-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILINGUE.		NÚMERO: 144
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Centro de Umbanda Reis Cariri	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Sapeçu-Bahia. https://maps.app.goo.gl/juJUye9eAG94mnm99	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Sociotopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Centro de Umbanda Reis Cariri.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Centro de Umbanda Reis Cariri pertence às Nações Costa D'África e Angola, tendo como liderança Alessandro Anias Santos. Está localizado na Fazenda Ferraz, Bairro Ferraz, CEP: 44530-000. Os Reis Cariri, bem como as influências da Costa da África e Angola, estão ligados a tradições históricas e culturais que marcam a identidade do terreiro.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.

ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ilê+grafo+ewê >>.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é composto, pois há mais de um formante na língua nativa: Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal possui três aspectos motivacionais: o telhado do Terreiro, o empréstimo linguístico por transemiotização da língua oral com a letra "R" do alfabeto em português e as folhas de mariuô.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 173 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro Ilê Axé de Nanã Saubara-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILINGUE.		NÚMERO: 145
TERMO GENÉRICO: Terreiro	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Ilê Axé de Nanã	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Saubara-Bahia. https://maps.app.goo.gl/QHePnYwDewLGoGTw5	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana		
HISTÓRICO: Ilê Axé de Nanã		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Ilê Axé de Nanã pertence à Nação Keto, tem como liderança Liomário Silva dos Santos e fica localizado na Rua Canabrava, CEP: 44220-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ewêtopônimo.
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ewê+Ilê>>.
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formate na língua nativa.
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspectos motivacionais as árvores sagradas e o portão de entrada do Terreiro.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 174 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Ogum da Mata Saubara-Bahia.

FICHA LEXICOGRAFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 146
TERMO GENÉRICO: Terreiro	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Ogum da Mata	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Saubara-Bahia. https://maps.app.goo.gl/FYHf95S4Nnwy3oEK6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Afro-brasileira.		
HISTÓRICO: Terreiro de Ogum da Mata		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Ogum da Mata pertence à Nação Angola, com liderança de Rosivaldo da Silva, e está localizado no Caminho da Ilha, CEP: 44220-000. Ogum da Mata é uma falange de Ogum dentro da tradição da Umbanda, associada à força guerreira e à proteção espiritual. Ele atua em parceria com Oxóssi, o Orixá das matas, e está ligado ao povo das florestas e aos caçadores espirituais. Diferente de outras falanges de Ogum, como Ogum Beira-Mar, que vibra nas águas, Ogum da Mata trabalha na energia das matas e dos caminhos naturais, sendo reverenciado por sua coragem e determinação. Ele recebe oferendas na entrada das florestas e é representado por elementos que remetem à natureza e à luta espiritual.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.	
	ESTRUTURA SEMÂNTICA: << Ewê+Ilê>>.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formato na língua nativa.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO:O sinal tem como aspectos motivacionais as plantas sagradas e o cercado de madeira.	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quadro 175 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Iemanjá Saubara-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 147
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP:Terreiro de Iemanjá	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Saubara-Bahia. https://maps.app.goo.gl/qKVyQtUnHMpgTGoU7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsetopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro de Iemanjá.		
IMAGENS:		
		
INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Iemanjá pertence à Nação Umbanda, tem como liderança Dermeval José de Santana, e fica localizado na Rua Duque de Caxias, s/n, Bairro Bom Jesus, CEP: 44220-000.		
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
QR-CODE	TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Zootopônimo.	
	ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formate na língua nativa – Libras.	
	MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPÔNIMICO:O sinal tem como aspecto motivacional o nome "Peixaria", representado pelo sinal literal de peixe ⁴³	
FONTES:		
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.		
BENISTE, José. Dicionário yorubá-português . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.		
BENISTE, José. Dicionário português-yorubá . 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.		
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626 . Acesso em: 20 de maio 2025.		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

⁴³ Nesse caso específico, os surdos fizeram uma interpretação transsemiótica, destacando o sentido literal da palavra, sem considerar os aspectos religiosos vinculados ao Terreiro.

Quadro 176 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Caboclo Juremeira Saubara-Bahia.**FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA**
BILINGUE.**NÚMERO: 148**

TERMO GENÉRICO: Terreiro	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Caboclo Juremeira
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Saubara-Bahia. https://maps.app.goo.gl/Tx6jufkRiNAqixP16
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Ásetopônimo.	
ORIGEM: Africana	
HISTÓRICO: Terreiro de Caboclo Juremeira	

IMAGENS:

INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Caboclo Juremeira pertence à Nação Keto, tem como liderança Edemário José Santana, e fica localizado na Estrada do Araripe, Bairro Bom Jesus, CEP: 44220-000. O Caboclo Juremeira está relacionado à tradição espiritual da Jurema Sagrada, um culto de origem indígena e afro-brasileira que envolve práticas de cura, proteção e conexão com entidades espirituais.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:**QR-CODE****TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:** Grafematônimo.**ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:**

O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa: Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O aspecto motivacional do sinal está no empréstimo por transemiotização da língua oral, que utiliza as letras do alfabeto em Português C e J.⁴⁴

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

⁴⁴ Esse processo reflete a adaptação e ressignificação linguística dentro do contexto cultural e comunicativo do Terreiro.

Quadro 177 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Iansã Guerreira Saubara-Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 149
TERMO GENÉRICO: Terreiro	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro Iansã Guerreira.	
TIPO DE ACIDENTE: Humano	LOCALIZAÇÃO: Saubara-Bahia. https://maps.app.goo.gl/qKVyQtUnHMpgTGoU7	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétopônimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro Iansã Guerreira.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro Iansã Guerreira pertence à Nação Angola, tem como liderança Catarina Bernadete dos Santos, e fica localizado na Rua Duque de Caxias, s/n, Bairro Bom Jesus, CEP: 44220-000.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE

TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Àsétopônimo⁴⁵

ESTRUTURA SEMÂNTICA: <<Àsé+animo>>.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal é classificado como composto, pois há mais de um formante na língua nativa – Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal tem como aspecto motivacional o Orixá Iansã e sua qualidade guerreira.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

⁴⁵ O nome da Orixá é mais importante que seu arquétipo.

Quadro 178 - Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro de Xangô – Vazado - Bahia.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE.		NÚMERO: 150
TERMO GENÉRICO: Terreiro.	TOPÔNIMO EM LP: Terreiro de Xangô	
TIPO DE ACIDENTE: Humano.	LOCALIZAÇÃO: Vazedo -Bahia. https://maps.app.goo.gl/JZXwBFoTdHy7iSWW6	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP: Àsétponimo.		
ORIGEM: Africana.		
HISTÓRICO: Terreiro de Xangô.		

IMAGENS:



INFORMAÇÕES ADICIONAIS: O Terreiro de Xangô pertence à Nação Umbanda, tem como liderança Osvaldo Alves da Silva, e está localizado na Fazenda Congonha, Bairro Congonha, CEP: 44565-000. Xangô é um Orixá muito reverenciado nas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda. Ele é conhecido como o Orixá da justiça, dos raios, dos trovões e do fogo, sendo um símbolo de força, liderança e imparcialidade.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:

QR-CODE



TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS: Ilêtopônimo.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:

O sinal é do tipo composto, pois há mais de um formante na língua nativa – Libras.

MOTIVAÇÃO DO SINAL TOPONÍMICO: O sinal possui aspectos motivacionais relacionados à arquitetura do Terreiro: o telhado.

FONTES:

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário novo fronteiro da língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BENISTE, José. **Dicionário português-yorubá**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1626>. Acesso em: 20 de maio 2025.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

6. DISCUSSÕES E ANÁLISE DOS DADOS DO RECÔNCAVO BAIANO

Esta seção está estruturada em três subseções: *Análise dos dados em Língua Oral*, na qual são examinados e interpretados os dados coletados nesse contexto linguístico; *Análise dos dados em Libras*, que explora os aspectos toponímicos analisados na Língua Brasileira de Sinais, destacando suas especificidades e contribuições para o estudo; e *Apresentação do website denominado Ilêtopônimo*, que constitui o produto final da tese, consolidando a pesquisa realizada e oferecendo uma plataforma digital para a difusão dos resultados obtidos.

6.1 ANÁLISE DOS DADOS EM LÍNGUA ORAL

Inicialmente, será realizada a análise dos dados em Língua Oral. Dos 19 municípios cadastrados, observamos que cinco concentram mais da metade dos 420 Terreiros presentes no Território de Identidade (T.I.) do Recôncavo Baiano. São municípios que possuem mais de trinta Terreiros distribuídos entre as zonas urbana e rural: Santo Amaro-BA, com 60 Terreiros; Cachoeira-BA, com 48; Muritiba-BA, com 44; Cruz das Almas-BA, com 35; e Nazaré-BA, com 33.

Além disso, há municípios com 17 ou mais Terreiros cadastrados, entre eles: Maragogipe-BA, com 27; Castro Alves-BA, com 26; Governador Mangabeira-BA, com 24; Santo Antônio de Jesus-BA, com 23; São Félix-BA, com 22; São Francisco do Conde-BA, com 22; Saubara-BA, com 18; e Sapeaçu-BA, com 17.

Essa distribuição evidencia a forte presença dos Terreiros no Recôncavo Baiano, refletindo a importância dessas comunidades religiosas na preservação e transmissão das tradições de matriz africana.

Por outro lado, cinco municípios possuem menos de nove Terreiros cadastrados: Cabaceiras do Paraguaçu-BA, com 8; São Felipe-BA, com 6; Conceição do Almeida-BA, com 2; Dom Macedo Costa-BA, com 2; Varzedo-BA, com 2; e Muniz Ferreira-BA, com 1 Terreiro.

O Gráfico 1, a seguir, apresenta o quantitativo de Terreiros pertencentes ao T.I. do Recôncavo da Bahia, distribuídos por municípios.

Gráfico 1 - Número de Terreiros do Território de Identidade do Recôncavo da Bahia.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

No que diz respeito à nação de pertencimento, a maioria dos Terreiros está vinculada à Nação Keto, com 142 Terreiros, o que corresponde a 34%. Se incluirmos os Terreiros que declaram, além da Keto, também outra referência de nação, esse percentual sobe para 41%. Em seguida, temos a Nação Angola, representando 26%, incluindo os nove Terreiros que também se identificaram com outras nações.

Esse cenário era esperado, uma vez que foi na Bahia e em Pernambuco que ocorreu um grande contingente de escravizados de origem iorubá. De acordo com Miranda (2001, p. 60):

No início do século XIX, as etnias africanas eram separadas por confrarias da Igreja Católica na região de Salvador, Bahia. Dentre os escravos pertencentes ao grupo dos Nagôs estavam os Yorubás. Suas crenças e rituais do Ketú são parecidos com os de outras “nações” do Candomblé em termos gerais, mas diferentes em quase todos os detalhes Miranda.

Em seguida, aparecem 64 Terreiros de Umbanda, correspondendo a 15% do total, percentual que sobe para 20% ao considerarmos os Terreiros de Umbanda que se autoidentificaram como mesclados a outras nações. No âmbito do Candomblé e da Umbanda, utilizamos a terminologia “cruzamento de linhas” para nos referirmos a esses Terreiros com identidade híbrida. A Nação Nagô está representada por 39 Terreiros, enquanto a Jêje conta com 21, conforme apresentado no Quadro 179.

Quadro 179 - Número de Terreiros por nação de pertencimento do (T. I) do Recôncavo

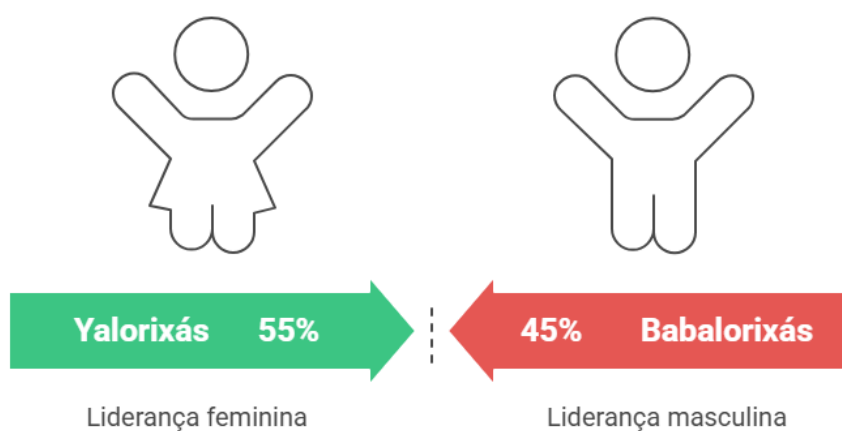
Nação	Nº de Terreiros	Percentual (%)
Abikun	1	0,2
Alaketu	5	1,2
Angola	80	19,2
Angola e Giro de Caboclo	1	0,2
Angola e Keto	7	1,7
Angola e Umbanda	2	0,5
Caboclo	1	1,7
Caboclo e Umbanda	1	0,2
Caboclo, Angola	1	0,2
Caboclo, Angola, Nação da Aridendê	1	0,2
Costa D'África (Umbanda)	1	0,2
Costa D'África e Angola	1	0,2
Gentileiro-Boiadeiro	1	0,2
Giro	1	0,2
Ijexá	4	1,0
Ijexá e Keto	2	0,5
Jêje	9	2,2
Jêje Mahin	1	0,2
Jêje Marim	1	0,2
Jêje Marrim	3	0,7
Jêje Marrino	1	0,2
Jêje Nagô	5	1,2
Jêje, Nagô e Angola	1	0,2
Jurema - Keto - Jêje - Caboclo	1	0,2
Keto	142	34,1
Keto e Angola	7	1,7
Keto e Caboclo	1	0,2
Keto e Ijejá	1	0,2
Keto e Nagô	2	0,5

Nação	Nº de Terreiros	Percentual (%)
Keto, Angola e Ijejá	1	0,2
Keto, Ijexá e Angola	1	0,2
Keto, Nagô e Ijexá	2	0,5
Keto, Jêje	1	0,2
Nagô	22	5,3
Nagô Detedô	1	0,2
Nagô e Alaketu	1	0,2
Nagô e Ijexá	5	1,2
Nagô e Keto	1	0,2
Nagô Vodum	5	1,2
Nagô Vudussi	2	0,5
Umbanda	64	15,4
Subtotal	416	
Não informado	4	
Total	420	100

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Em relação ao gênero das lideranças, observa-se a predominância feminina. Acreditamos que, embora o Candomblé seja uma religião patriarcal, ele apresenta também características matriarcais, visto que às mulheres cabem os cuidados com os afazeres domésticos, além da função de mãe e cuidadora. No Recôncavo Baiano, as yalorixás (mães-de-santo) correspondem a 55% das lideranças, enquanto os babalorixás (pais-de-santo) representam 45%, conforme ilustrado no Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2 - Lideranças religiosas dos Terreiros do T. I. do Recôncavo por Gênero.



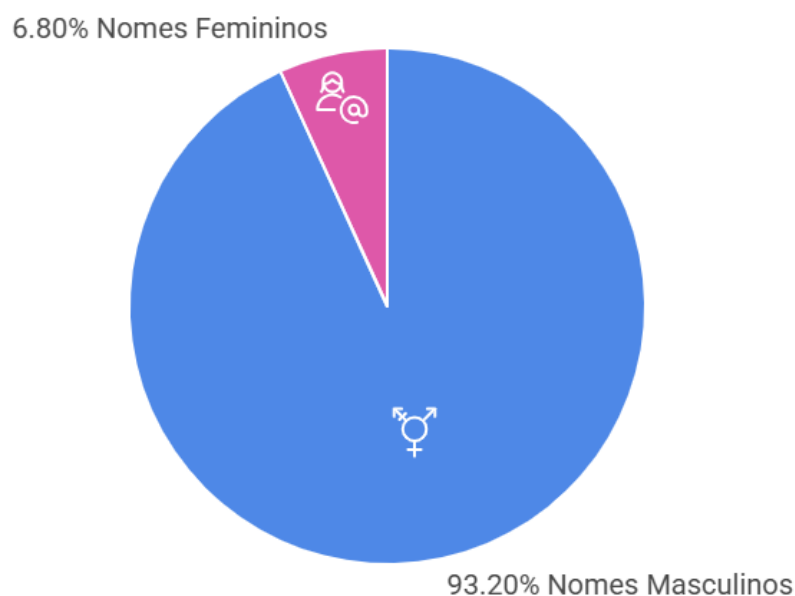
Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Embora as mulheres constituam a maioria nos Terreiros, elas ainda enfrentam diversas dificuldades no exercício da liderança. Apesar de serem as principais responsáveis pela organização, delegação de tarefas e condução das atividades nos espaços religiosos, o machismo persiste como obstáculo. Certas funções continuam atribuídas exclusivamente aos homens, refletindo a permanência de estruturas patriarcais, mesmo em contextos marcados pela forte presença e atuação feminina. Rosa (2010, p. 3) salienta que:

Os homens continuam sendo os representantes de um status de maior prestígio, os manipuladores do sagrado, o que nos conduz a avaliar as relações de poder que estão presentes e são estruturantes para a tradição religiosa em geral. Por exemplo, mesmo com ampla participação feminina no culto, existem diversos momentos como o sacrifício animal oferecido à Entidade, em que a presença, ou a atuação mais direta das mulheres é vetada.

Ao compararmos os nomes dos Terreiros em relação ao gênero, observamos uma predominância de nomes masculinos sobre os femininos. Dos 420 Terreiros, 391 possuem nomes masculinos, o que representa 93,2% do total, enquanto apenas 29 têm nomes femininos.

Gráfico 3 - Terreiros do T. I. do Recôncavo da Bahia por Gênero dos Orixás e outras Entidades.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A relação entre os Terreiros e o gênero dos Orixás e outras Entidades espirituais das religiões de matriz africana revela uma predominância dos cultos a divindades masculinas, como Xangô e Ogum, embora existam também casas que exaltam Orixás femininos, como

Iansã e Oxum. Essa distribuição pode estar relacionada a fatores históricos e culturais que influenciaram a organização dos Terreiros ao longo do tempo.

Dos 420 Terreiros cadastrados, analisamos apenas 150, correspondentes àqueles que possuem um sinal em Libras. A partir dessa análise, foi possível identificar a ocorrência desses 150 topônimos em Língua Oral, distribuídos da seguinte forma: 101 ocorrências de Àsetopônimos, correspondendo a 67% dos topônimos analisados. Trata-se do tipo mais predominante, indicando uma forte ligação entre o Terreiro e as Entidades e manifestações sagradas Orixás, Guias espirituais e outras divindades das religiões de origem africana.

Em seguida, foram registradas nove ocorrências de Antropotopônimos (6%), topônimos derivados de nomes próprios, como prenomes, apelidos e alcunhas, geralmente referenciando líderes espirituais ou figuras importantes da comunidade.

Foram identificadas seis ocorrências de Hagiopônimos (4%), referentes a santos do hagiólogo católico. Ao longo da história do Brasil, a influência religiosa moldou não apenas a fé das pessoas, mas também os nomes dos lugares. Entretanto, devido ao sincretismo religioso, que emergiu da resistência e adaptação dos povos africanos escravizados, esses santos frequentemente foram associados aos Orixás do Candomblé e da Umbanda. Essa fusão de crenças não apenas preservou tradições, mas constituiu uma estratégia de sobrevivência em contextos de perseguição religiosa. Um exemplo emblemático é a associação entre Santa Bárbara e Iansã, ambas representando força, coragem e tempestades.

Foram encontradas também cinco ocorrências de Ilêtopônimos (3%), que se referem aos nomes dos Terreiros em sua totalidade, abrangendo arquitetura e entorno, indicando locais de importância espiritual. Além disso, cinco ocorrências de Sociotopônimos (3%), topônimos vinculados a aspectos sociais e comunitários dos Terreiros.

Na sequência, houve três ocorrências de Dirrematopônimos (2%), que são topônimos constituídos por expressões populares cristalizadas, relacionadas a nomes que refletem transformações no espaço religioso.

Por fim, foi registrada uma ocorrência de Fidetopônimo (1%), topônimo relacionado à fé e ao sagrado. Segundo Saar (2016, p. 85), “Fé vai além da crença, pois, não consiste apenas em acreditar que algo possa acontecer, consiste, pois, em ter plena convicção, inclusive, no que não se pode visualizar”.

Mais adiante, registra-se uma ocorrência de Mariotopônimo (1%). Mariotopônimo é um tipo de topônimo que faz referência à Virgem Maria, sendo bastante comum em locais com forte influência do catolicismo. Esses topônimos incorporam nomes relacionados a

Maria, como Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida e Santa Maria. No contexto dos Terreiros, estão vinculados ao sincretismo religioso, no qual Maria é associada a Orixás como Oxum e Iemanjá. A presença de um Mariotopônimo em um Terreiro não surpreende, pois há uma conexão histórica entre os santos católicos e os Orixás. Diante do preconceito contra suas práticas religiosas, os negros associavam os santos católicos às suas divindades africanas como estratégia para preservar a fé. Como citado anteriormente, essa associação minimizava a discriminação e permitia que, sob a aparência do culto cristão, continuassem professando suas crenças espirituais.

Subsequentemente, há uma ocorrência de Geomorfotopônimo (1%), que se refere a nomes baseados em características geográficas e no relevo do Terreiro; uma ocorrência de Ewêtopônimo (1%), topônimo associado a nomes que fazem referência a plantas e vegetação sagradas, de modo geral, nas religiões de matriz africana; e uma ocorrência de Animotopônimo (1%), topônimo relacionado à área psíquica humana, vinculado a Entidades espirituais.

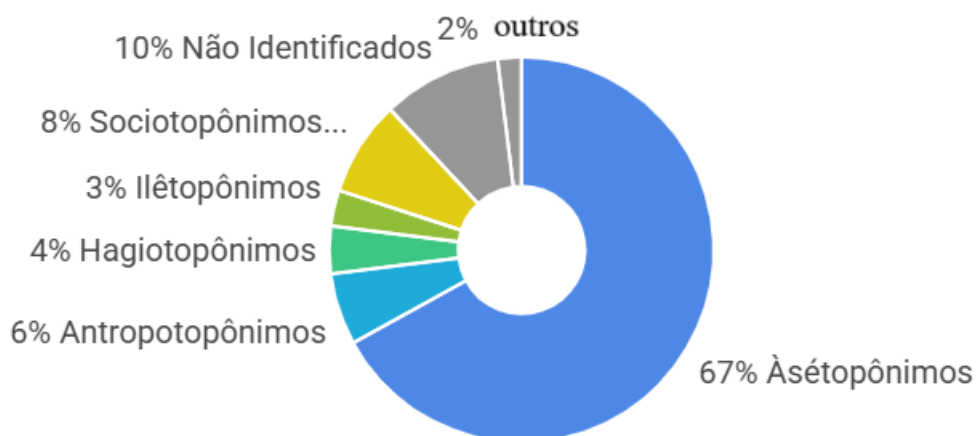
Não foram encontrados registros para dezesseis terreiros, correspondendo a 10% dos dados investigados. São eles: Ficha Lexicográfico-toponímica nº 35 do Terreiro Ilê Axé Ofademim em Cruz das Almas – Bahia; nº 36 do Terreiro Lambarenganje de Uzamb em Cruz das Almas – Bahia; nº 42 do Terreiro Iasobora Iobomi em Cruz das Almas – Bahia; nº 54 do Terreiro Elejí em Governador Mangabeira – Bahia; nº 55 do Terreiro Ilê Axé Komã em Maragogipe – Bahia; nº 56 do Terreiro Ilê Axé Oja Omim Ala em Maragogipe – Bahia; nº 57 do Terreiro Banda Lecongo em Maragogipe – Bahia; nº 62 do Terreiro Ilê Axé Acorô em Maragogipe – Bahia; nº 65 do Terreiro Ilê Ominjenan de Leuá em Maragogipe – Bahia; nº 66 do Terreiro Ilê Axé Lomi em Maragogipe – Bahia; nº 68 do Terreiro Iá Laxé Iá Lemimem em Muritiba – Bahia; nº 69 do Terreiro Ilê Axé Iofomim em Muritiba – Bahia; nº 92 do Terreiro Iaomã Ilê Axé Ya Omam em Santo Amaro – Bahia; nº 110 do Terreiro Centro de Umbanda Casa São Jorge em São Felipe – Bahia; nº 127 do Terreiro Ilê Axé Alaibi Felix – Bahia; e nº 135 do Terreiro Ilê Axé Sarapocan em Francisco do Conde – Bahia.

Devido à complexidade da fusão de influências linguísticas das diversas Nações africanas, como Keto, Nagô e Jeje, entre outras, não foi possível identificar os topônimos correspondentes a esses Terreiros. Ao longo do tempo, muitos nomes passaram por adaptações, incorporando elementos do português e do yorubá, o que dificultou a tradução literal e a documentação do étimo original. Como resultado, alguns topônimos não possuem um registro preciso de sua origem ou significado, tornando a identificação mais desafiadora.

Esse fenômeno reflete não apenas a riqueza e diversidade cultural das tradições afro-brasileiras, mas também como os processos históricos modificam e transformam a preservação dos nomes ao longo dos anos.

O Gráfico 4, a seguir, apresenta a distribuição percentual dos topônimos em Língua Oral nos Terreiros.

Gráfico 4 – Distribuição percentual dos topônimos em Língua Oral nos Terreiros



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

O estudo dos topônimos nos Terreiros revela uma profunda conexão entre espiritualidade, história e identidade cultural. A predominância dos Àsétopônimos evidencia a centralidade dos Orixás e das manifestações sagradas, enquanto os Antropotopônimos e Sociotopônimos destacam o papel das lideranças espirituais e da coletividade na preservação e continuidade desses espaços.

Além disso, os Geomorfotopônimos e Ewêtopônimos reforçam a relação intrínseca dos Terreiros com o ambiente natural, refletindo a cosmovisão das religiões de matriz africana, em que a natureza é sagrada e integrada à prática espiritual.

A complexidade linguística dos nomes dos Terreiros, marcada pela influência de diversas nações africanas e pelo sincretismo religioso, revela a riqueza e a resiliência dessas tradições ao longo do tempo. A associação entre santos católicos e Orixás – como no caso de Santa Bárbara e Iansã – exemplifica estratégias de resistência cultural utilizadas pelos povos afrodescendentes para preservar sua fé diante da repressão.

Esse mapeamento não apenas documenta a diversidade dos nomes, mas também ressalta a importância dos Terreiros como espaços de resistência, identidade e memória coletiva.

6.2 ANÁLISE DOS DADOS EM LIBRAS

No que diz respeito aos dados coletados em Libras, verificou-se que, dos 420 Terreiros cadastrados, apenas 150 possuem nomeação nessa língua, conforme mencionado na seção anterior. Ou seja, 270 Terreiros ainda não contam com um sinal correspondente em Libras. Diante disso, apresentamos exclusivamente os dados referentes às 150 fichas lexicográfico-toponímicas desses Terreiros, conforme demonstrado no Quadro 186 a seguir.

Quadro 186 - Quantitativo de Terreiros do T.I. do Recôncavo da Bahia que possuem sinal em Libras

Município	Quantidade de Terreiros	Quantidade de Terreiros que possuem sinal em Libras
Cabaceira do Paraguaçu-Bahia	08	05
Cachoeira- Bahia	48	17
Castro Alves- Bahia	26	05
Conceição do Almeida- Bahia	2	02
Cruz das Almas- Bahia	35	14
Dom Macedo Costa- Bahia	02	02
Governador Mangabeira Bahia	24	09
Maragogipe- Bahia	27	12
Muniz Ferreira- Bahia	01	01
Muritiba- Bahia	44	06
Nazaré- Bahia	33	08
Santo Amaro - Bahia	60	19
Santo Antônio de Jesus- Bahia	23	09
São Felipe- Bahia	06	06
São Felix- Bahia	22	12
São Francisco do Conde- Bahia	22	11
São Sebastião do Passé- Bahia	0	0
Sapeaçu- Bahia	17	06
Saubara- Bahia	18	05
Varzedo- Bahia	02	01
Total de Terreiros	420	150

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Dos 150 Terreiros analisados, constatou-se que apenas cinco contam com filhos-de-santo surdos. Esses Terreiros estão localizados nos seguintes municípios: Cachoeira – Bahia, com 3 surdos; Cruz das Almas – Bahia, com 2 surdos; Muritiba – Bahia, com 3 surdos; Santo Amaro – Bahia, com 2 surdos; e São Félix – Bahia, com 2 surdos. No total, foram registrados 12 surdos, conforme apresentado no Gráfico 5 a seguir.

Gráfico 5 - Quantitativo de Terreiros que possuem surdos do T.I. do Recôncavo da Bahia



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Todos esses Terreiros estão localizados em regiões próximas entre si, o que evidencia a forte presença e influência das religiões de matriz africana nesses territórios. Outro ponto observado é que a maioria dos surdos foi iniciada na religião ainda na infância. O Gráfico 6, a seguir, apresenta os nomes dos municípios e o quantitativo de surdos por Terreiro.

Gráfico 6 - Quantitativo de surdos por Terreiro



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Podemos observar que os surdos nomeiam apenas os lugares que frequentam, pois sentem a necessidade de tornar a comunicação mais dinâmica. Assim, atribuem nomes a objetos, pessoas e espaços. No caso dos Terreiros, essa prática não é diferente. Os Terreiros do Recôncavo que possuem sinais em Libras mantêm algum tipo de vínculo entre si, seja por laços familiares ou pela presença de amigos dentro desses ambientes. Essa conexão facilita a

circulação dos surdos entre os Terreiros, promovendo a comunicação e, conseqüentemente, a nomeação espontânea dos espaços.

As fichas lexicográfico-toponímicas possibilitaram a sistematização e análise dos dados coletados individualmente, identificando diferentes tipos de topônimos em Língua de Sinais, distribuídos da seguinte forma: 58 ocorrências de Ilêtopônimo, o que corresponde a 39% dos dados coletados; 32 ocorrências de Ewêtopônimo (25%), topônimos relacionados a nomes que fazem referência a plantas e vegetações sagradas de modo geral; 17 ocorrências de Àsetopônimo (11%), topônimos que remetem a Entidades espirituais; 17 ocorrências de Ibátopônimo (11%), que fazem referência a objetos sagrados das religiões de matriz africana, especificamente no contexto do Candomblé; 10 ocorrências de Grafematopônimo (7%). Segundo Jesus (2019, p. 82), são topônimos visuais que utilizam o alfabeto manual da Libras; 3 ocorrências de Geomorfotopônimo (2%), topônimos relacionados a formas topográficas, considerando elevações ou depressões que remetem a características geográficas do terreno do Terreiro; 2 ocorrências de Acronimotopônimo (1%), topônimos de natureza antropocultural, motivados por acrônimos (palavras formadas pelas iniciais ou por mais de uma letra de cada segmento de uma locução), também conhecidas como siglas; 2 ocorrências de Hagiotopônimo (1%), topônimos ligados a nomes de santos do hagiolôgio católico romano; 2 ocorrências de Fidetopônimo (1%), topônimos relacionados à fé.

Além disso, foram registradas ocorrências únicas dos seguintes tipos: 1 ocorrência de Litotopônimo (1%), topônimos de origem mineral ou natural; 1 ocorrência de Dimensiotopônimo (1%), que faz referência a conceitos espaciais ou dimensões específicas dentro dos Terreiros; 1 ocorrência de Igneotopônimo (1%). Segundo Carvalho (2010, p. 149), são topônimos relacionados ao fogo ou a elementos ígneos; 1 ocorrência de Númerotopônimo (1%), topônimos relativos a adjetivos numerais; 1 ocorrência de Cromotopônimo (1%), topônimos relacionados às cores e escalas cromáticas; 1 ocorrência de Zootopônimo (1%), topônimos relacionados aos animais, tanto de origem doméstica quanto não doméstica.

Um registro não encontrado (N/e) (1%) Indica que não foi possível identificar o topônimo correspondente. A saber: *Ficha Lexicográfico-toponímica do Terreiro n° 110 do Terreiro sem⁴⁶ nome São Felipe-Bahia.*

⁴⁶ O Terreiro não possui nome por diversos motivos, que variam conforme a tradição, a história e a orientação espiritual da casa. No caso específico em questão, as razões para a ausência de nome incluem: Fase de formação: o Terreiro ainda está em processo de estruturação e aguarda um momento considerado adequado para receber um nome definitivo; Orientação espiritual: o nome será revelado por meio de rituais e consultas espirituais; até que isso aconteça, o Terreiro permanece sem nome; Respeito à ancestralidade: a liderança opta por não nomear o Terreiro imediatamente, aguardando um sinal dos Orixás ou dos ancestrais que indique o nome apropriado.

O maior grupo identificado é o dos Ilêtopônimos (39%), evidenciando a centralidade da casa, do espaço físico dos Terreiros, como referência principal na construção dos nomes. Isso sugere que o pertencimento ao local e sua identidade física são fundamentais na forma como os espaços sagrados são nomeados pelos surdos.

O segundo grupo mais expressivo é o dos Ewêtopônimos (25%), revelando a importância da vegetação e das plantas sagradas dentro da tradição religiosa. Esse dado indica que a relação com a natureza – especialmente com ervas e árvores de valor espiritual – é um elemento determinante na nomeação dos Terreiros. Além disso, evidencia que os surdos recorrem a aspectos visuais como principal referência para atribuir nomes, reforçando a centralidade da percepção visual em suas escolhas linguísticas e culturais.

Àsétopônimos e Ibátopônimos aparecem com 11% cada, indicando que os nomes associados às Entidades espirituais e aos objetos sagrados do Candomblé têm presença significativa. Essa frequência evidencia uma forte conexão com a dimensão espiritual e ritualística dos Terreiros, ao mesmo tempo que reforça, mais uma vez, a importância da visualidade no processo de nomeação realizado por pessoas surdas. Os elementos visíveis, como objetos sagrados e representações das Entidades, tornam-se referências centrais na construção dos nomes atribuídos aos espaços físicos.

Os Grafematopônimos (7%) sugerem uma valorização da representação visual e da acessibilidade, estabelecendo uma ligação com a Libras e com a identidade dos grupos que utilizam esse sistema linguístico.

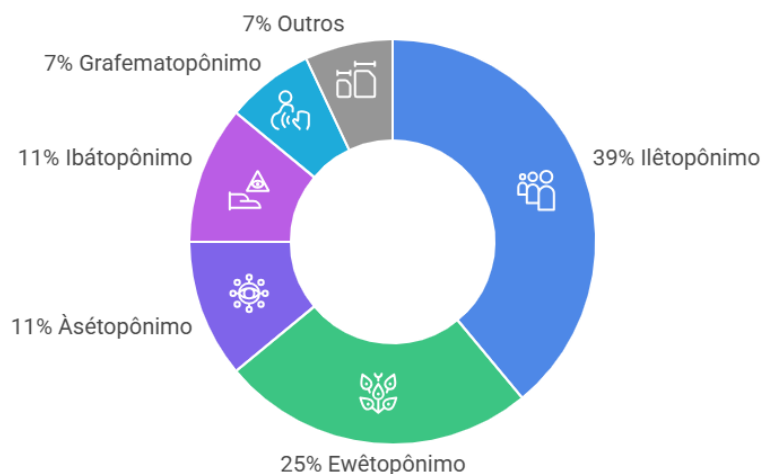
Já os topônimos relacionados à geografia e às características físicas do terreno (Geomorfotopônimos) aparecem em menor número (2%), indicando que a forma do espaço pode influenciar a nomeação, mas não é um fator predominante.

Os demais grupos apresentam ocorrências isoladas (1%), revelando variações mais específicas, como nomes ligados à fé (Fidetopônimos), santos católicos (Hagiotopônimos), conceitos espaciais (Dimensiotopônimos), fogo (Ignotopônimos), números (Número-topônimos), cores (Cromotopônimos) e animais (Zootopônimos). Isso demonstra que, embora menos frequentes, essas referências também fazem parte do universo toponímico dos Terreiros.

Concluimos que a distribuição dos topônimos revela uma forte influência dos elementos físicos e naturais (como casa, plantas e objetos sagrados) na nomeação dos Terreiros. Além disso, observa-se uma presença significativa de referências espirituais e religiosas, reforçando a centralidade da fé e da ritualística nesse contexto. Essa leitura permite

compreender que os nomes dos Terreiros são não apenas marcas de identidade, mas também verdadeiros arquivos culturais e religiosos, contendo informações valiosas sobre crenças, práticas e organização espacial. O Gráfico 7, a seguir, ilustra os dados encontrados.

Gráfico 7 - Percentuais de Topônimos em Libras encontrados por Terreiro



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Diante do exposto, fica evidente que os surdos nomeiam os Terreiros levando em consideração tanto aspectos físicos quanto espirituais do local. Os aspectos físicos podem incluir a cor, a arquitetura, o formato da construção, elementos naturais ao redor — como árvores ou rios — e a localização geográfica do Terreiro. Já os aspectos espirituais estão ligados à Entidade ou Orixá predominante no espaço, às energias e sensações que ele transmite, bem como às histórias e tradições associadas ao lugar.

Além disso, a nomeação só se torna possível porque os surdos transitam por esses espaços e sentem a necessidade de dinamizar o processo de comunicação, como mencionado anteriormente, além de serem praticantes da religião. Essa forma de nomeação reflete a riqueza da cultura visual e sensorial das comunidades surdas, mostrando como a percepção do espaço e da espiritualidade pode se manifestar de maneira singular.

Apresenta-se, a seguir, o website *Ilêtopônimo*, onde a pesquisa será armazenada e divulgada.

6.3. O *WEBSITE* ILÊTOPÔNIMO

O *website Ilêtopônimo* tem como objetivo sistematizar, organizar e divulgar os dados da pesquisa. Inicialmente, os registros foram armazenados no YouTube; contudo, optou-se por mantê-los em dois ambientes virtuais – YouTube e o *website Ilêtopônimo* – a fim de garantir acessibilidade, preservação e ampla disseminação do conhecimento gerado.

No caso do YouTube, o acesso é restrito por meio de QR code ou link, oferecendo maior segurança ao conteúdo e garantindo que apenas pessoas autorizadas possam visualizar os materiais. Ao mesmo tempo, essa plataforma proporciona uma experiência interativa e multimídia, essencial para a apresentação dos resultados e discussões.

Já o *website Ilêtopônimo* funciona como um repositório oficial, consolidando os dados coletados e permitindo uma navegação estruturada entre os tópicos abordados. O site oferece um espaço para futuras atualizações e contribuições, além de fortalecer a preservação dos registros e facilitar o acesso acadêmico e institucional. Dessa forma, torna-se um instrumento que possibilita a continuidade dos estudos e a ampliação das reflexões sobre o tema. Considerando seu público-alvo, o site foi desenvolvido com uma interface clara, objetiva e de navegação intuitiva.

Para acessá-lo, utilize o domínio: <https://toponimia.zerosevenfive.com.br/>.

A identidade visual do *Ilêtopônimo* representa a união entre identidade, ancestralidade e acessibilidade linguística na pesquisa sobre os Terreiros do Recôncavo Baiano. O design incorpora elementos visuais que reforçam o compromisso da pesquisa com a preservação da Toponímia desses espaços sagrados, destacando a relação entre os nomes utilizados em línguas orais e seus correspondentes em Língua de Sinais.

A paleta de cores utilizada na logomarca carrega significados profundamente ligados às tradições afro-brasileiras: tons terrosos, como marrom, ocre e dourado, representam a ancestralidade e a conexão com a terra; o azul e o verde remetem às forças da natureza e aos Orixás; já o branco simboliza pureza, sabedoria e a transmissão do conhecimento dentro das comunidades de matriz africana.

O design da logo é composto por símbolos que expressam resistência e identidade cultural. Os grafismos africanos remetem às tradições e valores ancestrais; o mapa, por sua vez, localiza a pesquisa no território do Recôncavo Baiano, reforçando a ideia de territorialidade na Toponímia. Para evidenciar a abordagem bilíngue da pesquisa, incluem-se sinais em Libras, valorizando a comunicação inclusiva. A tipografia escolhida para o nome *Ilêtopônimo* combina tradição e modernidade, garantindo legibilidade e impacto visual.

Na composição visual, a quartinha (vaso de barro) simboliza a terra, a criação e a ancestralidade. Nas religiões afro-brasileiras, esse objeto ritualístico guarda oferendas e elementos essenciais para os cultos, representando a preservação cultural. Os ramos de folhas representam o axé e são utilizados em rituais de purificação e proteção. Cada planta possui um significado sagrado próprio e está associada a determinados Orixás e Entidades espirituais, reforçando o conhecimento ancestral e a conexão com a natureza.

As mãos presentes na logomarca fazem referência aos sinais em Libras, destacando a acessibilidade e a inclusão linguística da pesquisa. A mão localizada acima do mapa simboliza os sinais dos Terreiros, enquanto as mãos abaixo representam os Orixás e Entidades espirituais. Essa composição visual fortalece a missão do Ilêtopônimo: preservar e divulgar os dados da pesquisa, valorizar as tradições dos Terreiros e promover o respeito à diversidade linguística e cultural. Abaixo, segue a identidade visual (logo) do website.

Figura 87 - A logo do *website* Ilêtopônimo.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Na página inicial do website, a primeira aba – intitulada “A Tese” – apresenta um texto em língua portuguesa acompanhado de um vídeo com tradução em Libras. O conteúdo oferece uma explicação detalhada sobre a tese em questão. A imagem a seguir ilustra essa página inicial.

Figura 88 - Na página inicial do *website* Ilêtopônimo.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Na aba seguinte, intitulada “O Território de Identidade do Recôncavo Baiano”, apresenta-se um texto em Língua Portuguesa acompanhado de um vídeo com tradução em Libras. O conteúdo explica o conceito de território de identidade do Recôncavo Baiano e apresenta o lócus da pesquisa.

Figura 89 - Lócus da Pesquisa



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Na aba seguinte, intitulada “Sinais em Libras dos Terreiros do Recôncavo Baiano”, estão disponíveis vídeos relacionados a 19 municípios. Ao selecionar o primeiro município, Cabaceiras do Paraguaçu – Bahia, o usuário acessa vídeos em Libras que apresentam os Terreiros daquela região. Da mesma forma, ao clicar em cada município, os vídeos correspondentes aos Terreiros locais são exibidos sucessivamente. Além disso, é possível

utilizar a ferramenta de busca: basta digitar o nome da cidade para visualizar os vídeos relacionados aos Terreiros daquele município.

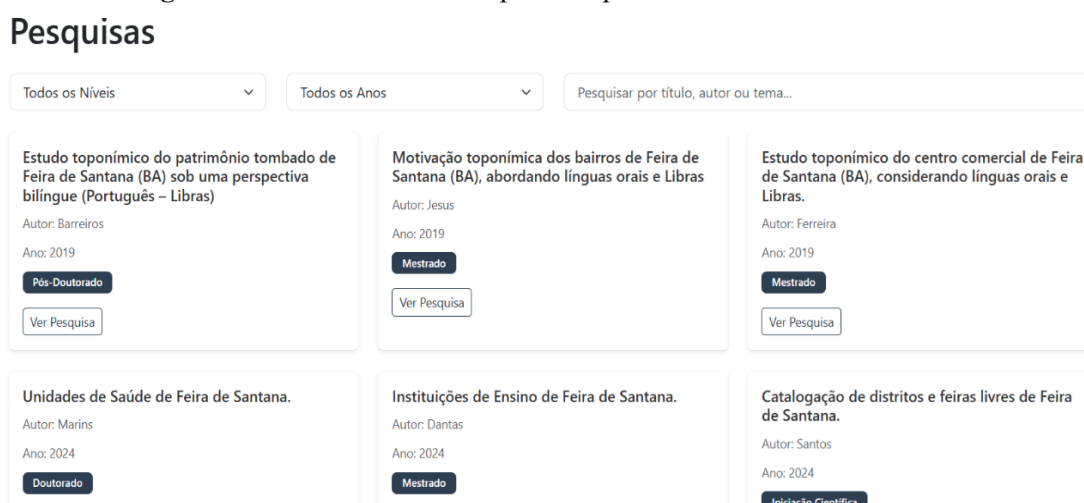
Figura 90 - Sinais em Libras dos Terreiros do Recôncavo da Bahia



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Na aba seguinte, intitulada “Pesquisas”, são apresentadas todas as produções acadêmicas do grupo de pesquisa *Estudo da Toponímia Baiana: Línguas Orais e Línguas de Sinais*. Estão disponíveis teses, dissertações e demais trabalhos defendidos nos níveis de iniciação científica, trabalho de conclusão de curso (TCC), mestrado, doutorado e pós-doutorado. Ao clicar no nome do autor, o usuário será direcionado para a respectiva produção acadêmica.

Figura 91 - Panorama das Pesquisas Toponímicas em Libras na Bahia



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Na aba “Colaboradores”, estão listados os pesquisadores integrantes do grupo de pesquisa *Estudo da Toponímia Baiana: Línguas Orais e Línguas de Sinais*, assim como colaboradores externos, acompanhados dos seus respectivos currículos Lattes, permitindo o acesso às suas trajetórias acadêmicas e contribuições científicas.

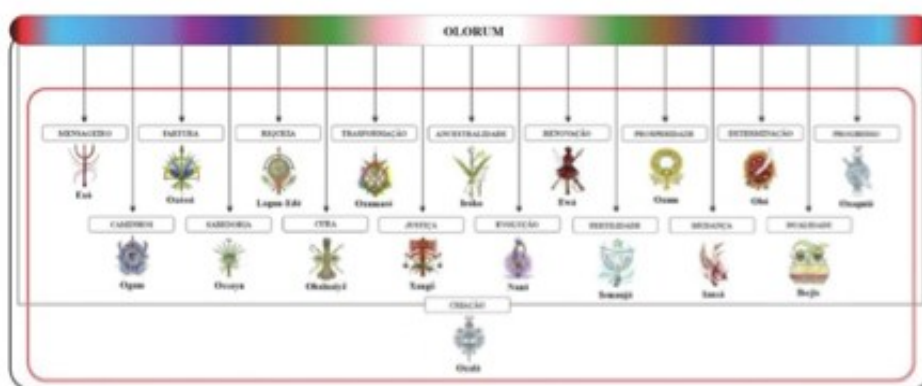
Figura 92 - Colaboradores do grupo de Pesquisa



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Na aba seguinte, intitulada “Sinais em Libras dos Orixás”, há um texto em língua portuguesa acompanhado de um vídeo introdutório com tradução em Libras. O conteúdo apresenta uma explicação sobre quem são os Orixás e, em seguida, exibe um quadro com as insígnias — ferramentas associadas a cada Orixá. Ao clicar nessas insígnias, o usuário acessa vídeos em Libras que mostram os sinais correspondentes a cada Orixá.

Figura 93 - Os sinais dos Orixas em Libras



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Na aba seguinte, intitulada “Fale Conosco”, os usuários poderão enviar colaborações externas, esclarecer dúvidas e fazer perguntas. Esse espaço é dedicado à interação direta com os consultantes, proporcionando um canal de comunicação acessível e eficiente.

O *website Ilêtopônimo* é um protótipo que será aprimorado continuamente. À medida que os usuários interagirem com a plataforma, ajustes e atualizações serão realizados para garantir um funcionamento eficaz e uma experiência de navegação otimizada.

Acreditamos que o *website Ilêtopônimo* se tornará uma plataforma essencial para a popularização do conhecimento e a difusão de informações relevantes não apenas para a comunidade acadêmica, mas também para a comunidade surda e a sociedade em geral. Ao reunir conteúdos sobre os Terreiros e os Orixás, esse espaço digital se configura como um recurso valioso para diversas áreas do saber.

As informações disponibilizadas no site poderão ser amplamente utilizadas em campos como História, Religião, Sociologia, Antropologia, Filologia, Lexicologia e Terminologia da Língua Portuguesa, além de oferecer contribuições significativas para o ensino de Libras e outras disciplinas que investigam os aspectos linguísticos e culturais das religiões de matriz africana.

Ao integrar essas múltiplas abordagens, o *website Ilêtopônimo* reforça o caráter interdisciplinar da Toponímia, evidenciando sua importância para a compreensão da identidade cultural, da memória coletiva e da preservação das tradições ancestrais. Dessa forma, a plataforma se posiciona como um instrumento de valorização da diversidade e de respeito às práticas espirituais, promovendo o diálogo entre diferentes comunidades e campos do conhecimento.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa consolidou um panorama aprofundado dos estudos toponímicos em línguas orais e em Libras, com ênfase nas religiões de matrizes africanas na Bahia e no Brasil. Ao longo das sete seções, foram abordadas as origens, características e terminologias utilizadas nos Terreiros, além dos desafios e avanços relacionados à toponímia em Libras. Os resultados obtidos evidenciam a importância da preservação e divulgação dos nomes toponímicos dos espaços sagrados, ressaltando seu valor para a identidade cultural e linguística das comunidades afro-brasileiras.

Como produto final, foi desenvolvido o *website Ilêtopônimo*, que representa um avanço significativo em termos de acessibilidade ao conhecimento gerado, permitindo que os dados coletados alcancem um público mais amplo e contribuam para futuras pesquisas.

Além disso, a análise dos sinais toponímicos em Libras reforçou a necessidade de um olhar mais atento sobre os processos de nomeação e os empréstimos linguísticos, promovendo reflexões sobre a dinâmica de construção e evolução dos sinais utilizados para referenciar os Terreiros no Brasil. O estudo evidencia a importância da interseção entre linguística, toponímia e identidade cultural, demonstrando que os nomes dos Terreiros transcendem sua função meramente denominativa, tornando-se verdadeiros símbolos de fé, resistência e memória.

Destaca-se, ainda, a necessidade de novas investigações que aprofundem a relação entre a toponímia e outras dimensões linguísticas das religiões afro-brasileiras, incluindo estudos sobre variações regionais e a influência de diferentes Nações africanas nos espaços sagrados.

A categorização dos topônimos relacionados às religiões de matriz africana, por meio das quatro taxas criadas – *Ilêtopônimos*, *Àsétopônimos*, *Ibátopônimos* e *Ewétopônimos* – representa um avanço metodológico e teórico de grande relevância para os estudos toponímicos, históricos e culturais. Essa estrutura não apenas sistematiza os elementos simbólicos dessas tradições, como também promove o reconhecimento da diversidade religiosa e cultural afro-brasileira, por meio de uma nomenclatura que respeita as práticas rituais e os vínculos espirituais presentes nas religiões de origem africana. Ao diferenciar os espaços dedicados ao culto, à devoção, à iniciação e às Entidades vegetais consagradas, a proposta amplia a compreensão sobre como os referenciais simbólicos influenciam a

nomeação de lugares e revelam uma relação profunda entre espaço, memória e espiritualidade.

Este trabalho reconhece e valoriza o pioneirismo da pesquisadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, cuja contribuição foi essencial para a consolidação dos estudos toponímicos no Brasil, especialmente no que diz respeito à abordagem religiosa e às relações entre linguagem, espaço e identidade. Em hipótese alguma esta pesquisa se propõe como crítica ou contestação à obra da autora; trata-se, antes, de um olhar respeitoso e colaborativo, como já mencionado anteriormente, que busca dialogar e ampliar os caminhos por ela já sinalizados.

A proposta de novas categorias taxonômicas surge da própria necessidade de aprofundamento metodológico e teórico. Este trabalho se inscreve dentro de uma perspectiva comprometida com o avanço científico e com o reconhecimento da diversidade cultural e religiosa brasileira. Ao adotar essa postura, reafirma-se o papel da pesquisa acadêmica como instrumento de construção coletiva do conhecimento, pautado no diálogo, na escuta e na valorização das contribuições anteriores.

Além disso, essas categorias contribuem para o fortalecimento da identidade local e nacional, preservando os valores históricos dos povos africanos e afrodescendentes, ao mesmo tempo em que combatem processos de invisibilização e apagamento simbólico. O ato de nomear, nessa perspectiva, torna-se uma prática de consagração, proteção espiritual e reafirmação de pertencimento, evidenciando o papel da toponímia como veículo de resistência e afirmação cultural.

Ressalta-se, ainda, que a relevância das novas categorias criadas transcende o campo acadêmico, tornando-se referência significativa para os povos de religiões de matriz africana, bem como para os povos indígenas, na medida em que ambos compartilham tradições ancestrais, cosmologias próprias e vínculos espirituais com o território. Assim, a proposta taxonômica aqui apresentada reafirma o compromisso com uma abordagem plural, inclusiva e antirracista, contribuindo para a valorização e preservação do patrimônio cultural brasileiro em sua diversidade.

O trabalho realizado abre caminhos para futuras discussões e aplicações, consolidando-se como uma contribuição significativa para os campos da linguística e da diversidade cultural no Brasil.

Ao concluir este estudo, verifica-se que os objetivos propostos foram alcançados. A análise dos dados evidenciou os valores ideológicos, sociais, culturais, históricos e religiosos

presentes tanto nas línguas orais quanto na Libras. As reflexões aqui apresentadas, embora relevantes, não esgotam o tema, mas representam um ponto de partida para futuras pesquisas no campo da toponímia em Língua de Sinais.

A presente pesquisa reafirma que a toponímia, longe de ser apenas uma técnica de nomeação, é uma prática viva, carregada de significados, afetos e resistências. Ao nomear os terreiros e traduzir seus gestos para a Libras, inscrevemos no espaço e na linguagem a presença ancestral das casas sagradas, que seguem firmes, pulsando no cotidiano e na memória do povo.

Esta investigação vai além dos aspectos conceituais, ao buscar enriquecer a relação entre as comunidades ouvinte e surda com a toponímia voltada para os Terreiros. Espera-se que este trabalho proporcione aos leitores e pesquisadores novas compreensões sobre a toponímia de origem religiosa, tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais, ampliando os horizontes da inclusão, da escuta e do reconhecimento.

Reconhecemos, ao longo deste percurso, as forças que o sustentam: Oxóssi, com sua flecha precisa, iluminando caminhos e saberes; e Oxum, com sua ternura e profundidade, banhando está escrita com beleza, cuidado e sensibilidade. Essas energias se manifestam na obra construída, que articula com delicadeza o rigor científico e o encantamento que habita os territórios da fé e da cultura.

Este trabalho não termina aqui: ele abre caminhos, firma o chão, e nos convoca a enxergar e a sentir que toda língua e toda fé carregam a dignidade da vida.

Que esta pesquisa inspire outras caminhadas, outras escutas, e outras formas de reconhecer e valorizar o que pulsa no coração da nossa gente.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins**: Atito. Goiânia, Goiás: PUC, 2010.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Os nomes de lugares em rede**: um estudo com foco na interdisciplinaridade. *Domínios de Linguagem*, v. 6, n. 1, p. 205-225, 29 jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/DL12-v6n1a2012-11>. Acesso em: 20 maio 2021.
- AGUIAR, Mônica Cruz de. Descrição e análise dos sinais topônimos em Libras. In: ALBRES, Neiva de Aquino; XAVIER, André Nogueira (Orgs.). **Libras em estudo**: descrição e análise. São Paulo: FENEIS, 2012, p. 109-12.
- ALBUQUERQUE, U. P. A jurema nas práticas dos descendentes culturais do africano no Brasil. In: **As muitas faces da jurema**: de espécie botânica à divindade afro-indígena, Mota, Clarice Novaes da, Ulisses Paulino de (Orgs.) Recife, Bagaço, 2002.
- ALEMÃO, Vicharlisson Brito. **Projeto ATAOb**: armazenamento e dados em Libras. Relatório Final Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Acre – UFAC. Rio Branco: UFAC, 2017.
- ALMEIDA, Nilson Teixeira de. **Gramática da Língua Portuguesa**: para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ARAÚJO, Fernando Cesar de. **O imaginário onírico no campo religioso afro-brasileiro**. Belo Horizonte: FAFICH-UFMG, 2002. (Dissertação de Mestrado)
- AUGRAS, Monique. *A dimensão simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- BARREIROS, Liliâne Lemos Santana; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Cantos e encantos de Feira de Santana (BA): estudo bilíngue (português/Libras) na Toponímia feirense. In: SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Natival Almeida. **Nomes próprios: abordagens linguísticas**. Salvador: EDUFBA, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33773/3/nomes-proprios-RI.pdf> Acesso em 19 de janeiro de 2023.
- BARROS, José Flávio Pessoa de. **Ewé Orisà**: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblé jêje-nagô. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2 a . ed. 2003.
- BAHIA, **Resolução CIB nº 088/2013**. Aprova o Regimento Interno da Comissão Intergestores bipartite e das comissões intergestores Regionais do Estado da Bahia.
- BAHIA, Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. *Análise Territorial da Bahia Rural*. Salvador: SEI, 2004, 222p.
- BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. **Raízes da Jurema**. Psicologia USP, São Paulo, v. 14, pp. 157-184, 2003.
- BATISTA, Fábio. **Os Candomblés da Bahia**: Tradições e Novas Tradições. Salvador: Arcadia; 2005.

BATTISON, Robbin. **Lexical Borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok Press.1978.

BATTISON, Robbin. **Phonological deletion in american sign language**. Sign Language Studies, v. 5, p. 1-19, 1974.

BATTISON, Robbin. **Lexical Borrowing in America Sign Language**. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

BATTISON, Robbin. **Phonological deletion in america sign language**. Sign Language Studies, v 5, 1974. p.1-19.1967.

BASTIDE, Roger. *El sueño, el trance e la locura*. Argentina: Amorrortu editores, 1976.

BASTIDE, Roger. **Sociologia e psicanálise**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1950.z

BASTIDE, Roger; VERGER, Pierre. *Contribuição ao estudo da adivinhação no Salvador (Bahia)*. São Paulo: Revista do Museu Paulista, 1953.

BENISTE, José. **Orun, Aiye: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a terra**. Rio de janeiro: Bertrand Barsil, 1997.

BOCK, Philip. **Continuities in psychological anthropology**. San Francisco: W. H. Freeman, 1980.

BRAGA, Júlio. **O jogo de búzios: um estudo da adivinhação no Candomblé**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. Trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BENISTE, José. **Dicionário yorubá-português**.-5ª ed.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil ,2020.

BASTIDE, R. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

BOCK, Philip. **Continuities in psychological anthropology**. San Francisco: W. H. Freeman, 1980.

BEZERRA, Manuella Trindade. **Formação dos sinais toponímicos acreanos. Relatório Final** Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Acre – UFAC. Rio Branco: UFAC, 2015.

BEZERRA, Manuella Trindade. **Sinais toponímicos do Acre: a iconicidade no processo de formação**. Relatório Final Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Universidade Federal do Acre – UFAC. Rio Branco: UFAC, 2016.

BRASIL. Decreto n. 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 18 da Lei n. 10.098 de 19 de setembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 22 dez. 2005.

BRASIL. Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 24 abr. 2002.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 2020.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, Departamento de Linguística e Filosofia, 1995.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998, v. 1, p. 11-20.

BIDERMAN, Maria Tereza C. **A ciência da Lexicografia**. Alfa: Revista de Linguística. São Paulo: UNESP, n. 28 (supl.), p. 1-26, 1984.

BIDERMAN, Maria Tereza C. A estrutura mental do léxico. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). **Estudos de Filologia e Linguística**: em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A Queiroz/Edusp, v. 02, 1981, p. 131-145.

BIDERMAN, Maria Tereza C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza C. Dimensões da Palavra. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, v. 1, n. 2, 1998, p. 81-118. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i2p81-118>. Acesso em: 22 ago. 2022.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA; ROSENDAHL(coord.) **Geografia Cultural um século (3)**, Rio de Janeiro, Eduerj, 2002.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkíria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. São Paulo: Edusp, 2009.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. **Língua e identidade cultural**: o estudo da Toponímia local na escola. In: SIELP, v. 2, n. 1. Anais. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_025.pdf. Acesso em: 1º maio 2021.

CARVALHO, Maria Aparecida de. **Contribuições para o Atlas Toponímico do Mato Grosso – Mesorregião Sudoeste mato-grossense**. 540f. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2010.

CAMPOS, M. B.; GIRAFFA, L. M. M. ; SANTAROSA, L. M. C. **SIGNSIM**: uma ferramenta para auxílio à aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais. In: Anais do Congresso da, Red Iberoamericana de Informatica Educativa, Bogota, 1999.

CAILLOIS, Roger; G. E. van Grunebaum. **Os sonhos e as sociedades humanas**. (org.) Roger Callois e G. E. van Grunebaum. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1989.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no século XX**. (Org.) José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CHAIBUE, Karime. Toponímia e Libras a partir do sinal de Formosa – GO. In: LIMA, Álisson Hudson Veras; PITA, Julianne Rodrigues; SOARES, Maria Elias (Orgs.) **A Linguística na teoria e na prática**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 408-428.

CAMPELLO, A. R. E. S. **Pedagogia visual na Educação dos surdos**. Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

CARVALHO, Maria Aparecida de. **Contribuições para o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso-Mesoregião Sudeste Mato-Grossense**. Tese (Doutorado). FFLCH-USP, São Paulo, 2010.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. **Toponímia religiosa em Minas Gerais: os nomes dos municípios**. Revista de Estudos da Linguagem, v. 26, n. 3, p. 1123-1150, 2018.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. **HagioToponímia em Minas Gerais**. 2014. 822 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro** (Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2003).

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Academia Brasileira de Letras, 2001.

CONCEIÇÃO, Sueli Santos; TEVIZAN, Salvador Dal Pozzo. ETNODESENVOLVIMENTO LOCAL: UMA ESTRATÉGIA PARA A SUSTENTABILIDADE DAS COMUNIDADES DE TERREIROS DE CANDOMBLÉ. Gaia Scientia - Edição Especial: Cultura, Sociedade & ambiente. V.10 (1): 145 – 151, 2016.

CORRÊA, Aureanice de Mello. Irmandade da Boa Morte: resistência subjetiva frente ao sistema mundo. IN: DEMBICZ, Andrez (Org.) **El espacio en la cultura Latinoamericana**. CESLA/ Varsóvia, Universidade de Varsóvia, 1997. p.131-143

CORRÊA, Aureanice de Mello.. Ritual, identidade, cultura e a organização espacial: sagrado e profano. In: SILVA, Dayse M.P. (Org.) **Identities étnicas** . 1ed., Rio de Janeiro: Eduerj, 2000, p.57 p.9-15. Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira: de cultura alternativa à inserção global. **Tese de Doutorado**. PPGG/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. 4 ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DAUZAT, Albert. **Les noms de lieux: origine et evolution**. Paris: Delagrave, 1936.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 3. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo: 1980.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 3 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **Toponímia e cultura**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, n. 27, p. 93-101, 1987.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **Origens históricas da Toponímia brasileira: os nomes transplantados**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, n. 24, p. 75-96, 1982.

DICK, Maria Vicentina de Paula do A. **A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo: 1980.

DURKHEIM, E. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris, 1983.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

ELIADE, Micea. **Die Religionen und das Heilige**. Flement der Religionsgeschichte, Salzburgo, 1992.

ELIADE, Micea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FELIPE, Tanya Amara. **O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

FELIPE, Tanya Amara. Os processos de formação de palavras em Libras. ETD – **Educação Temática Digital**. Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

FELIPE, Tanya Amara. Introdução à gramática da Libras. In: FERREIRA-BRITO, Lucinda. et al. **Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: SEESP, 1997, v. III (Série Atualidades Pedagógicas, n. 4).

FELIPE, Tanya Amara. **Bilinguismo e Surdez**. I CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA. Anais. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1983.

FRANCISQUINI, I. de A. **O nome e o lugar**: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaval. Dissertação (Mestrado) - UEL. Londrina, PR, 1998.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Desceu na Guma**: o caboclo do tambor de mina de São Luís – A Casa Fanti-Ashanti. 2ª Ed. São Luís: Edufma, 2000.

FERREIRA, Daniela Betânia dos Santos. **Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana, BA**: línguas orais e Libras. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos linguísticos. Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 264.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Similarities and Differences in Two Sign Languages**. Sign Language Studies. 42: 45 - 46. Linstok Press, In: Silver Spring, USA. FERREIRA-BRITO, L. (1990) Epistemic, Alethic, and Deontic Modalities in a Brazilian Sign Language. In: S.D. Fisher and P. Siple (eds.) Theoretical Issues in Sign Language Research. Vol. 1. University of Chicago Press. 1990.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUEDES, Maristela. **Livros didáticos católicos**: O ensino religioso e a discriminação de religiões afrodescendentes. In: Anais da 31ª ANPED- Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação. GT-Currículo, p. 01-17. Caxambu: ANPED, 2013.

HAENSCH, Günther. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G. et al. **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982, p. 95-187.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Processo 01502.001522/2008-04. Solicita o tombamento da cidade de São Felix/Bahia.2023.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Vol. VI. Campo grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115-139.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural**. São Paulo: 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista.

JESUS, Carlos Messias Alves de. **Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana, BA: línguas orais e língua de sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 2019.

KILEURY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. **O Candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

KLIMA, Edward & BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

LIMA, I. A. de. A motivação religiosa dos topônimos paranaenses. *In: Estudos lingüísticos – XLV Seminário do GEL*. Campinas: UNICAMP, 1997.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos Candomblés jeje-nagôs da Bahia: um estudo de relações intra-grupais**. Salvador: UFBA, 1977.

MATOS, Denis. **O significado da matéria no Candomblé**. Salvador: EDUFBA, 2019.

MARINS, Midian Jesus de Souza. **ESTUDO TOPONÍMICO PORTUGUÊS-LIBRAS DAS UNIDADES DE SAÚDE DE FEIRA DE SANTANA-BA**. Tese(Doutorado). Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2024.

MARCELINO, Lico Bezerra. **Variação fonológica, morfológica e lexical em topônimos referentes a cidades acreanas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Libras). Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2021.

MELO, Emerson. Memória e resistência na formação dos terreiros de Candomblé. In: FELINTO, Renata(Org.) **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora Ltda, 2012.

MENEZES, Ketlen. C. S. O. **Antroponímia em Libras: análises dos sinais-nome atribuídos a ouvintes do Curso de Letras-Libras**. Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Curso de Letras Libras, Rio Branco, 2021.

MIRANDA, Roselba Gomes de. **Toponímia em Libras: descrição e análise dos sinais dos municípios de Tocantins**. 186f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Tocantins. Porto Nacional: UFT, 2020.

MIRANDA, Agenor. **As Nações Ketú**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

MOREIRA, Gabrielly Oliveira. Teonímia em Libras: NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Empréstimos linguísticos do português na língua de sinais brasileira LSB: línguas em contato**. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/9013?mode=full>>. Acesso em 10 ago. 2020.

OLIVEIRA, O. L de. **O léxico da língua de santo: a língua do povo de santo em terreiros de Candomblé da Rio Branco, Acre**. Rio Branco: Edufac, 2013.

OLIVEIRA, C. E. **Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina**: estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PAIVA, Utemara. C. **Toponímia em Libras das Escolas de Rio Branco** – Acre. Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Curso de Letras LIBRAS, Rio Branco, 2021.

PEDRO, Aquilino de. **Dicionário de termos religiosos e afins**. Tradução de Pe. Francisco Costa. – Aparecida, SP: Editora Santuário, 2007.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. (Ilustrações Pedro Rafael). São paulo: Companhia das Letras, 1999.

PIZZIO, Aline. L. L., et al. **Língua Brasileira de Sinais III**. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

QUADROS, Ronice Muller de. KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira, Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Estudos Linguísticos: Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1935.

ROSA, L. “**No terreiro predomina mais a mulher, porque a mulher tem mais carisma**”: Música, gênero, raça, sexualidade e cotidiano no culto da Jurema (Olinda, PE). *Fazendo Gênero*, v. 9, 2010.

SANTOS, Milton Silva dos. Afinal, o que são as religiões afro-brasileiras? In: FELINTO, Renata (Org.) **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para professores, fazeres para os alunos**: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais. Belo Horizonte: Fino Traço Editora Ltda, 2012.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University, 2006.

SAAR, Mayra Raelly da Costa Silva. **Toponímia e religião**: a contribuição nordestina na nomeação de lugares acrianos. Dissertação (Mestrado)- Programa de pós-graduação em letras: linguagem e identidade, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2016.

SANTIAGO, Iago Gusmão. **A nomeação na bahia setecentista**: estudo da Toponímia de base portuguesa no mapa da capitania da bahia de todos os santos (1761-1807) Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana Bahia 2021.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEABRA, Maria Cândida T. C. de. **A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2004.

SEABRA, Maria Cândida. ATEMIG Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. In: **Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)**. Uberlândia: ILEEL, 2006. SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) www.planalto.gov.br/seppir.

SEPROMI. Secretaria de Promoção de Igualdade Racial mapeamento dos Espaços de Religião de Matrizes Africana do Recôncavo, 1ª Edição –Salvador ;2023.

SILVA, Dilma de Melo. **África Bantu: de que África estamos falando?** In: FIGUEIREDO, J. (Org.). Nkisi na Diáspora: raízes religiosas Bantu no Brasil. São Paulo: Acubalin, 2013.

SILVEIRA, Renato da. **O Candomblé da Barroquinha**. Salvador: Edições Maiangana, 2006.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Onomástica em Libras**. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos. Perspectivas para o Ensino de Línguas 6. Rio Branco: EDUFAC, 2022b, p. 7-22.

SIQUEIRA, M. L e Santos. Francisco **Os Orixás na vida dos que neles acreditam**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SOUSA, Alexandre Melo de; BARREIROS, Liliane Lemos Santana. **Panorama histórico dos estudos toponímicos em Libras no Brasil**. Revista Sinalizar, [S.L.], v. 5, 12 nov. 2020. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i32.618>

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. **Onomástica**. Revista Gtlex, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 7-22, 20 abr. 2020. <https://doi.org/10.18309/anp.v1i32.618>

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. **Toponímia em Libras: tecnologia e ENSINO**. In: III Simpósio Ibero-Americano De Tecnologias Educacionais. 2019, Araranguá. Anais [...]. Araranguá: S.E., 2019. p. 137-146.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Projeto Altas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: a motivação toponímica na criação dos sinais (em Libras) que nomeiam dos municípios acreanos**. In: SOUSA, A. M; GARCIA, R. SANTOS, T. C. (Orgs). Perspectivas para o ensino de línguas. v. 2. Rio Branco: NEPAN Editora, 2017.

SOUSA, A. M. **Entre terreiros e encruzilhadas de Fortaleza: estudo léxico-semântico do vocabulário umbandístico**. Revista Philologus, v. 39, p. 40-55, 2007.

SOUSA, A. M. **Onomástica em Libras**; In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T.C. Perspectiva para o ensino de línguas 6. Rio Branco: EDUFAC, 2022, p. 7-20.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P. **Onomástica**: interdisciplinaridade e interfaces. Revista GTLex., v. 3, n. 1, p. 7-22, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Lex5-v3n1a2017-1>. Acesso em: 14 ago. 2022.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia e ensino**: propostas para a aplicação no nível básico. Anais da II Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: CIFEFL, 2007. Disponível em: http://www.filologia.org.br/iijnlf/p/textos/Topon%C3%ADmia_e_ensino_propostas_ALEXANDRE.pdf Acesso em: 20 abril 2021.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Metodologia para a pesquisa toponímica em língua Brasileira de Sinais**. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos. Perspectivas para o ensino de línguas 2. Rio Branco: Nepan, 2018, p. 9-37.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras dos bairros de Rio Branco**: análise da estrutura dos sinais toponímicos e dos aspectos motivacionais. Toponímia urbana. Estudos. Campo Grande: EDUFMS, 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Toponímia em Libras**. Relatório (Pós-Doutorado – Linguística Aplicada/Libras) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2019.

SOUSA, Alexandre Melo de. **Zoonímia em Libras**: como os surdos nomeiam os animais de estimação. Tese (Professor Titular). Universidade Federal do Acre, Centro de Educação, Letras e Artes. Rio Branco, UFAC, 2023.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. **Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick**. Revista GTLex, v. 6, n. 1, 2020, p. 6-19. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Lex11-v6n1a2020-1> Acesso em: 19 maio 2022.

SOUSA, Alexandre Melo de; DARGEL, Ana Paula Tribesse Patrício. **Onomástica: interdisciplinaridade e interfaces**. Revista GTLex., v. 3, n. 1, p. 7-22, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Lex5-v3n1a2017-1>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SOUSA, Alexandre Melo de; GOUVEIA, Ana Paula Teixeira **Toponímia e memória**: uma proposta de atividades para as aulas de Língua Portuguesa 120 120 SUMÁRIO no Ensino Médio. Revista A Cor das Letras, v. 18, n. 3, p. 241-253, set./dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1965/pdf> Acesso em: 14 maio 2021.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de **Toponímia em Libras: tecnologia e ensino**. In: **SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS**. Anais. Universidade Federal de Santa Catarina, RexLab, Araranguá, 2019a, p. 137-146. Disponível em: <https://publicacoes.rexlab.ufsc.br/index.php/sited/article/view/131/17>. Acesso em: 10 maio 2021.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. O Web Software Toponímia em Libras: pesquisa e ensino. In: SOUSA, Alexandre Melo de; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro dos. **Perspectivas para o ensino de línguas 3**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019b.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. **Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da Toponímia em línguas de sinais**. Revista Guavira, Três Lagoas, v. 15. n. 30, p. 126-140, 2019c.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. **Toponímia em Libras: aspectos formais e motivacionais dos sinais toponímicos dos municípios acreanos**. In: CAVALHEIRO, J.; LUDWIG, C. R.; LANES, E. J. (Orgs.). *Lingu(agem), ensino e formação docente*. Manaus: Editora UEA, 2019d.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. **Toponymy in Libras (Brazilian Sign Language): formal and semantic motivational analysis of the signs that name the cities of Acre**. Sign Language Studies. Estados Unidos: Gallaudet University Press, 2021. (no prelo)

SOUZA, Kássia Mariano; NOVODVORSKI, Ariel. **Toponímia em Libras: Análise da origem motivacional em sinais toponímicos do Estado de Goiás**. Revista do SELL, Uberaba, v. 9, n. 1, p. 36-54, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/4106/pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

SOUZA JÚNIOR, José Edinilson G. **Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira. Uma perspectiva de Toponímia por sinais**. 2012. 80f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STOKOE, William C. **Dictionary of American sign language on linguistic principles**. Silver Spring: Linstok Press, 1976.

STOKOE, William C. **Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf**, Studies in Linguistics: Occasional Papers, 1960.

STOKOE, William C. Sign language and the monastic use of lexical gestures. In: UMIKER-SEBEOK, Jean; SEBEOK, Thomas A.(Orgs.). **Monastic sign languages**. New York: Mouton de Gruyter, 1987. p. 323-338.

SACK, R.D. **Human Territoriality**. Its Theory and History. Cambridge:Cambridge University Press, 1986.

TAUB, Sarah. **Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TUAN, Y. F. **Escapism**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

UEFS/CONSEPE. **Resolução CONSEPE N° 044/2018**. Aprova o Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da Toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras, sob a coordenação da Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 13 abr. 2018.

URBANSKI, Ítalo Rullian Webster; XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. **Topônimos na Libras**: análise preliminar de sinais que nomeiam cidades do estado do Paraná. TRABALHOS COMPLETOS DA XXI SEMANA DE LETRAS. Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1C7P9PSCh9jVKrSBQtUXBmr_uKAQAYX9u/view. Acesso em: 10 maio 2020.

URBANSKI, Ítalo Rullian Webster; FERREIRA, Daiane, XAVIER, André Nogueira. **Contribuições aos estudos toponímicos da Libras através da análise de sinais que designam cidades brasileiras**. Revista GTLex, v. 6, n. 1, p. 234-267, 10 fev. 2021.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Tradução J. A. Osório Mateus. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

URBANSKI, Ítalo Rullian Webster; XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. **Topônimos na Libras**: análise preliminar de sinais que nomeiam cidades do estado do Paraná. TRABALHOS COMPLETOS DA XXI SEMANA DE LETRAS. Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1C7P9PSCh9jVKrSBQtUXBmr_uKAQAYX9u/view. Acesso em: 10 maio 2020.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos na África**. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 2 ed°. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

VERGER, Pierre. **Orixás**. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Ed. Corrupio, 1993 [1981].

VERGER, Pierre. Dieux D'Afrique. **Lendas Africanas dos Orixás**. Orixás. São Paulo: Corrupio, 1995, 1997, 2003.

VIDIGAL, Ju; TEIXEIRA, Duda. II Coleção: Divindades Afro-Brasileiras. **Revistas das Religiões**. São Paulo: ed. 2. Editora: Abril. 2014.

VILELA, Mário. **Definição nos dicionários de português, estrutura de explicação**. Porto: Asa, 1983.

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa**: léxico, dicionário, gramática. Coimbra: Almedina, 1995.

WERNER, Reinhold. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, G. et al. **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982, p. 21-94.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (LIBRAS)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

APÊNDICE A -

GLOSSÁRIO DOS TERMOS EM YORUBÁ

Abébé – Leque circular, ferramenta ritual associada aos Orixás femininos.

Abiyan – Noviço, aspirante à iniciação. Costuma passar pelo ritual da “lavagem de contas”, onde recebe o colar correspondente ao seu Orixá.

Acaçá – Bolo de milho (branco ou amarelo), ralado ou moído, cozido até adquirir consistência gelatinosa e envolvido em folha de bananeira.

Ajebó – Oferenda alimentar. Varia de acordo com o Orixá. Para Oxum, por exemplo, pode ser composta por oito quiabos e oito ovos.

Alguidar – Vasilha rasa de barro ou madeira utilizada para oferendas de alimentos.

Arriar o ebó – Expressão que designa o ato de entregar a oferenda no local determinado.

Assentamento – Conjunto de objetos que representa materialmente o Orixá, fixando sua presença em um local de culto.

Atakã – Faixa usada ao redor do tórax pelos Orixás e seus filhos durante obrigações. Também chamada de “sutiã”.

Axexê – Cerimônia fúnebre realizada no Candomblé.

Babalaô – Advinho africano que utiliza o Opelê Ifá (instrumento divinatório com cocos de dendê). Apenas homens podem exercer essa função, que não envolve transe. Na cultura iorubá, os Babalaôs detêm vasto conhecimento litúrgico. No Brasil, o jogo de búzios tornou-se mais comum e acessível, inclusive às mulheres.

Didê – Expressão imperativa utilizada para ordenar que alguém se levante.

Dobale – Saudação realizada pelos filhos de Orixás masculinos. Consiste em tocar a testa no chão e deitar-se de bruços, com o corpo estendido.

Ebó – Oferenda ritual.

Ebome – Pessoa com iniciação completa, que alcançou a maturidade religiosa após sete anos de obrigações.

Eke di – Mulher com a função de cuidar dos Orixás manifestados nos filhos de santo. As Ekedis são preparadas para não incorporar Orixás.

Emi – Alma; princípio vital relacionado à respiração. Também pode significar espírito ou ser.

Erê – Entidade infantil do Candomblé. Pode ser entendido como um estado transitório entre a incorporação do Orixá e o retorno ao estado normal. Auxilia na leveza desse retorno.

Funfun – Branco. Cor associada aos Orixás da criação. Refere-se às qualidades de Oxalá. Muitas dessas qualidades foram perdidas com o processo de escravização e dispersão dos saberes africanos.

Iká – Saudação dos filhos de Orixás femininos. Consiste em deitar-se no chão, virar sobre o braço esquerdo, depois sobre o direito, e bater a cabeça no chão.

Iyabá – Orixás femininos. Também pode ser relacionado a mulheres de forma geral.

Iyawô – Iniciado ou iniciada que “se casou” com o Orixá. O termo se aplica à pessoa até completar sete anos de iniciação.

Jinká – Movimento de sacudir os ombros realizado pelos filhos de santo durante a manifestação do Orixá.

Obrigaçào – Conjunto de rituais e oferendas propiciatórias. Pode referir-se a rituais coletivos ou individuais, internos ao terreiro, bem como a cerimônias de passagem entre graus hierárquicos.

Mariwô – Folha nova da palmeira do dendê. Utilizada na proteção das portas dos terreiros. Planta associada ao Orixá Ogum.

Ofá – Ferramenta simbólica de Oxóssi, representando o arco e flecha, geralmente feito em metal.

Ogã – Título masculino no Candomblé. Geralmente, é o músico responsável pelos atabaques (Alabê) e pode também liderar cânticos. Ogãs não incorporam Orixás e podem assumir

funções administrativas, políticas ou religiosas. Tornam-se pais espirituais dos filhos do Orixá que os elegeram.

Orí – Cabeça. Também considerado um Orixá individual, que rege o destino da pessoa. Por isso, realiza-se o *borí*, ritual de fortalecimento do Orí, antes de cultuar outros Orixás.

Orixá patrono – Orixá que rege a cabeça do iniciado. Também chamado de “pai” ou “mãe” de cabeça.

Orun – Céu na cosmologia iorubá.

Orunkó – Nome sagrado revelado no dia da iniciação, geralmente durante uma cerimônia pública (barracão).

Otá – Pedra consagrada que concentra o Axé do Orixá. Cada Orixá possui seu *otá* específico.

Padê de Exu – Ritual propiciatório realizado para Exu e os ancestrais. *Padê* significa “encontro” em iorubá.

Padilha – Entidade feminina ligada à Umbanda, sincretizada com Iansã. É considerada um tipo de Exu feminino.

Páo – Palmas ritualísticas utilizadas para saudar os Orixás. São batidas com as mãos em forma de concha, produzindo um som oco.

Peregun – Planta sagrada associada a Oxalá.

Rodante – Pessoa que incorpora Orixás. O termo se origina do movimento giratório (rodar) que antecede ou acompanha a manifestação do Orixá.

Suspenso – Título conferido ao Ogã escolhido pelo Orixá ou pela IyalOrixá durante uma festa. A pessoa é apresentada à comunidade, recebe símbolos e é colocada em uma cadeira, marcando seu novo papel espiritual.

Xirê – Círculo ritualístico em que os filhos de santo cantam e dançam para os Orixás. Também pode designar a festa dedicada ao Orixá.